

Registro

Fóruns Virtuais Temáticos – PNEM

Fórum: Histórico PNEM

Fórum 1: Acessibilidade - 7 tópicos / 38 respostas

Fórum 2: Estudos e Pesquisas - 8 tópicos / 40 respostas

Fórum 3: Formação, Capacitação e Qualificação - 8 tópicos / 57 respostas

Fórum 4: Gestão - 6 tópicos / 61 respostas

Fórum 5: Museus e Comunidade - 11 tópicos / 74 respostas

Fórum 6: Perspectivas Conceituais - 15 tópicos / 114 respostas

Fórum 7: Profissionais de Educação Museal - 11 tópicos / 132 respostas

Fórum 8: Redes e Parcerias - 8 tópicos / 50 respostas

Fórum 9: Sustentabilidade - 9 tópicos / 32 respostas

Fórum 1: Acessibilidade - 7 tópicos / 38 respostas

Coordenadora do GT: Isabel Portella

a) Contribuições Rio Grande do Sul

• Posts

• 08/04/2013 às 13:20#1262



Tiago de Campos

Membro

COLABORADORES: Andréia becker, Márcia Santos, Marido da Márcia Santos, Emanuel, Simone Dornelles, Tiago Campos, Maria Helena Steffam, Julio Gaudioso, Marcelo

TÓPICO 1

Promoção de ações educacionais que garantam o acolhimento dos públicos, acessibilidade física e social ao museu.

PROPOSTAS

1. Promover a discussão mensal acerca da acessibilidade dentro da instituição de forma ampla, com todos os setores;
2. Promover o amplo conhecimento dos públicos interno e externo sobre os recursos de acessibilidade disponíveis e suas possibilidades;
3. Promover

TÓPICO 2

Estimular a formação da equipe de educação do museu a partir de parcerias com instituições especializadas no atendimento de pessoas COM DEFICIÊNCIAS

PROPOSTAS

1. Criar uma política de formação de parcerias para promover a produção de materiais de apoio acessíveis, tais como audio-guias, acervo de itens táteis, catálogos e descritores em braile, vídeos de apoio legendados e possibilidade de presença de tradutores-interpretres de libras;
2. Incentivar a ampla participação em treinamentos e cursos de capacitação que ampliem as possibilidades de universalização do acesso dos públicos ao museu.

TÓPICO 3

Ações objetivando democratização do acesso e desenvolvimento de políticas de comunicação com os públicos

PROPOSTAS

1. Incentivar a discussão e o conhecimento das normas e políticas acerca da acessibilidade, demandando dos gestores e responsáveis o pleno atendimento e a implantação imediata das medidas necessárias para seu atendimento.
2. Promover o estudo e a difusão das normas e das políticas acerca da acessibilidade dentro das diferentes esferas e redes educacionais;
3. Promover o estudo e a difusão das normas e das políticas acerca da acessibilidade dentro das instituições;

b) Formação para atendimento de pessoas com necessidades especiais

• **Autor**

Posts


- 20/11/2012 às 11:51#270



Pnem

Membro

Estimular a formação da equipe de educação do museu a partir de parcerias com instituições especializadas no atendimento de pessoas com necessidades especiais;

o Este tópico foi modificado 10 anos, 6 meses atrás por  Pnem.

03/12/2012 às 15:59#467



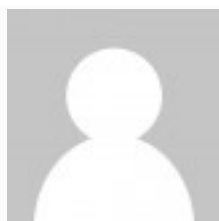
isabel.portella

Membro

Dia 4 de dezembro às 16 hs encontro da RAM no Museu da República, espaço utilizado para encontros sobre acessibilidade em museus. Criado com base na REM, esperamos fomentar e discutir sobre assuntos de acessibilidade nos museus.

Apareçam!!!

05/12/2012 às 13:53#497



Juliamg

Membro

Sugiro que seja utilizado o termo "**pessoa com deficiência**".

A pessoa com deficiência busca **autonomia** (em relação aos direitos civis, políticos, econômicos, sociais, etc.) como qualquer pessoa. Quando utilizamos o termo "pessoas com necessidades especiais", ou "portadores de deficiência", estamos compactuando com uma sociedade **capacitista** (discriminação da pessoa com deficiência*) que acha que apenas as pessoas com deficiência tem uma "necessidade especial", todas/os nós temos (eu tenho que usar óculos para enxergar de longe, tenho necessidades em determinadas situações, etc.)... ou que acha que se é um portador, que se carrega uma deficiência como alguém que carrega uma carteira em seu bolso, que pode tirar quando bem entender. O termo "pessoa com deficiência" passou a ser utilizado após a **Convenção Internacional para a Proteção e Promoção dos Direitos e Dignidade da Pessoa com Deficiência**.

O **modelo social da deficiência**^[1], que surge em 1960 no Reino Unido, sustenta que as pessoas são debilitadas por uma série de razões, porém é apenas de acordo com a sociedade que essas pessoas são deficientes. Este modelo, que "provocou reviravolta nos modelos tradicionais de compreensão da deficiência ao retirar do indivíduo a origem da desigualdade e ao devolvê-la ao social" (DINIZ e MEDEIROS), retoma a questão de que a deficiência é socialmente construída.

* Ideologia ou discurso que estabelece que o ideal é andar com duas pernas, oralizar, ouvir, escrever ortograficamente, ver e ter um raciocínio conforme os padrões de normalidade. (Disponível

em: <http://disnormalidade.blogspot.com.br/2010/10/glossario-em-construcao.html>)

Tem outras fontes que podem ser consultadas:

[DECRETO Nº 6.949, DE 25 DE AGOSTO DE 2009](#) (**Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com**

Deficiência): http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm

<http://pessoascomdeficiencia.com.br/site/2012/12/05/dilma-e-vaiada-ao-falar-portador-de-deficiencia/>

<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/>

http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=30053


<http://tomefirst.tumblr.com/post/35577881391>

[1] Disponível

em: <http://www.fraterbrasil.org.br/A%20nova%20maneira.htm> Acesso em: 22 de maio 2012

A nova maneira de se entender a deficiência e o envelhecimento – Marcelo Medeiros e Debora Diniz. Disponível

em: <http://www.fraterbrasil.org.br/A%20nova%20maneira.htm> Acesso em: 22 de maio 2012

o Esta resposta foi modificada 10 anos, 6 meses atrás por  Juliamg.

10/12/2012 às 17:29#535



Leane

Membro

Concordo plenamente com o argumento da Juliamg, se estamos trabalhando para melhorar o nosso atendimento a todos, precisamos começar desde os pequenos detalhes que fazem toda a diferença. Precisamos estar atentos a tudo, principalmente a maneira como nos comunicamos com as pessoas, a acessibilidade existe desde o primeiro momento da comunicação.

21/12/2012 às 1:16#611



isabel.portella

Membro

Concordo com as duas o termo hoje é PESSOA COM DEFICIÊNCIA!!!

Mas não precisamos desconsiderar a iniciativa, só reajustar terminologias combiáveis a todo momento para uma melhor adequação. Proporcionar acessibilidade atitudinal é para todos.

21/01/2013 às 1:45#747



Valéria Abdalla

Membro

Olá!

No Museu Histórico Nacional estamos desenvolvendo um programa de visitas junto com o Instituto Benjamin Constant (voltado para a educação de pessoas com deficiência visual), ainda em caráter experimental. Em 2012, alunos do IBC visitaram o Museu Histórico Nacional e a "experiência tátil" foi possível (objetos pré-selecionados pela equipe). Os grupos visitaram, também, a Reserva Técnica. Vamos dar continuidade em 2013.

Através das orientações do IBC e das visitas citadas, estamos aprimorando nossos meios e formas de trabalhar junto ao público. É extremamente importante estabelecer parcerias com instituições especializadas para a concretização de ações satisfatórias voltadas às pessoas com deficiência. Sentimos que ainda temos muito a aprender.

Seria interessante o IBRAM estabelecer parcerias com instituições especializadas, a fim de promover cursos e palestras para profissionais de museus? A RAM poderia indicar essas parcerias?

Se o IBRAM promovesse cursos/ oficinas com profissionais de instituições especializadas, estaria gerando multiplicadores em todo o país!

29/01/2013 às 20:00#812



isabel.portella

Membro

A RAM poderia intermedia e ajudar sim nas parcerias, mas nos não temos autonomia deliberativa para assumir como ação do IBRAM. Eu (Isabel Portella) tenho uma oficina que dou em lugares onde sou convidada (já dei no MHN, na UNI-Rio) e posso ir onde for necessário. Mas não chega a ser uma ação do IBRAM nem da RAM.

05/02/2013 às 22:20#838



Lorena

Membro

Por se tratar de de Museus, defendo a ideia de que o tema Acessibilidade nos Museus seja disciplina específica do curso de museologia, não se limitando a ser comentado brevemente nas aulas ou ficar dependendo exclusivamente de uma oficina. Gostaria muito de ver o tema tratado de maneira mais séria no sentido de ter professores capacitados no tema. tema amplo demais, com muitas variantes que merece atenção bem especial. Eu sou carente no assunto.

07/02/2013 às 18:31#850



isabel.portella

Membro

Lorena, com relação ao ensino de uma cadeira sobre acessibilidade nas universidades ou principalmente na escola de museologia não compete ao IBram, mas esse assunto será levado para as diretrizes.

08/04/2013 às 3:13#1268



FLAVIA PASCOAL

Membro

Gostei muito dos temas debatidos até agora aqui... mas vejo que precisamos estimular recursos adaptáveis para o acesso das pessoas com deficiência e/ou necessidades especiais aos museus.

Sou Professora há cerca de 20 anos e desde 2004 trabalho com Educação Especial. Devemos lutar pela Acessibilidade de todas as formas... Bjs!

c) Acessibilidade social e física

• Autor

Posts

- 20/11/2012 às 11:50#269



Pnem

Membro

Promover ações educacionais que garantam o acolhimento dos públicos e a acessibilidade social e física ao museu;

29/11/2012 às 15:16#422



Jorge Ramos

Membro

No que tange a acessibilidade social acredito ser importante que quando do planejamento das ações socioeducativas sejam contemplados – dentro da proposta aventada –, públicos com reconhecido “distanciamento” dos museus. Isto porque penso que seja fundamental o PNEM fomentar a importância de se pensar como favorecer aos diferentes públicos para que eles se identifiquem com os museus, os reconheçam e deles se apoderem. Afinal, do ponto de vista legal, estes equipamentos já são do público, resta-nos contribuir para que o seja de fato. É o museu praticando seu papel social por mais uma via, sua razão de ser: as ações socioeducativas.

29/11/2012 às 18:36#423



Ozias Soares

Membro

Jorge, vou puxar "brasas" pra "sardinha" do eixo "perspectiva conceituais": acho que é preciso fomentar uma mentalidade nova dentro dos museus que QUEIRA que esses espaços estejam acessíveis social e fisicamente. Tenho a impressão, um pouco pessimista, que há muito o que fazer, considerando que há pessoas nos nossos museus que ainda os querem para a fruição de um pequeno grupo.

03/12/2012 às 15:56#466



isabel.portella

Membro

Acessibilidade social é fomentar aquilo que interessa ao público. Mas como saber? O museu tem que estar permanentemente atento ao que o público quer ver!! Questionando sempre!! Perguntando, trazendo sempre os interesses daquela comunidade!!

05/12/2012 às 21:11#501



Diego Luiz Vivian

Membro

Acessibilidade me faz lembrar também das Pessoas Portadoras de Deficiências - PPDs, e creio que devemos levar em conta o que diz Artigo 30 da CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, que trata da "Participação na vida cultural e em recreação, lazer e esporte" e onde os museus são citados literalmente. O estado brasileiro é signatário do referido documento, acolhido pelo **DECRETO Nº 6.040, DE 7 DE FEVEREIRO DE 2007**.

Neste sentido, os museus (com seus planos museológicos) e a própria construção do PNEM precisam estar atentos a este regramento internacional, contribuindo com sua efetivação rumo à chamada Acessibilidade universal.

E coloco esta observação porque é sabido que a nossa legislação nacional representa avanços em diversos aspectos, mas temos muito trabalho para sua materialização, para que a "lei saia do papel", como se costuma dizer.

Exemplo disto é o reconhecimento legal da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS como meio de comunicação e expressão em todo o país, e a realidade enfrentada pelos surdos e suas famílias e amigos em diversos contextos, incluindo os museus.

10/12/2012 às 10:19#533



Rafael Jose Barbi

Membro

Em relação a acessibilidade social, concordo com a Isabel, pois há muitos exemplos de museus que são construídos pela elite e para a elite, principalmente em cidades do interior do Brasil que ainda preservam a mentalidade patriarcal e da "tradição" de nome. Portanto é função do museu mudar esse cenário, questionando as suas reais necessidades e observar com outro viés o contexto em que está inserido, criando ações educativas e também ações que tragam o seu espaço expositivo para a realidade a qual está inserido e fomente o interesse de sua comunidade.

No caso de acessibilidade física ainda há muito a ser feito, porém há bons exemplos que podem ser utilizados, como no caso do Museu Paulista, onde há elementos que inserem o deficiente visual na exposição.

10/12/2012 às 17:34#536



Leane

Membro

Quando leio "acessibilidade social", penso em aproximar o Museu, das pessoas que ainda desconhecem sua existência, das que não se consideram representadas nestas instituições, e principalmente, aquelas que se sentem excluídas deste ambiente. Precisamos buscar o desenvolvimento das questões da estrutura física, mas precisamos lembrar de uma barreira talvez muito maior, que é a comunicacional.

21/12/2012 às 1:11#610



Isabel.portella

Membro

Esse tópico trata especificamente de acessibilidade social, sobre acessibilidade física comentamos entre outro. A comunicação é um dos pilares museológicos, questão primordial para todos. O ideal é desenvolvermos métodos que possamos atingir à todos. Legendas, audioguias e palm tops são ótimos , mas nunca desviar a atenção do acervo, complementar sim as informações.

21/12/2012 às 2:22#612



gjaccon

Membro

Olá,

em questão a acessibilidade física,

como fica a reestruturação de museus que são espaços

tombados e não possuem acesso adequado,

existe algum programa ou projeto de reestruturação desses espaços específicos?

26/12/2012 às 15:14#622

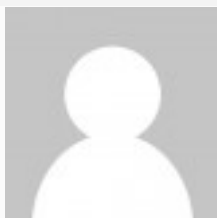


isabel.portella

Membro

A questão do prédio tombado é um fato real. Temos que criar soluções que possamos permitir acessibilidade total nesses espaços. É uma questão para a arquitetura do IBram se manifestar!! Como deficiente e museóloga ainda não sei como iremos contornar essa questão, mas uma coisa é certa: cada caso é um caso. Cada solução terá que ser criada para cada prédio especificamente, muita conversa e consultar os mais interessados: os deficientes.

21/01/2013 às 1:58#748

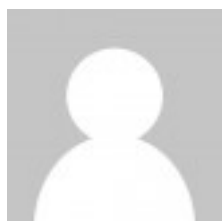


Valéria Abdalla

Membro

Mesmo que seja tombado, é necessária a reestruturação dos museus em termos físicos (e sociais!)! Cada caso é um caso mesmo, mas... sempre há uma solução, não é? As instituições não podem se "esconder" atrás de suas edificações para não se adequarem aos nossos mais diversos públicos!

21/01/2013 às 14:48#750



benedito ramos amorim

Membro

O ano passado, utilizando o Prêmio de Modernização de Museu do IBRAM, conseguimos criar acessibilidade física total no Museu de Tecnologia do Século 20, onde hoje é possível até ao deficiente visual, fazer o circuito sozinho, através de piso podotátil, tocar o acervo e ler sua contextualização em Braille e ouvir informações cronológicas, sobre as principais invenções. Mas não foi uma ação fácil devido a pouca experiência do setor museal e dos fornecedores para atender as demandas. A princípio, após a reinauguração, achamos que daí por diante tudo iria fluir bem, afinal o tema havia ido para a mídia, as informações sobre o museu com acessibilidade haviam circulado, mas esse público não vem. Por que?

É onde, ao nosso entender, entra a acessibilidade social. Quantos cegos temos no Estado de Alagoas? A Associação registra pouco mais de 1.000. Mas, como vivem? Qual o acesso destas pessoas as informações? Qual o grau de dependência destes? Quantos sabem Braille? Quantos se encorajam a vir sozinhos?

Trazer o deficiente visual ao convívio cultural é muito mais do que criar as bases de acessibilidade do equipamento cultural é um problema de amplas vertentes. Acreditamos que esse público precise ser resgatado e motivado a vir ao museu, não é uma coisa de esperar. E é o que estaremos fazendo este ano.

23/01/2013 às 23:53#765



carlamenegaz

Membro

Um primeiro passo é a conscientização dos gestores e de todos que atuam no museu. Estas pessoas precisam conhecer o espaço em que trabalham, suas deficiências, ou pontos fortes para acolher o público em sua diversidade. É preciso um diagnóstico bem feito desses espaços para conhecer e compreender quais as ações são prioritárias em relação aos desafios para acessibilidade física (o que inclui-se até a questão da mobilidade urbana, como chegar ao museu), acessibilidade sensorial e a qualificação daqueles que atuam no museu – desde do porteiro, recepcionista, educadores, curadores, pesquisadores, até, claro, os Gestores! Cada museu apresenta pontos fortes e fracos que lhe são específicos, desafios e necessidades peculiares. As ações do museu devem ser pensadas para um público-alvo, que precisa conhecer seu público e o quem deseja incluir com as novas ações: dar acesso a quem? Quem é o público que vem? O museu atuando pro-ativamente, mas de forma a

otimizar e investir em projetos educativos que realmente vão alcançar seus objetivos e coerentes com a missão do Museu.

25/01/2013 às 13:42#794



benedito ramos amorim

Membro

O País inteiro precisa se adequar as questões de acessibilidade. Mesmo como Gestor de dois museus sou também uma pessoa com problema de baixa visão. Eu só enxergo menos de 20% pelo olho esquerdo, o direito tive perda total. Razão pela qual posso afirmar que a maior dificuldade não é usar o computador, que eu aumento a 185%, não é ler quase cheirando a páina do livro, o difícil é a mobilidade. Andar na rua, nas calçadas, enfrentar as escadarias, os abismos que encontramos a cada instante. Isto é que desanima sair sozinho. Não me importo mais de não reconhecer as pessoas, de não ler a distância, de não enxergar o semâmaforo. Não dirijo mais há 6 anos. Sou aposentado há 12 e só continuo a trabalhar para continuar vivo. Continuo escrevendo para o jornal. Edito mensalmente um jornal chamado O PALÁCIO, cuja linha editorial privilegia obras acadêmicas de alunos e professores aliadasa História, Arquitetura, Urbanismo e preservação. O ano passado tive uma obra minha premiada. No entanto eu sei o que me custa tudo isso. Acessibilidade é também mobilidade, o direito de ir e vir sem estar atrelado a alguém.

Por isso eu vejo que muitas pessoas que perderam a visão ou mesmo que tenham baixa visão precisam antes de tudo serem encorajadas a continuar. Isto vai além de uma boa gestão museal, isto é um problema social enorme que passa despercebido, sobretudo fora dos grandes centros Rio-São Paulo.

Benedito Ramos

29/01/2013 às 19:54#811



isabel.portella

Membro

Benedito, as questões de acessibilidade não estão ligadas somente às instituições museológicas, mas sim da cidade, questões urbanísticas. Eu também

sou deficiente e sei das minhas dificuldades no dia a dia. Foram precisas algumas adaptações no meu espaço de trabalho no Museu da República mas hoje me sinto completamente independente. Sei que existe muito a ser feito, mas são com pequenos passos e atitudes que conseguiremos implantar NOS ESPAÇOS MUSEOLÓGICOS (pois este é o nosso foco) ações agregadoras e que possibilitará uma maior visitação de todos.

Mas sim Carla parte da equipe técnica do conhecimento globalizado do seu espaço de trabalho. Não adianta colocarmos rampas, piso podotátil e leitores em braille se quem está na portaria não souber receber o deficiente adequadamente. Todo o trabalho de equipe cai terra abaixo.

• Autor

Posts

- 04/02/2013 às 18:05#828



Manoella Evora

Membro

É de fundamental importância a discussão deste tópico no blog. Cabe a todos nós, como servidores e acima de tudo, como pessoas, promovermos a inclusão social das pessoas que possuem algum tipo de deficiência.

Trabalho no Mart – Museu de Arte Religiosa e Tradicional, em Cabo Frio, e sempre que surge a possibilidade, trabalhamos com o grupo do Cped – Centro de Profissionalização para Pessoas com Deficiência.

No Cped, é desenvolvida uma oficina de mosaico, e durante o ano, os alunos confeccionam peças maravilhosas, que depois são expostas e vendidas no Mart. Esse grupo de alunos também já participou como público-alvo de nossas atividades educativas. E, além disso, eu já tive o privilégio de fazer no local um curso de Libras, em 2011.

- 07/02/2013 às 18:33#851



isabel.portella

Membro

Manoella que belo trabalho, se vc puder um dia apresentar sua experiência na RAM teremos o maior prazer em organizar um encontro em que vc possa falar

- 14/02/2013 às 17:07#872



Manoella Evora

Membro

Sim, Isabel Portella!! Será um prazer poder compartilhar as experiências de nossos trabalhos no Mart com o pessoal do Cped!

20/02/2013 às 16:17#953



isabel.portella

Membro

Então marcaremos!!

17/03/2013 às 4:46#1086



Moari

Membro

Contribuo com esta discussão, apresentando uma afirmação pessoal de que há entres as instituições museológicas brasileiras um imenso vazio conceitual entre o que considera-se como **MUSEU ACESSÍVEL** e **MUSEU INCLUSIVO**.

Inicialmente, afirmo que estas 'instituições' deveriam ser conceitualmente indissociáveis, afinal não basta ter uma rampa para tornar-se um museu acessível, nem basta ter uma estrutura completamente acessível para tornar-se um museu inclusivo. Note-se que na realidade dos museus brasileiros estas 'instituições' são quase imperceptíveis. Em verdade, acredito que nenhuma das duas exista em sua plenitude.

Percebo que existem entre os museus ações fantásticas e criativas, que foram, e continuam sendo, desenvolvidas que buscam minimizar o abismo entre elas e o público, criando estratégias eficazes para tal finalidade. Este é um grande passo dados por alguns museus brasileiros, mas que são, em grande parte, ações pontuais, realizadas em determinadas regiões. Na maior parte do Brasil, isso não existe, nem sequer é pensado.

Entendo, que esta é uma árdua e longa jornada a ser seguida, mas que não está nem próxima do ideal. Ter disponível este espaço de discussão já é um grande avanço para o campo museal brasileiro. Façamos realmente o uso dele.

Entrando no campo dos problemas, percebo que no campo museal brasileiro, um dos possíveis paradigmas sobre a Acessibilidade em Museus é a existência de um recorrente equívoco quando se trata tecnicamente desta temática. A este 'conceito' associa-se, majoritariamente, à ideia **exclusiva** sobre o acesso das pessoas ao 'imóvel' MUSEU. Tudo aquilo que envolve, entre outras coisas, a

construção (ou adaptação) de rampas, elevadores etc., isto é, toda uma estrutura de fato imprescindível para acessibilizar o espaço, mas que é, recorrentemente, compreendida como '**A**' solução para todos os problemas de acessibilidade. Vivenciei casos que evidenciam bem este problema.

Contudo, não sei se esta informação já foi colocada à discussão, mas o IBRAM apresentou em 2011, em sua publicação **MUSEUS EM NÚMEROS**, que segundos os dados autorreferendados, cerca de **50,7%** das instituições museais cadastradas possuem estrutura acessível para pessoas com deficiência. Essa informação me causou surpresa, pois acredito que ela não reflete a real situação dos museus.

Nesta levantamento, pode-se perceber a recorrência do erro, neste caso institucional, quando se trata da acessibilidade. Nota-se a reafirmação da ideia comum sobre o tema acessibilidade e o despreparo, ou desconhecimento, de gestão sobre as normas técnicas brasileiras e internacionais de acessibilidade. Para esclarecimento, evidencio as falhas mais contundentes:

- Não foi citada a utilização da norma técnica (NBR 9050/2004) como direcionamento da pesquisa, isto é, as regras que dispõem sobre os critérios arquitetônicos e de design para a acessibilidade aos espaços vigente no Brasil, não foram consideradas para avaliar os espaços museológicos cadastrados.

- Tampouco foram sinalizados critérios específicos para comunicação plena nos museus (somente há dados referentes a sinalização em Braille). Não há referencial a outras estratégias como audiodescrição, maquetes táteis etc.

Isto é, entendo que no Brasil possa não existir museus acessíveis. Tampouco museus inclusivos. Acredito que, no atual contexto brasileiro, exista apenas o desenvolvimento de ações museológicas voltadas para a acessibilidade e inclusão.

Finalizo, pontuando a necessidade de que os Museus devam, a cada dia mais, desenvolver diagnósticos institucionais, investir na requalificação estrutural e na formação de seus profissionais, qualificando-os para a viabilizar a acessibilidade estrutural, comunicacional e atitudinal, buscando sempre a integração, propondo atitudes de inclusão entre os setores institucionais e o público e, que propiciem o desenvolvimento de espaços acessíveis, inclusivos e plurais.

05/04/2013 às 18:13#1225



isabel.portella

Membro

Moari,

Todos os pontos levantados por vc, serão incluídos no relatório final do PNEM!!
Pontos essenciais. Muito obrigada!

Isabel

08/04/2013 às 1:41#1259



Barbara Harduim

Membro

Encaminho algumas propostas:

Criar edital específico para acessibilidade nos museus;

Promover seminários nacional e internacional sobre acessibilidade cultural;

Acessibilidade como tema de uma edição da Primavera dos Museus;

Oferecer um mini-curso sobre acessibilidade no Fórum de Museus;

Estabelecer princípios orientadores ou recomendações sobre acessibilidade em museus;

Fomentar a implementação de redes de acessibilidade em museus nos estados brasileiros;

Indicar a acessibilidade como um dos critérios de pontuação na participação dos museus em editais;

Firmar convênio com o Ministério do Turismo para mapear e divulgar os museus e instituições culturais que são acessíveis no país.

Viabilizar oficinas sobre acessibilidade em museus para todo o Brasil.

Estabelecer parcerias com a Secretaria Nacional da Pessoa com Deficiência de modo a otimizar os projetos existentes.

d) Adaptações em museus para promover acessibilidade

• Autor

Posts

- 16/02/2013 às 1:08#905



MHCI

Membro

É necessário ainda um olhar convergente para a questão da acessibilidade em órgãos públicos, como foco aqui do debate, os museus.

Torna-se necessário criar meios de acessibilidade não apenas com rampas externas, mas toda uma adaptação do aparelho público em banheiros e rampas internas que favoreça as pessoas portadoras de deficiência se locomoverem com maior facilidade. Além também de se criar atividades socioeducativas que envolvam este público, na maioria das vezes esquecido. Mas para que esta acessibilidade social venha acontecer é necessário que os funcionários dos museus recebam capacitação para lidar com as pessoas especiais. Visto a dificuldade de se trabalhar com este público por falta de preparação fica a sugestão para o IBRAM de criar cursos voltados para a capacitação de funcionários de museus, criando uma integração entre os vários museus cadastrados, promovendo a interação desses gestores, sejam em encontros presenciais ou por meio eletrônico, visando assim o aprimoramento e a troca de experiências e debates de como se promover a acessibilidade social e física.

20/02/2013 às 16:16#952



isabel.portella

Membro

A ideia é ótima. Levaremos sim como diretriz do PNEM.

07/04/2013 às 23:38#1254



Barbara Harduim

Membro

A pessoa com deficiência não vai a espaços que não estejam adaptados ou acessíveis. Estas pessoas se constituem em não-público para os museus, logo, a oferta de serviços em instituições culturais não chega a 1% em todo país.

proponho que se cumpra a normativa de adequação aos espaços físicos, promovendo o desenho universal nas instituições públicas ou privadas de modo a garantir o direito a cidadania plena a diversidade humana.

Precisamos entender que a deficiência é condição natural do ser humano. Então cabe as diversas áreas do museu serem menos deficientes e promoverem a

reformulação de conceitos e atitudes através: da missão e visão do museu, da requalificação profissional, adaptação dos espaços físicos e da continuidade da oferta de exposições e serviços.

Para que os programas ocorram de maneira satisfatória, é fundamental que se tenha profissionais especializados. Sugiro a permanência de pelo menos um funcionário que desenvolva a acessibilidade na instituição.

e) Democratização do acesso

• Autor

Posts

- 20/11/2012 às 11:52#272



Pnem

Membro

Realizar ações que tenham por objetivo a democratização do acesso aos museus e o desenvolvimento de políticas de comunicação com os públicos;

26/11/2012 às 15:57#291



Isabel Portella

Membro

Monica e demais colegas, acredito que a democratização é feita quando os museus oferecem visitas, exposições acessíveis, isto é, a cada nova exposição pensar num novo dispositivo, e assim aos poucos atender á todos.

26/11/2012 às 19:19#330



Jorge Ramos

Membro

Conforme foi ligeiramente colocado no GT "Ação Educativa" do V Forum, acredito ser importante o PNEM adotar/fomentar o conceito amplo de Acessibilidade Universal para que este Programa possa abarcar diferentes dimensões deste termo. Assim, estariam contempladas uma gama de realidades/situações para além dos aspectos físicos/arquitetônicos inerentes à acessibilidade, como, por exemplo, aqueles públicos que comumente são/estão

mais “distantes” do consumo, produção e fruição dos bens e produtos sócio-culturais e educativos.

14/01/2013 às 13:08#709



isabel.portella

Membro

O conceito de acessibilidade universal é a base para construirmos os dispositivos de acessibilidades nos museus. Gosto sempre de ressaltar que não estamos falando em acessibilidade no singular e sim no plural, pois são várias demandas para tornarmos um espaço realmente acessível. Neste GT procuramos atender às questões de ampliação de acesso ao público deficiente.

18/02/2013 às 17:44#919



Cássio

Membro

Quando se fala em garantir o acesso de diferentes públicos aos museus há que se pensar, em alguns casos, não somente na garantia de uma “adequação” de conteúdo, mas também, em ações que efetivamente os tragam a esses lugares, uma política museal. Muitas pessoas não frequentam esses espaços por não se enxergarem aptos a tal e por não poderem ir a eles.

20/02/2013 às 16:10#951



isabel.portella

Membro

Cassio, o objetivo primordial hoje é tentar abarcar o maior numero de visitantes, mais nem sempre isso é possível. Com o intuito de ampliar o seu campo de ação, o museus desenvolve atividades que atingiam esses objetivos.

07/04/2013 às 22:48#1253



Barbara Harduim

Membro

Hoje, muitas instituições culturais brasileiras não estão preparadas para atender à diversidade humana. Ainda trabalhamos com o conceito hegemônico de público ou temos experiências muito pontuais com determinados grupos. Acredito que "o caminho se faz ao caminhar" com compromisso e continuidade podemos melhorar o acesso aos bens culturais. A democratização do acesso é um direito de todos! Não se trata da benevolência dos espaços culturais. É preciso que as três esferas de governo se comprometam em diminuir as desigualdades sociais, culturais, educacionais e econômicas.

Proponho um programa integrado entre os governos federal, estadual e municipal para garantir que **todos** os brasileiros possam usufruir de seus bens culturais.

f) Conceituação de acessibilidade

• Autor

Posts

- 02/04/2013 às 23:37#1191



REM RJ

Membro

Necessidade de definição do termo acessibilidade;
Compreensão da noção de acesso de forma ampla e irrestrita;
Proporcionar acesso físico, atitudinal, informacional, **confirmar as outras** as instituições para pessoas com deficiência e/ou mobilidade reduzida;
Propostas elaboradas em reuniões presenciais que contaram com a participação das seguintes instituições:
Centro Cultural Banco do Brasil – Centro Cultural da Justiça Federal – Centro Cultural de Folclore e Cultura Popular – Instituto Moreira Sales – Memorial Getúlio Vargas – Fundação Casa de Rui Barbosa – Museu Casa da Hera – Museu Casa do Pontal – Museu da Chácara do Céu – Museu da Marinha – Museu da República – Museu da Vida – Museu de Arqueologia de Itaipu – Museu do Ingá – Museu do Meio Ambiente – Museu Histórico Nacional – Museu Nacional – Oi Futuro/Museu das Telecomunicações – Núcleo Experimental do MAM – Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

g) Transversalidade da acessibilidade

• Autor

Posts

- 02/04/2013 às 23:36#1190



REM RJ

Membro

Dada à importância desta temática para a democratização do acesso, sugerimos: Constituição de uma comissão, nos órgãos responsáveis pelas instituições museológicas, que garanta a implementação de propostas necessárias ao acesso amplo e irrestrito dos diferentes grupos, não sendo tal função exclusiva dos setores educativos;

Propostas elaboradas em reuniões presenciais que contaram com a participação das seguintes instituições:

Centro Cultural Banco do Brasil – Centro Cultural da Justiça Federal – Centro Cultural de Folclore e Cultura Popular – Instituto Moreira Sales – Memorial Getúlio Vargas – Fundação Casa de Rui Barbosa – Museu Casa da Hera – Museu Casa do Pontal – Museu da Chácara do Céu – Museu da Marinha – Museu da República – Museu da Vida – Museu de Arqueologia de Itaipu – Museu do Ingá – Museu do Meio Ambiente – Museu Histórico Nacional – Museu Nacional – Oi Futuro/Museu das Telecomunicações – Núcleo Experimental do MAM – Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

Fórum 2: Estudos e Pesquisas - 8 tópicos / 40 respostas

Coordenadora do GT: Rita Matos Coitinho

a) Contribuições Rio Grande do Sul

• Autor

Posts

- 08/04/2013 às 13:22#1266



Tiago de Campos

Membro

Marilda Mena Barreto, Luciano Alfonso, Jacqueline frison.

-Articular as possibilidades de pesquisas através de bolsas nas universidades para as pesquisas na área e através de convênios com instituições públicas e privadas.

-criar um plano de carreira para os profissionais da área para que sejam reconhecidos como pesquisadores.

-que cada museu tenha um profissional que faça pesquisas sobre seu acervo e sobre seu próprio fazer, e que essas sejam as pesquisas basilares para todas as outras.

-Que haja maior participação dos educadores junto a concepção da curadoria e da gestão do museu.

-Discussão do conceito de museu como espaço físico, compreendido como além do prédio em si.

-ampliar a articulação do museu através da gestão, com a sociedade ,trazendo diferentes públicos propondo ações de trocas.

-investir na formação continuada dos profissionais da área.

-mapeamento do público e não -público.

-mapeamento das atividades do museu em termos educativos.

-estudo de público junto com um mediador da comunidade a qual representa.(professores)

-estudo e discussão de atividades educativas junto aos professores representantes de suas comunidades, visto que, conhecem seu público.

b) Criação de Revista ou Periódico específico em Educação Museal

• Autor

Posts

- 08/04/2013 às 13:21#1247



elinildo marinho

Membro

Devido à importância do tema e ou pouca produção específica, acredito ser interessante a criação de uma revista e ou periódico específico em educação museal. Isto faria com que as produções de pesquisas científicas /acadêmicas neste assunto dessem um salto qualitativo. A REM/Brasil revista de educação museal ou em museus poderia aguçar a produção de textos, artigos, periódicos, monografias, teses, dissertações e ensaios sobre este tema fértil e de grande relevância para a museologia e para os museus.

c) Desenvolvimento e fomento de pesquisas

• Autor

Posts

- 20/11/2012 às 11:49#267



Pnem

Membro

Articular com agências científicas, instituições de ensino superior e instituições de memória e patrimônio cultural o desenvolvimento e fomento de pesquisas que contemplem a produção simbólica, a diversidade cultural no espaço museológico, para o desenvolvimento de ações educativo-culturais nos museus;

03/12/2012 às 18:22#482



Rita Coitinho

Membro

A ideia desse tópico é discutirmos sobre parcerias com outras instituições e agências de fomento.

As parcerias, sempre muito bem vindas porque trazem profissionais, conhecimento e (em alguns casos) recursos, precisam, no entanto, basear-se em premissas objetivas. O que queremos, enquanto museus, quando procuramos a universidade ou instituições como o CNPq? Queremos produzir o tipo de conhecimento da academia? Queremos embasar exposições e ações educativas?

24/01/2013 às 16:42#790



Ozias Soares

Membro

Rita,

Em resposta à sua questão diria que as duas coisas são importantes, se é possível fazer essa separação estritamente: produzir o "conhecimento da academia" e também embasar nossas ações e projetos. Tenho a impressão, aliás, que nossas ações carecem de embasamento na maior parte das vezes...

Em outro post (O que é o "fazer científico"), aqui neste GT, você fala de incentivar a produção dos museus e sobre editais específicos. Particularmente, concordo contigo: acho que os editais são um caminho para a proposição de ações e pesquisas. Talvez estejamos tímidos em relação a isto; talvez o cotidiano "produtivista", muito prático, voltado para as ações "no varejo" que desenvolvemos em nossas instituições não nos permita esse tempo para pensar em pesquisas. Um caminho seria transformar a própria prática, nossos projetos e ações em objetos de pesquisa.

Por outro lado, é muito bom se sentir valorizado, né? Acho que é indispensável que se pense em uma valorização na carreira! No âmbito do IBRAM, a restituição por titulação (RT) é um caminho importante e que ainda não foi implementada...

Bem, mas não tenho dúvida que podíamos lançar mão de editais, sair um pouco de nossas rotinas generalistas, dispersivas e produtivistas no cotidiano e partir pra realização e divulgação de nossas pesquisas. Quem sabe, não apenas "articular com agências científicas", mas o próprio IBRAM não poderia lançar incentivos à pesquisa no âmbito de suas unidades?

Abs,

Ozias

04/02/2013 às 14:29#823



Deusa Costa

Membro

Prezados,

Sou historiadora, lotada no Centro de Memória da Justiça do Trabalho, inaugurado em 01/12/2010. Esta é uma atividade nova para o Judiciário Trabalhista e por isso ainda não contamos com mais profissionais especializados. Mas estamos em um movimento nacional pela preservação da memória da JT.

Visando a preservação dos processos judiciais (que podem legalmente ser eliminados após 5 anos de arquivo), temos nos desdobrando para divulgar a relevância do nosso acervo permanente e gerar demanda externa de pesquisa por parte da sociedade civil.

Assim, como ação de fortalecimento, estamos fazendo uma campanha de divulgação nos cursos de História locais sobre o processo judicial como fonte. Iniciamos na UFAM – Universidade Federal do Amazonas e a receptividade está sendo excepcional, embora não tenhamos formalizado a ação por meio de Acordo de Cooperação ou outro instrumento jurídico formal.

Já temos tratativas com a UFAM para assinatura de Acordo de Cooperação visando cessão temporária de processos judiciais para estudo dos acadêmicos de História, mas esbarramos na questão do espaço físico. Até o momento não assinamos porque a universidade não possui espaço disponível.

Mas o que quero destacar é que o fomento à pesquisa é com certeza um excelente meio de fortalecer/embasar ações educativo-culturais envolvendo a comunidade acadêmica com a escolar (visitantes/usuários de museus) e a comunidade em geral.

Deusa Costa

15/02/2013 às 13:06#882



Gislaine Calumbi

Membro

Particularmente sinto falta de produções acadêmicas que dialoguem a respeito do assunto.

Faltam idéias e estratégias para auxiliar os profissionais de museus.

22/02/2013 às 14:08#979



Fernanda Castro

Membro

Olá, Gislaine.

Permita-me discordar de você.

Estou fazendo mestrado em educação com o tema de políticas públicas de educação em museus.

Em minha pesquisa fiz um levantamento de produções acadêmicas com o tema de educação em museus e achei algo perto de 200 teses e dissertações. Isso fazendo uma busca no banco de teses da CAPES.

Acho que o que falta são fóruns de divulgação desse trabalho, que sejam articulados com as instituições museais.

08/04/2013 às 2:56#1265



Manoella Evora

Membro

Aproveitando o que a Fernanda Castro disse acima, acredito que seriam importantes fóruns de divulgação desses trabalhos, pois além de auxiliar os educadores em sua prática nos museus, ainda estimularia uma maior produção de material acadêmico sobre o assunto.

• Autor

Posts

- 03/04/2013 às 12:29#1194



bernadete

Membro

Oportunizar a sociedade a um acesso amplo ao Museu, tendo contato direto com sua realidade, através do seu acervo e de suas pesquisas; torná-lo um referencial da escola aberta à aprendizagem real do conhecimento e dos valores sócio-culturais locais, regionais e nacional, levando em conta a valorização do patrimônio cultural e a consolidação de identidade do cidadão brasileiro.

e) Produção de conhecimento e pesquisa nos educativos dos museus

• Autor

Posts

- 20/11/2012 às 11:48#266



Pnem

Membro

Criar mecanismos que favoreçam a produção de conhecimento a partir dos projetos e das pesquisas desenvolvidas no âmbito dos setores educacionais do museu;

- 01/12/2012 às 12:45#443



Fernanda Castro

Membro

A começar pelo incentivo à produção e formação científica através da melhoria do plano de carreira dos profissionais da área e do seu reconhecimento enquanto pesquisadores!

- 03/12/2012 às 18:18#481



Rita Coitinho

Membro

Incentivos no plano de carreira, com reconhecimento (por meio da remuneração) da titulação dos servidores (Retribuição por Titulação) e de seu contínuo aperfeiçoamento (retribuição por qualificação) é uma demanda antiga dos servidores e servidoras do Ministério da Cultura.

Um dos principais argumentos do MPOG para não conceder esse tipo de retribuição financeira é que, para eles, "não se faz pesquisa" nas instituições culturais.

O que vocês acham disso? Não fazemos pesquisa?

O que é, afinal, "Pesquisa" nos museus?

19/02/2013 às 14:14#935



Isaura Maria Ribeiro Bonavita

Membro

Considero de grande importância, dar a conhecer o cabedal de conhecimento que os educadores de museu tem. As pesquisas são contínuas, o aprimoramento intenso e a disponibilidade de trabalho é constante. Valorizar, dar apoio institucional é um caminho o outro seria dar a importância devida a nós educadores como mediadores entre o discurso museal e o público convidando-nos a participar das reuniões curatoriais com o objetivo de ampliar a ação educativa por meio de dialogo com o setor curatorial. Ouvir a nossa experiência com o público ajudar a melhorar os espaços expositivos, pois conhecemos as necessidades do público.

28/03/2013 às 20:29#1157



moinhosocial

Membro

abertura para pesquisas externas, ou seja, que o museu seja objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento, grupos, acadêmicos, estudiosos...e não apenas objeto de estudo dos profissionais do museu.

28/03/2013 às 22:01#1160



Joss Cunha

Membro

Concordo com Moinho Social acho que os museus deveriam estar abertos para pesquisa nas diversas áreas de conhecimento, e principalmente aberto para discussões entre as áreas.

03/04/2013 às 1:19#1193



Mariana Galera

Membro

O não reconhecimento da pesquisa em museus parece o contraponto do que se entende por museus, desde o século XVIII, especialmente para os museus de ciências e história natural. Não faz sentido um acervo que não é pesquisado, mantê-lo apenas guardado é uma retomada aos gabinetes de curiosidade em que os visitantes vão para "ver as maravilhas de um mundo distante".

A partir das gerações dos museus (proposta por McManus, 1992 e reiterada por Cazzeli, 1999) desde sua primeira geração os museus são espaço de pesquisa. Há um forte debate ao longo dos séculos XVIII e XIX sobre a abertura dos museus para o grande público, uma vez que o acesso poderia danificar os objetos, que eram fontes primordiais de conhecimento. Questionar a existência de pesquisa em museus é incoerente quanto a sua história.

Tratando-se especificamente do serviço educativo dos museus, como espaços produtores de conhecimento, há grupos de pesquisa estabelecidos no Brasil e no mundo que tem como foco a educação em museus, com produções bibliográficas que comprovam que existe muito a se produzir neste sentido.

O museu não tem livro didático ou parâmetros curriculares, desta forma todas as abordagens, seleção de conteúdos e estratégias que realizamos dentro do museu advêm de pesquisa em outros espaços e novas propostas. O que configura nosso trabalho como efetivamente uma área de produção de conhecimentos. Talvez possamos investir ainda mais na avaliação do nosso trabalho, uma área que ainda muitas vezes delegamos a terceiros ou não realizamos.

f) O que é "o fazer científico" nos museus?

Posts

• 03/12/2012 às 18:24#483



Rita Coitinho

Membro

Olá pessoal!

Criei esse tópico para incentivá-los a produzir uma resposta satisfatória a essa pergunta que todos/as sabemos responder mas, ao mesmo tempo, cada um/a dá uma resposta diferente.

A que se destina a pesquisa nos museus? Em quê precisamos ousar/innovar mais?

17/12/2012 às 18:33#594



Ozias Soares

Membro

Essa é uma questão, Rita, que precisamos enfrentar, penso eu. Antes de tudo, é preciso delimitar com clareza o que é "pesquisa". Em seguida, "se" fazemos, "que" pesquisa fazemos no contexto museal e para quê fazemos, de um modo geral.

22/01/2013 às 13:10#756



Rita Coitinho

Membro

Isso mesmo, Ozias. Serão os museus depósitos e vitrines de coisas? Ou são também produtores de conhecimento? Quando montamos exposições e selecionamos nosso acervo fazemos pesquisa? E no que ela é diferente da pesquisa acadêmica?

22/01/2013 às 18:15#757



Ozias Soares

Membro

Querida Rita, penso que, *stricto sensu*, nós não fazemos pesquisa nos museus. Por isso fiz a primeira postagem questionando o uso comum, generalizado de "pesquisa". De outro lado, acho que podemos assumir, em nossa prática, uma postura investigativa, questionadora, criteriosa, rigorosa, eticamente comprometida, avaliativa, prospectiva – que são fundamentais em toda pesquisa e produção de conhecimento.

24/01/2013 às 13:38#767



Rita Coitinho

Membro

Olá Ozias;

Alguns museus fazem sim pesquisa no sentido que você coloca *stricto sensu*. Mas, de fato, não é a realidade na maioria das instituições. Porém algumas têm enorme potencial e não realizam pesquisas por inúmeras razões – falta de pessoal, de recursos ou até mesmo de interesse.

Seria interessante pensarmos em alguma ação – política pública – para incentivar essa produção nos museus. Editais específicos poderiam ser um caminho? Valorização das titulações e da produção científica nas carreiras? O que mais?

24/01/2013 às 16:27#787



Ozias Soares

Membro

Olá, Rita! Legal essa conversa. Acho que teria que haver uma outra pesquisa pra levantar que instituições e que pesquisas são essas que são realizadas (rsrs!). Acredito no potencial que você se refere e penso que a falta de pessoal e recursos e uma tônica em nossas instituições. Talvez a "falta de interesse" decorra daí... Vou continuar conversando no outro post seu sobre "desenvolvimento e fomento de pesquisas", pra não "perder o fio da meada"...

15/02/2013 às 3:40#875



lucia santana

Membro

Bem penso que aliada a essa pergunta, poderíamos refletir uma outra questão. O que é o "fazer museológico"? E o fazer museológico possui uma cadeia de

ações que podem ser desde a coleta, seleção, registro, documentação, socialização, comunicação entre outros que vão refletir os eixos essenciais de uma prática museológica que abrange pesquisa, comunicação e públicos, onde a preservação perpassa esses três eixos. Neste sentido seria interessante visualizar os componentes que exercem de nós uma prática educativa, social e crítica do que fazemos, como fazemos, por que fazemos, para quem fazemos e o que impactamos no âmbito da transformação social, cultural, ambiental etc...Certamente esse procedimento nos levará a alguma certificação: tendências, metodologias, avaliações e gerenciamento do nosso conhecimento. Talvez seja esse o caminho do trabalho patrimonial que produz conhecimento, de forma processual, dinâmica e interdisciplinar.

15/03/2013 às 14:55#1082



Marcos Teodorico

Membro

Para o Museu da Infância e do Brinquedo (MIB) o "fazer científico" acontece quando respondemos a uma demanda da sociedade. Quando realizamos investigações que possam ser apropriadas por todos e que tenha além da relevância científica uma relevância social.

Por exemplo:

Estamos iniciando um estudo sobre o seguinte tema:

JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS CEARENSES: IDENTIDADE E MEMÓRIA.

Porque fazer uma pesquisa desta natureza no Estado do Ceará?

Qual a relevância social desta investigação para o povo cearense?

Qual importância científica do estudo nas reflexões teóricas sobre a cultura lúdica?

O jogo, o brinquedo e a brincadeira é um patrimônio da cultura?

Qual a importância histórica do lúdico na identidade e memória do cearense?

Com iremos aplicar e transferir os resultados do estudo ao povo cearense?

Acreditamos que temos que ter um sentido uma razão que justifique o estudo e principalmente que os resultados da dela possa ser importante socialmente para toda sociedade cearense.

E como podemos fazer isso?

As estratégias de rigor e credibilidade utilizadas em um estudo científico é o primeiro passo:

A credibilidade, que se refere ao valor de verdade, ou seja, a confiança na autenticidade dos descobrimentos e explicações de uma investigação no seu contexto.

A transferência, que se refere à aplicabilidade, ou seja, ao grau de aplicação dos resultados da investigação em outros contextos.

A dependência, que se refere à consistência, ou seja, à possibilidade que a investigação desse os mesmos resultados se repetisse de forma similar.

A confirmação, ou seja, a neutralidade, que se refere ao grau em que os descobrimentos são adequados aos fenómenos e pessoas estudadas, e não, os elementos introduzidos pelo investigador.

O que constitui "Pesquisa bem feita?", confiável, merecedora de ser tornada pública para contribuir para o conjunto de conhecimento sobre o tema aqui abordado. Lienert (1989) citado por Gunther (2006) diferencia entre critérios principais e critérios secundários. Entre os primeiros, constam objetividade, fidedignidade e validade. Entre os segundos, constam utilidade, economia de esforço, normatização e comparabilidade. Segundo estes autores seriam difíceis, se não impossível, verificar a base científica de uma pesquisa por meio de estudos adicionais se a mesma não satisfaz a estes critérios.

Nossa posição sobre o tema é uma reflexão que realizamos internamente com nosso grupo de pesquisa do MIB.

Vamos conversando...

15/03/2013 às 19:02#1085



Rita Coitinho

Membro

Olá colegas do Museu da Infância e do Brinquedo, obrigada pela participação nesse tópico. Espero que esse relato de vocês incentive os outros museus a postar suas experiências.

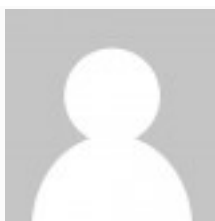
Pessoalmente defendo que a produção de conhecimento não depende, necessariamente, da chancela acadêmica. Os museus podem e devem produzir conhecimento (sobre os objetos que expõe e sobre a maneira de comunicá-los) na prática e se tivermos o cuidado do registro e do debate podemos avançar na criação de novas práticas educativas.

g) Estudo de público e não-público

• Autor

Posts

- 20/11/2012 às 11:49#268



Pnem

Membro

Promover periodicamente estudos de público e não-público, com caráter qualitativo e quantitativo, além de diagnósticos de participação, com o intuito de avaliar o cumprimento dos objetivos do museu, visando à progressiva melhoria da qualidade de seu funcionamento e ao atendimento às necessidades dos visitantes;

01/12/2012 às 12:47#444



Fernanda Castro

Membro

Garantir que hajam diretrizes universais, unificadoras da qualidade dos serviços oferecidos, mas também que sejam respeitadas as necessidades específicas do estudo de público de cada instituição, visando a sanar problemas locais e demandas comunitárias.

03/12/2012 às 18:15#480



Rita Coitinho

Membro

Olá Fernanda, seja bem vinda!

A questão das pesquisas do público (e do não-público) dos museus parece ser daquelas em que todos reconhecemos ser importante mas que na maioria das instituições limita-se ao livro de visitas, não é?

Você tem alguma experiência diferente para compartilhar conosco? Pode ser do seu local de trabalho, ou alguma coisa que conheceu por aí. A provocação vale para todos os que passarem aqui pelo fórum de estudos e pesquisas!

08/01/2013 às 12:14#688



Rafael Jose Barbi

Membro

Olá Rita!

Será que algo como uma audiência pública, com participação de professores das redes municipais, estaduais e particulares; além dos interessados em geral, seria uma saída?

10/01/2013 às 20:14#704



Rita Coitinho

Membro

Olá Rafael;

Todas as ações que envolvam a comunidade para discutir os museus são válidas e podem nos ajudar a trazer sua atenção para os museus. Mas de que maneira podemos transformar essas ações em dados ou ponto de partida para pesquisas?

16/01/2013 às 17:14#722



Isabella Carvalho de Menezes

Membro

Olás!

Recentemente, (bem recentemente mesmo) eu me aproximei das questões de estudos de público, para procurar aprimorar os mecanismos utilizados no museu onde trabalho. Tentando organizar as ideias, optei por considerar que o estudo de público (ou pelo menos a fase de coleta de dados) compreende pelo menos três ações. As ações são complementares, mas cada uma oferece dados diferentes para a análise. São elas, em linhas gerais:

a) estatística de público: a contagem do público que visita o museu, geralmente registrada na recepção (comecei por reorganizar essa parte)

b) estudo do público: aplicação de questionário ou outro instrumento que auxilie no entendimento do perfil do público visitante (gênero, idade, origem, escolaridade, motivo da visita etc etc)

c) estudo de não-público: aplicação de questionário ou outro instrumento em amostragem de pessoas que não visitam o museu

Bom, não sei se estou dando os nomes adequados às ações, mas gostaria de discutir aqui se essa estruturação seria um caminho inicial para as pesquisas de

público, até alcançarmos o efetivo envolvimento da comunidade para o debate. Eu acredito que esta fase de produção e registro de dados e informações primárias sobre o público, para subsidiar os debates, é uma dificuldade encontrada pela maioria dos museus...

16/01/2013 às 18:15#723



Clarissa Biscaia

Membro

Para envolver é preciso atrair. Como publico, considero a gratuidade do ingresso em um museo uma grande fonte de atração. Sendo alheia ao ambiente museal no que diz respeito à gestão, não sei o que isto comporta, imagino que seja necessário um investimento muito maior por parte das entidades públicas que o sustentam, mas o resultado é um aumento de público e também a sua afeição. Nas viagens que fiz por vários países, o único museo gratuito que conheci, foi o museo Nacional da Noruega, onde está exposto "O grito" de Munch. Foi uma surpresa positiva que fez com que eu tenha este lugar como um exemplo. Os países da península escandinava são conhecidos pela universalidade na promoção de serviços e também, pude averiguar, da cultura. Mas sem ir tão longe, imagino que em Porto Alegre também seja garantido o ingresso gratuito pelo menos em alguns dias especiais. Onde eu moro, na Itália, a semana da Cultura é circundada por promoções que veem a abertura gratuita dos museus mais importantes durante aqueles dias (e caros – um ingresso normal custa à cerca de 12 euros) e também noturna, ou seja com fechamento às 22, ou às 23 ou até à meia noite. Visitá-los nestes horários torna-se muito prazeroso, além de ser uma forma de permitir um acesso maior por parte de quem trabalha durante o dia e porque não, por parte de estudantes de cursos noturnos. Não sei se este assunto faz parte deste fórum, se não fizer, fica o relato. Espero continuar o debate.

18/01/2013 às 18:53#743



Isabella Carvalho de Menezes

Membro

Oi, Clarissa, refletindo um pouco sobre o seu relato... Os estudos de público nos ajudariam a identificar em que medida a gratuidade traz impactos na visitação. Penso que a cobrança de ingressos (mesmo a preço baixo) pode contribuir para as taxas de "não público". Mas é preciso investigar até que ponto o contrário é verdadeiro, ou seja, se a gratuidade por si só é uma fonte de atração. Alguns museus aliam dia de gratuidade + ampliação de horário + atividades culturais, por exemplo, e alcançam expressivo aumento do público. Por outro lado, ao aplicarmos a gratuidade aos moradores aqui da cidade, não somada a outras ações, não obtivemos aumento da frequência desse segmento de público ao museu. Enfim...estudos de público de um museu poderiam ser confrontados com estudos de museus congêneres, para ampliar o campo de análise.

22/01/2013 às 13:08#755



Rita Coitinho

Membro

Olá Clarissa e Isabella,

Aqui no Museu Victor Meirelles, onde trabalho, estamos discutindo essas questões que vocês levantaram: de que maneira estruturamos nosso estudo de público (estatísticas de visitação, questionários qualificados) e como buscamos entender os porquês dos que simplesmente não vêm ao museu – nosso "não-público".

Uma das questões que sempre surge é a da gratuidade ou não. O MVM é gratuito até agora, embora o IBRAM determine a cobrança de um valor mínimo (não temos ainda estrutura para cumprir essa norma). Há quem defenda que a cobrança "valoriza" a ida ao museu. E há quem opine que se passarmos a cobrar ingresso nosso público diminuirá expressivamente. Para saber, só mesmo com a experiência e o registro.

De fato o que temos observado é que as atrações para além da exposição – mostras de filme, de teatro, instalações na rua, cursos e oficinas – são responsáveis por atrair um grande número de pessoas que talvez não viessem ao museu para ver as exposições. O que nos falta é fundamentar essa "impressão", pois ainda não temos feito o levantamento científico dos motivos pelos quais as pessoas procuram o museu.

Uma obra muito bacana e que indico é "O Amor pela Arte", de Pierre Bourdieu. O livro é o resultado de uma intensa pesquisa nos museus da França, que levou Bourdieu a conclusões instigantes sobre o papel do "amor à arte" no processo educativo e na distinção dos grupos sociais.

22/01/2013 às 18:57#759



Isabella Carvalho de Menezes

Membro

Oi! Obrigada pela indicação de leitura!

Pois é... você tocou numa questão interessante, Rita, será que os estudos de público têm classificado o público que vai ao museu visitar a exposição e o público que vai por outras finalidades ou atrativos? será que é preciso fazer essa diferenciação? ou todo público é público, independente se veio conhecer o acervo ou fazer uma ginástica no pátio??

24/01/2013 às 13:34#766



Rita Coitinho

Membro

Oi Isabella, essa é uma questão que precisa de definição, também não tenho resposta pra ela. Para mim, pessoalmente, há diferença sim entre o público que procura o museu para ver as exposições e o que vem atraído por outras atividades. ~Mas, ao mesmo tempo, os dois "grupos" são nosso público, embora sejam atraídos por motivos diferentes... Mas penso que a importância dessa diferença pode variar para cada tipo de museu, não acha?

29/01/2013 às 22:02#814



André Amud Botelho

Membro

Olá pessoal.

Interessante a discussão.

Como indicado por vocês acima, também penso que os estudos de público devam ser objeto de esforço dos museus por sinalizarem mesmo o que são tais instituições em contextos variados. E o método comparativo entre as diversas pesquisas pode ser norteador de novas políticas para aumento da atuação dos museus em suas comunidades.

Ao chegar ao IBRAM, a impressão que eu e meus colegas tivemos, apesar do discurso valorizador dos museus, é de que tais instituições tinham pouquíssima inserção na vida dos brasileiros. Por essa e outras razões, nos

lançamos em esforço por um levantamento estatístico do “não-público dos museus” aqui em Brasília.

Uma possibilidade é que pesquisas de não-público desenhadas pelos museus tornem mais claros elementos que aumentem sua relevância social.

30/01/2013 às 20:19#817



Isabella Carvalho de Menezes

Membro

Olás!

Rita, estou bem de acordo com as suas colocações. Tendo a considerar público todo aquele que frui o museu (e há diversas formas de fruição). Mas se essa tentativa de definição é válida, me ocorre outra questão. Uma pessoa que opta por realizar uma visita virtual ao museu, por exemplo, ao invés de ir visitar a exposição física, é considerada público do museu? Minha resposta à princípio seria: sim, ela está fruindo o museu, está em contato com o museu, o museu não é indiferente à ela. Em outras palavras, ela não se enquadraria em “não-público”. O que acham? André, vocês já chegaram a implementar o levantamento? Se puderem compartilhar um pouco mais a respeito seria ótimo!

31/01/2013 às 22:22#821



André Amud Botelho

Membro

Oi pessoal.

Isabella, terminamos o trabalho sim. Fomos às ruas aqui em Brasília e fizemos entrevistas partir de uma amostra estratificada que construímos. Posso enviar.

01/02/2013 às 12:46#822



Rita Coitinho

Membro

Olás;

André, seria muito interessante para a nossa discussão aqui poder ver o que vocês já fizeram. Tem como publicar aqui um "extrato"?

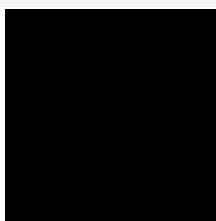
Isabella, penso que já podemos começar a formular proposições para o PNEM a partir desse debate, não? Vamos tentar?

h) Periódicos para publicação

• Autor

Posts

- 06/02/2013 às 13:06#840



Bruno Marinho

Membro


Gostaria de conhecer periódicos que tratem de temas ligados a museus e patrimonio, alguém conhece algum?

a) Promover Oficinas de Conservação Preventiva de Acervos Museológicos

- **Autor**

Posts

- 08/04/2013 às 13:21#1248



Escorteganha
Membro

Promover oficinas sobre conservação preventiva de acervos museológicos , contribuindo na formação dos profissionais que atuam, direta ou indiretamente, na preservação destes acervos patrimoniais; fornecendo informações técnicas para análise e compreensão dos espaços museológicos e de guarda, através de um conjunto de princípios fundamentais para a implementação e execução de **Planos de Conservação Preventiva**, direcionado as equipes de conservação dos museus, públicos ou privados.


Precisamos conhecer a natureza dos materiais componentes dos acervos e os fatores de degradação aos quais os objetos estão expostos para que se possa estabelecer as normas de procedimentos de conservação preventiva para o patrimônio cultural. Prevenir a degradação destas coleções, através da compreensão e do estabelecimento de rotinas de conservação preventiva através do acondicionamento adequado; higienização das peças que compõe os acervos e do ambiente; implantar reservas técnicas ou espaços de guarda adequados aos acervos; formar equipes de conservadores; promover a divulgação documental, dar condições de acessibilidade ao público e pesquisadores; etc... Estas são algumas maneiras de preservar o patrimônio, valorizar seus aspectos culturais e divulgar a riqueza patrimonial existente.

b) Contribuições Rio Grande do Sul

- **Autor**

Posts

- 08/04/2013 às 13:21#1241



Tiago de Campos
Membro

COLABORADORES: Helena Przyczynski Cardoso de Andrade – Museologia UFRGS; Mariana Duarte – Instituto Bruno Segalla; Adriana Arioli – Programa Incluir UFRGS; Daniela Castilhos

Pioner – Instituto Bruno Segalla; Marlene Ourique do Nascimento – Santander Cultural.

Formação=graduação, especialização, mestrado e doutorado

Qualificação= instrumentalização

Capacitação = conhecimento técnico

TÓPICO 1

Investimentos na formação dos profissionais de educação

PROPOSTAS

1. Criar uma plataforma virtual de comunicação, que o SEM seja o difusor do banco de dados, e que cada museu consiga comunicar suas ações de modo universal.
2. Assegurar a implantação de um sub-programa de educação continuada para os técnicos dos museus, implementando formação específica das pessoas com deficiência e a acessibilidade aos museus.
3. Criar um banco de dados de profissionais de museus
- 4.

TÓPICO 2

Contratos e parcerias com instituições de ensino

PROPOSTAS

1. Criar uma política de formação de parcerias para promover e financiar estágios técnicos aos profissionais;

TÓPICO 3

Estágios técnicos

PROPOSTAS

1. Promover intercâmbios , divulgar experiências, criar encontros.

c) Investimento na formação dos profissionais de educação

• Autor

Posts

- 20/11/2012 às 11:40#260



Pnem

Membro

Garantir o investimento na formação, capacitação e qualificação de todos os profissionais envolvidos na área educativa e sociocultural dos museus e demais espaços da memória;

26/11/2012 às 22:14#331



[katia.frecheiras](#)

Membro

O estímulo a formação e qualificação dos profissionais que atuam nos museus e demais espaços de memória pode ser garantido por meio de intercâmbio de repertório teórico e de práticas educativas intra e interinstitucionais; através da implementação de programas de formação continuada; incentivando o desenvolvimento de pesquisa acadêmica e garantindo a participação dos profissionais da área educacional em diferentes fóruns e eventos.

03/12/2012 às 13:50#465



[Fernanda Castro](#)

Membro

Além de garantir o investimento na formação, capacitação e qualificação dos profissionais, como apresentado pelo PNEM e complementado pela Kátia, é fundamental criar mecanismos que garantam a permanência destes profissionais qualificados no quadro das instituições.

O debate sobre a regulamentação da profissão, sobre a criação de planos de carreira que incentivem os profissionais a ficarem nas instituições em que trabalham e a contribuírem com elas a partir de sua formação e qualificação é urgente!

No caso específico do quadro dos museus públicos, não adianta incentivar a formação dos profissionais e não lhes garantir uma remuneração compatível a este esforço, que é ao mesmo tempo pessoal e institucional.

Tomemos o exemplo do próprio IBRAM, que realizou concurso em 2010 para o provimento de 294 vagas e que já teve 70% de abandono das mesmas (segundo carta enviada pela ex-ministra Ana de Holanda, dado divulgado também em jornais de grande circulação e documento elaborado pelo Fórum da Cultura). Certamente são pessoas que foram buscar melhores salários e planos de carreira.

03/12/2012 às 17:27#479



katia.frecheiras

Membro

Além da permanência dos funcionários no quadro do IBRAM, conforme comentado com proficiência por você Fernanda, também me preocupa a questão de muitos dos profissionais estarem com a aposentadoria batendo à porta e não termos profissionais com a devida experiência para ocupar essas funções. Inclusive podemos citar ainda a necessidade de repasse por esses mesmos técnicos, de todo esse conhecimento adquirido nos museus.

O IBRAM poderia investir em uma Universidade Corporativa, já que temos tantas áreas técnicas específicas e que não são tratadas nas disciplinas acadêmicas dentro das Universidades.

26/12/2012 às 15:08#620



Juliane Novo

Membro

Atuo como educadora de uma instituição que semanalmente desenvolve em reuniões uma formação continuada para todos educadores. Nesses encontros são discutidos temas para melhoria do serviço prestado nas ações educativas como técnicas de pesquisas em educação museal, teorias de aprendizagem entre outros, mas assuntos como valorização e remuneração dos profissionais também se tornam pautas frequentes em nossos debates, mesmo que não sendo um tópico previsto para conversa. Vejo isso como um indicador da necessidade de regulamentação da área.

Algo recorrente em nossos atendimentos e que não são contemplados pela formação é a procura pelos visitantes por informações da instituição e não da exposição aberta. Muitas vezes, as formações não envolvem assuntos relacionados a atualidade e história da instituições que promovem a exposição.

26/12/2012 às 15:19#623



katia.frecheiras

Membro

Concordo com você Fernanda, pensarmos em investimento na formação dos profissionais dos museus é cumprir a segunda etapa. A primeira etapa, mais que

urgente é a regulamentação da profissão, a criação de planos de carreira e a gratificação por titulação.

03/01/2013 às 12:56#634



Flavio Almeida

Membro

Concordo, Katia, que deve-se regulamentar a profissão através de planos de carreira e gratificações por titulação, no entanto vejo que esse problema aflige todas as áreas técnicas (museologia, pesquisa, educação etc) dos museus, pelo menos nos do IBRAM, Portanto para que se consiga valorizar e investir nos profissionais dos setores educativos, deve-se fazer o mesmo com os outros técnicos que atuam nos museus, e é aí que começam os problemas...

11/01/2013 às 21:31#707



Moisés Moraes

Membro

analisando os comentarios a formação e um passo principal para podermos colocar em pratica nossas ações. Sou coordenador de museu, e a grande dificuldade é a permanencia desses profissionais nos nossos espaços, tendo em vista que não possuímos um amparo legal e nossos colaboradores não são do quadro efetivo da instituição. Não temos como investir na qualificação já que não podemos garantir a permanencia desses profissionais nos seus cargos. Creio que a maioria dos espaços sofre com isso, os concursos que são ofertados não são direcionados para o perfil dos museus, cabendo a coordenação a função de forma essas pessoas.

05/02/2013 às 1:00#829



camilohistoria@gmail.com

Membro

Além de valorizar a história, investir em qualificação para profissionais da rede pública de ensino e criar disciplinas para os alunos voltada na preservação e restauração dos museus do nosso país, dando ênfase na identidade do povo brasileiro.

05/02/2013 às 19:30#837



Claudimira Araujo

Membro

É através da educação que iremos transformar nossos espaços museais em verdadeiras salas de aula. Para tanto faz-se necessário que os profissionais envolvidos neste processo estejam bem preparados e motivados para serem multiplicadores das ações de preservação da memória individual e coletiva.

15/02/2013 às 16:01#888



Alessandra Baltazar

Membro

Eu defendo muito a idéia de se promoverem cursos de graduação em museologia EAD como segunda graduação dos profissionais. Muitos gestores de museus não são museólogos mas possuem nível superior, que pode facilitar o estudo on line, uma vez que fica difícil parar o trabalho para se dedicar à formação.

16/02/2013 às 0:46#904



MHCI

Membro

Concordo com a Alessandra, um meio de qualificar os profissionais que trabalham principalmente na coordenação dos museus é a graduação pela Educação à Distância e como ideia complementar seria interessante também cursos de extensão online. Como coordenadora de um museu sinto falta de uma capacitação para desenvolver meu trabalho, sendo que sempre procuro profissionais formados na área museológica para capacitar a mim e a minha equipe para que tenhamos condições de desenvolver certos trabalhos, como por exemplo, a catalogação e inventário das peças do museu, dentre outros.

18/02/2013 às 14:17#917



Debora

Membro

Penso que a proposta da Alessandra é extremamente válida, já que grande parte dos gestores/coordenadores de museus não têm conhecimento mais

aprofundado na área museológica. Passo por este dilema, pois sou responsável pelo museu municipal, mas tenho formação em História. Não fossem os estágios feitos em instituições museológicas, teria muito mais dificuldade em lidar com o trabalho.

O ensino à distância vem como facilitador do acesso ao conhecimento, seja com relação à museologia, à arquivologia ou mesmo a respeito de técnicas básicas de conservação/preservação do acervo. Pequenos cursos – extensão – facilitariam o acesso àqueles que não estão nos grandes centros, por exemplo.

19/02/2013 às 11:54#928



Mauro Morais

Membro

Como já dito nos tópicos acima, já passou do tempo de termos uma educação voltada para área museológica, seja nos níveis da educação básica, até uma atenção maior nas graduações, e principalmente uma educação especializada seja a EAD, ou presencial onde possamos ter responsáveis por museus conscientes de suas funções, visto que encontramos como diretores, gestores, responsáveis por museus, pessoas que muitas vezes não sabem das potencialidades educativas dos seus estabelecimentos.

20/02/2013 às 19:58#955



Michele

Membro

Olá a todos!

Sou professora da rede pública, na cidade onde moro, e comecei a trabalhar num Museu há 1 ano. Fui escalada para trabalhar como mediadora/monitora dos grupos que visitam a instituição.

No início, eu não tinha a menor ideia de COMO eu poderia expor a proposta do Museu ou apresentar o acervo a públicos de diferentes faixas etárias e com interesses tão distintos. Não recebi suporte de nenhum profissional da área, pois, simplesmente não há nenhum, aqui. Tudo o que sei sobre o Museu e a metodologia de trabalho que utilizo foram desenvolvidos por mim mesma, por meio de pesquisas, autoestudo, interesse próprio...

O fato de eu ser professora me ajudou no sentido de saber como lidar com os grupos escolares (como recepcioná-los, combinar regras de conduta dentro do museu, como falar sobre o acervo sem tornar a visita cansativa, etc.). Porém, ainda tenho dúvidas sobre, por exemplo, qual é a minha função: devo mediar ou

monitorar as visitas? O que seria mais interessante para os visitantes conhecerem? Como atender cada tipo de grupo?

Bom, o que quero dizer com tudo isso é que sinto, realmente, a necessidade de receber capacitação profissional especializada. Ou, pelo menos, receber orientações sobre como desenvolver um trabalho que atenda às necessidades do público em geral ao mesmo tempo em que a função do museu, seus objetivos, sejam concretizados.

• Autor

Posts

- 20/02/2013 às 20:00#956



Carlos Francisco Da Silva

Membro

. A Prefeitura precisa das profissões regulamentadas para alimentar o plano de carreira, porem até que isso aconteça, como efetivos isso nos preocupa principalmente com o tempo que estamos trabalhando servindo a sociedade, é urgente a necessidade da criação de planos de carreira e a gratificação por titulação.

21/02/2013 às 19:12#969



Michele

Membro

Concordo, Carlos!

Penso que, além da oferta de capacitação, o profissional também deve ter seu trabalho valorizado por meio de plano de carreira e gratificação por titulação. Assim, o bom profissional estará sempre disposto a ampliar seu conhecimento e a aperfeiçoar seu trabalho para melhor servir à instituição onde atua.

24/02/2013 às 18:23#992



katia.frecheiras

Membro

Todos nós concordamos da necessidade, mais que urgente, de investimentos em cursos de graduação, extensão e especialização, em cursos à Distância ou Presencial, não somente na área específica de educação em museu, mas nas diversas outras áreas técnicas, conforme mencionou o Flávio. Também foram

mencionadas as potencialidades educativas dos museus, não se restringindo apenas aos projetos e ações desenvolvidos pelo setor educativo do Museu. Assim, o investimento na área educativa deverá ser pensado em um patamar amplo, que atenda todos os aspectos pedagógicos dos museus e casas de memória. Aí concordo com o Mauro, "já passou do tempo de termos uma educação voltada para a área museológica". Sendo assim, pergunto ao grupo: será que somente os cursos de museologia poderão suprir as necessidades crescentes dessa área de conhecimento? Os cursos de graduação em museologia do nosso país estão preparados para essa realidade que se apresenta?

28/02/2013 às 16:32#1017



Michele

Membro

Penso que não. Será sempre necessário que o profissional da área mantenha-se atualizado, por meio de cursos de aperfeiçoamento, seminários, palestras, etc; afinal, sempre haverá um novo desafio, uma nova problemática a ser discutida. Aliás, espero que as diretrizes a serem traçadas, por meio deste trabalho de construção coletiva de ideias, possam suprir a grande lacuna que se apresenta no setor educacional dos museus, ajudando-nos a saber que rumo seguir. Não sei qual é a situação dos outros países, em relação a essas questões, mas, imagino que o Brasil esteja extremamente atrasado em suas ações de busca pela melhoria do trabalho socioeducacional em museus.

22/03/2013 às 16:46#1106



bpmonteiro

Membro

Não esqueçam que ainda não existe no Brasil, formação acadêmica ou técnica específica para os profissionais que atuam nos Museus, na parte de interação com o público. Atualmente, este papel vem sendo desempenhado por monitores, ou seja, estagiários/ universitários. Nós precisamos sinalizar nas discussões que estamos fazendo esta necessidade urgente. Precisamos formar profissionais capacitados para esta função.

28/03/2013 às 20:24#1155

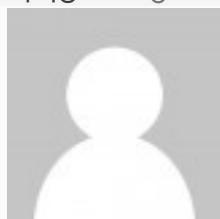


moinhosocial

Membro

penso que é importante que os mediadores / educadores – profissionais que interagem com o público tenham relação significativa com o acervo do museu, que quando apresentarem a exposição falem de algo que faz parte da própria vida. As vezes vamos em museus que a recepção é de alguém alheia aos sentidos e significados dos objetos expostos.

05/04/2013 às 14:43#1219



Vera Regina Zavaglia Malta Campos

Membro

A formação, capacitação e qualificação dos profissionais de Educação Museal é realmente uma questão fundamental para o desenvolvimento de todas as ações de um Programa de Educação Museal. Acreditamos que pela dificuldade que temos no Brasil de fomentação para esta capacitação de profissionais de forma mais aprofundada, poderia haver então, uma capacitação técnica freqüente através de oficinas e mini cursos realizadas pelo IBRAM, pelos Sistemas de Museus e pelas possíveis parcerias entre universidades, associações e etc.

d) Contatos e parcerias com instituições de ensino

• Autor

Posts

- 06/12/2012 às 17:27#520



Cinthia Rocha

Membro

Parte da dificuldade que observamos com relação à formação qualificada de profissionais para atuarem na área de museus vem do fato de que muitas instituições de ensino ainda não começaram a ver os museus como locais de produção de conhecimento. Especialmente nos cursos de licenciatura, é fundamental que as universidades explorem os espaços de educação não formal com o objetivo de despertar o olhar dos educadores para as múltiplas possibilidades que eles ensejam. Assim, abrem-se oportunidades para pesquisa e difusão dos conhecimentos da área, pois mais profissionais poderão ter interesse de trabalhar em museus e com museus.

Acredito ser necessária uma política institucional que vise estabelecer contatos e parcerias com instituições de ensino para explicitar o problema da dificuldade de qualificação e estudar uma solução conjunta. As universidades, uma vez cientes e sensíveis à demanda, poderão abrir espaços para o debate sobre os museus nos diversos níveis de formação.

o Este tópico foi modificado 10 anos, 6 meses atrás por  [Cynthia Rocha](#).

12/12/2012 às 16:58#563



[Fernanda Castro](#)

Membro

Oi, Cinthia!

Acho que você pode contribuir no GT de redes e parcerias com essa discussão!

Concordo plenamente com o que você apresenta.

Mas acho que o buraco é mais embaixo!

Para que as instituições de ensino reconheçam os museus como lugares de pesquisa, locais de produção de conhecimento, eles precisam ser reconhecidos como tal pelos responsáveis pela sua administração.

Hoje, o Ministério do Planejamento Orçamento e Gestão, que define as instituições que são ou não de pesquisa (muito provavelmente pensando, senão exclusivamente, majoritariamente nos gastos com pessoal e investimentos que isso significaria), diz que os museus não realizam pesquisa.

Sendo assim, como vamos atuar na universidade formando pesquisadores para os museus? Como isso se dará na área da educação museal?

Penso que esta possibilidade só pode dar-se combinada à discussão sobre profissionalização/ regulamentação da profissão/ definição da educação em museus.

A formação oferecida nas instituições de ensino que trate da questão da educação museal deve tratar também da discussão do que é a própria ação educativa em museus, da educação em museus como campo, da sua relação com as demais funções do museus, seus demais atores (tópico debatido no GT de Perspectivas Conceituais deste Fórum).

Partindo deste entendimento, podemos pensar em como se darão estas parcerias.

Já se propôs a criação de uma universidade corporativa. Será que é este o caminho? Será que queremos realizar nossas pesquisas e nossa formação em âmbito restrito? Será que as parcerias com as universidades públicas é uma melhor opção? (vamos aos tópicos de parcerias!!!)

26/12/2012 às 15:38#624



[katia.frecheiras](#)

Membro

Cinthia e Fernanda, vamos aos tópicos de Parcerias sim! Mas....não posso deixar de registrar uma pequena observação.

A sugestão de criação de uma Universidade Corporativa não é restrita, daí o nome "universidade". Devemos aproveitar o quanto antes os profissionais que atuam nos museus e que em breve estarão se aposentando, para repasse desse conhecimento. Seria uma oportunidade única de contato desses estudantes com o cabedal de conhecimento que raramente será encontrado fora do museu. Não estou pensando somente no plano da área de educação, mas nos restauradores, gestores, conservadores, etc.

28/12/2012 às 0:03#629



[Lucas Cuba Martins](#)

Membro

Prezados,

A colocação da Katia é excelente, creio que o contato dos novos profissionais, daqueles que vão começar a "fazer museu" nas suas instituições, é de enorme importância, não só para a área educativa como para todas as áreas técnicas, conforme colocou a Katia, e penso também que muitas vezes para as administrativas.

Essa questão deve ser levada inclusive para o GT de "Estágio Técnicos"; pois o estágio é antes de tudo aprendizado do dia-a-dia, é de fato conhecer o clima de trabalho e também os desafios que vão ser encontrados.

Att;

Lucas Cuba Martins

24/02/2013 às 19:08#995



katia.frecheiras

Membro

Lucas é dentro das instituições de ensino que os museus encontram os futuros profissionais. Assim as universidades, escolas técnicas e outras instituições escolares são parceiros em potencial dos museus.

25/02/2013 às 14:09#997



elianebettocchi

Membro

Olá a todos,

Sou coordenadora da Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes e Design (<http://www.ufjf.br/iad/>) da UFJF . Nosso curso é recente e está em fase final de implantação e entre nossas discussões surgiu a questão que os estágios e práticas escolares oferecidos e exigidos no currículo não contemplam oficialmente as atividades em museus. Levamos essa questão para a Faculdade de Educação, responsável pelos estágios, alegando que o perfil do nosso egresso não se restringe à atuação escolar.

Portanto, encontrei aqui uma oportunidade de levantar competências atualizadas e necessárias à boa atuação de um mediador museal para, a partir deste levantamento, elaborar disciplinas e oficinas que venham a institucionalizar a formação dos nossos educadores para esses espaços. Assim, gostaria de contar com a colaboração de vocês no levantamento dessas competências, o que acham?

14/03/2013 às 17:30#1076



jundiai

Membro

Olá!

Eliane é de extrema importancia desenvolver este trabalho!Tambem podemos falar sobre Pedagogia Museal um termo ainda não utilizado por muitos acadêmicos.

14/03/2013 às 22:01#1080



[elianebettocchi](#)

Membro

Então, nós queremos incluir essa formação nas nossas oficinas de prática docente, e gostaríamos de contar com referências e sugestões metodológicas.

02/04/2013 às 0:15#1166



[Isla Andrade Pereira de Matos](#)

Membro

Olá pessoal,

Eu sou Isla, formada em História e cursando Mestrado em Educação. Minha pesquisa é com educação patrimonial/educação museal em um museu em São Paulo. Minha pesquisa de campo está sendo acompanhar as visitas orientadas dos grupos escolares (que são maioria) realizadas pelos educadores neste museu e analisar de que forma o conceito museológico é encaminhado aos visitantes.

Tenho notado diversas deficiências das quais acredito que todos os museus compartilham: despreparo dos educadores no que diz respeito à formação de educador de museu e falta de parceria entre as escolas e os museus.

O educador de museu precisa de formação específica, não basta dominar o assunto presente no museu. Ele precisa se dar conta da complexidade que é produzir conhecimento a partir do objeto, selecionar uma pedagogia que dê certo no museu e, principalmente, compreender o que é o museu, que para mim, é uma instituição educativa própria, e não apêndice da escola. Não dá para o educador de museu achar que a escola vai ao museu apenas para comprovar aquilo que o aluno já aprendeu na escola. Ele tem que estar ciente de que o museu é uma narrativa e deve ser tratado como um documento.

Já as escolas encaram o museu como passeio cultural e pecam por não saber utilizá-lo como a instituição educativa que é. O trabalho desenvolvido no museu é um processo, que implica a preparação na sala de aula, a visita em si, e a finalização também na escola.

Por isso, defendo a necessidade de formação específica em nível de graduação e pós-graduação em Museologia, com ênfase em educação em museus, o que já é difícil, dada a carência de cursos na área nem tanto de graduação, mas de pós (mestrado em museologia só na USP e UNIRIO e doutorado só na UNIRIO). E também a parceria entre escolas e museus, pensando no educador como

multiplicador na escola a escola aprendendo a desenvolver um trabalho que seja realmente eficaz na formação dos alunos.

02/04/2013 às 23:23#1182



REM RJ

Membro

Estabelecimento de parceria com instituições de ensino para criação de cursos, em nível de pós-graduação, na área de educação museal;
Estabelecimento de parceria com instituições de ensino para criação, em cursos de licenciatura, de uma disciplina voltada para a *educação em espaços culturais*;
Propostas elaboradas em reuniões presenciais que contaram com a participação das seguintes instituições:
Centro Cultural Banco do Brasil – Centro Cultural da Justiça Federal – Centro Cultural de Folclore e Cultura Popular – Instituto Moreira Sales – Memorial Getúlio Vargas – Fundação Casa de Rui Barbosa – Museu Casa da Hera – Museu Casa do Pontal – Museu da Chácara do Céu – Museu da Marinha – Museu da República – Museu da Vida – Museu de Arqueologia de Itaipu – Museu do Ingá – Museu do Meio Ambiente – Museu Histórico Nacional – Museu Nacional – Oi Futuro/Museu das Telecomunicações – Núcleo Experimental do MAM – Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

03/04/2013 às 18:15#1198



Manoella Evora

Membro

Acredito que ajudaria muito em nosso trabalho a criação de cursos de pós-graduação em Educação Museal, especialmente para os educadores em museus que não têm formação em Pedagogia.

Além disso, esses cursos poderiam ser ministrados através da internet, a fim de que os educadores dos museus do interior também possam participar.

04/04/2013 às 0:38#1204



Isla Andrade Pereira de Matos

Membro

Olá Manoella,

Penso que para ser educador de museu não é necessário ter formação em pedagogia, mesmo porque a ação educativa em museus é interdisciplinar. No museu onde estou fazendo minha pesquisa, que é um museu de história, de memória e de arte, a maioria dos educadores é formada em artes plásticas, mas há também outros com formação em história, música, artes cênicas, letras etc.

Acredito que há dois pré-requisitos fundamentais que norteiam o trabalho do educador de museu: o domínio do conteúdo apresentado no museu, juntamente com o desenvolvimento de argumentos que possam contrapor os discursos que permeiam a temática do museu, e a habilidade para construir conhecimento a partir de fontes não textuais, neste caso, os objetos.

Neste sentido, penso que poderia haver duas frentes de trabalho concomitantes: o aumento dos cursos de museologia em nível de graduação (que fornece o cabedal necessário para trabalhar com museus) e a ampliação de cursos de pós-graduação em museologia, que permitiria também a profissionalização dos educadores com outra formação que não a museologia. No Brasil, por exemplo, só há dois cursos de mestrado em museologia (USP e UNIRIO) e apenas um doutorado em museologia (UNIRIO).

e) Fomentar publicações para educadores

• Autor

Posts

- 02/04/2013 às 23:28#1184



REM RJ


Membro

Reunir artigos de profissionais diversos do universo dos museus e das escolas cujo tema dos textos possam permear as questões das ações educativas em museu para que tais publicações possam gerar maior diálogo entre as instituições museais e escolares.


Propostas elaboradas em reuniões presenciais que contaram com a participação das seguintes instituições:

Centro Cultural Banco do Brasil – Centro Cultural da Justiça Federal – Centro Cultural de Folclore e Cultura Popular – Instituto Moreira Sales – Memorial Getúlio Vargas – Fundação Casa de Rui Barbosa – Museu Casa da Hera – Museu Casa do Pontal – Museu da Chácara do Céu – Museu da Marinha – Museu da República – Museu da Vida – Museu de Arqueologia de Itaipu – Museu do Índia – Museu do Meio Ambiente – Museu Histórico Nacional – Museu Nacional – Oi Futuro/Museu das Telecomunicações – Núcleo Experimental do MAM – Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

f) Contatos e parcerias com instituições de natureza diferenciada do ensino formal

• Autor	
Posts	
• 02/04/2013 às 23:24#1183	
	<div><div>REM RJ</div><div>Membro</div></div> <p>Estabelecer parcerias com instituições que atendam pessoas com deficiência (ONG's, institutos, secretarias, cooperativas, empresas públicas e privadas etc.); Estabelecer parcerias com instituições que promovam a democratização do acesso para grupos variados (idosos, jovens, detentos, pacientes psiquiátricos entre outros); Implementar uma política interna que viabilize a participação dos profissionais em congressos, encontros, seminários locais, regionais, nacionais e internacionais;</p> <p>Propostas elaboradas em reuniões presenciais que contaram com a participação das seguintes instituições:</p> <p>Centro Cultural Banco do Brasil – Centro Cultural da Justiça Federal – Centro Cultural de Folclore e Cultura Popular – Instituto Moreira Sales – Memorial Getúlio Vargas – Fundação Casa de Rui Barbosa – Museu Casa da Hera – Museu Casa do Pontal – Museu da Chácara do Céu – Museu da Marinha – Museu da República – Museu da Vida – Museu de Arqueologia de Itaipu – Museu do Ingá – Museu do Meio Ambiente – Museu Histórico Nacional – Museu Nacional – Oi Futuro/Museu das Telecomunicações – Núcleo Experimental do MAM – Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro</p>

g) Estágios técnicos

• Autor	
Posts	
• 20/11/2012 às 11:41#261	
	<div><div>Pnem</div><div>Membro</div></div>

Promover e financiar estágios técnicos interinstitucionais em museus brasileiros e estrangeiros com reconhecida e comprovada capacidade e disponibilidade de atuação na área da formação profissional;

27/11/2012 às 10:56#335



[katia.frecheiras](#)

Membro

Os museus podem contribuir para a formação profissional dos estudantes de graduação, já que com a prática do estágio supervisionado, o aluno terá a oportunidade de conhecer e compartilhar o dia-a-dia dos diferentes profissionais que atuam nos diversos setores e projetos, oferecendo uma abrangência de áreas de conhecimento que amplia a visão de mundo e oferece uma gama de opções.

01/12/2012 às 2:30#432



[Neilia Marcelina Barbosa](#)

Membro

É inegável o quanto o estágio nos educativos dos museus contribui para a formação profissional dos educadores, visto que, como já foi assinalado pela Luiza Macedo no fórum "Profissionais de Educação Museal", com raras exceções, os cursos de graduação não tratam desse assunto.

Todavia, há que se cuidar (criar uma diretriz) para que as instituições não continuem contratando apenas estagiários para realizarem suas ações educativas.

Acredito que isso impede o fortalecimento desses profissionais.

03/12/2012 às 17:23#478



[Ozias Soares](#)

Membro

Colegas, acho que existem duas questões neste post: uma primeira, postada pelo administrador diz respeito aos "estágios técnicos interinstitucionais" que não dizem respeito aos nossos estágios de graduação (curriculares ou remunerados) e a segunda, tratada por vocês que referem-se a esses últimos. Primeiro quero continuar na linha que vocês estão falando e depois posto outra sobre o tema no administrador: os estágio de graduação (e mesmo os de ensino

médio) devem se caracterizar pela supervisão responsável e ética. Não se pode substituir força de trabalho! Não se pode delegar tarefas aos estagiários que são de inteira responsabilidade dos profissionais. Eles, por outro lado, podem acompanhar e mesmo executar sob supervisão e avaliação algumas atividades. Ou seja, museus precisam criar um Programa de Estágio que comporte processos de desenvolvimento desses discentes.

12/12/2012 às 17:03#564



Fernanda Castro

Membro

Creio que este tópico trate, como o Ozias apresentou, dos estágios profissionais, possivelmente realizáveis na forma de intercâmbio entre as instituições nacionais e estrangeiras que realizem parcerias com este fim.

Porém acho que deveríamos debater também a questão do estágios de estudantes de graduação. Neste sentido deveria-se abordar tanto a questão dos currículos e das práticas dos estagiários, quanto a função do estágio nas instituições.

Seria de fundamental importância que os museus tivessem em seu Projeto Político Pedagógico (que também temos que reivindicar que toda instituição museal deva ter, ligado ao seu Plano Museológico) uma proposta/ programa de estágio.

Que tal formarmos um outro tópico para o debate desta questão?

13/12/2012 às 14:30#567



Carlos Xavier

Membro

Não creio que os estágios sejam uma solução para nossos problemas. O estágio ou a contratação forma uma mão de obra extremamente volátil, onde todo o investimento/ repasse de informações feito é perdido em pouco tempo, não estou aqui pondo em dúvida a importância do estágio para a formação de novos profissionais. Devemos ter uma política de formação técnica com funcionários concursados que provavelmente desenvolverão sua carreira no órgão em que estão. O intercâmbio a nível internacional e nacional é uma proposta viável que pode e deve ser desenvolvida pelo órgão responsável (IBRAM), junto a encontros regionais e nacionais específicos. Devemos investir mais na capacitação dos profissionais que levam estudantes aos museus, sejam da área de educação ou ainda da área de turismo. Poderíamos estabelecer um currículo

mínimo e comum, indispensável a este tipo de qualificação, além do que é específico de cada instituição.

26/12/2012 às 15:10#621



[katia.frecheiras](#)

Membro

Xavier, concordo com você que o estágio de nível superior nos museus não resolve nossos problemas, pois sabemos que a cada ano o número de funcionários nas instituições diminuem devido a aposentadoria, transferências, etc e que estagiário não deve nunca ser visto como "mão-de-obra barata". Mas é de suma importância a formação que os museus podem oferecer a esses estudantes, assim como a troca de informações entre profissionais e estagiários, a renovação de idéias e de gerações a cada renovação de contrato.

Quanto aos estágios técnicos interinstitucionais é uma oportunidade de enriquecimento para ambas as instituições e que deve ser mais bem divulgado para que todos tenham a oportunidade de participar, como no exemplo a seguir: o presidente do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/MinC), José do Nascimento Jr. e o diretor da Escola do Louvre, Philippe Durey, firmaram convênio para o intercâmbio de profissionais e estudantes da área museológica a partir de 2013. O projeto de cooperação terá duração inicial de três anos, podendo ser renovado por igual período.

18/02/2013 às 14:06#916



[Debora](#)

Membro

Olá a todos! Concorde que os estágios, curriculares ou interinstitucionais, são ferramentas de troca de experiências e não "mão-de-obra barata": seja entre instituição e profissional em formação (aliando a teoria acadêmica à realidade prática do museu) ou, no segundo caso, entre profissionais de diferentes instituições (realizando válida troca de experiências).

Porém, há que se pensar das dificuldades de museus afastados dos centros de formação. Museus municipais interioranos, por exemplo, raramente conseguem se valer dessa forma de parceria, tão importante para sua atuação em meio à comunidade. Como facilitar a realização desses estágios técnicos no caso desses pequenos museus, que possuem interesse e necessidade, mas não têm disponibilidade de acesso fácil, como nos grandes centros?

24/02/2013 às 19:01#994



[katia.frecheiras](#)

Membro

Debora, em relação aos museus interioranos ou afastados dos grandes centros, quem sabe é possível pensarmos na possibilidade de solicitarmos ao IBRAM a assessoria de técnicos para trocar ideias e sugestões junto à equipe do Museu solicitante?

07/03/2013 às 16:43#1059



[Leila Massarao](#)

Membro

No que diz respeito aos museus interioranos, acho que dois apontamentos podem ser considerados:

1 – a reunião de instituições similares de uma região (não apenas do município) em busca de recursos para a formação de seus profissionais, e

2 – que esta formação não se restrinja a monitores, estagiários, ou mesmo um ou outro profissional de cada museu. A formação deve alcançar vários profissionais dentro das instituições, com um cuidado especial em um trabalho continuado com os profissionais de carreira.

Achei pertinente colocar esses dois pontos porque vejo constantemente qualquer formação ser destinada a pessoas específicas do grupo ou ser ministradas uma vez e ponto, sem atualizações, sem novas qualificações.

Acredito que a reunião regional fortaleceria o acesso e a criação de fóruns e núcleos de treinamento para os profissionais de instituições “menores” ou “isoladas”, e deve ser pensada para o corpo institucional de forma mais ampla.

14/03/2013 às 17:20#1074



[jundiai](#)

Membro

Concordo plenamente com a Leila, devemos criar mecanismos para desenvolver esta formação.



Debora

Membro

Também concordo com a Leila; acho extremamente válida a ideia da aproximação entre instituições e profissionais de uma mesma região. Tanto pelo fortalecimento regional que acarretaria, no âmbito da cultura por exemplo, quanto por facilitar a vinda de cursos e outros tipos de formação – como os estágios. Afinal, mais instituições são mais pessoas interessadas em adquirir e trocar conhecimento.

Com relação à formação penso que esta deve, sim, ser continuada e ampliada aos diversos profissionais que atuam nos museus. Porém, há que se levar em conta também que a realidade brasileira não é única e sofre variações drásticas de estado para estado, cidade para cidade e assim por diante. Enquanto em alguns estados as Secretarias Estaduais e Superintendências investem na capacitação dos profissionais, outros sofrem com a centralização de formação, investimentos, recursos, convênios e etc em “instituições-modelo” (sejam estas museus, universidades, arquivos, galerias ou outros).

Os estágios poderiam, inclusive, se dar entre profissionais de instituições que vivenciam diferentes realidades, para uma troca de experiências válida, sobretudo, no plano prático.

h) Promoção e difusão do conhecimento da área educacional

• Autor

Posts

- 20/11/2012 às 11:42#262



Pnem

Membro

Estimular a promoção e a difusão do conhecimento produzido na área educacional dos museus de forma a valorizar os trabalhos realizados e permitir o intercâmbio de experiências;

26/11/2012 às 22:38#334



[katia.frecheiras](#)

Membro

A difusão do conhecimento técnico e científico elaborado na área educacional dos museus é de fundamental importância. Considerando que as práticas educativas são complexas, pois são determinadas por múltiplas relações e necessitam de aportes de outros campos de saberes, o papel representado pela Educação nos museus e espaços de memória ainda é área de conhecimento a ser investigado.

27/11/2012 às 21:05#395



[LUIZA MACEDO](#)

Membro

Além de ser uma área ainda pouco investigada, acredito que a grande questão é que as próprias universidades não apresentam aos estudantes o espaço museal como espaço educativo, assim como não o apresentam como espaço para possível atuação daquele profissional.

28/11/2012 às 14:32#398



[katia.frecheiras](#)

Membro

Concordo plenamente com você Luiza! Contudo, acredito que em parte isso acontece devido ao desconhecimento dos próprios docentes nas universidades, do potencial de questões para pesquisa existente nos museus e nos espaços de memória. Um dos pontos do Pnem (e gostaria de saber a sua opinião sobre isso) deve ser o de difusão nas universidades do papel que os museus podem representar para o implemento das pesquisa na área de educação, de comunicação, história, design, entre outros. Olhar os museus como centro de pesquisa é uma proposta urgente para ser tratada no Pnem.

Ainda a

30/11/2012 às 17:58#429



Ozias Soares

Membro

Kátia, Luiza e demais colegas, também acho fundamental essa discussão sobre a relação pesquisa e museus. Penso que as instituições/fenômenos que mais se destacam na pesquisa acadêmica são aqueles capazes de provocar questões, que exigem mudanças de paradigmas, que possuem capilaridade social, que mobilizam a opinião pública, entre outros aspectos. Tenho dúvidas em quais desses aspectos nos enquadrados... Acho que o caminho precisa ser construído: nós precisamos provocar mais, sermos mais presente, mais "proativos". Não acham?

01/12/2012 às 12:22#440



Fernanda Castro

Membro

Como estamos tratando de um programa e não de uma política para o campo, não consigo deixar de pensar em termos práticos.

O que temos que fazer para promover e difundir o conhecimento da área educacional?

Penso logo em algumas coisas bem básicas:

Uma revista de educação em museus do Ibram, aberta, que receba artigos e relatos de experiência dos museus do país e articule a divulgação de ações realizadas no resto do mundo.

A realização sistemática de encontros de educadores em museus.

A construção de um grupo de trabalho que incentivasse a criação de um congresso, ou conselho, alguma coisa que abrisse a discussão sobre a definição e regulamentasse a profissão, para que nas universidades a educação em museus faça parte do currículo acadêmico de diversos cursos.

03/12/2012 às 17:15#475



LUIZA MACEDO

Membro

Ozias, concordo plenamente com você quando diz que precisamos ser mais pró-ativos. Na instituição que eu trabalho, fizemos algumas pesquisas de público e percebemos que varios professores não trouxeram seus alunos ao museu por desconhecimento ou por achar que o museu nao estava preparado para receber o público específico, como educação infantil, ensino superior, etc. Começamos então a ministrar cursos aos professores, convidando aqueles que percebiamos não procurar o museu. A partir daí, a procura, principalmente de professores do curso de pedagogia para trazer seus alunos tem sido cada vez maior. Ai me pergunto: Será que nós, profissionais de museus, não estamos acomodados em nosso lugar, sem procurar acessar aqueles que potencialmente seriam nosso público e com os quais queremos trabalhar e dar visibilidade à instituição?

03/12/2012 às 17:17#476



Ozias Soares

Membro

Fernanda, já existem até algumas iniciativas. A Revista Musas (Revista Brasileira de Museus e Museologia), a Revista do Patrimônio são algumas existentes. Alguns Museus também já tem revistas. Acho que não seria demais que cada, com o crescimento do campo e as demandas que estão sendo postas, que cada Secretaria de Cultura (estados e municípios), e até cada Museu do Ibram ter uma publicação. Talvez as Redes de Educadores pudessem manter uma publicação eletrônica...

14/12/2012 às 16:35#573



Ozias Soares

Membro

Acho que as duas idéias são fundamentais para o fortalecimento do campo: 1) a criação de uma revista de educação do Ibram, conforme relatado pela Fernanda e 2) consolidar o que a Luiza coloca em termos de atuarmos mais entre aqueles públicos potenciais que pouco (ou nunca) nos visitam. Bem, o fato é que somos poucos em nossas unidades. E aí, o que fazer? Talvez o Ibram pudesse promover uma ação mais ampla neste sentido?

26/12/2012 às 14:53#619



katia.frecheiras

Membro

Ozias, Fernanda e Luiza, inúmeros foram os encontros com professores que realizei e participei nos museus que atuei. A cada encontro aprendemos com as experiências e com a realidade de cada professor e de cada escola e sentimos a necessidade de uma ação mais ampla e eficaz, para que nossas ações não sejam tão pontuais. Uma revista de Educação Museal como veículo de divulgação científica é uma excelente idéia! Mas será preciso pensar qual seria a estratégica, a logística de distribuição da revista. Também uma ação conjunta com o Ministério da Educação e as Universidades atenderia um conjunto maior de interessados na questão da promoção e difusão da educação nos Museus. Como seria essa ação conjunta é um dos vetores a se pensar...

16/02/2013 às 21:44#908



claudiaporto

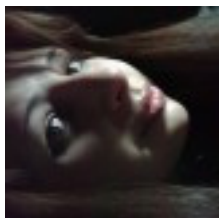
Membro

Muito boa essa discussão. Os museus precisam mesmo ser reconhecidos como locais de produção de conhecimento. Não só pelas universidades e instâncias governamentais, mas também pela sociedade como um todo que, em sua maioria, ainda não se apropriou dessa ideia (concordo com Ozias, muitas vezes nem o museu chega lá – seria preciso provocar mais).

Queria trazer para a conversa que esse assunto passa também pela Comunicação. É preciso mostrar a escolas, governos, empresários, estudantes, trabalhadores, adultos e crianças, que os museus são (ou podem ser) importantes geradores de conhecimento. Para que chegue a todos os setores da sociedade, essa mensagem precisa ser transmitida persistentemente e por vários canais, como a web (são 80 milhões de internautas no Brasil e a maioria dos museus ainda interage timidamente com esse veículo), artigos em revistas não especializadas (o que passa pela sensibilização de jornalistas para que produzam pautas relevantes em revistas voltadas para outros públicos que não o profissional de museu – marketing, educação, medicina, ciências; mulheres, pais etc.) e por aí vai.

O paradigma do "museu = lugar de coisas velhas", ou "museu = lugar onde se fala baixo e não se mexe em nada" ainda está bastante arraigado. Para ajudar a dissolvê-lo, talvez o PNEM pudesse incluir ações que atingissem um público ainda mais heterogêneo do que aquele mais diretamente ligado às atividades museais. É uma sugestão.

19/02/2013 às 12:57#930

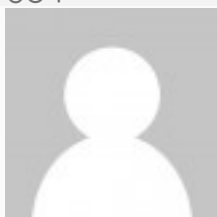


Juliana Abreu Pereira

Membro

Olá a todos, Ozias Fernanda e Luiza, pensar o prático é sempre algo que me pergunto quando me pego em um fórum, sei das revistas já existentes, o debate acadêmico é válido e nele sempre tendemos para as possíveis experiências, mas no Museu em que atuo o público é diverso, como deve ser no de vcs e com os menores as técnicas de pesquisa é diferenciada, isso também deve ser levado em conta alguém tem alguma experiência com essa realidade pra compartilhar?

20/02/2013 às 19:41#954



Carlos Francisco Da Silva

Membro

Estou participando pela primeira vez dessa construção de saberes e tenho certeza que o museu Etnográfico e a Casa da Memória de Vila Velha Espírito Santo, estou certo de que a comunidade Capixaba vai ganhar e dividir conhecimentos a respeito dos assuntos abordados.

24/02/2013 às 18:48#993



katia.frecheiras

Membro

Prezados, quando se trata de promover e difundir conhecimentos técnicos das ações educativas museais, ainda estamos muito longe de atingirmos o ideal. Mas, o PNEM é um grande passo para chegarmos lá! Sensibilizar, conforme Claudia Porto mencionou é a primeira grande tarefa que devemos seguir para essa construção.

Juliana e Carlos, não existir um modelo ideal de pesquisa e de metodologia a ser seguido (cada museu tem suas peculiaridades) é contarmos com a possibilidade de criar algo novo e, criar, recriar e reinterpretar é o que deve ser incentivado pelos técnicos da área pedagógica, como "a" tarefa educativa de um museu.

14/03/2013 às 17:28#1075



jundiai

Vamos desenvolver/desenrolar a Pedagogia Museal.

Fórum 4: Gestão - 6 tópicos / 61 respostas

Coordenadora do GT: Daniele de Sá Alves

a) Contribuições do Rio Grande do Sul

• Autor

Posts

- 08/04/2013 às 13:20#1261



Tiago de Campos

Membro

COLABORADORES: Lizete Dias de Oliveira e Joel Santana da Gama

TÓPICO 1

Institucional

PROPOSTAS

- Ampliação do horário de visitação
- Determinar a participação do Setor Museal desde a concepção das exposições
- Participação na gestão dos Museus (grupo gestor)
- Criar, estimular e promover os setores educacionais e suas atividades
- Criar uma política pedagógica da instituição
- Efetuar o registro das atividades educacionais, bem como sua publicação
- Incentivar a Participação do museu em redes

TÓPICO 2

Fomento

PROPOSTAS

- Garantir e prover recursos para a execução de atividades e aquisição de materiais para o setor educativo
- Buscar alternativas de convênios ou captação de recursos para a modernização do setor

TÓPICO 3

Capacitação

PROPOSTAS

- Incentivar pesquisas de público e acervo, como norte orientadores para desenvolvimento de ações educacionais
- Garantir condições para formador externo como taxistas, agentes de turismo e outros
- Garantir período de planejamento de atividades, promovendo debates, cursos e diálogos
- Desenvolver no plano museológico uma perspectiva de um programa de educação continuada

b) Inventário das ações educativas

• Autor

Posts

- 20/11/2012 às 11:35#256



Pnem

Membro

Inventariar as ações educativas e sistematizar sua documentação e memória;

02/12/2012 às 16:17#450



daniele.alves

Membro

Acredito que inventariar e sistematizar o que está sendo desenvolvido é de grande importância para assegurar a continuidade futura de um trabalho já iniciado anteriormente. Além disso, o registro poderia/deveria vir com uma avaliação crítica do que foi feito, depoimento dos atores e público sobre a ação. Uma oportunidade para que o que for identificado como fraqueza e/ou falha possa se tornar um potencial de melhoria.

03/12/2012 às 13:03#460



Fernanda Castro

Membro

Pode-se criar um banco de dados nos moldes do sistema brasileiro de museus somente para as ações educativas, com formulários que sistematizem e ordenem o registro das ações e que esteja disponível para educadores e demais membros cadastrados na base, servindo de exemplo para o desenvolvimento de ações e fonte de pesquisas.

06/12/2012 às 13:25#510



daniele.alves

Membro

No caso da educação formal, temos um exemplo parecido no site <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/>

A proposta realmente é muito boa. Em um momento mais avançado, o compartilhamento dessas ações pode favorecer a criação de redes de ações similares como rede de Cineclubes em museus....

o Esta resposta foi modificada 10 anos, 2 meses atrás por  Pnem.

06/12/2012 às 14:16#511



Cinthia Rocha

Membro

Registrar sistematicamente as ações desenvolvidas dentro de um programa educativo permite que as instituições tenham em mão um documento muito rico, que pode ser utilizado tanto como instrumento de avaliação, quanto como material de divulgação. Museus que publicam os resultados de seus projetos inspiram outras instituições e o contribuem para a multiplicação de ações bem sucedidas.

11/12/2012 às 14:42#550



Marilia Xavier Cury

Membro

Tudo isso é importantíssimo... mas e os projetos? Estamos desenvolvendo projetos antes de executá-los? Projetar é pensar a ação futura, mas é criar documentos a serem guardados como registros do pensamento do setor de educação.

27/12/2012 às 23:49#628



Lucas Cuba Martins

Membro

Prezados,

Creio que a documentação e o arquivamento das atividades desenvolvidas são de fundamental importância para futuras avaliações, não só da instituição promotora como também de pesquisadores da área e de outras instituições com propostas semelhantes as já desenvolvidas.

Um sistema padrão para a organização e recuperação destes dados é o ideal, contribuindo desta forma ao fomento das atividades educativas e preservação destas memórias.

No Museu Histórico Nacional, estamos realizando a organização/inventário das atividades educativas, publicações e demais informações produzidas entre a década de 80 e o início de 2000.

Nosso objetivo é rememorar um pouco da história da Divisão Educativa do MHN, promovendo assim auxílio às propostas futuras.

Att;

Lucas Cuba Martins

17/01/2013 às 2:49#736



Valéria Abdalla

Membro

A ideia de um banco de dados para ações educativas é bastante interessante!

Ressalvo que no Encontro com Educadores do IBRAM (RJ), realizado no Museu da República, em 2011, participei de um grupo de trabalho que sugeriu para a COMUSE a publicação de uma revista que tratasse das ações educativas dos museus. Vocês lembram? Acho que essa proposta poderia voltar a ser considerada neste momento!

22/01/2013 às 2:17#753



Eunice Batista Laroque

Membro

Boa noite,

Concordo plenamente com a Valéria Abdala. Muito oportuno haver uma sistematização de publicações em revista. Um abraço

04/02/2013 às 14:53#824



Manoella Evora

Membro

Valeria, achei muito interessante você ter se lembrado da ideia da criação de uma revista que tratasse das ações educativas dos museus, que surgiu no Encontro com Educadores do Ibram (RJ), no Museu da República, em 2011. Lembro ainda que haviam sido formados dois grupos, e, se não me engano, ambos deram essa mesma sugestão. Acredito, assim, que essa deva ser uma aspiração de todos os Educadores de museus. A revista seria não apenas uma medida para inventariar e sistematizar as ações educativas, mas também ajudaria na troca de idéias e informações entre as diversas unidades museológicas.

07/02/2013 às 18:48#853



Ozias Soares

Membro

Gente, concordando com vocês, acho também importantíssimo (mais do que na hora!) de termos uma revista com esse formato. Mas fico pensando, como a Marília Cury, se antes da revista estamos fazendo esse "inventário", sistematizando os projetos e as ações dentro de nossos museus? Se estamos operando essa sistematização, quais os pressupostos e experiências que existem que podem ser compartilhadas aqui para que possamos pensar em propostas para o Pnem? Aqui no Museu da Chácara do Céu, estamos criando uma espécie de "dossiê educativo", resgatando o percurso do "educativo" (ainda não temos um "setor" propriamente, mas temos as ações ocorrendo), os referências embaixadores, as metodologias, e todas as ações em curso.

15/02/2013 às 3:10#874

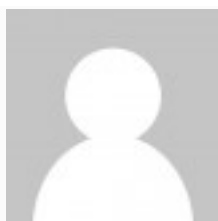


lucia santana

Membro

Muito pertinente a idéia do inventário de ações educativas, pois além de ser um documento de memória, serve para sinalizar as tendências utilizadas no campo da ação educativa, além de identificar os públicos que os museus vêm trabalhando ao longo de sua história. Poderia se identificar inclusive os campos de inclusão social, acessibilidade física e social, sustentabilidade ambiental e inovação com maior propriedade no âmbito da preservação patrimonial.

15/02/2013 às 18:50#897



JOCENAIDE MARIA ROSSETTO SILVA

Membro

Podemos ampliar? Sugiro:

Preservar, arquivar, sistematizar, inventariar a documentação e a memória das ações educativas para disponibilizar a pesquisadores e comunicar a história do programa educativo-cultural do museu.

o Esta resposta foi modificada 10 anos, 4 meses atrás por  JOCENAIDE MARIA ROSSETTO SILVA.

o Esta resposta foi modificada 10 anos, 4 meses atrás por  JOCENAIDE MARIA ROSSETTO SILVA.

18/02/2013 às 19:09#922



Manoella Evora

Membro

Ozias, achei muito importante sua colocação sobre a questão dos "inventários" sistematizando os projetos e as ações dentro dos museus. Acredito que este seja o primeiro passo que deva ser tomado a fim de sistematizar as ações educativas dos museus como um todo.

Devemos pensar primeiro como este tipo de trabalho está sendo desenvolvido em cada museu. Talvez fosse interessante termos um modelo, um padrão disponível para todos os museus, com o intuito de que cada um pudesse resgatar, registrar e sistematizar suas atividades internamente, dentro de seu próprio museu. Acho que isso iria facilitar nosso trabalho e ajudaria, inclusive, numa posterior publicação de uma revista.

18/02/2013 às 19:35#925



Ozias Soares

Membro

Manoella, estou aqui pensando se não seria interessante a fim de dar efetividade às propostas que vão surgindo aqui neste fórum se houvesse a criação de um canal (seja um blog, ou o Ibram, ou a REM Nacional) que se responsabilizasse inicialmente pela divulgação de diferentes modelos de inventários das ações educativas e assim a gente podia sugerir esse padrão de que falas, depois de avaliar as diferentes iniciativas... O que acha?

Posts

• 04/03/2013 às 13:06#1027



Mariana Castro Teixeira

Membro

Olás!

Trabalho num Museu pequeno cujo setor educativo está se estruturando e sistematizando suas ações agora, através da construção de um Plano de Ações Educativas (embora há muito já atenda escolas e outros grupos). Estou aqui faz pouco tempo e desenvolver este Plano de Ação me fez entrar de cabeça nas discussões acerca da educação museal, inclusive e principalmente através do Blog do PNEM.

Nosso "setor" aqui tem eu e mais um colega apenas, e passamos por vários dos desafios citados neste e noutros tópicos.

Somos do interior de São Paulo e gostaria de aproveitar a fala de Ozias para perguntar como podemos nos interar no REM, e qual é a perspectiva para que haja um segundo encontro de educadores museais? Faço essas perguntas pois estamos aqui neste processo de amadurecimento das práticas educativas em museu e creio que precisamos procurar mais interações.

Atenciosamente, Mariana

08/03/2013 às 14:54#1067



Manoella Evora

Membro

Sim, Ozias, concordo. E acho que isso também facilitaria nosso trabalho dentro dos nossos museus.

26/03/2013 às 13:36#1121



Lucas Cuba Martins

Membro

Prezados,

Como estamos chegando ao final desta plataforma de debate, sugiro a consolidação dos pontos apresentados pelos colegas participantes, para que o coordenador deste GT possa submetê-los as instancias superiores.

Minha sugestão é criar uma política de registro das atividades, válida para todas as instituições, buscando:

*Documentar, inventariar e arquivar as atividades educativas.
Garantindo acesso a essas informações, auxiliando no
desenvolvimento de outras instituições/projetos e também da própria
instituição.*

Vejo que em um primeiro momento essa política poderia ser discutida através de um blog, grupo de email ou algo assim até que uma publicação ou plataforma mais específica seja criada.

Att;

Lucas Cuba

02/04/2013 às 23:17#1178



REM RJ

Membro

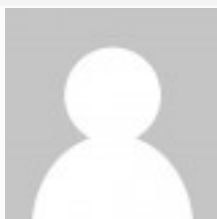
Sobre a seguinte proposta, propomos um debate: Criação de um banco de dados nos moldes do SBM (sistema brasileiro de museus) exclusivo para as ações educativas, com formulários que sistematizem e ordenem o registro das ações e que esteja disponível para educadores e demais membros cadastrados na base, servindo de exemplo para o desenvolvimento de ações e fonte de pesquisas. (existe um banco relativo à educação escolar no endereço <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/>);

Inventariar todos os processos educativos (projetos, programas e atividades, realizados ou não) com o fim de contribuir para a construção da historiografia da educação museal brasileira;

Propostas elaboradas em reuniões presenciais que contaram com a participação das seguintes instituições:

Centro Cultural Banco do Brasil – Centro Cultural da Justiça Federal – Centro Cultural de Folclore e Cultura Popular – Instituto Moreira Sales – Memorial Getúlio Vargas – Fundação Casa de Rui Barbosa – Museu Casa da Hera – Museu Casa do Pontal – Museu da Chácara do Céu – Museu da Marinha – Museu da República – Museu da Vida – Museu de Arqueologia de Itaipu – Museu do Ingá – Museu do Meio Ambiente – Museu Histórico Nacional – Museu Nacional – Oi Futuro/Museu das Telecomunicações – Núcleo Experimental do MAM – Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

03/04/2013 às 19:13#1200



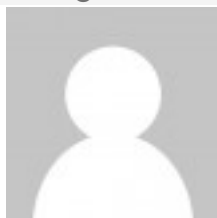
Ozias Soares

Membro

Mariana,

A Rede de Educadores de Museus no Rio de Janeiro é um movimento autônomo que busca, sobretudo, fortalecer o campo da educação em museus, congregando diferentes profissionais e formações. Temos um blog (<http://remrj.blogspot.com>) que você pode fazer um cadastro e assim receber as atualizações. Já realizamos dois Encontros Nacionais e o IBRAM organizou um encontro institucional de educadores de museus em Petrópolis em 2010. Acho que podemos dialogar mais (ozias.soares@museus.gov.br) no sentido de continuar trocando ideias sobre a Rede, inclusive com a ajuda de outros profissionais aqui do Rio de Janeiro. Fico à disposição com todo prazer. Entendo que o fortalecimento das Redes seja um caminho com grande capilaridade, de base, multiprofissional e interdisciplinar que soma-se à elaboração do PNEM (e/ou mais adiante a construção de uma Política Nacional de Educação em Museus).

04/04/2013 às 21:10#1213

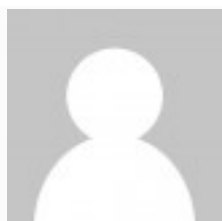


Maricelma Almeida Chaves

Membro

Achei muito interessante sua sugestão Manoella, principalmente nos moldes em que reafirma o Ozias Soares, disponibilizar modelos de inventários das ações educativas nos facilitaria muito, não para que fizessemos todos iguais, mas, para que tivéssemos um norteador no desenvolvimento e registro das nossas ações.

05/04/2013 às 14:40#1218



Vera Regina Zavaglia Malta Campos

Membro

Quanto as atividades de fomentar, programar e inventariar os Programas Educativos, acreditamos que é necessário que haja um estímulo em âmbito governamental para a capacitação e qualificação dos profissionais de museus, através de cursos, manuais, treinamentos, e etc.

c) Programa Educativo-cultural no Plano Museológico

• Autor

Posts

- 20/11/2012 às 11:31#254



Pnem

Membro

Fomentar, programar e garantir o desenvolvimento dos Programas Educativo-culturais nos Planos Museológicos para orientar o planejamento, a execução e a avaliação das ações educacionais oferecidas pelo museu;

11/12/2012 às 14:41#549



Marilia Xavier Cury

Membro

Puxa, achei que este tópico estaria lotado de contribuições... O que será que acontece? Eu estou super interessada em Programas de Educação, como estão sendo pensados e organizados, quais as linhas, como os temas estão sendo levantados, quais estratégias para quais públicos, a temporalidade das ações etc.

14/12/2012 às 20:15#583



Valdemar Assis

Membro

Sinceramente, minha nobre e queridíssima Marília,

creio que essa falta de interesse esse é reflexo da dificuldade de muitos de nós, de compreendermos o papel da educação nos museus e sua configuração a nível de plano museológico.
É, mesmo, lamentável!

15/12/2012 às 1:45#585



Neilia Marcelina Barbosa

Membro

Não acredito que tenhamos dificuldades em compreender o papel da educação nos museus. Por outro lado, acredito na dificuldade de construção desse Programa Educativo-cultural, e não apenas dele, mas de todo o Plano Museológico, por profissionais que estão acostumados a lidar com a prática, o cotidiano, sem sistematizar as ações em um Planejamento. A aproximação da obrigatoriedade pela obtenção desse documento tem levado os museus a uma corrida para contratação de Consultorias Externas para sua confecção.

Construímos o nosso Programa Educativo-cultural com a orientação de uma consultora. Ele é composto por: 1. introdução que apresenta o contexto de produção do documento (que precisa estar aberto a transformações de acordo com sua mudança); 2. referencial teórico (apresentação das concepções teórico-metodológicas que norteiam as ações); 3. projetos: Museu e Escola, Museu e Comunidade – ações extramuros, Atendimento do público espontâneos, Materiais de Mediação; 4. acervo de oficinas (importante para inventariar ações que se perdem se não documentadas); 5. programa de avaliação.

Sabemos que tem ele problemas, porque no momento não tínhamos na equipe profissionais especializados, por exemplo, para falar sobre acessibilidade. Mas, a certeza de que ele é um documento aberto, possibilita sua complementação posteriormente.

15/12/2012 às 17:03#586



Fernanda Castro

Membro

Acredito ser muito importante que sejam feitos o planejamento, a avaliação e discussão das bases teórico-práticas da educação em museus de forma sistemática.

Só não entendi porque dar o nome de Programa Educativo-cultural a esta sistematização.

Historicamente, em educação, chama-se o documento base da sistematizações das ações educativas, seja de escolas, ongs, ou de quaisquer instituições que eu tenha conhecimento, de Projeto-político-pedagógico.

Acho que essa classificação é importante, pois demonstra que além de orientar as bases para planejamento, execução e avaliação das ações educativas, este documentos deve declarar abertamente qual a função social, qual a responsabilidade que essas ações têm diante da comunidade em que o museu insere-se.

O PPP dá orienta o sentido destas ações. Não somente as sistematiza, mas as sistematiza em prol de alguma coisa, de acordo com diretrizes não só teóricas, mas também políticas, pedagógicas. Mas essa é uma discussão polêmica até nas instituições formais de educação, não vejo porque seria diferente entre nós.

Mas vale a pena iniciar o debate.

15/12/2012 às 17:05#587



Fernanda Castro

Membro

Outra questão que acredito ser igualmente importante a partir deste debate, é garantir que o documento, tenha o nome que for, seja construído de forma coletiva, ampla na instituição. É claro que educadores são especialistas e devem ter voz ativa e diretiva nesta discussão, mas é muito mais saudável que este projeto seja construído com o conjunto dos profissionais das instituições e que haja ferramentas ou métodos de debate com a comunidade, os usuários, de forma participativa.

17/12/2012 às 13:09#589



Ozias Soares

Membro

Penso que, conforme a Neilia coloca, haja nas equipes algumas limitações no tocante ao conhecimento aprofundado dos aspectos que envolvem a construção de uma **Proposta Educativa** ou um **Projeto Político-Pedagógico** (como prefiro chamar no lugar de "programa"). Mas faço coro com a Fernanda quando coloca que a construção coletiva, participativa deve estar acima de qualquer consultoria. Elas podem contribuir mas não deve prescindir da participação das equipes.

17/12/2012 às 13:41#590



Ozias Soares

Membro

Em relação à Proposta Educativa (ou nosso Projeto Político Pedagógico), estamos numa fase nova aqui no Museu, construindo o que inicialmente estamos chamando de "dossiê educativo" (ou um "inventário") – um documento que reúne o percurso educativo do Museu nos últimos dez anos, os fundamentos teóricos das ações, as metodologias utilizadas, projetos, avaliações, estatísticas etc. Antes disso, construímos um documento sistematizador que tinha a seguinte estrutura: apresentação, objetivos, avaliação das ações e propostas anteriores, pressupostos teóricos/princípios norteadores das ações, possibilidades metodológicas de visitação mediada, metas educativas, considerações finais, referências bibliográficas e anexos. Mas acho que um documento dessa natureza pode ter diversas formas...

17/01/2013 às 2:29#735



Valéria Abdalla

Membro

O termo "Programa Educativo" está sendo utilizado aqui por ser um dos itens do Plano Museológico. Não é uma substituição do PPP. O plano define a missão do museu. Nele, podemos encontrar um diagnóstico da instituição (de cada área) e o detalhamento dos diversos programas (institucional, de segurança, de pessoal, pesquisa, educação etc.). Os projetos dos museus deveriam surgir a partir dos itens indicados nos programas do plano. Porém, como já foi dito anteriormente neste tópico por Neília e Valdemar, as instituições têm problemas em elaborar o documento como um todo! E geralmente os projetos não estão conectados à missão do museu e aos programas! Esse é um grande problema.

Acredito que a indicação da elaboração de um Projeto-Político-Pedagógico ou Projeto Educacional ou Proposta Educativa do museu (seja lá qual for o nome) pode estar no programa educativo do plano museológico.

A construção coletiva é essencial, conforme a Fernanda e o Ozias já comentaram!!! Este documento não deve ser elaborado por uma ou duas pessoas da instituição. Todos os setores precisam se envolver neste trabalho. Ozias, concordo quando diz que a consultoria não pode estar acima da equipe da instituição!

Acho que para este item (Plano Museológico) podemos recorrer ao Estatuto de Museus (art. 44 ao art. 47).

07/02/2013 às 18:54#854

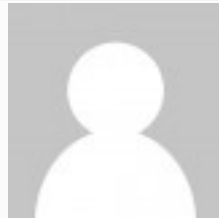


Ozias Soares

Membro

Valéria e Valdemar, acho que há uma questão de fundo aí: acho que "as instituições" (personificadas em figuras detentoras de poder dentro dos museus...) tem dificuldades de realizar um planejamento participativo que incorpore demandas das diferentes áreas. A gente podia, por exemplo, dividir aqui diferentes experiências de como o "plano museológico" é construído nos diferentes museus pelo Brasil... acho que sairia cada "coisa"! (interessante). E, Valéria, endosso a sua fala de incorporar, de alguma forma, a proposta político pedagógica no "plano".

09/02/2013 às 13:56#857



Milene Chiovatto

Membro

Tb concordo que deveríamos não focar numa proposta educativa, como disse no outro post, este é o documento que deveria garantir que a educação dentro do museu não fosse programática, mas constitutiva. Pensando desta maneira, na Pinacoteca, quando da construção do plano museológico, discutimos amplamente a inserção da educação na missão institucional e a partir daí iniciamos a redação da missão educativa. Acho que começar por compreendermos nossa missão dá instrumentos para conceituações mais amplas.

15/02/2013 às 13:25#884



Atila Tolentino

Membro

A questão é bem mais ampla mesmo e não se restringe à definição do PPP do museu (o que no Estatuto dos Museus, a meu ver, está representado pelo Programa Educativo e Cultural). Sabemos que o ideal é termos o plano museológico definido e que o programa educativo e cultural esteja refletido em todos os outros programas e que dialogue com a missão institucional do museu.

Mas como andam os planos museológicos? A gente sabe que, infelizmente, a realidade está muito longe do que o Estatuto pretende. Recentemente tivemos uma ótima experiência na elaboração do Plano Museológico do Museu de

Arqueologia de Pilões. Esse é um museu que está sendo implantado no interior da PB. Fizemos um GT com diferentes pessoas, inclusive com a participação de membros da comunidade, para a criação do plano museológico.

Já apresentei essa experiência em alguns locais e sempre pergunto para as pessoas se elas já viram um plano museológico e a grande maioria me responde que não. Comparo o Plano Museológico à história do caviar: nunca vi, nem comi, só ouço falar. Então vale a questão, para nós educadores em museus, considerando esse contexto, devemos esperar a elaboração dos planos museológicos para discutirmos o PPP ou programa educativo do museu? Penso que não. Acho que devemos avançar, pois o PPP do museu pode até mesmo dar o subsídio necessário para a discussão do seu plano museológico.

15/02/2013 às 18:41#895



JOCENAIDE MARIA ROSSETTO SILVA

Membro

Olá colegas

O programa educativo cultural **"no"** plano museológico dentre outros programas que o compõem é importante; vejamos o que se mostra de um museu: a exposição. E está comunicando o suficiente? quais as ferramentas criativas a serem utilizadas na educação a que os museus se propõem? as demandas do público poderão orientar o planejamento, a execução e avaliação do Programa, certamente. Mas, e se forem necessárias capacitações específicas? se o programa educativo cultural, incluir pesquisas e especialistas em áreas distintas? então me parece... os demais programas do Plano Museológico precisam estar afinados com essas e outras necessidades. Quero dizer que os programas que compõem o plano museológico, precisam dialogar entre si. Parece tão óbvio, mas também que devemos lembrar e dizer, uma vez mais: as especialidades precisam se "des-especializar" e se aproximarem... modelos podem ser seguidos, contudo precisamos pensar a partir de onde nossos pés pisam e avaliar as ações educativas num fluxo contínuo... isso quer dizer, também admitir falhas e mudanças....

02/04/2013 às 23:20#1180



REM RJ

Membro

Estabelecer como prioridade dos programas educativos culturais apresentados nos Planos Museológicos ações de elaboração, desenvolvimento e avaliação do Projeto Político Pedagógico institucional que apresentem suas diretrizes e

princípios pedagógicos, por meio de processos participativos; (referência: Carta de Petrópolis-2010 e carta de princípios-2009)

Fazer levantamento de dados sobre os ppps existentes, divulgando-os;

Propostas elaboradas em reuniões presenciais que contaram com a participação das seguintes instituições:

Centro Cultural Banco do Brasil – Centro Cultural da Justiça Federal – Centro Cultural de Folclore e Cultura Popular – Instituto Moreira Sales – Memorial Getúlio Vargas – Fundação Casa de Rui Barbosa – Museu Casa da Hera – Museu Casa do Pontal – Museu da Chácara do Céu – Museu da Marinha – Museu da República – Museu da Vida – Museu de Arqueologia de Itaipu – Museu do Ingá – Museu do Meio Ambiente – Museu Histórico Nacional – Museu Nacional – Oi Futuro/Museu das Telecomunicações – Núcleo Experimental do MAM – Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

05/04/2013 às 14:38#1217



Vera Regina Zavaglia Malta Campos

Membro

Nós da Fazenda Santa Maria do Monjolinho, acreditamos que é realmente importante a utilização do acervo institucional como referencial para o desenvolvimento do Programa de Ações Educativas do museu, pois isso garante uma maior valorização do seu acervo frente à sociedade e/ou os visitantes. Por esta razão, nosso acervo serve como base no desenvolvimento de nossas atividades educativas e culturais desde que começamos a abrir nosso museu para visitação.

d) Missão Educacional

• Autor

Posts

- 20/11/2012 às 11:32#255



Pnem

Membro

Definir a missão da área educacional a partir da missão institucional do museu, considerando o acervo institucional e operacional como referenciais importantes para o desenvolvimento das ações educacionais do museu e os anseios dos atores sociais com os quais os projetos estejam sendo desenvolvidos;

02/12/2012 às 17:19#453



[danielle.alves](#)

Membro

Importante ressaltar que a definição de cada Programa no Plano Museológico deve ser construída coletivamente com a equipe de profissionais do museu.

03/12/2012 às 13:34#462



[Fernanda Castro](#)

Membro

Parte também importante é a participação comunitária. A criação de fóruns de consulta e debate sobre o papel do museu na comunidade, sua relação com escolas e demais instituições culturais pode garantir uma gestão mais democrática, que atenda as demandas da população e crie laços entre o museu e aqueles a quem seus serviços são direcionados.

03/12/2012 às 16:49#470



[Ozias Soares](#)

Membro

Nossa!!! Mas dá muito trabalho essa coisa de pensar, de construir tudo junto né?! Acho que vamos chegar lá... por enquanto, precisamos arranjar um jeito de fazer com que pelo menos as nossas equipes internas se conversem... Mas, confesso que falam-se tanto em "Missão" ultimamente que vamos acabar virando todos "missionários"!! Bem, mas nada de ficar com medo dos conceitos (entrem nos meus posts de "perspectivas conceituais"). Concordo com Fernanda que precisamos ampliar mais essa participação na "razão de ser", na "função social integral" dos Museus. Mas como fazer para que os "atores sociais" participem dessa construção da "missão"?

06/12/2012 às 13:15#509



[danielle.alves](#)

Membro

Certamente Fernanda, o instrumento do Plano Museológico abrange um potencial extremamente democrático, é fundamental pensar na relação do

museu com sua comunidade e estimular que os laços sejam cada vez mais estreitos. Sabemos, como bem disse o Ozias, que mobilizar esses atores externos é um grande desafio.

11/12/2012 às 14:45#551



Marilia Xavier Cury

Membro

Olá, como o Ozias, creio que esta discussão cruza com o tópico sobre Conceituação. A missão é do museu. A missão deve ter apelo educacional, pois o museu tem essa função, além da científica e social. O setor/área de educação do museu deve ser extensão dessa missão naquilo que lhe é específico.

09/02/2013 às 13:51#856



milene chiovatto

Membro

Concordo com Marília e este é um ponto fundamental da conceituação proposta pelo Plano: não acredito que aqui devamos "

Fomentar ações educativas, a partir do conceito de patrimônio integral, voltadas para a promoção da cidadania e ação social;

e na gestão:

Fomentar, programar e garantir o desenvolvimento dos Programas Educativo-culturais nos Planos Museológicos para orientar o planejamento, a execução e a avaliação das ações educacionais oferecidas pelo museu;"

Acho que temos que garantir que a função educativa do museu esteja inclusa na missão institucional, afim de não construirmos um documento que apenas fomenta ações e programas, mas sim um que professe que a educação é parte constitutiva do museu.

04/04/2013 às 21:45#1214



Maricelma Almeida Chaves

Membro

Faço parte de uma equipe que atua em um pequeno museu no interior de Rondônia, aqui nossos desafios são inúmeros, contudo, o desafio maior, sem dúvida é envolver e criar laços de comprometimento entre museu e comunidade. Sabemos contudo, que essa é uma relação pela qual todo e qualquer investimento vale a pena.

e) Financiamento de ações educativas

• Autor

Posts

- 03/12/2012 às 13:31#461



Fernanda Castro

Membro

Afora a discussão acerca das instituições privadas e da ampliação da rede de instituições culturais, um debate muito importante deve ser feito sobre o financiamento de ações educativas nos museus públicos.

Uma vez que se considere que toda instituição museal deve ter educadores/ setores educativos (tópico a ser discutido no GT de profissionais, no de gestão, entre outros deste fórum), estes setores devem também ter direito a partilha das verbas destinadas a cada instituição.

Em que pese que devemos defender que cada instituição deva ter autonomia para gerenciar as verbas que receber, acredito que se deva orientar que parte destas verbas sejam destinadas às ações educativas, para que estas não estejam à mercê dos financiamentos obtidos no mercado, nem ameaçadas de não acontecerem, uma vez que não se consigam patrocínios/ parcerias.

11/12/2012 às 14:53#553



Marilia Xavier Cury

Membro

Lidar com recursos é difícil, mas necessário. Sempre há uma dimensão administrativa e financeira naquilo que fazemos. Ou seja, precisamos pensar na relação custo e benefício e eficiência e eficácia, pois lidamos com recursos público. A parte, educação não tem preço, é sempre um investimento. No entanto, o uso de recursos é coisa séria.

Outro aspecto, onde estariam os recursos extra-instituição? Como devemos nos preparar para obter recursos para os nossos projetos? Estamos falando apenas de recursos financeiros ou de outras naturezas também?

13/02/2013 às 20:17#860



danielle.alves

Membro

Olá Fernanda e Marília, concordo com questão levantada por vocês, direcionar verbas para investimento nos setores educativos dos museus ainda se apresenta como um grande desafio dos educadores e, sem dúvida, também para os gestores. A princípio, creio que para a maioria dos museus, seja um desafio o próprio levantamento de verbas para todas as áreas e fins, o que não justifica que na partilha, os setores educativos tenham que continuar se valendo da criatividade sem fim dos educadores que executam muitas de suas atividades sem nenhuma verba.

o Esta resposta foi modificada 10 anos, 4 meses atrás por  danielle.alves.

21/02/2013 às 19:01#968



Ana Maria

Membro

Concordo com Fernanda Castro. Os setores educativos deveriam ter uma verba destinada a eles, pois assim estaria garantido o mínimo necessário para o seu bom funcionamento. Essa verba poderia ser pequena, somente para se adquirir materiais básicos para a realização das ações educativas e para projeto maiores haveria as parcerias e patrocínios.

02/04/2013 às 23:21#1181



REM RJ

Membro

Alterar o nome do tópico: dotações orçamentárias e financiamento;
Dotar os setores educativos de orçamento próprio, previsto nos planos anuais, planejamentos, planos de ação;
Garantir que nas verbas de agências e coordenações de pesquisa haja fomento para editais para desenvolvimentos de ações educativas e pesquisas na área;

Alterar o nome do tópico: dotações orçamentárias e financiamento;
Dotar os setores educativos de orçamento próprio, previsto nos planos anuais, planejamentos, planos de ação;
Garantir que nas verbas de agências e coordenações de pesquisa haja fomento para editais para desenvolvimentos de ações educativas e pesquisas na área;

Propostas elaboradas em reuniões presenciais que contaram com a participação das seguintes instituições:

Centro Cultural Banco do Brasil – Centro Cultural da Justiça Federal – Centro Cultural de Folclore e Cultura Popular – Instituto Moreira Sales – Memorial Getúlio Vargas – Fundação Casa de Rui Barbosa – Museu Casa da Hera – Museu Casa do Pontal – Museu da Chácara do Céu – Museu da Marinha – Museu da República – Museu da Vida – Museu de Arqueologia de Itaipu – Museu do Ingá – Museu do Meio Ambiente – Museu Histórico Nacional – Museu Nacional – Oi Futuro/Museu das Telecomunicações – Núcleo Experimental do MAM – Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

f) Qual o lugar da educação Museal?

• Autor

Posts

- 03/12/2012 às 11:15#449



danielle.alves

Membro

De que forma assegurar que dentro dos planos estratégicos dos gestores em suas instituições, a educação museal tenha seu devido lugar? De que lugar estamos falando? Qual a sua opinião?

04/12/2012 às 20:08#494



Diego Luiz Vivian

Membro

Ao pensar em Plano Estratégico de gestores de museus, me ocorreu que um lugar óbvio da educação museal talvez seja exatamente o campo da comunicação e da promoção do patrimônio cultural, além da própria imagem e memória institucionais.

Educação que também deverá estar, sempre que possível, entrelaçada com as ações de pesquisa e preservação promovidas pelo museu, numa perspectiva multidisciplinar de trabalho.

04/12/2012 às 20:14#495



Fernanda Castro

Membro

Da mesma forma que há obrigatoriedade de existência de um Plano Museológico em cada instituição, este deveria ter, obrigatoriamente, vinculado a ele, um projeto político pedagógico, com diretrizes teóricas e práticas, onde seria localizado na instituição o trabalho educativo.

05/12/2012 às 21:30#502



Diego Luiz Vivian

Membro

Perfeito, Fernanda Castro. Creio ser imprescindível mesmo um PPP dentro do planejamento mais amplo dos museus.

Até mesmo pra que se consiga realizar avaliações do que foi realizado e do que está sendo feito pelos "setores de ações educativas".

Considero importante também este PPP ser construído em conjunto com estudantes, professores, Secretarias de Educação, e demais parceiros em potencial.

Até mesmo pra não ficar naquela velha dicotomia teoria/prática...

06/12/2012 às 13:00#507



[danielle.alves](#)

Membro

Creio que a construção do próprio PPP seja um grande desafio dos educadores, juntamente com os gestores das instituições. Muitos educadores ainda assumem o cargo sem, de fato, terem a formação de educador. Então essa formação, ou seja, a base pedagógica ainda é um entrave na estruturação do trabalho como um todo...

Assim começamos a integrar os Fóruns...

o Esta resposta foi modificada 10 anos, 6 meses atrás por  [danielle.alves](#).

11/12/2012 às 14:50#552



[Marília Xavier Cury](#)

Membro

Certamento que o PPP é essencial. Estruturalmente, um museu tem sua política cultural. A política de comunicação parte dela, assim como a PPP. Só tenho dúvida se seria uma PPP (projeto político pedagógico) ou simplesmente PP (política pedagógica ou de Educação), pois, acho, o projeto é de responsabilidade do(a) setor/área de Educação, instância executora da missão no aspecto educacional.

12/12/2012 às 21:37#565



[Diego Luiz Vivian](#)

Membro

Cara Marília Xavier Cury, sua questão me parece bastante pertinente, pois além de buscar definir melhor os termos (terminologia) deste diálogo no blog do PNEM, também veio no sentido de ajuda a elucidar o "lugar" da educação museal, situando-a como uma instância executora (área/setor) da missão através de projetos educacionais.

09/02/2013 às 14:02#858



milene chiovatto

Membro

Em relação ao lugar da educação, acredito que ela deva estar inserida no plano museológico integral. Apenas assim deixariamos de ser um aglomerado de ações dispersas, ou mesmo de programas que se desenvolvem na instituição. Creio que a prioridade é entendermos a educação como uma das funções do museu.

13/02/2013 às 20:27#862



daniele.alves

Membro

Prezada Milene, a estrutura do plano museológico já contém um campo que trata das ações educativas. Creio que o desafio das equipes nos museus seja conciliar o que está registrado no Plano ao que executa na prática. E isto vale não só para as ações educativas, mas também para todos os outros setores/itens do Plano.

Daí percebemos a importância deste instrumento e de sua constante avaliação, revisão e atualização.

15/02/2013 às 19:20#900



JOCENAIDE MARIA ROSSETTO SILVA

Membro

O museu está para ensinar algo. Se esta premissa for verdadeira, a informação e o acesso à informação por diferentes meios de comunicação é a base educativa do museu. Então, o lugar da educação museal são os espaços físicos do museu, de seu entorno, da cidade, ou o lugar virtual... Mas, acho que a pergunta de base é o que é a EDUCAÇÃO MUSEAL? a que se refere este conceito? a educação no museu, pelo museu ou para o museu (para visitar a exposição?), para aprender com a visita determinadas temáticas, comportamentos, ações? o que quer a interatividade proporcionada pelo museu do futebol quando

oportuniza às crianças jogarem uma bola com uma projeção de trave e goleiro? Talvez a resposta seja dinamizar o museu. Mas, que aprendizagem proporciona? O que ensina? quais sentidos humanos (olhar, ouvir, sentir, cheirar,tocar) o exercício educa? qual é o sentido cognitivo deste conhecimento adquirido... que existe tecnologia interativa.? mas, então nos voltemos a cenário de um museu sem tecnologia, o que este museu e exposição ensina? como ensina? a quem ensina? para que ensina? É colegas... os conceitos se sobrepõem... e precisamos discutir mais isso e aquilo! educação museal, educação patrimonial no museu..... hum!....de qual educação falamos?

o Esta resposta foi modificada 10 anos, 4 meses atrás por  JOCENAIDE MARIA ROSSETTO SILVA.

21/02/2013 às 19:28#970



Ana Maria

Membro

Para mim, a educação museal vai muito além do tema das exposições, pois foi realçada ultimamente a função social que o museu possui. Portanto, ela engloba a educação integral do cidadão, procurando dar oportunidade para que ele possa adquirir habilidades que lhe permita a participação na sua comunidade. Discutindo problemas , sugerindo soluções, participando da cultura local.

25/02/2013 às 13:18#996

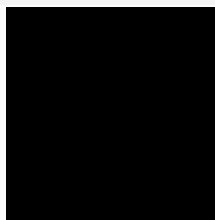


Sôzinha

Membro

Na verdade temos que ser parceiros nesta questão,pois no caso de recebermos salas de aulas,os alunos já tem que vim com uma preparação da sala de aula,junto ao educadores da escola com parceria com a instituição museal um trabalho conjunto antes e depois da visitaçãõ,temos que ter o ppp sim,mais também investir nos orientadores da instituição.

28/02/2013 às 16:31#1016



Bruno Marinho

Membro

É fato que o museu tem uma função educativa, porém nesse sentido é preciso tomar cuidado para não se escolarizar o museu, diferenciar o papel da educação no museu do papel da educação na escola, são coisas diferentes. Nem todos os museus tem a obrigação de transmitir conteúdo aos seus visitantes. As vezes uma atividade lúdica pode ensinar sobre o patrimonio muito mais do que uma

exposição de conteúdos. Nesse sentido acho que as crianças jogarem uma bola sobre uma projeção comunica muito mais sobre o futebol do que uma mediação expositiva, "de conteúdo". No museu onde trabalho preferimos o termo PAE (Plano de Ação Educativa) pois não queríamos diferenciar esse plano do PPP que tem uma estrutura voltada para o ensino na escola, ali sim se traçam projetos de cunho politico-pedagogicos.

01/03/2013 às 16:51#1026



[William Costa Santiago](#)

Membro

O importante é termos um trabalho organizado através de um projeto, e se este projeto for desenvolvido em parceria ou coletivamente melhor ele será. Os museus tem duas funções basicas informar e entreter, então partindo dai os projetos deveriam organizar soluções para estas duas funções basicas. E talvez na busca diaria de mantermos o museus atraentes e dinamicos vamos trabalhando melhor com as tematicas e auxiliando e enriquecendo na conhecimento dos nossos visitantes.

22/03/2013 às 19:09#1110



[Monica Dahmouche](#)

Membro

Também acho que o plano educativo,ou como diz nosso colega o PAE, deve estar dentro do plano museológico, fazendo parte da política traçada para o museu. Acredito que na prática no dia a dia fica mais prático e mais exequível, o plano museológico da o todo e o PAE da uma parte do todo, fração muito importante por sinal.

• Autor

Posts

- 02/04/2013 às 23:18#1179



[REM RJ](#)

Membro

Afirmar na estrutura organizacional do museu a educação como espaço de reflexão, atuação, popularização e produção de conhecimentos, em integração com as funções de comunicação, pesquisa, preservação e conservação;
Reconhecer a especificidade da educação museal e sua contribuição para realização da missão do museu;

Propostas elaboradas em reuniões presenciais que contaram com a participação das seguintes instituições:

Centro Cultural Banco do Brasil – Centro Cultural da Justiça Federal – Centro Cultural de Folclore e Cultura Popular – Instituto Moreira Sales – Memorial Getúlio Vargas – Fundação Casa de Rui Barbosa – Museu Casa da Hera – Museu Casa do Pontal – Museu da Chácara do Céu – Museu da Marinha – Museu da República – Museu da Vida – Museu de Arqueologia de Itaipu – Museu do Ingá – Museu do Meio Ambiente – Museu Histórico Nacional – Museu Nacional – Oi Futuro/Museu das Telecomunicações – Núcleo Experimental do MAM – Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

• **Autor**

Posts

- 08/04/2013 às 13:21#1227



Mary Anne Assis Lopes de Oliveira

Membro

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O MUSEU REGIONAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA E SUAS CONQUISTAS

O **Museu Regional de Vitória da Conquista** tem por **missão** preservar, recuperar e divulgar a memória e o patrimônio histórico-cultural de Vitória da Conquista e região. Nessa perspectiva, tem por finalidade a disponibilização do seu acervo como fonte de pesquisa para os estudiosos dos vários aspectos da cultura regional, a programação de oficinas de arte, cursos, mostras, lançamentos de livros e outros eventos de interesse comunitário.

Fundado em 11 de outubro de 1991, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, com o objetivo de preservar a memória sociocultural e histórica e valorizar as expressões artísticas geradas no município de Vitória da Conquista através da conservação, pesquisa e exposição de objetos e peças que retratam o significado histórico de épocas passadas e sua representação no tempo presente, visa aumentar o saber, proteger, organizar e desenvolver o patrimônio, a educação e os hábitos e costumes da cidade.

Ao longo desses 22 anos de existência o MRVC tem se constituído um pólo de promoção de eventos, ações e parcerias com os mais diversos atores sociais da comunidade local, tornando-se uma referência na preservação e divulgação da memória e do patrimônio histórico-cultural do município conquistense.

Para atender um público médio anual de 10.000 visitantes, o Museu Regional possui um acervo de 430 peças, entre obras de artistas plásticos regionais, objetos da cultura popular local, fotografias e peças de mobiliários antigos, entre outros. A biblioteca é formada por 820 títulos e 1.076 exemplares. A Hemeroteca é composta de jornais e periódicos antigos, alguns das primeiras décadas do século XX. Disponibiliza fitas e DVDs para serem assistidos no Museu Regional ou locados, mediante solicitação.

Atualmente, o MRVC desenvolve 2 projetos de extensão contínuos – “Uma Proposta Educativa para o Museu regional” e “O Museu vai à Escola”, visando atender as demandas de visitação. O primeiro contempla as ações vinculadas às visitas agendadas e monitoradas as dependências do museu, com exposição dialógica, exibição de vídeos e atividades lúdicas, tendo como público-alvo os

alunos de ensino fundamental e nível médio das redes privada e pública do município e do estado.

O segundo projeto é direcionado ao mesmo público-alvo, porém, de forma inversa, ou seja, o museu vai à escola, de forma virtual, através de vídeo institucional, contando a história de Vitória da Conquista e da Casa Henriqueta Prates, onde funciona o Museu Regional. Ressalte-se que, entre as atividades desenvolvidas pelo projeto estão incluídas seção com exposição de fotos antigas, visando o reconhecimento da memória social da cidade e palestra sobre patrimônio material e imaterial.

Inclusão e formação de um público novo referente projeto visitação noturna ao MRVC por estudantes da Rede Pública Estadual de Ensino

A existência de uma demanda específica formada por alunos do turno noturno, diante da impossibilidade de frequentar o MRVC nos turnos regulares de funcionamento, é decorrente de haver estudantes trabalhadores no comércio, na indústria e nas empresas de prestação de serviços que durante o horário comercial; não dispõem de tempo livre durante o dia. A relevância na universalização do acesso à comunidade acadêmica não contemplada pelos horários em curso oferecidos pelo Museu Regional de Vitória da Conquista, impulsionou a viabilidade de um projeto viabilizando um Plano de Trabalho onde pudesse haver a inclusão e a formação deste público novo acima referido.

As ações propostas pelo projeto certamente representarão um salto qualitativo inovador na relação ensino-aprendizagem no âmbito das escolas parceiras, considerando o potencial de continuidade sustentável do referido Plano de Trabalho, haja vista a existência de demanda contínua de turmas que se renovam a cada período letivo.

b) Propostas de ações Rio Grande do Sul

• Autor

Posts

- 08/04/2013 às 13:20#1238



Tiago de Campos

Membro

O GT Museus e Comunidades, constituído na REMRS, considera que há necessidade de esclarecer o conceito de comunidade empregado pelo PNEM, assim como sugere que este seja adotado pelo GT Museus e Comunidades. Portanto, apresenta-se aqui o conceito de comunidade definido na Carta das Missões.

"(...) entende por comunidades grupo ou grupos de pessoas em situação de vulnerabilidade social unidas por vínculos históricos relacionados a aspectos territoriais, étnicos, culturais e/ou de gênero, em especial quando movidas ou organizadas em prol da defesa e promoção do Direito à Memória e à História, assim como a outros tópicos dos Direitos Humanos e Culturais; (...)

Tópico: Encontros

Propostas:

Garantir recursos financeiros para encontros presenciais, que versem sobre o tema Museus, Comunidade e Educação, propiciando a ampla participação de representações das comunidades.

Tópico: Participação Comunitária

Propostas:

Observar as diversas realidades e peculiaridades das comunidades;

Garantir participação de representantes de comunidades em comitês e conselhos de museus;

Realizar diagnósticos e pesquisas que embasem a atuação dos profissionais dos museus junto às comunidades, respeitando o interesse das comunidades.

Tópico: Ações Educativas e Memória Social

Propostas:

Construir de forma participativa com comunidades, ações educativas que considere as diversas realidades das comunidades;

Estabelecer redes de parcerias com escolas e grupos sociais para desenvolver novas metodologias que considere a diversidade étnica e cultural dos grupos historicamente excluídos;

Estimular ações que desenvolvam o reconhecimento das comunidades, permitindo visibilidade e protagonismo de grupos historicamente excluídos.

Participantes do GT:

Aline Lied

Cláudia Feijó da Silva

Diego Luiz Vivian

Isabel Silveira dos Santos

Manuela Garcia Moraes

c) E a “Comunidade interna” dos museus?

• Autor

Posts

- 08/04/2013 às 13:20#1235



Gabriela Figurelli

Membro

Caro(a)s parceiro(a)s de discussão,

Cada vez mais falamos sobre a importância da função social do museu, seu contributo para o desenvolvimento dos indivíduos e a promoção da cidadania, a necessidade de garantir acessibilidade (física e intelectual) para todos... entre outras questões, também consideradas relevantes e prioritárias, quando se acredita que o museu existe para 'servir' – primeiramente – às pessoas e posteriormente aos objetos!

Mas quando leio sobre o tema, quando concordo sobre a importância de se trazer a comunidade para dentro do museu, de envolvê-la no processo, torná-la parceira da instituição, também me pergunto: *e a 'comunidade interna' dos museus?!*

Olhamos para fora, para o entorno, para o 'global'. Quando iremos olhar para o interior, para o 'local do local'? Quando iremos perceber que os funcionários que trabalham na recepção, na segurança, na limpeza, na manutenção também são comunidade, são público do museu?! Museu que eles freqüentam diariamente, onde convivem com um patrimônio e muitas vezes não percebem/reconhecem sua relevância?!

Minha sugestão é que pensemos neste público! *Que sejam propostas ações educativas direcionadas aos trabalhadores de museus, tendo em vista o desenvolvimento pessoal e profissional deste grupo, a partir dos conceitos de cultura, identidade e memória.*

Acredito que para haver coerência na Museologia que se assume mais atenta aos indivíduos, é necessário que os profissionais de museus olhem para seus colegas de instituição e iniciem sua ação desde dentro! Que organizem primeiramente o interior da 'casa', para então expandir sua atuação em direção à 'vizinhança'.

Acham a idéia pertinente?!

Cumprimentos!

P.S. Ao ler as propostas preliminares traçadas para cada um dos nove eixos temáticos no Documento Base, tive dificuldade em encaixar minha inquietação/contribuição em uma área. Por isso, peço desculpas se este não for o local mais adequado para esta contribuição e solicito auxílio para encaminhá-la ao espaço apropriado.

d) Ações educacionais e memória coletiva

• Autor

Posts

- 20/11/2012 às 11:55#274



Pnem

Membro

Promover ações de educação para o patrimônio, voltadas para a compreensão e o significado do patrimônio e da memória coletiva, em suas diversas expressões como fundamento da cidadania, da identidade e da diversidade cultural;

- 25/01/2013 às 18:25#797



Fernanda Castro

Membro

Expandir as ações educativas para os espaços comunitários (bairros, comunidades e arredores), reconhecendo territórios e práticas cotidianas; explorando os bairros e suas histórias, inventariando objetos e práticas que ajudem a compreender e difundir a memória local;

Olá, Diego!

Faço essa proposta baseada na experiência de dois projetos desenvolvidos aqui no Rio, no Museu da Chácara do Céu, em Santa Teresa, um dos bairros mais favelizados do município.

Desenvolvemos no último ano o Projeto Letrarte, uma parceria com uma escola municipal, recebendo turmas de alunos que vivem nas comunidades do bairro uma vez por semana para visitas, oficinas, etc.

Com eles também fizemos uma visita do Projeto Circuitos de Santa, que realiza visitas mediadas ao bairro, em diferentes opções de circuitos, tratando de temas históricos, turísticos e culturais.

Foi uma experiência muito legal levar essas crianças ao conhecimento das histórias de seu bairro num contexto de apropriação do patrimônio local e sua integração com o museu.

O museu abriu suas portas para a comunidade e com ela ultrapassou seus muros, chegando às ruas, ao bairro.

temos relatos e imagens dessas experiências em nosso blog:

<http://www.educachacara.blogspot.com>

04/02/2013 às 16:17#825



Diego Luiz Vivian

Membro

Oi, Fernanda.

obrigado por sua contribuição ao relatar experiências educativas que me pareceram bastante significativas para os debates aqui do GT Museus e Comunidades.

Apesar de não conhecer pessoalmente a realidade enfrentada em Santa Tereza-RJ, creio que a execução de projetos como o Letrarte ou Circuitos de Santa vem ao encontro desta "abertura" dos museus para trabalhar com as comunidades e o seu patrimônio.

E sua sugestão de expandir as ações educativas para "além fronteiras" só reforça este entendimento, pois valoriza a cultura viva das crianças do bairro e de seus familiares, amigos e parentes, tratando do seu cotidiano e do seu patrimônio em sentido amplo (global).

Fiquei muito curioso pra saber mais sobre estas ações desenvolvidas aí no RJ e obrigado pela dica do Link.

Por enquanto vamos trocando ideias por aqui.

Abraço e até mais.

14/02/2013 às 13:56#870



Valeria Chaves

Membro

Olá Fernanda! Olá Diego!

Fico feliz pelas discussões no Fórum, mas como educadora e promotora de visitas técnicas em museus e demais espaços de memória, preciso manifestar minha angústia em relação as poucas iniciativas de ações de educação para o patrimônio, voltadas para os professores que propõem a realização de visitas a museus. Na minha opinião, não basta promover e fomentar ações com as comunidades, é essencial promover e fomentar ações com estes formadores de opinião: os professores (de todos os níveis de escolaridade).

O que vocês pensam a respeito?

o Esta resposta foi modificada 10 anos, 4 meses atrás por  Valeria Chaves.

15/02/2013 às 13:01#881



Diego Luiz Vivian

Membro

Olá, Valéria e Fernanda

concordo plenamente com sua proposta de aproximação e cooperação direta entre museus e professores. E isto também é um debate que diz respeito ao GT Redes e Parcerias, como pode ser observado no tópico "Parcerias com instituições de ensino...", onde são mencionados os Museus de Escola.

De todo modo, fiquei pensando no seguinte:

Através de acordos de cooperação firmados com secretarias de ensino, os museus poderiam contar com professores da comunidade cedidos para trabalhar diretamente em seus "setores de ações educativas". Essa cessão poderia ser integral (40 horas/semana) ou parcial, conforme o caso, voltada para a elaboração e execução de projetos educativos conjuntos.

Claro que deve haver condições e vontade de ambos os lados (museu e escola) e a parceria não pode se resumir simplesmente numa ação superficial ou numa alternativa de trabalho para o professor descontente com a sua realidade escolar.

Em suma, a ideia não é "tapar o sol com a peneira"....

Seria um trabalho onde o professor e o educador em museu atuariam de modo colaborativo. O museu "ouvindo" a escola e vice-versa.

28/02/2013 às 16:58#1018



Valeria Chaves

Membro

Prezado Diego,

Sua proposta é interessante, mas na minha opinião não atinge o foco do problema, pois (se entendi bem), assim apenas uns poucos professores teriam esta oportunidade e os que estariam no museu seriam retirados da sala de aula. É isso mesmo? Há ainda um outro problema na sua proposta, que diz respeito a carga horária do professor, que é de 16 horas (na rede estadual de MG), de 15 (na prefeitura de Ouro Preto) e de 22 horas (para os professores de anos iniciais) e não 40 horas, como é o caso da carga horária dos funcionários do museu.

Bom, mas esta ainda não é a questão principal. A questão, na minha opinião é: levarmos a grande maioria dos professores o conhecimento mínimo necessário à realização das atividades promovidas no museu durante uma visita. Pois, minha avaliação é a de que a visita nem sempre é planejada, porque os professores não sabem e/ou não foram preparados para isto, percebe?

De qualquer forma, vou entrar no GT Redes e Parcerias, como pode ser observado no tópico "Parcerias com instituições de ensino".

Obrigada pelas idéias!

01/03/2013 às 13:47#1022



Diego Luiz Vivian

Membro

Oi Valéria Chaves,

Obrigado pelo posicionamento crítico.

Vou tentar explicar melhor a ideia, pois acredito que a presença de professores nos setores educativos de museus pode ser positiva, dependendo da realidade enfrentada.

O objetivo não é retirar o professor de sala de aula simplesmente, mas que ele possa atuar estabelecendo "pontes" de ligação entre o museu e a escola. Abrindo canais de interlocução e qualificando as atividades educativas promovidas pelo museu, na medida que conheça bem as escolas, os estudantes e a comunidade, além do próprio museu.

Em outros termos, este professor cedido ao museu nunca poderia perder de vista a realidade escolar, sendo um interlocutor direto entre museu e escola. Este professor, inclusive, poderia ser um multiplicador, no sentido de levar "(...) a grande maioria dos professores o conhecimento mínimo necessário à realização das atividades promovidas no museu durante uma visita", como salientaste na postagem.

01/03/2013 às 13:48#1023



Diego Luiz Vivian

Membro

complementando... Claro que isto não resolveria todos os problemas de planejamento e execução de visitas aos museus por parte das escolas, mas poderia ajudar muito na preparação destas atividades, tendo em vista sua formação e experiência profissionais.

14/03/2013 às 22:13#1081



Museu Carlos Gomes

Membro

Caros parceiros de discussão:

Sou antropóloga, profa. universitária aposentada, com experiência na direção de museus e participação em colegiados que tratam da questão da preservação do patrimônio cultural (ICOM, CONDEPHAAT e CONDEPAC-Campinas) há quase 30 anos.

Devo dizer-lhes que minha insatisfação diante do distanciamento que a população, em geral, e mesmo a universitária, mantém relativamente às preocupações e propostas dos órgãos que trabalham com a preservação da memória de uma sociedade levou-me a realizar, no fim da década de 80, uma pesquisa-ação sobre a CULTURA LÚDICA DA INFÂNCIA, com o claro objetivo de DOCUMENTAR, mas precisamente, de LEVAR a criança a sentir-se Produtora, Preservadora e Transmissora de uma parte importante da Memória Coletiva Mundial, trabalho este que está contido no livro de minha autoria "BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS: PATRIMÔNIO CULTURAL DA HUMANIDADE", 2 vols., Pontes Edts., Campinas, SP.

A partir da pesquisa básica mantivemos a Oficina "PRESERVAR BRINCANDO" durante quase 10 anos no espaço do Museu Universitário, o que resultou numa grande sensibilização não somente das crianças, mas de suas famílias (exposições onde as crianças eram as protagonistas e monitoras) para a importância que cada indivíduo tem na construção progressiva das múltiplas heranças culturais de uma sociedade. E a ação educativa do Museu, relativamente ao seu próprio acervo, tornou-se muito mais acessível e atraente.

Tenho como certo que há uma correlação íntima entre (1) a Valorização das Diversificadas Memórias de um Mosaico de Culturas- nossas cidades contemporâneas, (2) o resgate da Auto-Estima dos sujeitos dos variados segmentos populacionais, (3) a Percepção da Importância da Preservação da Memória no processo de Desenvolvimento da Sociedade e (4) a instalação da Cidadania.

Minha opção por trabalhar com a criança fez-se por acreditar que valores essenciais para uma vida adulta qualitativa são colocados na infância e adolescência.

Há a possibilidade de se trabalhar, também, a Auto-Estima e a sensação de Pertencimento entre os adultos valorizando aspectos da Cultura Imaterial produzida por segmentos da população. Existem experiências exitosas no Canadá, onde estive estudando os ECONOMUSEUS, entre outros.

Finalmente, em meu livro "MUDANÇA DE RUMO, JÁ: HERANÇA CULTURAL, PRESERVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO", Pontes edts, 2009, Campinas, SP há artigos que, creio, poderão incrementar as discussões em torno dos vários temas propostos neste blog.

19/03/2013 às 10:27#1092



Paula Catarino

Membro

A visão de Museu como espaço físico utilizado apenas para armazenar peças antigas é ultrapassada, desconectada do cotidiano da população e da atualidade. Museu, atualmente é visto como espaço de conservação de bens culturais e técnico-científicos, um local diálogo com o público e também de difusão de conhecimentos. Os Museus contribuem para o desenvolvimento de outros setores, como turismo e a geração de empregos.

O Museu de Ciências e Tecnologia "Prof.Dr. Mário Tolentino", localizado na cidade de São Carlos – SP, é um espaço de difusão do conhecimento e abrange diversas áreas do saber. Um espaço onde o público pode conhecer na prática os processos científicos.

A realização de ações voltadas para a popularização da ciência requer acompanhamento, tanto do processo em si quanto de seu impacto sobre o nível de alfabetização científica e tecnológica. Para a implementação e desenvolvimento destas ações há de se conhecer as características do público a que se destinam.

O público do Museu "Mário Tolentino" é bastante diversificado, nosso grande desafio tem sido elaborar estratégias que atinjam essa diversidade. Para tanto, contamos com uma equipe de 11 profissionais, professores cedidos pela Secretaria de Educação do Município, com formação em diversas áreas. Estes profissionais dedicam 30 horas semanais para a elaboração de projetos, visitas monitoradas, oficinas, palestras, eventos associados à temática do museu, rodas de conversa, dentre outras ações. A constituição do quadro de funcionários de nosso museu é um aspecto positivo, pois tem auxiliado na articulação Museu/Comunidade.

Quanto ao atendimento de grupos escolares, entendemos que espaços como Museus, feiras e mostras de ciência, jardins botânicos, entre outros, são importantes meios de aprendizagem não formal. Esses espaços possuem enorme potencial para desenvolver a compreensão pública da ciência em geral. Porém, é essencialmente, função da educação formal promover a alfabetização científica do educando, por intermédio de atividades que envolvam a investigação.

Os espaços não formais de aprendizagem podem potencializar o aprendizado em sala de aula ao integrar as atividades. Para tanto, há de se estreitar a relação Museu/escola no tocante ao conteúdo formal. As possibilidades de relação entre Museus de Ciência e escola são muitas.

Quanto o atendimento ao público geral, defendemos a tese de que é importante o envolvimento da população como um todo na educação científica, em um processo de popularização da ciência. Nesse sentido, desenvolvemos ações capazes de promover melhorias na qualidade de vida dos envolvidos, que contribuam para a reflexão, conscientização e construção do pensamento crítico.

Acreditamos que mais do que um museu na comunidade, "Mário Tolentino" necessite ser um museu da comunidade, contextualizado com o seu entorno e comprometido com sua função social.

19/03/2013 às 12:08#1094



Diego Luiz Vivian

Membro

Cara professora (Museu Carlos Gomes), Paula Catarino (Museu de Ciências e Tecnologia) e demais participantes do PNEM,

Obrigado pelas referências e relatos feitos até aqui, pelas ideias compartilhadas e pelo esforço de participação realizado por cada um de vocês.

Como estamos chegando na "reta final" deste Blog, creio que precisamos somar esforços para a construção de propostas e sugestões que possam integrar o documento final que receberá o nome de PNEM, expressando nossos entendimentos e anseios sobre a educação museal...

Tentando contribuir nesta construção coletiva, gostaria de retomar o que a professora do Museu Carlos Gomes registrou logo acima. E fiquei pensando se poderíamos elaborar a seguinte proposta para compor o programa:

"Promover pesquisas e ações educativas com foco na cultura lúdica da infância, com o objetivo de garantir o reconhecimento das crianças como Produtoras e Preservadoras de uma parte importante da Memória Coletiva Mundial, observando a pertinência de documentar, investigar, sistematizar e comunicar estas experiências."

E acrescentaria:

"(...) que o Direito à imagem e o Direito à propriedade intelectual sejam norteadores da produção imagética, musical e textual das ações, tanto no que diz respeito à produção infantil quanto aos demais integrantes das comunidades". (CARTA DAS MISSÕES-REPIM/RS, 25 de agosto de 2012.)

Alguns destes aspectos já têm sido acolhidos, inclusive, na elaboração de editais de fomento à cultura no país. Que bom que as crianças sejam respeitadas, não é mesmo?!

Que acham da proposição acima...?

Abraço e até mais.

19/03/2013 às 19:14#1100



Museu Carlos Gomes

Membro

Diego:

Concordo com sua proposta, mas parece-me importante, em algum momento explicitar que a Valorização, Revitalização, Documentação e a Preservação da Cultura lúdica infantil é o caminho certo para a instalação, no seio das comunidades, de um sentimento de Pertencimento à construção cultural, sem o qual não haverá Preservação da Memória Social.

19/03/2013 às 20:45#1101



Museu Carlos Gomes

Membro

Retificando a frase acima:

.... " de um sentimento de *Pertencimento*, sem o qual"...

Regina Márcia

08/04/2013 às 1:32#1257



Manoella Evora

Membro


Acredito que um bom meio de promover a educação para o patrimônio seja a realização de Cursos de Patrimônio Cultural voltados para pré determinados públicos-alvo.

Trabalho no Museu de Arte Religiosa e Tradicional, em Cabo Frio, e durante muitos anos foram realizados esses cursos direcionados para professores, taxistas, etc.


Embora há alguns anos não esteja mais sendo promovido, muitas pessoas que já participaram elogiam e pedem a reimplantação desses cursos.

E, diante dessa aprovação e anseios da comunidade, pretendemos, assim que possível, voltar a realizar esses Cursos de Patrimônio Cultural como mais uma alternativa de promoção de nosso patrimônio.

e) Mobilidade cultural

• Autor	
Posts	
• 05/04/2013 às 21:06#1231	
	 <div>Nadia Helena</div> <div>Membro</div> <p>Os desafios e possibilidades da relação dos museus com o local (comunidade) e o global (sociedade global) – como meio de gerar mobilidade cultural (para além da acessibilidade e mobilidade urbana) para o pleno exercício dos direitos culturais.</p>

f) Participação comunitária

• Autor	
Posts	
• 20/11/2012 às 11:56#275	
	 <div>Pnem</div> <div>Membro</div> <p>Promover a democratização da instituição museológica, dos sistemas e das redes museais por meio da participação comunitária e de projetos e ações extramuros visando à interação com os diversos grupos sociais: étnicos, tradicionais, populares e outros;</p>
11/01/2013 às 12:02#706	
	 <div>Diego Luiz Vivian</div> <div>Membro</div> <p>Olá pessoal!</p> <p>Este tópico é super importante dentro da construção do PNEM, tratando especialmente da relação entre museus e comunidades.</p>

Por isto pergunto a vocês:

Que projetos e ações extramuros os museus podem desenvolver para ampliar a participação comunitária?

17/01/2013 às 15:19#737



Iron

Membro

Primeiramente gostaria de parabenizar ao Ibram pela iniciativa pois julgo ser de grande importância essa troca de informações e interação com os diversos museus existentes no Brasil. e deixo abaixo alguns dos pontos que acredito ser relevantes para a enquete.

É de extrema importância que o museu esteja integrado à comunidade local, sendo necessária, além de uma divulgação aceitável das atividades educativas realizadas por cada museu, uma linguagem direta e simples que possa atingir todos os públicos alvos. Outro ponto a ser destacado é a busca de atividades que sirvam para integrar a comunidade com a realidade do museu e vice versa; aquelas devem atingir desde crianças, visitantes com necessidades especiais, idosos, dentre outros públicos a depender do foco e do trabalho que será realizado por cada museu.

Oficinas de restauro, tendo como foco crianças e adultos, palestras de educação patrimonial, eventos musicais associados à temática do museu e peças de teatro integradas ao tema trabalhado pelo evento ou pelo equipamento cultural, dentre outras, são algumas das atividades que geralmente levam à uma maior atenção do público.

Tendo em vista que o museu é um local interdisciplinar e que abrange em seu contexto diversas visões históricas, artísticas, religiosas, étnicas, entre outros contextos, podem ser desenvolvidos projetos e ações com possibilidades e perspectivas infinitas, tornando-se limitadas apenas com relação aos custos do evento e à realidade financeira de cada museu.

20/01/2013 às 18:24#744



Diego Luiz Vivian

Membro

Iron, obrigado pela sua contribuição aos trabalhos do PNEM.

Na sua postagem foi mencionada uma questão muito importante, pois uma das funções essenciais dos museus é exatamente comunicar os bens que fazem parte de seus acervos. Exposições, publicações, ações educativas diversas (visita guiada, oficinas, workshops, etc) cumprem este papel.

Do ponto de vista deste GT, penso que estas atividades também precisam levar em conta as peculiaridades da comunidade em que o museu está inserido. Que comunidades são estas? Quais grupos e pessoas estão envolvidos? Como se relacionam com o patrimônio cultural e os museus?

Uma política de comunicação que tenha clareza sobre estas questões, por exemplo, poderá ser útil para embasar a produção de materiais com linguagem que facilite o diálogo e a interação museu-comunidade.

Assim como você (Iron), acredito que as possibilidades para ampliar a participação comunitária nos museus são realmente enormes. Contudo, como você observou muito bem, para dar conta deste desafio os museus precisam ter orçamentos razoáveis. Eu acrescentaria que além de dinheiro disponível os museus precisariam de outros tantos recursos, o que inclui uma equipe qualificada e disposta para trabalhar junto aos diversos grupos sociais e comunidades que compõe o seu "público" mais amplo.

Neste sentido, suas sugestões de oficinas e atividades a serem promovidas com e para a comunidade me pareceram muito boas.

Imaginemos que interessante seria um museu desenvolver oficinas regulares de teatro e/ou música junto à comunidade local e depois contratar os próprios moradores como artistas para realizar peças e espetáculos sobre as temáticas do museu! Isto fortaleceria bastante o protagonismo comunitário e a função social do museu.

A sua sugestão de oficinas envolvendo crianças e adultos em atividades como conservação/restauração também pode ajudar a fortalecer o envolvimento comunitário em relação aos museus. Em vez de simplesmente avisar para "não tocar na peça" em suas exposições, os museus, através destas oficinas, poderiam dar a conhecer às pessoas da comunidade os critérios e técnicas de conservação adotadas em seus acervos. Com isto, as pessoas também teriam maiores chances de refletir criticamente sobre algumas regras comuns aos museus ("não tocar nas peças", "fotos sem uso de flash" etc). E alguns outros questionamentos básicos poderiam vir à tona: O que conservar? Por que conservar? Para quem? Como? etc etc...

Outro resultado destas oficinas pode ser o estreitamento das relações estabelecidas pelas pessoas da comunidade com o seu próprio patrimônio cultural, sentindo-se também cada vez mais responsáveis pelo destino dos bens preservados e que ajudam a contar a história da sua vida e/ou do seu grupo. Dependendo do caráter da oficina desenvolvida também poderiam surgir novos talentos para atuar profissionalmente em diversas áreas nos museus instalados em suas comunidades, haja vista a amplitude do mercado de trabalho relacionado à conservação/restauração de bens culturais (papel, madeira, metal, pinturas, edificações etc).

Antes de finalizar, deixo outros dois comentários: 1- a elaboração e divulgação das ações educativas podem ser feitas em parceria com as escolas do município onde se localiza o museu, envolvendo os professores, estudantes e a comunidade escolar como um todo. Este debate sobre parcerias já vem sendo desenvolvido em outro fórum temático do PNEM, através do GT Redes e Parcerias, coordenado pela Fernanda Castro. Por isto, Iron, se for possível

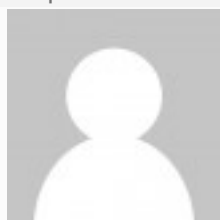
também deixe sua contribuição no GT Parcerias. Outro GT do PNEM que guarda relação com nossa conversa e que pode contar com sua contribuição é o Acessibilidade em Museus, coordenado por Isabela Portela, especialmente o tópico que trata sobre "Realizar ações que tenham por objetivo a democratização do acesso aos museus e o desenvolvimento de políticas de comunicação com os públicos."

Obrigado, mais uma vez, pela participação.

Abraço e até mais

Diego

14/02/2013 às 10:41#864



Gilberto Lacerda Santos

Membro

Sou coordenador do museu virtual de ciência e tecnologia da Universidade de Brasília (www.museuvirtual.unb.br) e a participação da comunidade para a qual o museu se destina é um problema de envergadura. Nosso museu, que tem o objetivo de atuar com divulgação científica, por mais que tente se aproximar de seu público-alvo, e nunca encontrando resistências, revela que mobilizar o público demanda estratégias de corpo-a-corpo que demandam ações contínuas de marketing educativo ou de marketing museológico, como chamamos aqui. Nisto tem consistido nossas "ações extramuros".

15/02/2013 às 13:17#883



Diego Luiz Vivian

Membro

Olá, Gilberto

obrigado pelo seu relato e contribuição.

O trabalho de divulgação corpo-a-corpo faz toda a diferença para chamar a atenção das pessoas sobre as ações do museu, seu acervo, exposições etc. E mesmo no caso do Museu Virtual não parece ser diferente.

Quando digo corpo-a-corpo, estou pensando no "olho-no-olho", na conversa presencial propriamente dita que o museu e seus agentes devem promover junto à comunidade.

Outro meio que pode gerar resultados é a participação do museu em programas de rádio, divulgando sua programação/atividades para as pessoas que não lêem e nem acessam internet.

No caso do museu onde trabalho (Museu das Missões Ibram/MinC), temos conseguido estabelecer uma importante relação de parceria com a Rádio Comunitária local, bem como com a imprensa escrita local/regional. E isto tem constituído um canal de interlocução com os moradores do município ou outras pessoas que não visitam necessariamente o museu.

22/02/2013 às 13:40#977



Diego Luiz Vivian

Membro

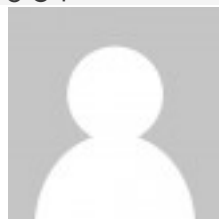
Bom dia, Gilberto

em complemento a postagem anterior, recomendo que você também se integre aos debates do GT Perspectivas conceituais, onde foi criado um tópico específico para debater a realidade dos chamados MUSEUS VIRTUAIS através deste Blog do PNEM.

Creio que poderá ocorrer uma troca rica de experiências, informações e análises entre você e outros profissionais que atuam neste campo dos museus virtuais.

abs e até mais

07/03/2013 às 19:54#1062



Marta de Oliveira Chagas Medeiros

Membro

olá, Diego!

Curti a postagem do Iron, bacana.

Penso que a integração (museu/comunidade) contribui de maneira salutar para o desenvolvimento, humano. Hoje pela manhã presenciei uma turma de estudantes em aula de historia sob o Baoba , sentados a sua sombra, na grama e em circulo. Apreciei como a um belo quadro, simples e espetacular.

Baoba -(arvore de origem africana) Museu Casa Quissamã – Quissamã, R.J

Alunos do C. C. N. S.do Desterro – ensino médio

Algumas iniciativas dependem mais da sensibilidade e menos de recursos financeiros.

Gostaria de perceber maior aproximação entre o museu e a comunidade para juntos planejar o " Museu de portas abertas – encontros e encantos para todos"

Reuniões, conselhos, agendas periódicas, seriam formas de diagnosticar e buscar meios de maior aproximação.

abs, até mais

09/03/2013 às 13:06#1069



Diego Luiz Vivian

Membro

Oi, Marta

obrigado por sua participação e pelo envio de propostas para a construção do PNEM.

Eu também gostei das ideias do Iron, assim como da atividade relatada por ti com estudantes de Ensino Médio do Desterro.

Sugestões anotadas!

Abraço e até mais.

Diego

28/03/2013 às 17:47#1147



Liduina Maria

Membro

Olá Diego, acredito que estamos no caminho certo.

Os museus tem um papel relevante em uma comunidade, visto que o museu é a cultura viva de um povo. Os projetos e ações devem ser desenvolvidas de formas educativas, sociais, informativas e culturais dessa forma a participação do Museu na comunidade fortalece as ações em todas as instâncias.

O Museu da Boneca de Pano atualmente está desenvolvendo projetos e oficinas, como exemplo temos o Curumins perna de pau, grupo formado por crianças atuante do museu como divulgadores fazendo o resgate do caminhar sobre a perna de pau, onde podemos trabalhar a coordenação motora e cognitiva a confiança no outro. As oficinas de boneca resgata a história da boneca de pano além de desenvolver e ampliar a imaginação a fantasia, também se trabalha o lado lúdico, tornando-se assim agente de possibilidade e de oportunidade.

Recentemente no carnaval de 2013 o Museu da Boneca de Pano criou o Bloco do roi-rói. O roi-rói é um brinquedo de tradição feito artesanalmente e junto com os Curumins pernas de pau e matracas fizemos o cortejo na comunidade que foi matéria do jornal "O Povo" do dia 09/02/2013 em Fortaleza, salientamos que os roi-rói e matracas foram confeccionados de material reciclado.

Meu nome é Liduina sou artesã e idealizadora do Museu da Boneca de Pano.

28/03/2013 às 18:05#1150



Liduina Maria

Membro

Lembrando que estamos em processo de ampliação do acervo do Museu da Boneca de Pano estamos recebendo doações. Agradecemos antecipadamente sua contribuição, nosso contato : liduinamarial@hotmail.com

05/04/2013 às 14:57#1222



Diego Luiz Vivian

Membro

Oi, Liduina Maria

Obrigado por visitar o Blog e relatar suas experiências educativas no Museu da Boneca de Pano.

E o museu trabalha também com adultos através de oficinas e bonequeiros, não é?

Sinta-se em casa para contribuir com mais propostas à educação em museus.

Os prazos para isto vão até domingo, dia 07/04.

Abraço e até mais!

05/04/2013 às 20:21#1228



Diego Luiz Vivian

Membro

Uma proposta, pra animar esta reta final:

Garantir recursos do FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador – mediante convênio entre o MinC, o Ministério do Trabalho e o Sistema “S”, visando à capacitação profissional de jovens e adultos das comunidades para atuar em áreas de interesse técnico e estratégico dos museus (exposições, idiomas, acessibilidade, informática, turismo, entre outras).

g) Museus e comunidade: ações educativas para uma nova prática na museologia social

• Autor

Posts

- 27/11/2012 às 12:08#318



suzenilson da silva santos

Membro

museus e comunidade: ações educativas para uma nova pratica na museologia social

04/12/2012 às 19:44#491



Diego Luiz Vivian

Membro

Oi Suzenilson Santos,

fiquei curioso com teu tópico e por isto pergunto em que implica esta "nova prática na museologia social", alcançada através de ações educativas?

Numa intensificação do reconhecimento e da promoção do direito à memória e à história entre as comunidades?

Numa ampliação do entendimento entorno do que seja a "função social" dos museus?

07/12/2012 às 12:37#531



suzenilson da silva santos

Membro

caro colega bom dia, primeiramente gostaria de agradecer pela oportunidade de você saber em despertar a importancia de outras ideias também que estão em discussão nesse processo que acredito que seja um novo marco nessa empreitada dos museus no Brasil, é um prazer retratar pensamentos e ideias nessa formação de um novo cenário da museologia social em nosso país, no tópico ações educativas tento passar uma discussão que perfaça em torno dos museus indígenas no Ceará em especial ao meu ao qual sou coordenador do núcleo educativo do ponto de memória: museu indígena Kanindé no estado do Ceará, situado na aldeia Sítio Fernandes interior deste estado, que através de uma ação conjunta e comunitária de ações educativas vem desenvolvendo um excelente trabalho na área de museologia social com ações educativas e pedagógicas dentro de um processo de construção de memória e patrimônio cultural deste povo. e vem idealizando uma nova visão do que é e como deve ser um museu, sua missão e sua visão na formação do processo social da identidade indígena e brasileira, nessa perspectiva os museus indígenas traz uma visualização de uma ação conjunta e comunitária desenvolvendo características próprias e formalizações onde a prática da ação e da educação museal tenham uma forma comunitária, onde o centro dessa visualização seja voltada ao desenvolvimento local, através da interpretação e fortalecimento do reconhecimento e da promoção do direito à memória e à história entre as comunidades, valorizando suas histórias e memórias principalmente o patrimônio material e imaterial. essa perspectiva é um trabalho que ao longo do tempo vem sendo realizado e desenvolvido pelo núcleo educativo do ponto de memória museu indígena Kanindé e pelos museus indígenas e comunitários do Ceará, isso tem despertado uma curiosidade muito grande nesse trabalho de

como fazer e realizar um trabalho de um museu voltado para a comunidade em fortalecimento da sua identidade e das culturas locais, desfazendo aquela ideologia de que museu é apenas um espaço físico entre quatro paredes, museu nessa nova perspectiva de ação museológica no meu pensar e das ações que vem sendo realizadas é além de linha prática de conhecimento acima de tudo um espaço educacional transformador em uma nova visibilidade na museologia social.

acredito ter contribuído nessa discussão, é a partir de trocas dessas experiências que certamente iremos construir um futuro para os nossos museus com ideologias mais humanitárias onde possam retratar mais as histórias, valorizar as classes sociais e acima de tudo a formação da verdadeira identidade do povo brasileiro.

qualquer outras informações pode entrar no blog do museu: <http://www.mkindio.blogspot.com> / ou escolakaninde-indio.blogspot.com.br

ai estão retratados algumas ações educativas, pedagógicas e ações museológicas ao qual espelha a discussão do tópico e da experiência.

qual o tema que você colocou pra discussão, mim fale um pouco também dessa iniciativa? vamos trocar mais ideias.... disponha...

valeu um grande abraço

suzenalson da silva santos
coordenador do ponto de memória: museu indígena kanindé – ceará
mkindio@gmail.com

[\(85\)86636412](tel:(85)86636412) / (85)91736659

11/12/2012 às 21:33#562



Diego Luiz Vivian

Membro

Oi, Suzenalson

Obrigado pela resposta esclarecedora. Agora entendi um pouco melhor o sentido do tópico criado por ti, e a tua contribuição neste debate em torno da elaboração do Programa Nacional de Educação Museal pela sociedade brasileira.

Visitei os endereços eletrônicos indicados por ti e gostei muito de ver o trabalho realizado pelo Ponto de Memória: museu indígena kanindé. Parabéns.

Creio que trabalho como estes se direcionam exatamente para um campo onde o direito à memória e à história se mostram essenciais. Por isto o papel

estratégico que os museus indígenas representam neste cenário da relação museu-comunidade.

Como sugestão de trabalhos análogos e que seguem nesta mesma área das práticas inovadoras em museologia social e comunitária, gostaria de indicar as produções cinematográficas realizadas pelos Mbyá Guarani, da Tekoá Koenju (Aldeia Alvorecer), em São Miguel das Missões, através da sua principal liderança indígena, o cacique e cineasta Ariel Ortega.

Trata-se de uma perspectiva importante para pensarmos melhor como se desenvolveu a história deste povo no Brasil, desde os seus primórdios. Mas não somente com o foco no passado distante, mas especialmente atento sobre os aspectos atuais desta história e memória indígenas que se encontram em permanente (re) construção.

Parabéns, mais uma vez, aos indígenas e suas contribuições, mestres na arte de educar.

Obrigado.

31/01/2013 às 17:32#818



centrodereferencia

Membro

Gostaria de sugestões de ações aumentar a quantidade de visitates e para intensificar a participação da comunidade nos museus.

04/02/2013 às 16:55#826



Diego Luiz Vivian

Membro

Oi, Centro de Referência

seu questionamento resume um desafio de praticamente todos os museus. E por isto iniciativas como o PNEM são tão importantes.

Acredito que as sugestões que procura podem estar contidas nos próprios Fóruns deste Blog do Pnem, a exemplo do Fórum Ações Educativas e Memória Coletiva, que contou com uma importante postagem da Fernanda Castro e da sua experiência de trabalho em Santa Teresa-RJ.

Antes de terminar, gostaria de saber de que lugar você fala?

Sinta-se a vontade para continuar participando deste GT e de outros debates aqui do PNEM.

Abraço até mais,

Diego

04/03/2013 às 13:26#1028



Mariana Castro Teixeira

Membro

Olá Diego,

a partir do tópico "museus e comunidade: ações educativas para uma nova prática na museologia social" você colocou algumas questões que foram bem contempladas...

E sobre a questão do "ampliação do entendimento entorno do que seja a "função social" dos museus", eu gostaria de entender mais sobre essa função. Estamos falando de trazer para o museu um público que historicamente está excluído destes espaços...seria essa a função social do museus?

05/03/2013 às 17:11#1050



Diego Luiz Vivian

Membro

Oi , Mariana

Obrigado pelo seu interesse nos debates promovidos através deste GT Museus e Comunidades.

Sua pergunta é extremamente pertinente, mostrando sua atenção para com um debate que se encontra "em aberto" e que também possui diversas respostas possíveis.

Quando se fala em função social de museus lembro logo da Mesa Redonda de Santiago – Chile (1972), que contribui para dar novos rumos ao entendimento que se tinha da instituição museu, gerando um movimento conhecido também como a Nova Museologia.

05/03/2013 às 17:16#1051



Diego Luiz Vivian

Membro

Mais recentemente, no Brasil, a justificativa para a escolha do "tema motivador" da última Primavera de Museus também fez menção a este assunto (função social dos museus).

Abaixo reproduzo partes desta justificativa, tentando resumir um pouco do que estamos falando quando se trata de função social de museus:

"Museus são espaços de reflexão que valorizam os saberes, os fazeres e a memória e impulsionam o pensar social. Abrangem ampla diversidade de temas, áreas do conhecimento e práticas (...) afirmando-se como referenciais básicos para a transformação das realidades locais. (...) Essa perspectiva orientou o movimento de criação de um modelo de museu como espaço de engajamento social, debate e reflexão coletiva, de tal forma a tornar os visitantes atores sociais. Essa ampliação do conceito de museu considera, também, as realidades socioeconômicas, atentando-se às diversidades regionais, ao patrimônio vivo e ao desenvolvimento durável. A partir da valorização do patrimônio local, o museu auxilia na construção de comunidades sustentáveis, que visam a união de interesses coletivos de forma harmônica. Ademais, ao incentivar a participação popular, contribui para a construção de um projeto de desenvolvimento humano sustentável, sendo representativo das necessidades e interesses e integrando as comunidades envolvidas.(...)"

Obrigado, mais uma vez, pela sua participação.

E sinta-se à vontade para encaminhar suas propostas para a elaboração do PNEM.

24/03/2013 às 14:09#1112



Lira Dutra

Membro

Olá, senhores e senhoras!

Sou do município da Granja, Ceará.

Acessei o blog <http://escolakaninde-indio.blogspot.com.br/> e gostei das informações.

Quero manter contato com [suzenilson da silva santos](#) para que possa sugerir ideias para o trabalho que desenvolvo no Instituto José Xavier, onde tem um museu.

Acessem:

<http://institutojosexavier.com.br/site/>
institutojosexavier@yahoo.com.br

Estamos precisando de todos os parceiros.

27/03/2013 às 0:14#1125



Lice Enderlein

Membro

Li todas as contribuições e tive vontade de participar. Sou do Rio e percebi uma mudança importante na postura de alguns museus e sua maneira de abordar o público que, antes via um museu como um lugar chato e empoeirado, mas agora percebe o quão vibrante e interessante se tornou.

Temos aqui no Rio O Centro Cultural Banco do Brasil e o MAR – Museu de Arte do Rio que vem trazendo exposições interativas e para todas as idades além de fazer divulgação massivamente inclusive por redes sociais. Desta forma acompanhamos daqui a exposição Os Impressionistas Franceses em São Paulo, torcendo para que viesse logo para o Rio, e aqui foi um incrível sucesso.

Bem, um museu não se faz apenas com exposições maravilhosas e caras; há ambientes para as crianças com tutores, exposições fixas, exposições sobre artistas populares (Elis, recentemente). Ou seja, museus precisam se tornar ágeis e ventilados, grandes comunicadores e acolhedores de primeira. Acho que é por aí! Não sei como está o resto do Brasil, mas aqui nota-se claramente que tudo mudou...e para melhor!

28/03/2013 às 17:53#1149



Diego Luiz Vivian

Membro

Olá Lira!

you viu que o Suzenilson deixou os contatos dele?

Reproduzo abaixo:

suzenilson da silva santos

coordenador do ponto de memória: museu indígena kanindé –
ceará mkindio@gmail.com (85)86636412 / (85)91736659

h) Gestão pública em museus

• Autor

Posts

- 28/03/2013 às 12:24#1124



Joss Cunha

Membro

Que seja exigida, formação Superior em artes para que se possa exercer a Função de Gestor Público em Museu.

28/03/2013 às 12:44#1143



Diego Luiz Vivian

Membro

Bom dia,

obrigado pela participação e interesse nesta construção coletiva.

A sua proposta pode ser melhor debatida no contexto do PNEM através do eixo temático específico sobre Gestão em museus. Por isto, sugiro que compartilhe sua opinião no referido eixo sobre o tema.

abraço e até mais.

28/03/2013 às 16:20#1145



Ana Cunha

Membro

Boa iniciativa, pena que não podemos generalizar, o Brasil é enorme e os lugares tem caracterisitcas proprias, aqui no norte, especificamente no Acre, nem museologo temos por aqui, quanto mais exigir que pra ser gestor dos Museus precisa ter graduação em artes, se for possivel esse profissional pode sim ser absolvido no quadro tecnico dos Museus, mas exigir que sejam apenas quem tem essa formação é complicado quando se fala a nivel nacional. O que precisamos ter são profissionais em quadro efetivo, a grande maioria dos Museus tem o quadro tecnico deficiente por falta de concursos publicos para preenchimento dessas vagas o que causa transtorno com as continuas interrupções das ações.

A gestão de um museu precisa ter profissionais no quadro efetivo.

28/03/2013 às 17:46#1146



Diego Luiz Vivian

Membro

Concordo contigo Ana, especialmente quando ressaltas a grande dimensão territorial brasileira e as diversas realidades sociais e "museais". E nisto tudo os necessários concursos para prover os museus geridos pelo poder estatal com servidores públicos, pois todos sabemos os grandes problemas encontrados em museus que se transformam nos chamados "cabides de emprego". Uma espécie de círculo vicioso se instala e a gestão fica comprometida de uma forma brutal

Nos museus comunitários as tarefas de gestão podem ser compartilhadas com profissionais que atuam em museus, como historiadores, conservadores, arquivistas, bibliotecários, museólogos, educadores, etc.... mas obviamente se pressupõe que nestes espaços de memória o próprio inventário do patrimônio tenha sido projetado e executado pelos membros do(s) grupo(s) e não por agentes externos. O que não impede a colaboração destes últimos e mesmo ações de militância pela museologia social. E também tenho visto que a metodologia de "Conselho Gestor", no museus comunitários, pode trazer bons resultados.

Obrigado pela participação e se achar pertinente dê sua opinião também no fórum sobre Gestão em museus...

abraço.

28/03/2013 às 17:48#1148



Diego Luiz Vivian

Membro

Temos até dia sete de abril para postagens neste Blog.

i) Informação / faz

• Autor

Posts

- 28/03/2013 às 12:25#1049



MUSEU DIVINO DIAS MACIEL

Membro

O Museu Divino Dias Maciel já realiza em parceria com as Escolas Municipais o projeto de Educação Patrimonial. Os alunos fazem visitas Guiadas ao Espaço do Museu e são orientados como preservar e conservar os objetos antigos e históricos do Município e região.

Também são levados aos alunos no ambiente da Escola palestras sobre a Educação Patrimonial.

Um Forte Abraço.

Júlia de Sá Carvalho

28/03/2013 às 13:08#1144



Diego Luiz Vivian

Membro

Parabéns pelo trabalho realizado, Júlia

E obrigado por compartilhar conosco sua experiência.

Sinta-se à vontade para continuar participando com envio de propostas, até dia 7/4/2013, aqui pelo Blog do PNEM.

Aliás, no GT Perspectivas Conceituais há um tópico discutindo "visita guiada/visita mediada", ação educativa mencionada por ti logo acima.

Abraço e até mais.

j) Fomentar por meio de ações educativas e autogestão da memória da comunidade

• Autor

Posts

- 20/11/2012 às 11:58#276



Pnem

Membro

Fomentar por meio das ações educacionais e culturais a apropriação dos instrumentos de pesquisa, documentação e difusão das manifestações culturais populares por parte das comunidades que as abrigam, estimulando a autogestão de sua memória.

05/12/2012 às 21:41#503



Diego Luiz Vivian

Membro

Este tópico trata exatamente do direito à memória, questão sensível às comunidades indígenas, afro-brasileiras e periféricas.

Como os museus têm lidado com isto? Deixe sua contribuição...

05/12/2012 às 23:01#505



Milena Claudino

Membro

08/01/2013 às 19:05#692



Diego Luiz Vivian

Membro

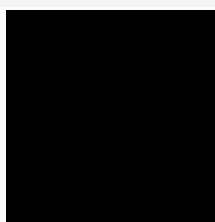
Oi Milena,

you posted some message previously in this topic?

If possible, resend the message because I couldn't visualize your participation dated 05/12/2012 at 23:01. It appears as a blank post only.

Thank you and see you later.

28/01/2013 às 16:37#807



Bruno Marinho

Membro

This idea is very interesting, I would like to know initiatives of this type

04/02/2013 às 17:20#827



Diego Luiz Vivian

Membro

Hi, BFDMARINHO

obrigado pela sua participação e interesse.

Um modo de começar a conhecer iniciativas em torno dos Museus e Comunidades é fazer uma visita aos diversos fóruns temáticos deste Blog do PNEM e acompanhar os debates do GT Museus e Comunidades.

Por isto, fique à vontade para continuar visitando e participando.

Abraço e até mais.

13/02/2013 às 20:37#863



[danielle.alves](#)

Membro

Olá Diego, creio que quando falamos de memória da comunidade nos referimos à todo o tipo de diversidade possível que possa conviver no entorno dos nossos museus, desde os imigrantes, à classe alta, os ribeirinhos, os emergentes, os indígenas, quilombolas, favelas, estudantes, comércio e tantos outros... Ainda é um grande desafio para os museus envolverem aqueles que os rodeiam, muitos percorrem grandes distâncias para conhecer aquela história, e, ao mesmo tempo, os vizinhos do museu nunca entraram para conhecer aquele espaço.

15/02/2013 às 16:10#889



[Diego Luiz Vivian](#)

Membro

Olá, Daniele

obrigado pela sua contribuição aqui no GT Museus e Comunidades.

Você tocou em dois pontos fundamentais para os propósitos do PNEM e deste GT: 1) que noção podemos ter de COMUNIDADE ?; 2) e o desafio imposto aos museus pelo distanciamento e/ou ausência dos moradores que são seus vizinhos.

A noção de comunidade pode variar muito. Há aqueles, inclusive, que ignoram sua existência.

Mas creio que é preciso estabelecer alguns termos para que consigamos entender o que estamos tratando. Senão corremos o risco de acreditar que "tudo é comunidade", o que equivaleria a dizer que "nada é comunidade".

Na minha opinião, um ponto de partida para que este debate dê frutos é compreender comunidade como grupo ou grupos de pessoas em situação de vulnerabilidade social unidas por vínculos históricos relacionados a aspectos territoriais, étnicos, culturais e/ou de gênero, em especial quando movidas ou organizadas em prol da defesa e promoção do Direito à Memória e à História, assim como a outros tópicos dos Direitos Humanos e Culturais (Carta das Missões, 2012).

Assim tenho pensado o conceito de comunidade em articulação com a memória e a museologia social.

Deste modo, a utilização do termo comunidade pode fazer referência a um território (moradores do bairro, comunidade rural, etc), a critérios étnicos (comunidade indígena, comunidade quilombola etc), a aspectos culturais e/ou de gênero (comunidade LGBT, pescadores artesanais, trabalhadores sindicalizados etc). Mas a sua especificidade estaria relacionada à exclusão histórica enfrentada pelos membros das comunidades a partir de critérios territoriais, étnicos, culturais e/ou de gênero.

Isto nos leva a relativizar a expressão consagrada "Penso, logo existo", contrapondo a ela a expressão "Pertença, logo existo", como diria um colega da museologia.

E isto me leva ao outro ponto destacado por ti na postagem anterior, que diz respeito aos baixos índices de visitação dos museus pelos moradores que são seus vizinhos.

Uma impressão que tenho é que essa situação de os moradores não visitarem o museu próximo de suas casas parece ser recorrente em todo o lugar. Pelo menos tenho percebido que se trata de um desafio constante colocado por gestores e trabalhadores em museus.

Acho que um aspecto importante para refletir sobre isto é o sentimento de pertencimento dos moradores em relação ao museu. E daí também fiquei me perguntando:

Há este sentimento entre os moradores? Eles se identificam e se sentem fazendo parte do museu? A história narrada no museu abarca as experiências e vivências comunitárias? Os moradores participam e compartilham questões que dizem respeito aos rumos do museu (gestão compartilhada e participativa; concepção e execução de projetos e exposições etc)? O museu se preocupa com isto e promove esta aproximação? O museu reconhece (positivamente) as peculiaridades das expressões culturais daqueles que são seus vizinhos?

Enfim, esta questão parece ser, como muitas coisas na vida, uma via de mão dupla!

16/02/2013 às 1:34#906



MHCI

Membro

O museu em que estou gestora é um museu histórico e cultural e portanto procuramos aliar a preservação da memória cultural, resgatando tradições culturais como danças de São Gonçalo e Reisado, religiosidade, como benzedeadas e etc, além da própria história da cidade que procuramos resgatar através da campanha de doação de peças antigas. É um trabalho delicado e gratificante, pois passamos a registrar modos de vida e costumes que sofreram modificações com o passar dos anos. O que pude observar é que ao oferecer oficinas de danças na localidade onde são encontradas as manifestações culturais as crianças são participativas, no entanto, estas tem dificuldade de permanecerem nas mesmas quando entram na fase da adolescência, creio eu, que este distanciamento provocado como resultado da globalização. Os interesses da própria fase aliados as novas tecnologias do mundo moderno tiram o foco da permanência na tradição. A questão também da valorização das tradições culturais pela sociedade sofre os efeitos da globalização, as pessoas mais velhas são ainda as que mais se mostram interessadas, sendo que nem todas mantem o interesse de preservar as manifestações culturais. Sendo uma questão de procurar reeducar a sociedade para o sentimento de valorização e pertencimento através de palestras, fóruns, visitas guiadas abertas ao público em geral. Acredito que esta seja a realidade de muitos museus brasileiros.

16/02/2013 às 21:38#907



Adilson Nunes de Oliveira

Membro

Pois é : também noto essa lacuna- as crianças até 10 ou pouco menos se interessam muito, pois há vários filmes e desenhos com cenas ou foco em museus, múmias , tesouros, dinossauros , arcas perdidas... Na adolescência parece que isso tudo se perde diante de tantas solicitações , também instigada pelas redes sociais . Mas na maior idade é o caso da recordação e da saudade ,mas que não é o objetivo dos museus . Digo, objetivo principal. Ora é um desafio mesmo manter jovens e crianças e adultos interessados permanentemente em museus . Por isso as exposições de curta duração, os eventos , as programações dos museus carecem de ser tão criativas tão dinâmicas, tão inovadoras (ufa!) que possam realmente combater , no bom sentido, todos esses outros apelos tão fortes que desviam nossos usuários para outros lados. é um trabalho exigente , mas compensador. Parabéns por essa inquietação, pois isso move os museus. Adilson Nunes de oliveira – museólogo COREM RS 0046 Diretor do Museu Paulo Firpo, de Dom Pedrito RS adilsonnunesdeoliveira@gmail.com

19/02/2013 às 19:58#937



Alcione Resin Ristau

Membro

Olá. Gostaria de fazer um relato sobre uma experiência bem legal com adolescentes que está sendo realizada já alguns anos aqui no Museu de Arte de Joinville. Este desinteresse é perceptível, entretanto desenvolvemos dois projetos voltados para o 9º ano do ensino fundamental (estudantes na faixa etária dos 14 / 15 anos). Em um dos projetos os estudantes vem participam de encontros semanais no museu com artistas e outras atividades de mediação e desenvolvimento de poéticas. A participação e envolvimento deles é realmente excelente. É preciso neste caso, fazer os projetos considerando as características deste público alvo.

20/02/2013 às 13:17#943



Diego Luiz Vivian

Membro

Olá, MHCI

Obrigado pela participação.

O exemplo das oficinas de dança promovidas pelo museu histórico e cultural me deixou curioso. Ocorre em que estado/cidade? Qual é a periodicidade das atividades? O trabalho dosicineiros é voluntário? Eles pertencem à comunidade?

Sobre este trabalho do museu, também fiquei pensando se envolve oficinas de música, possibilitando a interação direta de crianças e adolescentes com os instrumentos relacionados aos grupos de Reisado. Pensei isto porque tenho a impressão de que oficinas de música tendem a fazer sucesso entre crianças e adolescentes!

E o trabalho com as benzedeadas me deixou mais curioso ainda, pois moro em uma cidade do interior gaúcho onde essa manifestação é bastante forte. Não somente moradores procuram os benzedeados, rezadores e mateiros locais para curar seus males do corpo e da alma; mas também é expressiva a procura por parte de turistas de diversos rincões, que visitam a pequena cidade atraídos pelo único Patrimônio Cultural da Humanidade existente na Região Sul do país.

Enfim, parabéns pelo trabalho realizado junto à comunidade!

Volte mais vezes aqui no Blog para seguirmos nesta construção coletiva.

22/02/2013 às 12:48#973



Diego Luiz Vivian

Membro

Bom dia, Adilson

Obrigado pela participação aqui no GT Museus e Comunidades.

Sua postagem me fez refletir sobre a possibilidade de realizar atividades que integrassem crianças, adolescentes e pessoas de mais idade.

E isto poderia se dar através de atividades conhecidas como “Rodas de Memória”, onde as experiências de vida dos mais velhos são compartilhadas com os mais jovens a partir de processos de rememoração. Trata-se de um trabalho árduo e delicado, pois envolve pessoas de carne e osso, suas biografias e suas lembranças talvez mais íntimas. Por isto é preciso ter pessoas com disposição para falar (rememorar) e, principalmente, ouvir, sabendo que se trata da tentativa de estabelecer uma espécie de diálogo intergeracional. Mas que no final das contas poderia ser gratificante e significativo para crianças, jovens e adultos.

Para não desanimar, faço uma “provocação”: quem sabe a elaboração e execução de um “projeto piloto” por parte do Museu Paulo Firpo não seja um primeiro passo neste sentido? Afinal, Dom Pedrito/RS e seus habitantes têm muitas histórias e memórias a compartilhar, não é mesmo?

Abraço e até mais.

22/02/2013 às 13:05#975



Diego Luiz Vivian

Membro

Olá, Alcione

Que legal esta programação permanente executada pelo Museu de Arte Joinvile.

E considero que além de levar em conta os interesses e a faixa etária das pessoas, outro ponto fundamental é a própria continuidade das ações educativas. Somente com certa regularidade na execução é que conseguiremos realizar diagnósticos pertinentes e projetar o futuro de ações educativas como a que apresentaste aqui no blog.

Daí a importância do FINANCIAMENTO destas oficinas, viabilizando sua qualificação e consolidação ao longo dos anos. Aliás, este assunto pode ser remetido para o GT Gestão deste Blog do PNEM, onde foi iniciado um tópico exatamente sobre o tema “Financiamento de ações educativas”.

Obrigado e volte sempre!

22/02/2013 às 19:07#984



Fernandab

Membro

Olá. Excelente debate. Estava acompanhando os diversos tópicos do site, e este me pareceu pertinente para participar neste momento da conversa.

Estou desenvolvendo meu projeto de graduação, e o tema é: Museu Interativo da Colonização Italiana. O motivo do tema, é pela evidente decadência da visitação dos museus tradicionais, onde em contrapartida, museus interativos como o museu da língua portuguesa por exemplo, são muito procurados gerando um turismo local. Os museus tradicionais, que contam apenas com acervo de objetos ainda que tenham importância histórica, sofrem dessa dificuldade e hoje, são estimulados a envolverem a comunidade com atividades. Interessante a campanha de doação de objetos que MHCI cita, pois a comunidade sente sua contribuição como acervo.

ADILSON NUNES DE OLIVEIRA cita um fator que acredito ser muito importante, que é manter as atividades de formas dinâmicas e atrativas. Acho também que deve ser levado em consideração a localidade e o tema proposto, e ainda pensar na abordagem para os diferentes públicos. Os mais idosos prezam o acervo físico, os mais jovens prezam tecnologias e atividades dinâmicas.

No caso da minha proposta é a colonização italiana devido ao seu número expressivo na região. O desenvolvimento do projeto será com acervo físico (podendo ser colaborativo), associado a visualização interativa, com o uso também de vídeos de relatos, levando ao conhecimento das origens, cultura...será que meu projeto segue no caminho certo?

• Autor

Posts

- 25/02/2013 às 20:11#999



Diego Luiz Vivian

Membro

Olá, Fernanda

Obrigado pela participação e pelo relato sobre seu projeto de pesquisa.

No próprio Blog do PNEM há um GT sobre PERSPECTIVAS CONCEITUAIS, onde foi criado um tópico sobre MUSEUS VIRTUAIS e museus interativos.

As postagens feitas até o momento são bastante interessantes, incluindo sugestões de bibliografia sobre o tema. Sugiro que você visite este tópico específico, pois acredito que os debates ali desenvolvidos podem te ajudar a refletir sobre os rumos do teu projeto.

Até mais!

24/03/2013 às 19:36#1113



MHCI

Membro

Olá, Diego!

Obrigada pelo elogio! Esse trabalho realizado com o reisado é na zona rural da cidade de Inhuma- Piauí. As crianças entram em contato com alguns instrumentos, como por exemplo, os maracás, mas outros instrumentos mais difíceis de aprender, como a sanfona não, pois associar a prática do aprendizado das rimas e danças do reisado com os instrumentos tornaria ainda mais complexo o trabalho a ser desenvolvido, embora tornasse as aulas mais atrativas. Gostei da ideia, vou pensar na hipótese de separar dias para aulas apenas instrumentais. As aulas são oferecidas aos sábados, no pátio da escola. Osicineiros (mestres de cultura) recebem um incentivo em dinheiro pago pela prefeitura, mas eles repassam os conhecimentos mais pelo prazer de ensinar e preservar a tradição. Como a mestra de reisado e demais componentes do grupo moram na zona rural o trabalho é realizado na própria comunidade, visando assim, despertar o sentimento de pertencimento e o desejo de preservar a tradição. Com relação as benzedadeiras o museu trabalha junto às escolas promovendo entrevistas no sentido de que crianças e adolescentes possam entender o trabalho das benzedadeiras e também valorizá-las. Ainda realizamos oficinas de São Gonçalo, outra tradição cultural e religiosa de minha cidade. Esta oficina está sendo resgatada por um Grupo de dança, que também é mantido pela prefeitura. Grupos de jovens moças e rapazes aprendem a cantar rimas e dançar, os rapazes a tocar cuias, que são os chamados caqueiros. A sanfona entra na animação, mas ainda não são oferecidas aulas destinadas a aprendizagem desse instrumento.

24/03/2013 às 19:46#1114



MHCI

Membro

Olá, Diego!

Obrigada pelo elogio! Esse trabalho realizado com o reisado é na zona rural da cidade de Inhuma- Piauí. As crianças entram em contato com alguns instrumentos, como por exemplo, os maracás, mas outros instrumentos mais difíceis de aprender, como a sanfona não, pois associar a prática do aprendizado das rimas e danças do reisado com os instrumentos tornaria ainda mais complexo o trabalho a ser desenvolvido, embora tornasse as aulas mais atrativas. Gostei da ideia, vou pensar na hipótese de separar dias para aulas apenas instrumentais. As aulas são oferecidas aos sábados, no pátio da escola. Osicineiros (mestres de cultura) recebem um incentivo em dinheiro pago pela prefeitura, mas eles repassam os conhecimentos mais pelo prazer de ensinar e preservar a tradição. Como a mestra de reisado e demais componentes do grupo moram na zona rural o trabalho é realizado na própria comunidade, visando assim, despertar o sentimento de pertencimento e o desejo de preservar a tradição. Com relação às benzedadeiras o museu trabalha junto às escolas promovendo entrevistas no sentido de que crianças e adolescentes possam entender o trabalho destas e também valorizá-las. Ainda realizamos oficinas de São Gonçalo, outra tradição cultural e religiosa de minha cidade. Esta oficina está sendo resgatada por um grupo de dança, que também é mantido pela prefeitura. Grupo de jovens moças aprendem a cantar rimas e dançar, os rapazes a tocar cuias, que são os chamados caqueiros. A sanfona entra na animação, mas ainda não são oferecidas aulas destinadas a aprendizagem desse instrumento.

26/03/2013 às 12:27#1120



Diego Luiz Vivian

Membro

MHCI,

obrigado por compartilhar sua experiência de trabalho com o museu e a comunidade.

Tornou ainda mais interessante teu relato anterior sobre o reisado, contextualizando a realidade das ações desenvolvidas, a exemplo das formas de incentivo do poder público municipal aos mestres da cultura popular.

até mais e volte sempre....

k) Encontros

• Autor

Posts

- 27/11/2012 às 12:05#332



Mara Paulina Arruda

Membro

Promover Encontros com a Comunidade e oficinas que favoreçam relatos da História Regional.

27/11/2012 às 22:45#396



Diego Luiz Vivian

Membro

Cara Mara Arruda, percebo a importância de ações desta natureza bem de perto, pois trabalho na região missioneira do estado do RS, onde relatos com referência à história regional adquirem peso crucial em várias dimensões da vida cotidiana. São fundamentais na construção de identidades; estão presentes na política (sentido amplo); a música e a arte de modo geral também bebem nesta fonte da história regional; enfim... Parabéns pela proposição.

01/12/2012 às 22:02#448



Mara Paulina Arruda

Membro

Legal Diego Luiz Vivian. Sugiro os Encontros com a Comunidade e o Museu afim de que aquelas pessoas que nunca ouviram falar de Museu ou aquelas que nunca pensaram na possibilidade de ver, sentir, ouvir pessoas e ver objetos possam com esta ação /ou ações conhecer um mundo passado e a partir de então possam contar do seu mundo passado.

04/12/2012 às 19:51#493



Diego Luiz Vivian

Membro

Realmente, Mara Arruda.

Este último fim de semana que passou, por exemplo, o Museu das Missões/Ibram foi visitado por um grupo de estudantes de um município gaúcho que não possui instituição desta natureza. As crianças nunca haviam conhecido um museu, em suma. E devem ter ficado maravilhadas com os remanescentes missioneiros, que afinal também fazem parte das narrativas tradicionais consagradas à História Regional.

Como se diz no RS, as Missões são o "berço do Rio Grande", no sentido de onde tudo começou.

05/12/2012 às 22:55#504



Milena Claudino

Membro

Interessante também é incluir nas propostas de relatos da História Regional a promoção de atividades em grupo para o debate acerca da construção, relações e reconhecimento dos saberes e fazeres dessas comunidades. (comunidades no sentido amplo obviamente)

05/12/2012 às 23:04#506



Mara Paulina Arruda

Membro

Entendo que a educação precisa e vive da reinvenção das possibilidades de conhecer, de apreender e de resignificar os conteúdos e a História tato Universal com regional e local. Por isso a proposição Encontros é importante.

19/12/2012 às 18:51#602



Alcione Resin Ristau

Membro

Boa tarde.

Refletindo sobre este tópico, Encontro... Museus e Comunidade, me faz refletir principalmente sobre como a instituição museológica se vê em relação a comunidade ao seu redor e como é vista também... Quais são as condições ao seu entorno e dentro de sua própria estrutura que podem estreitar os laços com a comunidade que a cerca? E se pensarmos em comunidade global, estas questões se tornam maiores ainda...

21/12/2012 às 19:43#617



Diego Luiz Vivian

Membro

Caros participantes e articuladores,

creio que a proposta da Milena foi bastante feliz, chamando a atenção para a importância do patrimônio imaterial das comunidades (saberes e fazeres). Isto deve ser trabalhado pelos museus em consonância com as necessidades e demandas da própria comunidade detentora dos saberes e patrimônios.

Não acham?

21/12/2012 às 19:49#618



Diego Luiz Vivian

Membro

Mara, obrigado mais uma vez pela sua contribuição. Mas gostaria de comentar a mensagem do Alcione, que coloca uma questão bastante importante. Ou seja, como o museu vê a comunidade em seu entorno e como a instituição museológica é vista pela comunidade que a cerca.

Acho que devemos investir mais nesta reflexão, tanto do ponto de vista conceitual como prático. Por isto aguardo mais contribuições do Alcione, Mara Milena e todos os demais interessados.

Antes de encerrar, quero desejar boas festas para todos vocês.

Abraços e até mais.

04/01/2013 às 16:29#636



Alcione Resin Ristau

Membro

Boa tarde, um ótimo ano para todos.

A proposição que fiz em relação ao museu e a comunidade, foi no sentido de problematizar estas relações. Trabalho como educadora no Museu de Arte de Joinville, instituição esta que tem sede em uma casa histórica na cidade, assim como muitas instituições culturais e museais do Brasil. O fato é que não estamos em uma ilha, mas sim rodeados de diferentes agentes. Ou seja, são pesquisadores, artistas, críticos de arte, arquitetos, acadêmicos, estudantes, professores, turistas e mesmo os nossos vizinhos moradores da região. E além disso, a toda uma rede social (hoje em dia muito fortemente pelo Facebook e pelo Blog do Museu) que muitas vezes extrapola nossas perspectivas do quanto o Museu é conhecido bem como suas ações. Neste sentido o tópico Encontros com a Comunidade é extremamente relevante, podendo ser ampliado para outras esferas além da História Regional ou local, talvez num enfoque voltado ao patrimônio cultural.

08/01/2013 às 13:39#689



Alcione Resin Ristau

Membro

Olá, continuando a discussão sobre os Encontros e ainda sobre a Proposição "Museus e Comunidade", li hoje um artigo de Maria Isabel Leite e Amalhe Baesso Reddig na Revista Musas de 2007, que achei muito pertinente e diz o seguinte:

"Nesta direção, Maria Isabel Leite (2005, p. 37) sinaliza a importância de se compreender o espaço museal como "um fórum, um espaço de encontro, um espaço de debate – um espaço em que as coisas se produzem, e não apenas o já produzido é comunitário". Baseada em Chagas, a mesma autora afirma que "

os museus não apenas exercem o papel da guarda, mas têm vocação para investigar, documentar e comunicar-se (Leite, 2006, p. 75). Enfatiza ainda que os museus são "espaço de produção de conhecimento e oportunidades de lazer" e que "seus acervos e exposições favorecem a construção social da memória e a percepção crítica da sociedade" (Leite, 2006, p. 75).

Me recordo ainda, que em um Fórum Catarinense de Museus que ocorreu em Joinville – SC, um termo que foi utilizado para refletir sobre a ação dos museus em relação a comunidade seria como a de uma "antena", propagadora de ações / proposições / discussões relativas ao patrimônio. E hoje, um termo que recentemente ouvi se relacionar com os museus, é a possibilidade de serem plataformas, e não mais ilhas...

08/01/2013 às 19:02#691



Diego Luiz Vivian

Membro

Oi Alcione,

Obrigado pelas suas colaborações na construção do PNEM, visando problematizar a relação museus-comunidades.

Você trouxe uma série de questões relevantes, e por isto me desculpe se não conseguir comentar todas elas aqui. Assim, fique inteiramente à vontade para continuar postando mensagens neste fórum temático e aprofundando o debate, de modo a construirmos propostas e ações concretas no que tange aos museus e as comunidades.

Concordo com você que os museus contemporâneos estejam passando por processos de revisão conceitual e transformações de ordem prática que não permitem mais classificá-los como se fossem meras "ilhas" detentoras de um patrimônio cultural musealizado que precisa ser comunicado.

Por isto gostei da ideia de se tomar os museus como se fossem "plataformas", pois permite pensar os museus enquanto espaços de memórias dinâmicos e capazes de construir "pontes" com diversos interlocutores, seja a sociedade mais ampla (outros museus, universidades, centros de pesquisa etc), sejam os grupos e as comunidades mais próximas territorialmente, como os moradores da cidade e/ou bairro onde se localiza o museu (incluindo estudantes e professores).

Neste sentido, uma das pontes a serem construídas coletivamente podem ser os referidos Encontros abordando temas sobre história, memória e patrimônio. Estes Encontros podem beneficiar articulações e ações que visem uma abertura e aproximação dos museus em relação ao mundo mais amplo que o cerca, não se restringindo somente ao papel de expositor de acervos consagrados ao público formado por especialistas, turistas e excursionistas.

09/01/2013 às 18:28#696



Alcione Resin Ristau

Membro

Olá, boa tarde.

Agradeço o comentário, e espero estar contribuindo. A minha preocupação em relação a este tópico, é em relação a sua abrangência, por exemplo no caso da arte e da produção contemporânea, é de que os Encontros também possam estar discutindo esta produção e suas relações com a história, memória, patrimônio... Claro que cada museu ou centro cultural tem suas especificidades, mas pensar também em relações e conexões com temáticas diversificadas são caminhos para estabelecer novas relações com a comunidade, no sentido amplo que estamos pensando.

11/01/2013 às 11:55#705



Diego Luiz Vivian

Membro

Olá, Alcione e demais articuladores do PNEM

encontrei um livro com artigo que trata da definição de museus como "plataformas" em oposição a ideia de "ilha" (isolamento). O material está disponível no sítio <http://www.reprograme.com.br>, pode ser baixado gratuitamente e reúne artigos de diversos especialistas na área de museus. Abraço e até mais

25/01/2013 às 14:38#795



Elane Carneiro de Albuquerque

Membro

Oi pessoas,

Trabalho no Museu Sacaca em Macapá. Minha experiência na construção da proposta pedagógica e museológica deste museu que contou com a participação de diversos grupos comunitários me levou a questionar justamente os problemas levantados pela Alcione, mas centrado em uma comunidade quilombola, e a partir destas construí meu objeto de pesquisa no mestrado concluído em 2008. A pesquisa demonstra a percepção desta grupo social em relação ao museu e quase sempre esta instituição é bastante estranha para a

comunidade. Por outro lado, alguns conceitos de museu construídos pelo grupo apresenta a própria comunidade quilombola, o meio ambiente, os fazeres e saberes, e cada pessoa como um museu a ser reconhecido e preservado. Por isso é fundamental a construção de uma nova relação entre o museu e a comunidade, compreendendo que sem esta a ação museológica não tem sentido. Também chamo a atenção para uma ação museológica que se mostre realmente interessada no patrimônio cultural dessas comunidades, tendo em vista as práticas museológicas e pedagógicas elitistas que minimizam a produção cultural das comunidades quilombolas, indígenas, ribeirinhas e outros grupos não hegemônicos, colaborando para uma desigualdade durável no acesso aos bens sociais e culturais.

• Autor

Posts

- 05/02/2013 às 11:11#830



Diego Luiz Vivian

Membro

Olá, [Elane Carneiro de Albuquerque](#)

realmente os museus, as memórias e os patrimônios não se resumem a simples conceitos/noções descoladas do contexto social mais amplo. Daí a importância de pesquisas e ações continuadas na área de museologia social, a fim de contribuir com a transformação das realidades excludentes que criam obstáculos ao exercício dos Direitos Humanos e Culturais.

Obrigado pela sua participação aqui no GT Museus e Comunidades. E fique à vontade pra continuar contribuindo com os debates.

Abs

Diego

Fórum 6: Perspectivas Conceituais - 15 tópicos / 114 respostas

Coordenador do GT: Ozias de Jesus Soares

a) Contribuições do Rio Grande do Sul

• Autor

Posts

- 08/04/2013 às 13:20#1240



Tiago de Campos

Membro

COLABORADORES: Helena Przyczynski Cardoso de Andrade – Museologia UFRGS; Mariana

Duarte – Instituto Bruno Segalla; Adriana Arioli – Programa Incluir UFRGS; Daniela Castilhos

Pioner – Instituto Bruno Segalla; Marlene Ourique do Nascimento – Santander Cultural, Eunice

Batista Laroque – CMET PAULO FREIRE; Rosani Brochrer Nicoli – Museu da UFRGS; Cidara

Loguercio Souza – Museu da UFRGS; Joel Santana da Gama – SEM/RS

Formação=graduação, especialização, mestrado e doutorado

Qualificação= instrumentalização

Capacitação = conhecimento técnico

TÓPICO 1

Redes

PROPOSTAS

- Fomentar, viabilizar e manter redes de conhecimento que visem os principais processos museais: documentar, preservar, comunicar e educar; fundamentando-se no conceito de patrimônio integral e integrado.

TÓPICO 2

Parcerias

PROPOSTAS

- Sensibilizar pessoas físicas, pessoas jurídicas, organizações e órgãos públicos para viabilizar a manutenção das ações dos programas de educação museal das instituições, por meio de doações financeiras, doações de recursos e serviços e incentivos fiscais.
- Garantir parcerias em forma de convênios, intercâmbios e/ou desenvolvimento de

planos de trabalho específicos integrado/participativo com diferentes segmentos da sociedade.

• Autor

Posts

- 08/04/2013 às 13:19#1260



Tiago de Campos

Membro

COLABORADORES: Cidara Loguercio Souza, Rosani Brochier Nicoli

TÓPICO 1

Concepções | Bases Conceituais

PROPOSTAS

- Tendo em vista que hoje a Museologia se estabelece como campo de conhecimento transdisciplinar, dedicado “à análise e estudo do Museu e do real em sua integralidade”, a Teoria Museológica permanece em construção, assim como seu arcabouço terminológico. Por isso é compromisso das equipes responsáveis, explicitar as concepções de Museu, Museologia e Educação adotadas no desenvolvimento das ações educacionais, a partir do conceito de Patrimônio Integral e Integrado. Garantir que os Museus e Espaços de Memória sejam importantes ferramentas de promoção da cidadania e ação social que passa pela democratização destes espaços. Por meio de ações transversais e construção participativa será possível potencializar questões de identidade vinculadas à apropriação do conceito de Patrimônio Integral e Integradas.

b) Debate em grupos – Educação e Museus – contribuições para PNEM

• Autor

Posts

- 07/04/2013 às 23:43#1256



Alice Bemvenuti

Membro

Seminário para debate – contribuições para o PNEM

20.03.2013 – UNISINOS – São Leopoldo/RS

O encontro realizado no dia 20 de março de 2013, na UNISINOS (São Leopoldo) desenvolveu através da metodologia de exposição da proposta do PNEM, dos estudos desenvolvidos no GT Educação em Museus no 5º Fórum Nacional de Museus, apresentados por Ms. Alice Bemvenuti; seguido da palestra "Diálogos entre Educação e Museus: experiências em Santa Catarina" com a Ms. Maria Helena Barbosa, dos sub-grupos que debateram os eixos do PNEM onde se desenvolveu debate e escrita e com a conferência "Museus e educação: potencialidades em questão" com os Profs. Drs. Eloisa Capovilla e Walmir Pereira.

O *Seminário para debate – contribuições para o PNEM* contou ao total com a presença de 63 pessoas, entre elas representantes de museus da cidade de São Leopoldo, representantes de museus da 1ª Região Museológica (SEM/RS), Coordenador do Sistema Estadual de Museus, Coordenadora da REM/SC, as universidades privadas: UNISINOS, PUC-RS e ULBRA, pesquisadores acadêmicos do Programa de Pós-Graduação de História, acadêmicos representantes dos cursos de graduação de história, educação física, pedagogia, administração, nutrição, fisioterapia, letras, biologia e economia. PERSPECTIVAS CONCEITUAIS, PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO MUSEAL, ESTUDOS E PESQUISAS

A questão da educação nos museus deve estar pautada no Plano Museológico, que reflete a perspectiva conceitual, para que esta ferramenta possa ampará-la. Os estudos e a pesquisa, seja sobre a temática do Museu ou sobre a atuação da educação no mesmo, são importantes porque trazem subsídios para a reflexão do trabalho do educador, aportando novas possibilidades para esta atuação. Estes subsídios de estudos e pesquisa serão importantes para o profissional de educação museal.

Nesse sentido, consideramos que os eixos de perspectivas conceituais, estudos e pesquisas e profissionais de educação museal estão inter-relacionados. Os conceitos estão na base dos estudos e pesquisas, são trabalhados e reformulados, e formam o arcabouço dos profissionais de educação. Ações como as elencadas a seguir são importantes para a construção de um Programa Nacional de Educação:

As perspectivas conceituais devem estar atreladas ao Plano museológico, o qual define a identidade e a missão do Museu; ferramenta de gestão para direcionar a instituição;

O conceito deve ser expresso na ação educativa, que deverá ser alimentado e retro-alimentado pela pesquisa (produção de conhecimento);

O Museu se constitui como espaço de ensino-aprendizagem na relação com a comunidade (público externo) e equipe (público interno);

Compreensão de que o educativo do Museu envolve diferentes instâncias (por ex. agendamento, a pesquisa, a recepção de público, a exposição, a comunicação, e o extra-muros);

ACESSIBILIDADE

Fomentar programas que estimulem o uso das tecnologias digitais para desenvolvimento, participação e divulgação dos processos educativos;

Implementar uma linha de financiamentos específica para área de acessibilidade;

Implementar um programa nacional de formação de público;

Implementar política pública que garanta verba de transporte, para acesso e acessibilidade, para que diferentes grupos de educação formal, não-formal e informal tenham direito aos museus.

MUSEU E COMUNIDADE

Incentivar parcerias entre instituições museológicas e instituições de educação formal e não formal para desenvolver projetos educativos nos museus.

Estimular o fomento para as ações educativas, sobretudo, onde estas ainda não existem, a partir da criação de editais que contemplem a ação educativa nos museus.

Incentivar as parcerias, com as associações e organizações de comunidade a fim de contemplar o acesso ao museu e também projetos de pesquisa de patrimônio cultural e expográficos.

Estimular a participação das organizações da sociedade civil na área de educação em museus através de edital.

GESTÃO

Reforçar a função educativa no museu por meio da ampliação e participação do setor educativo em todo o processo museológico.

Estabelecer um programa de parcerias entre instituições de educação formal e não-formal para desenvolver projetos educativos nos museus.

FORMAÇÃO, CAPACITAÇÃO E QUALIFICAÇÃO

Fomentar programas de formação continuada para profissionais e gestores, através de cursos e oficinas presenciais e/ou virtuais na área da educação em museus.

Estimular a pesquisa a partir da sistematização de práticas e metodologias educativas em museus.

REDES E PARCERIAS

Fomentar a criação de um programa de inclusão dos conteúdos presente nos museus e os próprios museus brasileiros, como eixo transversal obrigatório do programa de educação básica nacional.

Colaboradores responsáveis pelos registros a partir do debate nos GTs: Alice Bemvenuti, Carla Meyer, Eloisa Capovilla Ramos, Isabel Arendt, Joel Santana da Gama, Maria Helena Barbosa, Marcos Witt, Simone Flores Monteiro e Walmir Pereira.

08/04/2013 às 2:57#1267



Barbara Harduim

Membro

Aos

Coordenadores do Programa Nacional de Educação Museal/ COMUSE/ IBRAM
Prezados coordenadores,

Nos dias 25 de fevereiro e 11 de março de 2013, a Rede de Educadores em Museus RJ se reuniu para debater as propostas apresentadas no Fórum Virtual do PNEM. Nestes dois encontros tivemos respectivamente a presença de 23 e 17 educadores de importantes museus e instituições culturais do Rio de Janeiro. A partir daí, temos algumas considerações a apresentar; a saber:

Reconhecemos que a elaboração do PNEM é fruto do esforço coletivo que marca um momento histórico e de visibilidade para o campo da educação em museus e pode refletir os anseios dos educadores, gestores e das Redes de Educadores em Museus e instituições culturais existentes no país. Saudamos a

COMUSE pela iniciativa de construção do documento de forma tão democrática e oportunizando a participação de todos.

Porém, chamamos atenção que o que foi definido coletivamente no encontro que gerou a Carta de Petrópolis (2010) foi a criação de uma "Política Nacional de Educação Museal", e consideramos que esta proposta diverge profundamente da construção de um Programa, por mais avançado que ele possa ser. Precisamos de políticas públicas que consolidem a educação nos museus. A Política Nacional de Museus (2003) aponta, por exemplo, para a criação de políticas de formação em educação em museus. Entendemos no entanto, que os documentos existentes não garantem nem ao campo nem aos seus profissionais os mecanismos legais de implementação, desenvolvimento e manutenção da educação nos museus.

Esperamos assim, que apesar da atual situação de reestruturação por que passa o IBRAM, a nova gestão assuma o processo de construção democrática de uma Política Nacional de Educação Museal, seguindo na consolidação do PNEM, sua divulgação e garantindo a ampla participação de educadores de todo o país.

Estavam presentes a reunião da REM-RJ que definiu esta carta educadores das seguintes instituições: Fundação Casa de Rui Barbosa – COMUSE – Museu Casa da Hera – Museu da Chácara do Céu – Museu do Ingá – Museu da República – Museu da Vida – Museu do Ingá – Museu do Meio Ambiente – Museu Histórico Nacional – Oi Futuro/Museu das Telecomunicações.

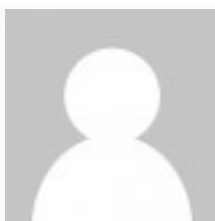
Estavam ainda na primeira reunião educadores das seguintes instituições: Centro Cultural Banco do Brasil – Fundação Casa de Rui Barbosa – Centro Cultural da Justiça Federal – Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – COMUSE – Instituto Moreira Sales – Memorial Getúlio Vargas – Museu Casa do Pontal – Museu da Marinha – Museu de Arqueologia de Itaipu – Museu Vivo de São Bento – Museu de Arte Moderna – Museu Nacional – Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro.

c) Museu como ferramenta de educação

• Autor

Posts


- 14/11/2012 às 18:57#252



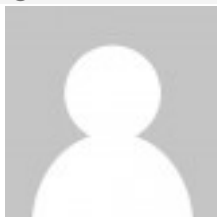
Pnem

Membro

Assegurar que os museus e espaços de memória sejam importantes ferramentas de educação, e que por meio de ações transversais colaborem para o desenvolvimento cultural, social e econômico, regional e local;

o Este tópico foi modificado 10 anos, 7 meses atrás por  Pnem.

06/12/2012 às 16:12#515



Rosa Maria Gonçalves

Membro

Gostaria de participar deste Fórum.

Reescreveria a frase acima da seguinte forma:

"Assegurar que os museus e espaços de memória, por serem importantes ferramentas de educação, colaborem para o desenvolvimento cultural, social e econômico, regional e local por meio de ações transversais".

Rosa Maria

06/12/2012 às 18:13#524



Ozias Soares

Membro

Rosa, gostei muito de sua intervenção na proposição. Ficou bem legal!!! Resta-me, porém, a dúvida se este é um entendimento amplo em nosso meio... Ou seja, entendemos que somos, de fato, uma ferramenta de educação? Que tipo de educação? Para que tipo de projeto de sociedade? De que modo poderíamos contribuir para esse desenvolvimento regional/local?

11/12/2012 às 11:34#546



Marília Xavier Cury

Membro

Bem, creio que, primeiro, compreender que o museu tem um papel social. Se sim, a educação tem seu espaço. Óbvio que devemos ter claro que tipo de educação, para entendermos que tipo de participação social. Trabalho na perspectiva da Comunicação Museológica que, em síntese, engloba comunicação, educação e cultura. No nosso caso, engloba comunicação em museus, educação patrimonial/em museu e cultura material, tudo num contexto museal.

11/12/2012 às 18:34#558



Ozias Soares

Membro

Bem, todas as instituições de um modo geral têm um papel social. É preciso, antes, ter claro que papel é esse, quem define esse papel e a serviço de quê. Num primeiro momento, entenderia que seria preciso maior sistematização das propostas, projetos e ações desenvolvidas nas nossas instituições museais. Se entendo o museu como ferramenta e não sei efetivamente utilizá-la ou subutilizo-a, algo precisa ser revisto. Acho que um caminho que atende as demandas por democratização, participação, elevação cultural e política seria trabalharmos na perspectiva da Educação/Formação Integral; esta, por sua vez, deve ser entendida como o desenvolvimento humano nas suas múltiplas dimensões e não apenas o homem formado para as "exigências atuais do mercado", como tem se propagado. Deixo duas indicações de leituras sobre o tema:

<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt09/t091.pdf>

<http://www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN05%20REIS,%20R.R.pdf>

06/01/2013 às 13:07#638



Nahama Baldo

Membro

Acredito que as instituições de ensino não formal, museus e centro culturais, podem desenvolver em parceria com escolas e universidades, instituições de ensino formal, praticas que tenham como cerne a experiência do sujeito.

07/01/2013 às 14:28#640



Ozias Soares

Membro

Bem, Nahama, em primeiro lugar, valeu pela participação! Temos um GT de "redes e parcerias" e, nele, um tópico chamado "parcerias com instituição de cultura e pesquisa" onde você poderá ampliar essa discussão; dê uma "passada" lá!

Bem, no que cabe a este tópico, acho podemos pensar, a partir de sua fala, que a educação, seja ela em que modalidade ou espaço for, deveria sempre estar centrada na experiência do sujeito. Não é recente a discussão sobre o papel ativo do aluno na construção do conhecimento. Todavia, diante da pluralidade de sujeitos (e processos de subjetivação...), parece que estamos diante de mais um enorme desafio... Digo isso porque a escola que temos é uma experiência moderna de educação de massas, de padronizações, de currículo universalizante, de pouco respeito à experiência local. E os museus e centros culturais, a experiência é diferente disso? Vamos discutir...

08/01/2013 às 11:21#682



Rafael Jose Barbi

Membro

Sobre a questão do respeito a experiências locais, realmente é algo que falta em muitos museus, pois geralmente, há a construção e a imposição de uma identidade que acaba não contemplando todos os grupos da região e/ou da cidade. Creio que isso tem que ser mudado, pois além de dialogar de uma forma mais próxima e concreta com o meio que está inserido, isso serviria também como um diferencial para o próprio Museu, sendo que pode vir despertar o interesse e identificação dos estudantes com a história ali exposta. Por fim, proponho uma questão: De que forma começar isso? Já que é muito difícil museus já constituídos há um bom tempo realizarem mudanças, pois possuem resistência em mudar seu espaço expositivo permanente.

o Esta resposta foi modificada 10 anos, 5 meses atrás por  Rafael Jose Barbi.

08/01/2013 às 14:34#690



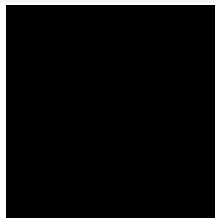
Ozias Soares

Membro

Rafael, como você diz, não é fácil para os museus instituídos e consolidados a partir de uma ótica dominante, seletiva, social e culturalmente excludente trabalhar com a cultura local. Convido você também a participar do GT "Museus e Comunidades" onde o pessoal tem feito uma discussão muito interessante nessa direção e sei que você vai poder dialogar bem melhor ali, embora aqui também haja espaço para este debate.

Agora, como "ferramenta", uma preocupação central nossa é saber de que forma essa "ferramenta" é entendida e usada na direção do desenvolvimento local nas suas dimensões econômica, cultural e social. Se é que a concepção de "ferramenta" não esvazie a finalidade dos processos museais, colocando-os num nível instrumental, utilitarista, imediato, não é? De outro lado, parece-nos, de início, uma responsabilidade tamanha sobre "nossas costas", não é? Ademais, é preciso saber qual o "peso" da educação (e, em especial a educação museal) num contexto de alavancar o "desenvolvimento". Parece-nos um objetivo pouco modesto... E quando você diz "de que forma começar isto?", soa a mim como a pergunta inicial de todas as nossas bem-intencionadas propostas, projetos, Programas. Vou dar uma pista, no meu modesto entendimento: a mudança na concepção de gestão dos espaços museais, a quebra dos engessamentos de interesses corporativos, clientelistas e patrimonialistas dentro das nossas instituições talvez seja um primeiro (e enorme!) passo – que vale a pena debater no GT de Gestão aqui em nosso blog. Mas há outras formas de começar que podemos continuar conversando...

28/01/2013 às 13:22#804



Bruno Marinho

Membro

Trabalho em um Museu de cultura popular, portanto o foco é a cultura local e os saberes populares. O princípio aqui é o reconhecimento de que o visitante tanto quanto o educador possui esse saber. Dessa forma o educador não educa, pois isso indicaria uma transmissão do saber e uma relação desigual. O visitante pode saber tanto ou mais que o educador. Dessa forma o papel do mediador é alcançar o conhecimento do visitante e fazê-lo reconhecer como importante, valoriza-lo e não ensina-lo algo. Assim recusamos o termo educação preferindo o termo mediação.

07/02/2013 às 18:39#852



Ozias Soares

Membro

Bruno, a sua proposição cabe muito bem na discussão sobre mediação, conforme você transferiu para lá! Obrigado! No tocante aos museus como ferramentas de educação, fico pensando que ações transversais podemos fazer ou, antes disso, que "ações transversais" seriam essas?

15/03/2013 às 16:22#1084



Museu Carlos Gomes

Membro

Aos parceiros deste blog indico a leitura de um artigo meu "Museus Universitários e Educação", o qual faz parte de meu livro **MUDANÇA DE RUMO, JÁ: HERANÇA CULTURAL, PRESERVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO**, Pontes Edts., 2009, Campinas, SP

21/03/2013 às 18:39#1103



Luan Antonio Miolo

Membro

Olá, gostaria de parabenizar as discussões desse tópico, as contribuições aqui apresentadas são de grande valia.

Faço parte do MuRAU – Museu Regional do Alto Uruguai (Erechim/RS), que compreende o Museu de Ciências Naturais e o Museu de História, Antropologia e Arqueologia. Recebemos visitas da comunidade escolar da região e verificamos as necessidades que as escolas possuem para realizar uma educação não formal e contextualizada. Com base nisso, trabalhamos com o intuito de transformar o ambiente do Museu em um espaço de integração escolar, divulgação científica e construção do conhecimento.

Além da participação das escolas, é necessário que haja o envolvimento da comunidade em geral, o que não se verifica com frequência. Pensamos que para promover a interação entre sujeito e objeto há a necessidade de atividades e exposições atrativas para a sociedade como um todo.

Colegas, que outros métodos podem ser adotados para que os Museus sejam interpretados como ferramentas de educação que englobe diferentes grupos sociais?

02/04/2013 às 1:02#1168



Isla Andrade Pereira de Matos

Membro

Olá pessoal,

Acredito que pensar a função educativa do museu implica, primeiro, compreender o que se entende por museu: se uma instituição educativa autônoma ou se extensão, por exemplo, da educação escolar.

De acordo com a pesquisa de mestrado que estou fazendo em educação em museu, o trabalho precisa ter início no Núcleo de Educação do museu. Ter uma equipe bem formada e consciente do caráter pedagógico do museu seria o ponto de partida para irradiar a mensagem para os visitantes. O museu precisa ser apresentado como uma narrativa que partiu de um curador que selecionou as peças e, por isso, revela um ponto de vista. O museu precisa suscitar a discussão sobre o tema exposto, precisa debater os argumentos presentes por meio da exposição e, assim, produzir conhecimento.

Os museus pecam quando não levam para a visita questões relacionadas ao papel do museu e à sua forma de atuação na construção do saber.

02/04/2013 às 23:10#1174



REM RJ

Membro

Problematizar o uso do termo "ferramenta", optando pelo uso do termo "espaço educativo"

Proposta elaborada em reuniões presenciais que contaram com a participação das seguintes instituições:

Centro Cultural Banco do Brasil – Centro Cultural da Justiça Federal – Centro Cultural de Folclore e Cultura Popular – Instituto Moreira Sales – Memorial Getúlio Vargas – Fundação Casa de Rui Barbosa – Museu Casa da Hera – Museu Casa do Pontal – Museu da Chácara do Céu – Museu da Marinha – Museu da República – Museu da Vida – Museu de Arqueologia de Itaipu – Museu do Ingá – Museu do Meio Ambiente – Museu Histórico Nacional – Museu Nacional – Oi Futuro/Museu das Telecomunicações – Núcleo Experimental do MAM – Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

• Autor

Posts

- 07/04/2013 às 23:40#1255



Alice Bemvenuti

Membro

Quero registrar:

Seminário para debate – contribuições para o PNEM

20.03.2013 – UNISINOS – São Leopoldo/RS

O encontro realizado no dia 20 de março de 2013, na UNISINOS (São Leopoldo) desenvolveu através da metodologia de exposição da proposta do PNEM, dos estudos desenvolvidos no GT Educação em Museus no 5º Fórum Nacional de Museus, apresentados por Ms. Alice Bemvenuti; seguido da palestra "Diálogos entre Educação e Museus: experiências em Santa Catarina" com a Ms. Maria Helena Barbosa, dos sub-grupos que debateram os eixos do PNEM onde se desenvolveu debate e escrita e com a conferência "Museus e educação: potencialidades em questão" com os Profs. Drs. Eloisa Capovilla e Walmir Pereira.

PERSPECTIVAS CONCEITUAIS, PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO MUSEAL, ESTUDOS E PESQUISAS

A questão da educação nos museus deve estar pautada no Plano Museológico, que reflete a perspectiva conceitual, para que esta ferramenta possa ampará-la. Os estudos e a pesquisa, seja sobre a temática do Museu ou sobre a atuação da educação no mesmo, são importantes porque trazem subsídios para a reflexão do trabalho do educador, aportando novas possibilidades para esta atuação. Estes subsídios de estudos e pesquisa serão importantes para o profissional de educação museal.

Nesse sentido, consideramos que os eixos de perspectivas conceituais, estudos e pesquisas e profissionais de educação museal estão inter-relacionados. Os conceitos estão na base dos estudos e pesquisas, são trabalhados e reformulados, e formam o arcabouço dos profissionais de educação. Ações como as elencadas a seguir são importantes para a construção de um Programa Nacional de Educação:

As perspectivas conceituais devem estar atreladas ao Plano museológico, o qual define a identidade e a missão do Museu; ferramenta de gestão para direcionar a instituição;

O conceito deve ser expresso na ação educativa, que deverá ser alimentado e retro-alimentado pela pesquisa (produção de conhecimento);

O Museu se constitui como espaço de ensino-aprendizagem na relação com a comunidade (público externo) e equipe (público interno);

Compreensão de que o educativo do Museu envolve diferentes instâncias (por ex. agendamento, a pesquisa, a recepção de público, a exposição, a comunicação, e o extra-muros);

ACESSIBILIDADE

Fomentar programas que estimulem o uso das tecnologias digitais para desenvolvimento, participação e divulgação dos processos educativos;

Implementar uma linha de financiamentos específica para área de acessibilidade;

Implementar um programa nacional de formação de público;

Implementar política pública que garanta verba de transporte, para acesso e acessibilidade, para que diferentes grupos de educação formal, não-formal e informal tenham direito aos museus.

MUSEU E COMUNIDADE

Incentivar parcerias entre instituições museológicas e instituições de educação formal e não formal para desenvolver projetos educativos nos museus.

Estimular o fomento para as ações educativas, sobretudo, onde estas ainda não existem, a partir da criação de editais que contemplem a ação educativa nos museus.

Incentivar as parcerias, com as associações e organizações de comunidade a fim de contemplar o acesso ao museu e também projetos de pesquisa de patrimônio cultural e expográficos.

Estimular a participação das organizações da sociedade civil na área de educação em museus através de edital.

GESTÃO

Reforçar a função educativa no museu por meio da ampliação e participação do setor educativo em todo o processo museológico.

Estabelecer um programa de parcerias entre instituições de educação formal e não-formal para desenvolver projetos educativos nos museus.

FORMAÇÃO, CAPACITAÇÃO E QUALIFICAÇÃO

Fomentar programas de formação continuada para profissionais e gestores, através de cursos e oficinas presenciais e/ou virtuais na área da educação em museus.

Estimular a pesquisa a partir da sistematização de práticas e metodologias educativas em museus.

REDES E PARCERIAS

Fomentar a criação de um programa de inclusão dos conteúdos presente nos museus e os próprios museus brasileiros, como eixo transversal obrigatório do programa de educação básica nacional.

Colaboradores responsáveis pelos registros a partir do debate nos GTs: Alice Bemvenuti, Carla Meyer, Eloisa Capovilla Ramos, Isabel Arendt, Joel Santana da Gama, Maria Helena Barbosa, Marcos Witt, Simone Flores Monteiro e Walmir Pereira.

O *Seminário para debate – contribuições para o PNEM* contou ao total com a presença de 63 pessoas, entre elas representantes de museus da cidade de São Leopoldo, representantes de museus da 1ª Região Museológica (SEM/RS), Coordenador do Sistema Estadual de Museus, Coordenadora da REM/SC, as universidades privadas: UNISINOS, PUC-RS e ULBRA, pesquisadores acadêmicos do Programa de Pós-Graduação de História, acadêmicos representantes dos cursos de graduação de história, educação física, pedagogia, administração, nutrição, fisioterapia, letras, biologia e economia.

d) Concepções de Educação

• Autor

Posts

- 14/11/2012 às 18:44#246



Pnem

Membro

Explicitar as concepções de Museu, Museologia e Educação adotadas no desenvolvimento das ações educacionais, contextualizando os métodos e técnicas, levando em consideração as especificidades de cada museu, bem como o perfil e os anseios de seus públicos;

- 27/11/2012 às 16:42#348



Ozias Soares

Membro

Este tema é fundamental que, a meu ver, deve começar com a questão do Planejamento Participativo; ou seja, tais concepções devem ser resultado de uma discussão e debate interno nas instituições e não apenas estruturado a partir da opinião de um pequeno grupo ou de especialistas. Portanto, estou falando de um debate onde as tensões, conflitos e divergências estão e estarão presentes. Como estamos em relação a esta modalidade de planejamento nos nossos museus?

28/11/2012 às 15:40#399



Jorge Ramos

Membro

Concordo com você Ozias. Quanto a sua pergunta, acredito que as práticas estão muito aquém das teorias e diretrizes das Políticas Públicas existentes e conhecidas pelos grupos gestores de museus e, muitas vezes, amplamente discutidas pelo setor. Então, acho cabível uma inquietação: o PNEM poderá estabelecer ou indicar uma ferramenta legal – sobretudo a título de fiscalização –, que garanta a aplicabilidade das ações socioeducativas museais respeitando-se o que ele preconiza?

Assim, as concepções educativas adotadas pelo Programa, acredito, devem estar amparadas nas Políticas Públicas setoriais em vigor e, sempre, primando pelos princípios da democratização universal para o desenvolvimento humano. Creio que estes suportes prático-teóricos redimensionará a reverberação tanto das ações socioeducativas pautadas no PNEM quanto ele por si só.

29/11/2012 às 12:27#418



Ozias Soares

Membro

Jorge, acho que chegamos num momento bom em termos de documentos legais que buscam garantir o cumprimento das ações no campo museal. O documento base do PNEM, aponta para os marcos legais desta iniciativa. Talvez possa dizer que o “calcanhar de Aquiles”, todavia, continua sendo a questão orçamentária. Embora haja tais marcos legais, o conjunto de profissionais de nosso campo, bem como a vontade política do administrador deve estar de acordo com as demandas colocadas nos documentos. Caso contrário, será mais uma “letra morta”. Precisamos juntar nossos esforços neste momento!

02/12/2012 às 17:02#452



Socorro Lima

Membro

A questão além dos marcos legais é tentar fazer com que isso não seja apenas uma lei no papel sim e temos que pensar em instrumentos que operacionalize isso efetivamente em todos os processos museológicos. Não sei se a questão orçamentária é determinante. Juntar políticas públicas com profissionais qualificados é algo a se pensar.

03/12/2012 às 16:31#469



Ozias Soares

Membro

Bem, Socorro, penso que temos nos museus e instituições culturais hoje certo "know-how" aliado aos marcos legais existentes que seriam, diria, quase que suficientes para alavancarmos para cima e com qualidade nosso campo de atuação. Somente como exemplo, o Plano Nacional de Educação de 2001 ficou bem aquém das diretrizes e metas estabelecidas, seja por questão financeira e/ou por falta de articulação dos municípios e estados (cf. <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n112/04>). E olhe que ele era uma LEI (10.172/01)! Talvez possa concluir dizendo que é preciso bons profissionais, excelentes marcos legais (inclusive construídos democraticamente e coletivamente), e fundamentalmente uma base material, financeira, que possa assegurar o cumprimento de nossos Programas. Por isso insisto que discutamos um pouquinho o Planejamento Participativo que postei aqui no blog.

06/12/2012 às 16:22#516



Rosa Maria Goncalves

Membro

A Educação em Museus é considerada como fazendo parte da Educação Informal por não estar inclusa no perfil da Educação Escolar. No entanto, possui formalização. Seria importante discutir como essa formalização se dá nas instituições.

Rosa Maria

06/12/2012 às 18:25#525



Ozias Soares

Membro

Rosa, gosto muito da apresentação do professor Libâneo (2005), segundo o qual existiriam três modalidades no campo da Educação: Formal, Não-formal e Informal. Esta última seria aquele tipo com pouca ou nenhuma sistematização ocorrido nas relações familiares, grupos de afinidades, situações na rua ou em outros espaços. A Educação Não Formal, neste sentido, seria a que mais caberia em nosso caso, por possuir um grau médio de sistematização (diferente daquela que existe nas escolas e universidades) e não ter como meta a certificação como um documento que dá acesso a demais níveis escolares. Entretanto, alguns museus vem se destacando em parcerias com universidades promovendo cursos de média e curta duração, ou até associados a programas de pós-graduação. Ou seja, vivemos um momento novo...

(Referência: Libâneo, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* São Paulo: Cortez, 2005).

11/12/2012 às 11:29#545



Marilia Xavier Cury

Membro

Meus caros, sinceramente, com ou sem políticas públicas, estou pensando. Como estou meio cansada do oficial, prefiro ter o meu pensamento livre e buscar as bases e fundamentações livre que nortes pré-definidos. Não sou contra políticas, apenas entendo que há vários movimentos e gosto de movimentar desde o ponto onde estou. Isto é participação pró-ativa. Gosto disso da mesma forma que posso e devo ser reativa, quando vale a pena.

Por outro lado, a função educativa de um museu deve ser debatida amplamente na instituição. Da mesma forma, a política educacional (parte da política de comunicação museal que, por sua vez, faz parte da política cultural da instituição) deve gerar um documento síntese da filosofia da instituição. Então, há um "setor" educativo composto por profissionais especializados e em constante formação, para planejar e desenvolver ações de educação no museu. Por que estou falando nisso? Por que no Brasil todos entende de educação, inclusive no museu. Debate, discussão, avaliação, comprometimento, cobrança, questionamento etc.: SIM. Desprofissionalização do setor: NÃO!

11/12/2012 às 18:44#559



Ozias Soares

Membro

Concordo com o entendimento de muitos críticos que a ausência de uma política também se configura numa política, *lato sensu*. Por sua vez, criar um documento síntese num contexto de relações de poder, de verticalizações, de interesses e concepções divergentes é um desafio dos grandes!!!! Mas penso que há parâmetros gerais já definidos nos documentos oficiais de nossa área que podem servir como um estopim; penso também que temos um volume de discussões sobre uma nova museologia, uma educação emancipatória, uma construção coletiva, entre outros que podem ajudar a nossa base teórica. Resta-nos ouvir o público...

13/12/2012 às 13:33#566



Marcelo de S. Pereira

Membro

Considero fundamental que, no debate sobre educação em museus, seja levada em conta e colocada em prática a ideia de emancipação. Não acredito numa educação que não esteja comprometida com a emancipação dos sujeitos e das consciências. Em relação a isso, é sempre útil lembrarmos as sábias palavras de Paulo Freire: "Precisamos ser sujeitos da história, ainda que não consigamos deixar totalmente de ser objetos da história. E, para sermos sujeitos, precisamos, precisamos indiscutivelmente examinar a história criticamente. como participantes ativos e verdadeiros sujeitos, podemos fazer a história apenas se continuamente formos críticos de nossas próprias vidas."

14/12/2012 às 14:45#570



Fernanda Castro

Membro

Marcelo, a concepção de formação integral, já citada, que tem como referência, entre outros autores, Gramsci (cadernos do carcere, volume 2 – caderno 12), é justamente a ideia de uma educação emancipatória, mas para além disso, completa. Completa, pois presta-se a desenvolver tanto a formação intelectual quanto a formação física, profissional, a sociabilidade, a solidariedade. Como o autor defende, a formação integral deve formar indivíduos capazes de serem governantes de si mesmos e da sociedade em que se inserem. 😊

21/01/2013 às 14:59#751



Moema Goes

Membro

Queridos parceiros: entendo que a educação formal, da maneira como está definida no debate em andamento, será bem sucedida, na medida em que estiver em constante interação com seu contexto histórico- artístico e cultural. Desta forma, uma política de educação museal, seria fundamental para que estes espaços passassem a fazer parte, efetivamente, desta contextualização. Sem uma ação educativa direcionada, planejada, a visita ao museu se torna pouco eficaz a este propósito.

22/01/2013 às 18:32#758



Ozias Soares

Membro

Moema, a questão que ainda permanece é como os diferentes atores compreendem o que é um MUSEU, e, sobretudo, como o MUSEU pensa a si mesmo na sua relação com o entorno, com as outras instituições de educação e cultura, e com as comunidades vizinhas. Não se pode negar que há museus fechados para toda uma "vida" do seu entorno. Preferem fazer suas exposições, suas atividades, para um seletor público, para os iniciados, etc. Isso não é certamente o Museu que queremos enquanto educadores! Qual é o Museu que queremos então? O que a escola, por exemplo, espera de nós?

02/04/2013 às 23:11#1175



REM RJ

Membro

Autonomia institucional para definir suas referências teóricas;
Incentivar a produção de Projetos Políticos Pedagógicos, explicitando e institucionalizando a ação e relação teoria-prática;
Estabelecer uma concepção de educação museal crítica, dialógica e transformadora.

Propostas elaboradas em reuniões presenciais que contaram com a participação das seguintes instituições:

Centro Cultural Banco do Brasil – Centro Cultural da Justiça Federal – Centro Cultural de Folclore e Cultura Popular – Instituto Moreira Sales – Memorial Getúlio Vargas – Fundação Casa de Rui Barbosa – Museu Casa da Hera – Museu

Casa do Pontal – Museu da Chácara do Céu – Museu da Marinha – Museu da República – Museu da Vida – Museu de Arqueologia de Itaipu – Museu do Ingá – Museu do Meio Ambiente – Museu Histórico Nacional – Museu Nacional – Oi Futuro/Museu das Telecomunicações – Núcleo Experimental do MAM – Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

• Autor

Posts

- 04/04/2013 às 1:03#1206



Isla Andrade Pereira de Matos

Membro

Ozias, interessante esse debate sobre o conceito de museu.

Participo de um grupo de estudos dentro do meu programa de mestrado em educação cujos integrantes tem formação distinta uns dos outros (história, educação física, pedagogia, publicidade e propaganda), mas o que nos une é que todos estão discutindo educação em espaços fora da escola. Cada um tem um objeto de pesquisa por meio do qual discute o conceito de educação presente neste objeto, tais como uma revista de circulação nacional, um museu, uma escola de samba, núcleos de resistência (coletivo de pessoas na defesa da educação a partir de uma temática específica) e a maior dificuldade que temos encontrado é sermos reconhecidos enquanto pesquisadores da área da educação!

O “sucesso” do museu, digamos assim, me parece que está totalmente atrelado à forma como é compreendido pela escola, pois me parece que quando inserimos o espaço museal dentro daquilo que se chama educação “não-formal”, há uma brecha para a escola considerar que a educação que lá se desenvolve não é sistematizada e está mais para um passeio cultural do que para a construção do conhecimento.

Trabalhar o conceito do museu no museu é importante, mas levar essa discussão para a gestão escolar me parece mais importante ainda... fazendo com que a escola compreenda a complexidade que envolve a educação em museus e o preparo necessário da equipe dos educativos dos museus. O que se faz no museu é educação e precisa ser encarada como tal.

- 07/04/2013 às 19:11#1251



Caroline Menezes

Membro

Caros colegas,

Acredito que o PNEM possa possibilitar um avanço para sermos melhor compreendidos pelos espaços de educação formal, especialmente as escolas, uma vez que uma das funções desse documento é apresentar de forma ampla e pública referenciais teóricos que caracterizam as ações educativas nos museus.

Neste sentido, uma reflexão conceitual que me parece pertinente é a respeito da(s) experiência(s) educativa(s) possível(s) no museu, de acordo, claro, com os diferentes perfis institucionais. Me parece que a perspectiva processual, característica do ambiente escolar, é um relevante diferencial a ser levado em conta.

e) Museus Virtuais

• Autor

Posts

- 05/12/2012 às 11:28#490



Geysa Karla Alves Galvão

Membro

Os museus virtuais tem como maior objetivo o de preservar e divulgar a memória das instituições museais na internet. Ampliadas e amparadas pelas tecnologias digitais, estas propostas podem dialogar com as missões institucionais de promoção e alargamento do acesso à memória cultural, da qual os museus abrigam, ou seja, as dinâmicas de apresentação da informação nestes espaços devem explorar as potencialidades da comunicação interativa, aumentando a eficácia do fluxo informacional.

Podemos visualizar alguns exemplos de museus virtuais na matéria do site do Instituto Ciência

Hoje: <http://cienciahoje.uol.com.br/blogues/bussola/2012/04/memoria-de-internet/>

06/12/2012 às 14:54#514



Ozias Soares

Membro

Geysa, confesso que não sou entendido neste assunto. Até gostaria de saber o que as museólogas e museólogos pensam a respeito. A minha dúvida é se a

digitalização de acervos e a subsequente divulgação nos sites configuraria um "museul virtual" propriamente.

06/12/2012 às 16:39#518



Geysa Karla Alves Galvão

Membro

Olá Ozias, para esclarecimento posso citar a Rosali Henriques (2004), que diz em sua dissertação de mestrado, que existem três tipos de museus virtuais: o folheto eletrônico, o museu no mundo virtual e os museus realmente interativos. Os folhetos eletrônicos são aqueles cujo objetivo é a apresentação do museu, funcionando como uma ferramenta de comunicação e marketing; já o museu no mundo virtual é aquele no qual a instituição apresenta informações mais detalhadas sobre seu acervo, com visitas virtuais. E, por último, os museus realmente interativos, que são aqueles onde existe uma relação entre o museu virtual e o museu físico, sendo acrescentados elementos de interatividade, que envolvem o visitante.

Quanto à definição, há três tipos de instituições na internet: museus que somente transferem para sites as informações básicas (algo como uma mera transposição de folhetos para sites); museus que, além das informações básicas, colocam na web o contexto de seu acervo; museus que se utilizam da internet para promover experiências com os visitantes, criando ferramentas para uma visita virtual, como jogos, mapas e vídeos.

Fundamentado por estas novas modalidades digitais, o museu virtual tem um novo tipo de público e a ele oferece recursos de consulta, que se utilizam de sistemas de classificação direcionados à usabilidade, à análise de conteúdo e ao grau de interatividade com seus acervos online. Mas ainda são poucas as instituições que tiram proveito, efetivamente, do poder da web para desenvolver atividades educacionais, onde a comunicação e o acesso às coleções museológicas, na internet, poderiam criar novos relacionamentos com o público alvo.

o Esta resposta foi modificada 10 anos, 6 meses atrás por  Geysa Karla Alves Galvão.

11/12/2012 às 18:55#561



Ozias Soares

Membro

Geysa, agradeço a elucidação. A incorporação das tecnologias parece ser um fato inescapável nos nossos museus. Parece que há duas opções: ou nos rendemos a ela ou nos rendemos a ela! De todo modo, parece-me que há um

caminho a percorrer no que diz respeito ao contato com o objeto museal e as formas críticas de incorporar as tecnologias virtuais...

16/02/2013 às 22:26#910



claudiaporto

Membro

Geysa, excelente discussão. Sou museóloga e trabalho há 15 anos com internet (educação para crianças). Tenho insistido aqui, em outros fóruns, que é preciso incorporar a tecnologia e a web às ações do PNEM, pensar a internet como ferramenta de integração. Os museus realmente interativos, aqueles onde existe uma relação viva (participativa, de troca), entre o virtual, o físico e o público, se contam nos dedos. A grande maioria dos museus brasileiros ainda se relaciona timidamente com a internet e a vê como um canal de divulgação, mais do que (mais) um canal de educação e participação social.

Em dez. 2012, o Ibope divulgou que os internautas já somam 80 milhões de brasileiros. Não dá para ignorar mais esse público.

Ontem postei em meu site um exemplo muito interessante do uso de tecnologia pelo Museu de Arte de Cleveland: <http://bit.ly/VlrGy3>

17/02/2013 às 4:11#911



Geysa Karla Alves Galvão

Membro

Claudia, precisamos ampliar a discussão e difundir essa ideia para que alcance mais adeptos. Fico feliz com seu interesse.

Trago mais um exemplo de iniciativas importantes na área, o Era Virtual Museus: <http://www.eravirtual.org/pt/>

17/02/2013 às 15:47#915



claudiaporto

Membro

Geysa, certamente essa discussão precisa ser ampliada e difundida. Muita gente ainda não entende o alcance que a tecnologia pode ter. Conheço o Era Virtual, é uma iniciativa importante, sim, mas ainda é uma experiência de uma via só (do museu para o público, sem troca). A visita virtual ainda é uma espécie de "catálogo animado". Muito melhor do que uma foto estática num mar de texto que o internauta não lê, como é o caso da maioria dos sites de museu (no exterior também, o problema não é só do Brasil, claro).

O que eu acho mais interessante com relação ao potencial da web é a agilidade, o compartilhamento, a troca de visões, opiniões, com vistas a gerar novas interpretações, novos insumos para o próprio museu criar, a partir daquilo, novos conhecimentos. É isso que eu quero ajudar a criar.

Conte comigo para divulgar o assunto, estou às ordens!

19/02/2013 às 12:44#929



Ozias Soares

Membro

Certamente, a experiência ainda é recente no país para qualquer avaliação. Portanto, uma apreciação nossa sobre o tema corre sérios riscos de uma análise superficial e incipiente. Como disse, sou leigo, mas fico pensando como o Richard Sennett, que "uma idéia precisa suportar o peso da experiência concreta senão se torna mera abstração". Embora com o crescente número de "internautas", um dado atrelado a este deveria ser tomar conhecimento de que conteúdos e com que profundidade esses usuários estão conectados à rede? Mas, penso devemos insistir na idéia da virtualização, concordando com a fala da Geysa e Claudia. Ao que tudo vem nos indicando, as possibilidades de uso da tecnologia vem se ampliando. Temos diante de nós alguns desafios e gostaria que vocês que são especialistas me ajudassem: além da "preservação e divulgação" e da "interação", o que caracteriza o "museu virtual" considerando os objetos, os diferentes acervos e tipologias de museus? Alguma idéia de como propor uma "visita virtual" que conjugue a interatividade, a ampliação do acesso, com a leitura crítica dos objetos como ponte para novos conhecimentos?

20/02/2013 às 0:52#939



claudiaporto

Membro

Ozias,

Pois é, a relação entre as pessoas na web costuma ser superficial, mas não precisa ser. Há bons exemplos de trabalhos educativos realizados mundo afora, mas, na verdade, esse mundo virtual ainda é um bicho estranho e desconhecido (mesmo gente da área ainda procura muitas respostas). O tema divide opiniões e gera suspeitas, como tudo que é novo. Esse é um dos desafios que temos que enfrentar.

Coincidentemente, hoje recebi convite para um seminário que toca no assunto e que ocorrerá em março: Seminário Internacional Museu Vale 2013. Aqui no Brasil ainda estamos engatinhando no assunto, mas é bom ver que ele começa a ser trazido à discussão por um museu. Veja o link: <http://www.seminariosmv.org.br/?target=sinopse>

Vou procurar bons exemplos de interação virtual (além do que postei acima, do museu de Cleveland) e os trarei aqui para você.

22/02/2013 às 20:38#985



Fernandab

Membro

Olá.

Geysa, ótima colocação ao trazer o tema em debate.

Gostaria de fazer algumas contribuições a respeito do assunto.

Concordo com a Claudia no que diz respeito a exemplos como o Era Virtual, que são de fato, melhores que outros sites apenas expositivos, mas que certamente a interação poderia ser melhor explorada.

Mas embora ainda seja uma via de mão única, conforme cita a Claudia, acredito que faltam iniciativas de divulgação desses sites, e até mesmo valorização pelo âmbito educacional (nas escolas, por exemplo), pois acabam ficando restritos apenas ao nicho de interesse.

Ozias, não sou especialista, mas penso que poderia ser melhorado com o uso de jogos de conhecimento, desafios, e outras possibilidades virtuais. Um ótimo exemplo de interação virtual é o Museu da Imigração, de São Paulo, que está em obras para se tornar um museu interativo. Ele conta com o suporte da internet, viabilizando troca de conhecimentos e prestação de serviço à comunidade.

24/02/2013 às 2:17#989



Karla Colares

Membro

Olá, sou Karla Pedagoga e estou começando a estudar sobre os museus virtuais. Até pouco tempo pensava que museu virtual eram aqueles museus que possuíam sites interativos com os seus visitantes, mas fazendo uma pesquisa achei interessante o termo usado entre museu virtuais, museus presenciais e museus não presenciais. Na última pesquisa do IBRAM em 2011 no Brasil foram cadastrados 23 museus virtuais, os números atuais eu não tenho ainda essa informação, mas acredito que a interação entre museus não presenciais e/ou museus virtuais e os visitantes deve ser recíproca. Assim, como a educação museal em ambientes virtuais é uma grande possibilidade de acesso ao ensino-aprendizagem e cultura.

Espero que possamos discutir mais sobre esse tema neste fórum!!!

Abraços

24/02/2013 às 12:40#991



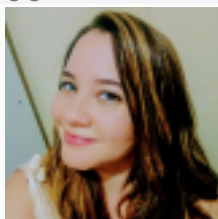
claudiaporto

Membro

Karla, esta questão do que é (ou devia ser) um museu virtual é ampla e complexa. Uma boa leitura é a dissertação de Denise Eler, "MUSEUS NA WEB – MAPEAMENTO, POTENCIALIDADES E TENDÊNCIAS", apresentada ao curso de Mestrado do CEFET-MG. Está na web. Ao final, ela apresenta uma relação dos museus com presença na web em várias categorias.

Outra leitura interessante é o e-book (download gratuito) do livro *Reprograme: comunicação, branding e cultura numa nova era de museus*, de Luís Marcelo Mendes.

25/02/2013 às 15:12#998



Geysa Karla Alves Galvão

Membro

Deixo algumas indicações para leitura:

DODEBEI, Vera. **Patrimônio e Memória Digital. Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas, Ano 04, número 08, 2006.** Disponível em:
<<http://www.unirio.br/morpheusonline/numero08-2006/veradodebei.htm>>

LIMA, Diana Farjalla Correia. **O que se pode designar como museu virtual segundo os museus que assim se apresentam.** 2009. Disponível em: <<http://dciz.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/531/1/GT%209%20T%2011%20LIMA,%20Diana%20Farjalla%20Correia.%20O%20que%20se%20pode%20designa.pdf>>

MUCHACHO, Rute. **Museus virtuais:** a importância da usabilidade na mediação entre o público e o objecto museológico. 2005. Disponível em:

<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/muchacho-rute-museus-virtuais-importancia-usabilidade-mediacao.pdf>>

MUCHACHO, Rute. O museu virtual: as novas tecnologias e a reinvenção do espaço museológico. In: FIDALGO, António; SERRA, Paulo (Org.). **Estética e tecnologias da imagem.** Universidade da Beira Interior: Covilhã, 2005. v. 1, p. 579-583. Disponível

em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/ACTAS%20VOL%201.pdf>.

01/03/2013 às 14:11#1024



Karla Colares

Membro

Oi Geysa..

MUITO OBRIGADA!!! Vou ler tudinho

01/03/2013 às 14:13#1025



claudiaporto

Membro

Também gostei muito das indicações, Geysa, obrigada por partilhá-las.

• Autor

Posts

- 04/03/2013 às 23:41#1043



flaviaborton

Membro

Gostaria de que houvessem mais museus voltados para conversação de vestuário e Moda.

Atualmente percebo a ampliação desses museus e exposições em outros países no Brasil o mais completo é o <http://mimo.org.br/>. Este museu pertence a um grupo de pesquisadores do Mestrado em Design da Escola de Artes, Arquitetura, Design e Moda da Universidade Anhembi Morumbi, imagino a capacidade e com os arquivos de universidades federais quanto isso poderia ser ampliado.

02/04/2013 às 23:09#1173



REM RJ

Membro

Estimular a oferta de visitas virtuais, sem abrir mão da visita presencial sempre que for possível, incentivando-a por meio de oferta de transporte.

Proposta elaborada em reuniões presenciais que contaram com a participação das seguintes instituições:

Centro Cultural Banco do Brasil – Centro Cultural da Justiça Federal – Centro Cultural de Folclore e Cultura Popular – Instituto Moreira Sales – Memorial Getúlio Vargas – Fundação Casa de Rui Barbosa – Museu Casa da Hera – Museu Casa do Pontal – Museu da Chácara do Céu – Museu da Marinha – Museu da República – Museu da Vida – Museu de Arqueologia de Itaipu – Museu do Ingá – Museu do Meio Ambiente – Museu Histórico Nacional – Museu Nacional – Oi Futuro/Museu das Telecomunicações – Núcleo Experimental do MAM – Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

05/04/2013 às 14:11#1216



Karla Colares

Membro

Olá REM RJ,

bom dia!!!

Que boa iniciativa essa!!!

As práticas educativas em museus virtuais podem ser bem mais ampla. O papel do educar é de fundamental importância para conduzir a visita, pois uma visita

orientada fica bem mais fácil a dinâmica do visitante com o museu, principalmente se essa visita for dentro de um ambiente educacional.

Muito boa essa iniciativa!!!
PARABÉNS!!!

06/04/2013 às 0:29#1234



Antonio Hugo Aresse Quintana

Membro

Olá Pessoal eu sou Editor Gráfico, Ilustrador e escritor trabalho com literatura infantil nos temas trasversais y meu interesse e desenvolver livrinhos infantis e jogos para o ensino fundamental que focalize a diversidade dos museus e a importância na formação de nossos pequenos cidadãos.

Estou cursando Gestão Museológica e vou aproveitar para me informar com a literatura que estão repassando e sobre tudo entrar nos links que estão postando.

Bom hoje fiz minha inscrição no blog, e estou verde ainda, rssrs.

07/04/2013 às 15:21#1244



claudiaporto

Membro

Olá, a todos,

Neste último dia de fórum (o PNEM foi uma experiência muito interessante para mim e, acredito, rica para todos os que dela participaram), posto minhas sugestões de ações para o Programa, como solicitado pelos organizadores. Estou postando as minhas propostas em conjunto, nos mesmos fóruns de que participei aqui no PNEM:

Realizar cursos e palestras com os educadores de museus sobre as possibilidades de comunicação e educação das ferramentas digitais, de modo que as equipes possam conceber programas educativos contemplando, quando possível, recursos do mundo digital.

Criar e manter canais (blogs, fóruns e afins) para incentivar a troca de experiências e a colaboração entre os educadores de museus de todo o país, permitindo que dividam conhecimento e materiais, bem como dar início a ações de pesquisa e atividades em comum, no mundo virtual e no real.

Criar mecanismos e ferramentas online (páginas em redes sociais, minisites de

projetos educativos etc.) que incentivem e ampliem a troca de informações e de experiências entre o museu e o público, tais como envio de fotografias antigas de uso de um determinado objeto do museu pela família do visitante, desenvolvimento de novas expressões artísticas a partir de uma técnica de pintura exibida pelo museu etc.

Utilizar os meios digitais e, sobretudo, a internet, nas ações educativas de museus, de modo a formar novos vínculos com o público jovem local e distante, com isso apoiando o próprio museu na formação de novos públicos.

Espero que as sugestões sejam úteis ao grupo e me coloco à disposição para esclarecer alguma dúvida quanto às mesmas.

Abraços,

Cláudia Porto

f) Educação Museal? Educação Patrimonial nos museus?

• Autor

Posts

- 15/02/2013 às 19:27#902



JOCENAIDE MARIA ROSSETTO SILVA

Membro

Vamos discutir... um pouco mais?

19/02/2013 às 12:59#931



Ozias Soares

Membro

Pois é, Jocenaide, há pouco tempo pensávamos nisto aqui no Museu da Chácara do Céu (RJ) quando propusemos um projeto chamado "Circuitos de Santa" (veja <http://educachacara.blogspot.com>). Trabalhamos com o bairro, com o entorno no Museu sempre partindo de nosso acervo ou terminando nele, buscando relacionar as obras de arte da nossa coleção num diálogo com todo um rico patrimônio que nos circunda. Acho que se pensarmos nos acervos como integrante da idéia de patrimônio cultural, de memória, de um legado histórico, talvez se possa falar em "educação patrimonial" nos museus (ou talvez, "a partir dos museus"...). Entretanto, como você em outro momento resgatou a fala de Paulo Freire, a idéia de "educação patrimonial" foi gestada num determinado

contexto, ganhou força em determinadas práticas e, desse modo, será preciso "engravidar" o conceito a partir de outras práticas e significação.

22/02/2013 às 21:09#986



Manoella Evora

Membro

Estava estudando sobre o assunto e acho importante compartilhar com vocês trechos de dois textos diferentes que li. O primeiro trecho é sobre educação patrimonial e o segundo sobre o conceito de educação museal. Seguem abaixo:

"O que vem a ser Educação Patrimonial? Podemos definí-la como o ensino centrado nos bens culturais, como a metodologia que toma estes bens como ponto de partida para desenvolver a tarefa pedagógica; que considera os bens culturais como fonte primária de ensino."

(Educação Patrimonial – Utilização dos Bens Culturais como Recursos Educacionais. Evelina Grunberg. Disponível em:

http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo4_tutores/estudos_sociais/materiais/educacao_patrimonial.pdf>.)

"A educação museal poderia ser entendida primeiramente, num sentido amplo, como quase todas as práticas educativas que acontecem no museu, tanto promovidas pelos museus, pelos departamentos educativos dos museus, e também por outros setores. Caberia mais falar de práticas educativas do que exatamente de atividades educativas. Porque o sentido de práticas educativas nos permite considerar também, dentro do trabalho de educação museal, tanto os serviços oferecidos ao público, como também os materiais produzidos de apoio à exposição, folhetos, catálogos, os próprios programas e projetos educativos fornecidos a determinadas instituições, algumas que dizem respeito diretamente ao professor, outras que dizem respeito ao público, que eles chamam visita livre, que não é aquela que vai através da escola. Esse conceito de educação museal abrangeria todas essas práticas educativas que acontecem no museu e são oferecidas pelas instituições museológicas. Ou seja, a educação museal é um conceito extremamente abrangente, eu acho que a tendência atual tem sido de que maneira há uma correspondência com as práticas que são oferecidas pelos museus e aquelas que também são apropriadas, promovidas e oferecidas pelas escolas e por outras instituições dentro desses espaços museológicos."

(Museu e escola: educação formal e não-formal. Andréa Falcão. Disponível em: http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod_Entrevista=29>.)

o Esta resposta foi modificada 10 anos, 3 meses atrás por  Manoella Evora.

11/03/2013 às 2:12#1070



Mariana Galera

Membro

Creio que a educação patrimonial seja uma das práticas educativas mais efetivas dos museus. Dentro da perspectiva da Maria de Lourdes Horta de 1999, considerando o **patrimônio como fonte primária do conhecimento** e do **contato e experiência** como forma de apropriação, creio que os museus são espaços educativos privilegiados para este tipo de prática.

Nos museus temos a especificidade de ter o objeto ou o registro, fato que o diferencia de outros espaços como as escolas e bibliotecas. É a existência destes materiais permite ao visitante o contato com o "autêntico" e "real", e a educação patrimonial tem muito a acrescentar a medida que instrumentaliza o visitante a interagir de diversas formas com estes patrimônios. É a educação patrimonial que orienta o olhar sobre uma peça e discute seus diversos valores.

Sendo assim, parece uma prática mais interessante do que verdadeiras "palestras" apenas ilustradas pelo acervo que encontramos em alguns museus.

A especificidade do

22/03/2013 às 17:05#1109



Fabiana Sales

Membro

Gosto muito de duas passagens de um texto de Magaly Cabral sobre esta questão: *"toda vez que as pessoas se reúnem para construir e dividir novos conhecimentos, investigam para conhecer melhor, entender e transformar a realidade que nos cerca, estamos falando de uma ação educativa. Quando fazemos tudo isso levando em conta alguma coisa que tenha relação com nosso patrimônio cultural, então estamos falando de Educação Patrimonial"*. Mais adiante, ela usa as palavras de Mário Chagas para destacar que o diferenciaria a linguagem patrimonial da linguagem museal reside muito mais no espaço onde ela se efetiva do que no seu conteúdo ... *"sendo o museu (ou patrimônio) lugar e produto do homem e manifestação da linguagem, falar em 'linguagem museal' ou 'linguagem patrimonial' não é falar de uma especificidade da linguagem, e sim indicar um lugar (ou um campo) de manifestação dela"*. Assim, penso que, mais uma vez, a observação da prática efetiva pode levar a uma melhor compreensão e aplicação dos conceitos mais pertinentes.

28/03/2013 às 20:31#1158

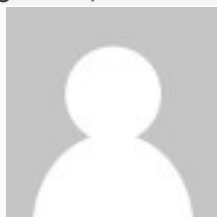


moinhosocial

Membro

penso que a educação museal precisa estar pautada em conceitos, ideologias e pedagogias bem definidas, que haja clareza para equipe de trabalho do museu quais paradigmas estão trabalhando ao apresentar o museu de um jeito ou do outro.

02/04/2013 às 0:29#1167



Isla Andrade Pereira de Matos

Membro

Olá pessoal,

Essa discussão é parte da minha pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida a partir da análise da ação educativa de um museu em São Paulo.

Pesquisando sobre os conceitos educação patrimonial e educação museal, cheguei à conclusão de que não diferem entre si. O texto citado da Magaly Cabral também mostra isso e diz que é apenas uma questão de campo: se no museu, museal; se fora do museu, patrimonial.

Concordo em parte. De fato, acho que ambas dizem respeito à mesma coisa, que é uma educação a partir do patrimônio, esteja ele no museu ou não. Discordo em querer limitar essa educação ao campo, porque me parece, no fundo, que trata-se de uma forma de consagração do próprio campo acadêmico nos moldes que discute Bourdieu.

Dada a situação dos museus (deficiência na formação de educadores de museu, falta de parceria entre museus e escolas, pós-graduação em museologia ainda incipiente etc.), concordo com a criação do PNEM. Entretanto, se já existe uma política de educação patrimonial, por que não investir no que já existe? Não caberia a discussão sobre a necessidade de dois programas, um de educação patrimonial e outro de educação museal?

02/04/2013 às 23:06#1172



REM RJ

Membro

Ampliar as concepções teóricas, adaptando-as a cada contexto/ realidade institucional.

Proposta elaborada em reuniões presenciais que contaram com a participação das seguintes instituições:

Centro Cultural Banco do Brasil – Centro Cultural da Justiça Federal – Centro Cultural de Folclore e Cultura Popular – Instituto Moreira Sales – Memorial Getúlio Vargas – Fundação Casa de Rui Barbosa – Museu Casa da Hera – Museu Casa do Pontal – Museu da Chácara do Céu – Museu da Marinha – Museu da República – Museu da Vida – Museu de Arqueologia de Itaipu – Museu do Ingá – Museu do Meio Ambiente – Museu Histórico Nacional – Museu Nacional – Oi Futuro/Museu das Telecomunicações – Núcleo Experimental do MAM – Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

03/04/2013 às 1:05#1192



Mariana Galera

Membro

Retomando o comentário da Isla, a educação patrimonial já tem uma longa trajetória que em muitos momentos se cruza com os museus. A educação em museus também, e muitas vezes são propostas e praticadas pelos menos profissionais. A questão está em quais são os seus limites, se é que eles existem.

A definição da Magaly Cabral quanto ao “dentro” e “fora” do museu não parece satisfatória, ainda mais se considerarmos os ecomuseus, museus a céu aberto. A prática educativa do Inhotim é educação patrimonial ou educação, por exemplo. Tais delimitações parecem tênues demais no meu ponto de vista.

Há de se considerar também a especificidade dos objetos dos museus. Não é qualquer material que está em um acervo, considerando a musealização destes objetos, estes são patrimônios, então concordo com a Isla em que educação museal não difere da educação patrimonial. Cabe uma ressalva também nas definições da Cabral, por que há os patrimônios naturais, que nem sempre são “musealizáveis”, como as Cataratas do Iguaçu ou Parques Nacionais, mas que não deixam de ser patrimônios e fontes primárias do conhecimento, da definição da Horta.

Para além de uma questão nomenclatural (museal ou patrimonial, uma vez que ambas já trazem a referência em um objeto selecionado por suas características ímpares e representativas), ainda falta uma delimitação ideológica e nos

apropriarmos de outras áreas dos processos de ensino e aprendizagem, como a psicologia e neurobiologia, para definirmos a educação museal (ou patrimonial). Se estamos falando de uma educação orientada a partir do objeto, há questões a serem colocadas em pauta, com o uso de imagens e objetos na construção de conceitos, a capacidade de abstração e percepção da tridimensionalidade do objeto, entre outras. Estas abordagens fazem parte das pesquisas e avaliações do ensino formal, mas ainda são incipientes em museus.

03/04/2013 às 19:32#1201



Ozias Soares

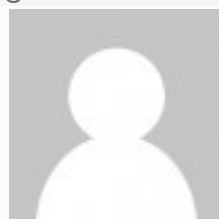
Membro

Isla,

penso que a construção e formulação de grandes planos responde a necessidades postas diante de determinadas especificidades, conforme você e Mariana tão bem destacaram (É claro que existem injunções políticas e corporativas na maioria deles). Desse modo, a construção de um novo documento – que se efetive e contribua para o aprimoramento da educação em museus – não exclui a continuação do investimento que vem sendo feito na educação patrimonial e seus pressupostos, por exemplo, tal como vem fazendo o pessoal do IPHAN.

De alguma maneira, Mariana, diria que a educação em museus (e a maioria dos nossos museus) é muito mais recente do que a tradição escolar. O esforço que educadores de todo o país vem fazendo, entretanto, se constitui na possibilidade de que novos conhecimentos e pesquisas se incorporem em nossa prática. Gostei muito das colocações de vocês aqui!

03/04/2013 às 23:07#1203



Fernanda Castro

Membro

Isla, pra dialogar com você, gostaria de fazer uma reflexão sobre os focos trabalhados na educação patrimonial e na museal e suas especificidades. Concorde que há mais semelhanças do que diferenças, mas as diferenças são muito importantes. Na educação museal, por exemplo, boa parte das vezes o foco está no estudo, fruição e comunicação dos objetos, ou mesmo dos fazeres, saberes, mas sob uma perspectiva diferenciada da abordagem do patrimônio. E

é um objeto, que está dentro de um museu (que é também patrimônio), de uma instituição que tem fins próprios e metodologias próprias de abordagem educativa. No Brasil a noção de patrimônio se desenvolveu por muito tempo levando em consideração prioritariamente o patrimônio arquitetônico. É recente a noção e valorização de outras formas de patrimônio. Por isso é necessária a diferenciação. Mas de forma geral, sim, as coisas são muito próximas.

04/04/2013 às 0:48#1205



Isla Andrade Pereira de Matos

Membro

Mariana, Ozias e Fernanda, agradeço os comentários. Vamos seguir discutindo na construção dessa política.

05/04/2013 às 21:04#1230



JOCENAIDE MARIA ROSSETTO SILVA

Membro

Olá colegas

estou feliz com a sua participação nesta discussão, acho que estamos avançando ... temos a **PROBLEMATICA**: 1. EDUCAÇÃO MUSEAL? EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NOS MUSEUS?

– Dada a situação dos museus (deficiência na formação de educadores de museu, falta de parceria entre museus e escolas, pós-graduação em museologia ainda incipiente etc.), concordo com a criação do PNEM. Entretanto, se já existe uma política de educação patrimonial, por que não investir no que já existe? "

Não caberia a discussão sobre a necessidade de dois programas, um de educação patrimonial e outro de educação museal? (Isla Andrade Pereira de Matos)

Penso que a construção e formulação de grandes planos responde a necessidades postas diante de determinadas especificidades, [...] É claro que existem injunções políticas e corporativas na maioria deles. Desse modo, a construção de um novo documento – que se efetive e contribua para o aprimoramento da educação em museus – não exclui a continuação do investimento que vem sendo feito na educação patrimonial e seus pressupostos, por exemplo, tal como vem fazendo o pessoal do IPHAN.

... A educação em museus (e a maioria dos nossos museus) é muito mais recente do que a tradição escolar. O esforço que educadores de todo o país vem fazendo, entretanto, se constitui na possibilidade de que novos conhecimentos e pesquisas se incorporem em nossa prática. (Ozias Soares)

Temos alguns **OBJETIVOS** traçados:

- Ampliar as concepções teóricas, adaptando-as a cada contexto/ realidade institucional. (REM RJ)

- A educação museal precisa pautar-se em conceitos, ideologias e pedagogias bem definidas, para que haja clareza para equipe de trabalho do museu sobre quais paradigmas estão trabalhando ao apresentar o museu de um jeito ou do outro". (molnhosocial)

- Pensar nos acervos como integrante da idéia de patrimônio cultural, de memória, de um legado histórico, talvez se possa falar em educação patrimonial" nos museus [ou talvez, "a partir dos museus"...].

Trabalhar com o bairro, com o entorno no Museu, partindo do acervo ou terminando nele. (Ozias Soares – experiências educativas no Museu Chácara do Céu:Circuitos de Santa – <http://educachacara.blogspot.com>)

A CONCEITUAÇÃO, FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA também estão em formatação:

Manoela Evora, nos coloca em contato com Evelina Grunberg para definir Educação patrimonial e com Andréa Falcão para se pensar a Educação Museal:

Educação Patrimonial – *"... o ensino centrado nos bens culturais, como a metodologia que toma estes bens como ponto de partida para desenvolver a tarefa pedagógica; que considera os bens culturais como fonte primária de ensino."* (Educação Patrimonial – Utilização dos Bens Culturais como Recursos Educacionais. Evelina Grunberg. Disponível em:

http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo4_tutores/estudos_sociais/materiais/educacao_patrimonial.pdf>.)

Educação Museal _ poderia ser entendida primeiramente, num sentido amplo, como quase todas as práticas educativas que acontecem no museu, tanto promovidas pelos museus, pelos departamentos educativos dos museus, e também por outros setores. Caberia mais falar de práticas educativas do que exatamente de atividades educativas. Porque o sentido de *práticas educativas* nos permite considerar também, dentro do trabalho de educação museal, tanto os serviços oferecidos ao público, como também os materiais produzidos de apoio à exposição, folhetos, catálogos, os próprios programas e projetos educativos fornecidos a determinadas instituições, algumas que dizem respeito diretamente ao professor, outras que dizem respeito ao público, que eles chamam *visitação livre*, que não é aquela que vai através da escola. Esse conceito de educação museal abrangeria todas essas práticas educativas que acontecem no museu e são oferecidas pelas instituições museológicas. Ou seja, a educação museal é um conceito extremamente abrangente, eu acho que a tendência atual tem sido de que maneira há uma correspondência com as práticas que são oferecidas pelos museus e aquelas que também são apropriadas, promovidas e oferecidas pelas escolas e por outras instituições dentro desses espaços museológicos."

(Museu e escola: educação formal e não-formal. Andréa Falcão. Disponível em: http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod_Entrevista=29 >

E Fabiana diz; “ a observação da prática efetiva pode levar a uma melhor compreensão e aplicação dos conceitos, conforme Magaly Cabral: *‘toda vez que as pessoas se reúnem para construir e dividir novos conhecimentos, investigam para conhecer melhor, entender e transformar a realidade que nos cerca, estamos falando de uma ação educativa. Quando fazemos tudo isso levando em conta alguma coisa que tenha relação com nosso patrimônio cultural, então estamos falando de Educação Patrimonial’*. (Fabiana Sales)

Ela também se reporta a Mário Chagas “... para destacar que o diferenciaria a linguagem patrimonial da linguagem museal reside muito mais no espaço onde ela se efetiva do que no seu conteúdo... *‘sendo o museu (ou patrimônio) lugar e produto do homem e manifestação da linguagem, falar em ‘linguagem museal’ ou ‘linguagem patrimonial’ não é falar de uma especificidade da linguagem, e sim indicar um lugar (ou um campo) de manifestação dela’*.(Fabiana Sales)

A isla adentra um pouco mais na “... conceituação de educação patrimonial e educação museal, não diferem entre si”. Vejamos o texto de Magaly Cabral, a qual compreende tais modalidades educativas como “...uma questão de ‘campo’ : se no museu, museal; se fora do museu, patrimonial.

Então, diz; *“Concordo em parte. De fato, acho que ambas dizem respeito à mesma coisa, que é uma educação a partir do patrimônio, esteja ele no museu ou não. Discordo em querer limitar essa educação ao campo, porque me parece, no fundo, que trata-se de uma forma de consagração do próprio campo acadêmico nos moldes que discute Bourdieu.* (Isa Andrade Pereira de Matos^[1])

E a fernanda, gostaria de fazer uma reflexão sobre os focos trabalhados na educação patrimonial e na museal e suas especificidades. Concordo que há mais semelhanças do que diferenças, mas as diferenças são muito importantes. Na educação museal, por exemplo, boa parte das vezes o foco está no estudo, fruição e comunicação dos objetos, ou mesmo dos fazeres, saberes, mas sob uma perspectiva diferenciada da abordagem do patrimônio. É um objeto, que está dentro de um museu (que é também patrimônio), de uma instituição que tem fins próprios e metodologias próprias de abordagem educativa. No Brasil a noção de patrimônio se desenvolveu por muito tempo levando em consideração prioritariamente o patrimônio arquitetônico. É recente a noção e valorização de outras formas de patrimônio. Por isso é necessária a diferenciação. Mas de forma geral, sim, as coisas são muito próximas. (Fernanda Castro)

A mariana, já faz outro enfoque a Educação patrimonial **dos** museus __ e, se reporta a perspectiva da Maria de Lourdes Horta de (1999) , considerando o **patrimônio como fonte primária do conhecimento** e do **contato e experiência** como forma de apropriação... considerando os museus espaços educativos privilegiados para este tipo de prática.

E então diz: Nos museus temos a especificidade de ter o objeto ou o registro, fato que o diferencia de outros espaços como as escolas e bibliotecas.

E é a existência destes materiais que permite ao visitante o contato com o “autêntico” e “real”, e a educação patrimonial tem muito a acrescentar a medida que instrumentaliza o visitante a interagir de diversas formas com estes patrimônios. É a educação patrimonial que orienta o olhar sobre uma peça e discute seus diversos valores.

Sendo assim, parece uma prática mais interessante do que verdadeiras "palestras" apenas ilustradas pelo acervo que encontramos em alguns museus". (Mariana Galera)

A educação patrimonial já tem uma longa trajetória que em muitos momentos se cruza com os museus. A educação em museus também, e muitas vezes são propostas e praticadas pelos menos profissionais. A questão está em quais são os seus limites, se é que eles existem.

A definição da Magaly Cabral quanto ao "dentro" e "fora" do museu não parece satisfatória, ainda mais se considerarmos os ecomuseus, museus a céu aberto. A prática educativa do Inhotim é educação patrimonial ou educação, por exemplo. Tais delimitações parecem tênues demais no meu ponto de vista. (Mariana Galera)

Há de se considerar também a especificidade dos objetos dos museus. Não é qualquer material que está em um acervo, considerando a musealização destes objetos, estes são patrimônios, então concordo com a Isla em que educação museal não difere da educação patrimonial. Cabe uma ressalva também nas definições da Cabral, por que há os patrimônios naturais, que nem sempre são "musealizáveis", como as Cataratas do Iguaçu ou Parques Nacionais, mas que não deixam de ser patrimônios e fontes primárias do conhecimento, da definição da Horta. (Mariana Galera)

Para além de uma questão nomenclatural (museal ou patrimonial, uma vez que ambas já trazem a referência em um objeto selecionado por suas características ímpares e representativas), ainda falta uma delimitação ideológica e nos apropriarmos de outras áreas dos processos de ensino e aprendizagem, como a psicologia e neurobiologia, para definirmos a educação museal (ou patrimonial). Se estamos falando de uma educação orientada a partir do objeto, há questões a serem colocadas em pauta, com o uso de imagens e objetos na construção de conceitos, a capacidade de abstração e percepção da tridimensionalidade do objeto, entre outras. Estas abordagens fazem parte das pesquisas e avaliações do ensino formal, mas ainda são incipientes em museus. (Mariana Galera)

Então, vamos continuando... mais um pouquinho....

Mariana, concordo com vc quando diz que a cultura material permite ao visitante do museu o contato com o "autêntico" e "real".

a) E vc afirma: cabe a educação patrimonial acrescentar saberes e reflexões sobre o patrimônio cultural.

– Então pergunto: No caso o objeto? A sociedade que o produziu? A cultura que o gestou enquanto material, técnica, estilo e universo simbólico? Outros? Quais saberes?????

b) Vc também pontua: " a educação patrimonial instrumentaliza o visitante a interagir com o patrimônio musealizado; orienta o olhar sobre um objeto e discute seus diversos valores.

Como (metodologia, recursos?)

c) E ainda " Sendo assim, parece uma prática mais interessante do que verdadeiras "palestras" apenas ilustradas pelo acervo que encontramos em alguns museus"

Neste caso também indago: Palestras não seriam estratégias para a Educação patrimonial e museológica?

d) Vc afirma: "ainda falta uma delimitação ideológica e nos apropriarmos de outras áreas dos processos de ensino e aprendizagem, como a psicologia e neurobiologia, para definirmos a educação museal (ou patrimonial).

Por favor nos brinde com suas reflexões a respeito.

d) E por fim, vc diz: Se estamos falando de uma educação orientada a partir do objeto, há questões a serem colocadas em pauta, com **o uso de imagens e objetos na construção de conceitos, a capacidade de abstração e percepção da tridimensionalidade do objeto**, entre outras.

E uma vez mais, peço suas contribuições neste tópico de discussão.

Avante amigos.

Um abraço

Jocenaide

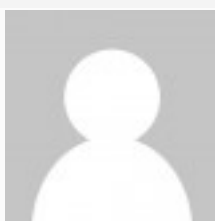
[\[1\]](#) Isla Andrade Pereira de Matos se envolve com a discussão à partir de sua pesquisa de mestrado, na qual analisa a ação educativa de um museu em São Paulo.

g) Educação e patrimônio integral

• Autor

Posts

- 14/11/2012 às 18:54#251



Pnem

Membro

Fomentar ações educativas, a partir do conceito de patrimônio integral, voltadas para a promoção da cidadania e ação social;

29/11/2012 às 14:28#419



Ozias Soares

Membro

As cidades mais afetadas pelo Capital (ou as "cidades do capital", como diz Lefebvre) sofrem com as desapropriações, a especulação urbana e os usos inapropriados do solo urbano que golpeiam frontalmente a idéia de Patrimônio Integral, fazendo descartar, desprezar ou minimizar a importância da memória e identidades de um território. Vejam o caso do Rio de Janeiro com as obras dos grandes eventos e a "revitalização" da zona portuária. Acho que os museus e centros culturais podem assumir um papel importante neste debate que, a meu ver, até agora pouco se fez.

01/12/2012 às 3:01#433



Neilia Marcelina Barbosa

Membro

Ozias, acredito que os museus públicos e privados, longe de serem um local de debate sobre as cidades e seu patrimônio, encontram-se a serviço e amordaçados pelas gestões públicas e pelos seus patrocinadores, que geralmente são os propositores e financiadores dessas ações "revitalizadoras/destruidoras".

02/12/2012 às 16:57#451



Socorro Lima

Membro

Tens razão Neilia, por outro lado na medida em que os museus e congêneres assumirem um papel político de sensibilização sobre o pertencimento e valorização do patrimônio as comunidades irão demandar como o caso dos índios da aldeia Maracanã próximo ao estádio do mesmo nome. Esse é o papel político dos museus que a noção de patrimônio integral norteia, penso eu.

02/12/2012 às 22:35#454



[girlene.bulhoes](#)

Membro

Concordo com todas as colocações feitas, e fico um pouco preocupada quanto ao sucesso e ao futuro dos museus ao ver que as experiências negativas são tantas e tão mais frequentes que apagam as experiências positivas que existem aos montes.

Em relação à colocação do Ozias, motivadora dos demais comentários, entendo que tudo o que está ali escrito se relaciona intimamente com a questão da Sustentabilidade, tanto econômica como ambiental e cultural, presente neste fórum de discussão, sem nenhuma participação além da moderação e coordenação.

03/12/2012 às 16:02#468



[Ozias Soares](#)

Membro

Acho que minha preocupação aqui, caras colegas Girlene, Socorre e Neília e demais que estão lendo essa postagem, é que existe, de fato, um "rolo compressor" pesando sobre tudo o que impede o livre curso do "desenvolvimento", seja nas construções das novas barragens para as hidrelétricas (justificadas pela "necessidade" de energia para o progresso), nas aberturas de vias, na revitalização de lugares etc. Como profissionais de museus e, sobretudo como "cidadãos" (com o perdão da palavra...) temos algo a fazer. Sem dúvidas, as mordanças existem; mas, felizmente, elas não excluem a possibilidade de rupturas, de embates, de idéias renovadas na direção de uma outra sociabilidade. A gente pode ir colocando aqui o "como" fazer isso. Colocar o debate já é, em si, um caminho. Que outros caminhos existem? Como construí-los? Mas, Girlene, vou dar uma passada lá na sua postagem para debater a sustentabilidade... já, já!

06/12/2012 às 16:23#517



[Rosa Maria Gonçalves](#)

Membro

Onde consigo um texto sobre "Patrimônio Integral"?

06/12/2012 às 18:37#527



Ozias Soares

Membro

Rosa, há diversos textos disponível na rede e você pode fazer esta busca. Tem um que gostei muito que traz uma crítica com respeito aos "adjetivos do patrimônio" (<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/DMP-204.pdf>). Quanto à fala da Neilia, aqui no Rio de Janeiro tem uns casos interessantes na direção da crítica que você faz: O Museu do Primeiro Reinado/Solar da Marquesa de Santos vai dar lugar ao Museu da Moda! O Museu Carmem Miranda vai sair de seu lugar atual e ocupar um andar no novo MIS (Museu da Imagem e do Som). Decisão de quem? Desse modo, sou otimista em certo sentido pois o fortalecimento do nosso campo de atuação pode ampliar o debate e visibilidade em torno das questões eo patrimônio.

11/12/2012 às 11:22#544



Marília Xavier Cury

Membro

Bom dia a todos. Estou ingressando neste fórum agora. Obrigada pelo link com o texto sobre patrimônio integral. Agradeceria por outras sugestões pois, embora faça parte do campo museológico, sinto falta de alguns aprofundamentos e de publicações.

Quanto ao debate, acho que envolve visão territorial e participação em processos de patrimonialização. Se patrimônio é herança, é também construção participativa. Depois há a questão do desenvolvimento. Velhas concepções levam a ideia hegemônica, mas falida, de que tradição e patrimônio devem dar espaço ao desenvolvimento. Falácia, pois não há desenvolvimento sem preservação, educação e cultura.

Quanto às mordanças, meus caros, vamos nas brechas. Elas existem e são muitas, de diferentes tamanhos. Procurem um espaço de fala e/ou atuação e ocupe-o. E não podemos nos esquecer que há maneiras de e momentos para nos colocarmos. Mas, é possível.

11/12/2012 às 18:50#560



Ozias Soares

Membro

Marília, achei muito pertinente suas colocações! Lamentavelmente, diria que se a ideia é "hegemônica" dificilmente estará "falida". O que é possível, e sobre isto

trabalhamos, é trabalharmos numa direção contra-hegemônica (no dizer de Gramsci), descobrir as brechas ou mesmo fazer as brechas! Bem, de algum modo estamos fazendo uma brecha com a construção do Pnem. Acho que no tocante ao tópico que encabeça este *post* diria que uma concepção de cidadania ampliada, efetiva, contempla – indispensavelmente – a questão do patrimônio e cultura.

15/12/2012 às 1:09#584



Neilia Marcelina Barbosa

Membro

Especialmente, nesse contexto os “rolos compressores” estão muito intensos, levando até a desconfiar no poder de ação e de debate dos museus e centros culturais.

Todavia, são realmente muitos os exemplos de brechas. Recentemente acompanhei um debate sobre o tema da próxima exposição de média duração em uma instituição e uma das sugestões foi um Rio que é uma questão social, econômica, de planejamento urbano, saúde pública para BH. Porém, a opção foi por um tema “mais leve”. Ainda assim, o educativo do museu, que é a interface com o público, debate e transforma os “temas mais leves” em questões relevantes para a promoção da cidadania e ação social.

17/12/2012 às 13:55#591



Ozias Soares

Membro

Pois é, parece-me que os Educativos vivem sempre na “diplomacia”, numa certa “contemporização” diante das ações (não raro, incisivas, diretivas) de outros agentes dentro dos Museus e externos a ele... Vivemos “buscando brechas” quando deveríamos estar nos fundamentos das ações museais. Neilia, enquanto buscamos os “leves” os “pesados” querem nos atropelar! Mas, achei interessante a idéia de vocês em transformarem o que seria um tema “leve” em uma discussão que fomente o fortalecimento da cidadania. Como isso aconteceu?

29/12/2012 às 13:22#632



Neilia Marcelina Barbosa

Membro

Por menor que seja o impacto político e social de um tema, ele nunca é neutro. Ainda que o projeto expositivo tenha privilegiado aspectos que não evidenciavam questionamentos, as atividades educativas, a mediação optou por trazer a tona questões/problemas socialmente relevantes.

07/01/2013 às 14:37#641



Ozias Soares

Membro

Neilia, no meu entendimento, quando um projeto expositivo não suscita questionamentos ou não "provoca" o sujeito, talvez seja a hora da equipe "se questionar". Mas, acreditamos (e trabalhamos) como você: se a "intenção" dos organizadores foi evitar qualquer questão digamos, "escorregadia", "embaraçosa", crítica, cabe a uma equipe sensível, ética e politicamente comprometida, fazer a mediação dos temas que levem à "PROMOÇÃO" da cidadania e "ação social.

05/04/2013 às 20:57#1229



Nadia Helena

Membro

Olá a todos,

Chegando agora...

Educação e Patrimônio um excelente tema! – na perspectiva da Educação Integral podemos também construir importantes contribuições a cidadania cultural e por conseguinte, o fomento e promoção social.

Abraços.

Nádia

h) Construção do projeto político pedagógico

• Autor

Posts

- 02/04/2013 às 23:14#1177



REM RJ

Membro

Um projeto político pedagógico, diferente de um Programa Educativo Cultural, apresenta as diretrizes de atuação e avaliação da educação museal de cada instituição, de acordo com pressupostos teóricos e metodológico, com as condições específicas de cada espaço museal e do público que este atende. Mais que uma programa de ações é um documento de referência para a construção destas ações e do conjunto dos programas que envolvem o trabalho educativo nas instituições museais.

Construir e explicitar um projeto Projeto Político Pedagógico que oriente a concepção, o desenvolvimento e a avaliação das ações educativas, apresentando os referenciais teórico metodológicos que fundamentam este projeto.

Propostas elaboradas em reuniões presenciais que contaram com a participação das seguintes instituições:

Centro Cultural Banco do Brasil – Centro Cultural da Justiça Federal – Centro Cultural de Folclore e Cultura Popular – Instituto Moreira Sales – Memorial Getúlio Vargas – Fundação Casa de Rui Barbosa – Museu Casa da Hera – Museu Casa do Pontal – Museu da Chácara do Céu – Museu da Marinha – Museu da República – Museu da Vida – Museu de Arqueologia de Itaipu – Museu do Ingá – Museu do Meio Ambiente – Museu Histórico Nacional – Museu Nacional – Oi Futuro/Museu das Telecomunicações – Núcleo Experimental do MAM – Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

i) Fomentar a construção de uma Política Nacional de Educação Museal

• Autor

Posts

- 02/04/2013 às 23:13#1176



REM RJ

Membro

Fomentar a construção de uma Política Nacional de Educação Museal e a definição de suas diretrizes e regulamentação.

Realizar um seminário nacional para elaboração de diretrizes orientadoras para a prática educativa em museus, para a formação dos profissionais envolvidos, bem

como suas condições de trabalho e para as devidas regulamentações necessárias.


j) Mediação ou visita guiada?

-

- **Autor**

Posts


- 09/01/2013 às 17:36#693



Ozias Soares
Membro

Recentemente, o termo "MEDIACÃO" passou a ser usado como sinônimo do trabalho educativo realizado nos museus e que, de algum modo, substituiria termos como "visita guiada", "visita orientada", "visita monitorada", "acompanhada", e termos do gênero. Que ganhos conceituais e metodológicos efetivos temos tido com a mudança?

20/01/2013 às 19:53#745



Jorge Ramos
Membro

Caro Ozias,

Acredito que o maior ganho seja, exatamente, a diferença na acepção conceitual e está diretamente vinculada à concepção de educação adotada nos museus que norteia suas práticas socioeducativas. Visita "guiada", "monitorada", "orientada" dá uma ideia de que o visitante é um mero receptor de informações/orientações acerca do acervo e de como se comportar nos espaços expositivos. Mediação já amplia a visão educativa nessa atividade onde o visitante é (ou deve ser) estimulado a participar ativamente da troca de conhecimentos inerente à atividade. O profissional do museu "apenas" media a visita sem ser o "único detentor" daqueles saberes, como vemos em muitos museus, infelizmente. Os acervos além das inquestionáveis simbologias impressas, tem significância diferenciada para cada visitante de acordo com seu arcabouço cultural e sua memória histórico-afetiva. A visita no "formato mediado" valoriza e amplia essa visão socioeducativa da visita que lhe é tão necessária.

Contudo, em alguns casos, acho pertinente o uso do termo "monitorado" ou "guiado". Por exemplo em momentos de grande fluxo de visitação nos museus,

quando a preocupação maior é o “ordenamento” organizacional momentâneo, sem a preocupação direta e efetiva com a produção de conhecimento naquele momento. É isso que penso.

25/01/2013 às 12:13#793



Rebeca Brandao

Membro

“Mediador” é um termo que abrange outros campos educacionais, não sendo o museu o único em que o/as educador/as vem ganhando esta “denominação” no processo educativo.

Gostei muito do que Jorge Ramos escreveu sobre o termo e creio que em todo processo educativo o que o sujeito faz com aquilo que se relaciona (no museu, na escola, na igreja, nas demais instituições e espaços de formação diversos) fica a seu próprio cargo. Quero dizer com isso que, além de propor uma relação dialógica nas visitas ao museu, o termo “mediação” tem não só a ver com a metodologia, mas com o objetivo que se tem ao propor uma relação com os saberes praticados em todos os processos educativos. Ou seja, dali o sujeito decide quais caminhos poderá enveredar para ampliar suas redes de conhecimentos – aquelas que ele próprio julgar necessário/interessante. Os termos “visita guiada” ou “monitorada” parece ter mais a ver com uma proposta de produção de conhecimento fixa, pronta a partir do contato com as obras/o conhecimento desenvolvido no proc educativo. Ou seja: “é isso que esse conteúdo quer dizer – e nada mais”. Esse tipo de metodologia implica em delimitar os modos de expressão do conhecimento e, principalmente, a própria significação daquilo que fora desenvolvido – em diversos contextos (lembrando, mais uma vez, não só em museus).

05/02/2013 às 13:04#831



Flavio Almeida

Membro

Acho muito mais produtivo pensar em um modo de se conduzir as visitas (sejam elas guiadas ou mediadas), em qualquer tipo de museu, de maneira com que o visitante/aluno seja estimulado a questionar os porquês daquela informação, se aquilo é realmente “verdadeiro”, se as teorias já cristalizadas não contém algo a ser discutido, isto é, a visita, antes de tudo, tem de fazer o visitante/aluno pensar, discutir, chegar a suas próprias conclusões. Não me importa se o termo usado vai ser “visita guiada”, “visita monitorada”, “visita disso ou daquilo”, o que me importa é como o contato entre o educador do museu e o visitante/alunos ocorre, e se o visitante/aluno saiu do museu de uma maneira diferente de como entrou.

05/02/2013 às 13:15#832



cintya

Membro

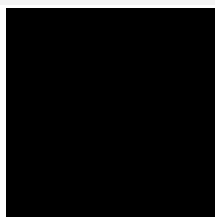
Olá, pessoal!

Concordo com o Jorge Ramos, quando destaca que o termo "mediação" implica o visitante no processo de aprendizagem, tornando-o ativo neste processo. Na minha opinião, os educadores – estejam em instituições museais ou em qualquer outra instituição que se proponha educativa – devem preocupar-se em atuar como mediadores, facilitadores, e não, como transmissores do conhecimento.

Forte abraço a todos!!!

Cintya Callado.

06/02/2013 às 11:32#839



Bruno Marinho

Membro

Trabalho em um Museu de cultura popular, portanto o foco é a cultura local e os saberes populares. O princípio aqui é o reconhecimento de que o visitante tanto quanto o educador possui esse saber. Dessa forma o educador não educa, pois isso indicaria uma transmissão do saber e uma relação desigual. O visitante pode saber tanto ou mais que o educador. Dessa forma o papel do mediador é alcançar o conhecimento do visitante e fazê-lo reconhecer como importante, valoriza-lo e não ensina-lo algo. Assim recusamos o termo educação preferindo o termo mediação.

07/02/2013 às 18:15#848



Ozias Soares

Membro

Rebeca, acho que você e Cintya concordam com o uso de "mediação" como uma nova forma de perceber a relação educativa, seja em museus ou em outras instituições de saberes. O Bruno destaca que prefere o uso de "mediação", na medida em que visitantes e educadores estão mutuamente implicados em "aprendizagens". O Flávio, todavia, coloca uma questão que pode ser interessante nessa nossa discussão: as palavras, os termos, usados em nossa

prática, mesmo aqueles com aparência de “progressistas”, “modernos”, “atualizados”, podem significar pouco se os CONTEÚDOS dessa mesma prática não caminharem na direção de uma mudança de postura e concepção efetivas. O Jorge, por sua vez, destaca que a mudança conceitual é importante na medida em que amplia, aprofunda, a relação dos educadores com os visitantes, deixando de lado a tradicional “visita papagaio”, com scripts préo-definidos. Talvez o questionamento do Flavio seja: não deveríamos ter o cuidado para não cairmos nos “modismos” das palavras sem uma mudança efetiva nas nossas práticas? Vamos conversar...

13/02/2013 às 20:05#859



[danielle.alves](#)

Membro

Compartilho a preocupação presente nesse debate, de nada adianta mudar a palavra usada para tal ação, se, de fato, não houver transformação na prática, de forma consciente e integradora.

15/02/2013 às 14:47#887

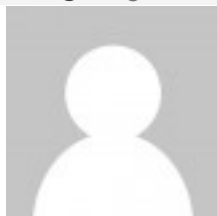


[Thatyanna Campos](#)

Membro

Bom.. Eu sou estudante ainda de Pedagogia e venho observando varias pesquisas sobre educação e museus. Esse problema é uma via de mão dupla, onde os museus ainda não estão preparados para esse tipo de visita, onde os visitantes tem o o “poder” de questionar sobre o lugar e se encontrar ou não no espaço museal, e por outro lado os professores em sua grande maioria não preparam essa visita, já que é só mais “um passeio da escola”, pois a nossa formação não contempla o espaço de museu como espaço escolar. 😞

15/02/2013 às 16:13#890



[JOCENAIDE MARIA ROSSETTO SILVA](#)

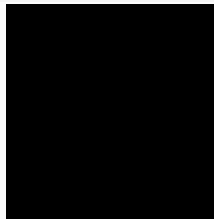
Membro

Olá pessoal

Ja disse o sábio Paulo Freire que “conceitos são palavras grávidas de mundo”~. Lembram? Então que a gestação do referido conceito nos leve para melhorar e ampliar a comunicação nos museus. Essas casas maravilhosas que mostram muito pouco de seus potenciais culturais, onde muito permanece encoberto,

proibido, controlado... ´sendo as exposições objetos de incomunicação pelo excesso ou pela falta de informação sobre o tema que pretendem mostrar.... a exposição precisa ser mediada pelo educador porque os recursos de mídia utilizados são insuficientes para completar o processo comunicativo. Muito fica para ser dito.... a exposição torna-se uma "mostra" de objetos que remetem a determinados elementos culturais, e estes objetos são mudos...em sua maioria só se revelam pelas qualidades estéticas. Pensemos o caso de objetos de determinada cultura indígena do Mato Grosso por exemplo.... o que uma vitrine mostra daquele povo? que história conta? de quais cotidianos se refere? quem usou, quando e por que? quem os produziu???? o museu cumpre seu papel de guardador de objetos, mas será que é mediador desta cultura?

15/02/2013 às 18:35#894



Bruno Marinho

Membro

Eu acredito que o que tem que ficar claro para os mediadores é o objetivo do museu com aquela exposição. Um museu de arte é diferente de um museu histórico que é diferente de um museu etnológico que é diferente de um museu de ciências. Ambos querem comunicar coisas diferentes ao público, tem objetivos distintos. Por isso é importante que o programa educativo de um museu seja construído em consonância, senão junto, com o projeto curatorial. Vai ser a especificidade do patrimônio trabalhado e da visão que se quer passar sobre esse patrimônio pelo museu que vai indicar o como se dá essa mediação.

17/02/2013 às 15:13#914



Rafael Silveira

Membro

Olá a todos, fico feliz em poder fazer parte desse momento de criação coletiva, de consenso e dissenso. Este tema é de fato importante. Por uma série de motivos, em especial pelo caráter político implicado no uso desta ou daquela palavra para denominar a atividade em questão. O Jorge Ramos resumiu muito bem estas distinções entre guia monitor e mediador. O que a Daniele colocou também é importante: é preciso que tais modos de educação estejam presentes nas práticas. O termo mediador é um grande passo, poderia-se dizer que este modo de pensar a educação museal guarda afinidades com a educação construtivista e distancia-se da noção de educação bancária implícita nas noções de guia ou monitor. Porém, mesmo o termo mediador guarda alguns problemas se pensado de determinadas óticas. A concepção de mediador no campo judicial, por exemplo, que diz respeito àquele que leva partes discordantes a um consenso, apaziguando a diferença, me parece ser insuficiente, pois penso que é justamente o dissenso, o embate que propicia o

movimento do pensamento. Outro problema é a identificação do mediador de museus à uma figura de ponte, caminho retilíneo entre público e objeto exposto. Enfim, penso ser importante atentarmos para estas distinções, mas estas denominações podem coexistir. É importante não aplainarmos a diferença que atravessa as ações educativas. Eu prefiro trabalhar com o termo educador – mesmo sendo uma denominação muito genérica – pois nesse termo podem estar contidos distintos modos de concepção da educação.

18/02/2013 às 19:22#924

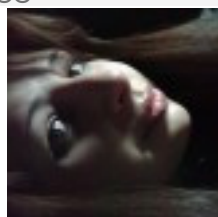


Ozias Soares

Membro

A questão colocada aqui pelo Rafael Silveira amplia este debate exatamente porque em **qualquer termo** que usamos encontram-se subjacentes distintas concepções de educação. As palavras, todavia, são armas, são ferramentas, induzem, produzem, reforçam ideologias. Como disse Jocenaide Maria Rosseto, lembrando Paulo Freire, as palavras são “grávidas de mundo” e, como tal, diria, expressam contradições e conflitos. Concordo com o Rafael em que o termo monitor e guia vinculam-se, pelo uso, a uma “concepção bancária” de relação ensino-aprendizagem. Preocupa-me, entretanto, uma apropriação do novo **como novo por si só**, sem que haja uma reflexão em torno dos termos e conceitos! Estamos fazendo uso de um referencial teórico e conceitual por uma questão de clareza política em nossa prática nos museus ou apenas fazendo coro com modismos nominais? Aliás, se formos ampliar o uso de mediação, talvez concordemos que os objetos por si só são mediações “com” e “no” mundo. Talvez eles não sejam tão “mudos” como pensemos... É bem verdade que muitos objetos ao serem transplantados de suas funções originais carecem de uma mediação especial, de uma boa legenda explicativa, mas eles expressam um acúmulo histórico de conhecimento e cultura. Portanto, como as palavras, parafraseando o Freire, os “objetos museais”, ou “musealizados” também estão “grávidos de mundo”! Mas, que “mundo”? O do curador, o do museólogo, o do artista, o do patrocinador da exposição, o do educador, o do patrono do museu, o do público visitante? Como diz a Thatyanna, estaríamos, como educadores de museus, prontos para este desafio? A mediação daria conta de uma problematização desses “mundos”? Bem, gostaria que vocês me ajudassem neste debate...

19/02/2013 às 13:23#933



Juliana Abreu Pereira

Membro

O debate é mais do que necessário, e ação mais ainda, concordo com a colega que diz que nada adianta mudar a nomenclatura senão mudar a atitude. Como vamos nos inserir nesse novo processo, será ele novo mesmo?

22/03/2013 às 13:33#1104



Luan Antonio Miolo

Membro

Olá amigos.

Achamos que o termo mediação pode ser usado quando há uma transmissão de informações, ou em alguns casos, de opiniões entre o profissional de Museu e o público. "Visitas guiadas" ou "Monitoradas" detona um caráter mecânico, não havendo um maior envolvimento do monitor com os visitantes.

Entre os ganhos dessa mudança de termos está uma maior aproximação e interpretação por parte dos visitantes diante das exposições.

Equipe MuRAU – Museu Regional do Alto Uruguai

Erechim/RS

• Autor

Posts

- 02/04/2013 às 23:04#1171



REM RJ

Membro

A opção por mediação em visitas a museus depende de um conjunto de aspectos institucionais específicos, depende de seus objetivos e estratégias de ações educativas. Não cabe dizer que sem mediação perde-se a simbologia dos objetos expostos (essa é uma visão bastante limitada a respeito das habilidades de leitura e construção de significados realizada pelo público em visitas a museus). Há múltiplas possibilidades de mediação em museus e diferentes tipos e estratégias de ações educativas!

Proposta elaborada em reuniões presenciais que contaram com a participação das seguintes instituições:

Centro Cultural Banco do Brasil – Centro Cultural da Justiça Federal – Centro

Cultural de Folclores e Cultura Popular – Instituto Moreira Sales – Memorial Getúlio Vargas – Fundação Casa de Rui Barbosa – Museu Casa da Hera – Museu Casa do Pontal – Museu da Chácara do Céu – Museu da Marinha – Museu da República – Museu da Vida – Museu de Arqueologia de Itaipu – Museu do Ingá – Museu do Meio Ambiente – Museu Histórico Nacional – Museu Nacional – Oi Futuro/Museu das Telecomunicações – Núcleo Experimental do MAM – Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

k) Planejamento participativo

• Autor

Posts

- 29/11/2012 às 12:13#417



Ozias Soares

Membro

"Todo planejamento educacional, para qualquer sociedade, tem de responder às marcas e aos valores dessa sociedade. Só assim é que pode funcionar o processo educativo, ora como força estabilizadora, ora como fator de mudança" (Paulo Freire, 1959). Entendemos que o planejamento, nas suas diferentes dimensões, é atravessado por decisões técnicas, mas, sobretudo políticas, filosóficas e ideológicas. Frequentemente tais decisões ocorrem nos gabinetes ou mesmo entre uma pretensa "elite pensante", em detrimento da construção coletiva e democrática. Ora, neste sentido, os conceitos e noções que balizam nossa prática não são, portanto, "neutros". Um planejamento participativo deve estar associado à dialogicidade, representando uma alternativa aos planejamentos autoritários, burocráticos e verticalizados. Na Carta de Petrópolis e em outros documentos, por exemplo, falava-se na construção de uma "**Política** Nacional de Educação em Museus", talvez alçada ao mesmo nível das demais "Políticas" e "Planos" existentes. Certamente com o avançar das negociações mudou-se para "**Programa** Nacional de Educação em Museus". Como teria se dado essa mudança e quais os fundamentos que a orientaram?

03/12/2012 às 21:04#485



Mara Paulina Arruda

Membro

Estou inteiramente de acordo com essa proposição.

04/12/2012 às 13:38#488



Pnem

Membro

Muito interessante a discussão levantada pelo Ozias, pois chama atenção para a necessidade dos processos participativos no ciclo de políticas públicas.

Como toda gestão governamental, o planejamento para setor educativo museal envolve questões técnicas fundamentais, as quais não se deve prescindir se pretendemos um trabalho efetivo e longo. Entretanto, tais questões apenas fazem sentido se seus objetivos vão ao encontro das necessidades sociais.

Neste sentido, o Instituto Brasileiro de Museus propôs a abertura de um espaço para promover a reflexão e o diálogo a cerca de temas relevantes para o setor educativo dos museus. Abrir para o debate, ouvir a sociedade, receber demandas e propostas é assumir uma postura política de se construir democraticamente políticas públicas. O papel do Ibram neste processo é possibilitar o diálogo a fim de construir políticas públicas legítimas e efetivas, para tanto fora desenhado o "Programa Nacional de Educação em Museus", cuja essência é a construção coletiva.

O termo Programa foi adotado por uma questão **bastante simples**, a educação museal já está inserido em uma política cultural para o setor museológico, qual seja a Política Nacional de Museus. A PNM tem em suas bases uma multiplicidade de vozes e foi construída a muitas mãos tendo em vista as grandes questões do campo museal. Amplificando esta e outras experiências de construção participativa, o Ibram propôs a criação do PNEM como um programa institucional que pretende conhecer e incorporar as demandas sociais a fim de planejar ações na busca do fortalecimento do campo educativo museal. Temos um grande desafio pela frente, construir juntos um Programa inteiro voltado para a educação em museus!

06/12/2012 às 17:58#522



Ozias Soares

Membro

Caros, a experiência brasileira vem mostrando que a sobreposição de documentos produz uma "inflação" de legislação e efetividade questionável. No nosso campo, para citar alguns exemplos, temos a Política Nacional de Museus, o Plano Nacional Setorial de Museus, Plano Nacional de Cultura, o Estatuto de Museus, O Sistema Brasileiro de Museus (e diversos sistemas estaduais), Sistema Federal de Cultura, bem como diferentes desdobramentos de todos esses textos. Indiscutível que precisamos de todos eles! Concordo que mais uma POLITICA de educação em museus traçaria diretrizes e metas amplas

produzindo, talvez, mais uma sobreposição. Um programa, como um braço objetivo/operacional, emanado de uma Política talvez seja o caminho. No momento da elaboração coletiva da Carta de Petrópolis, penso que a questão não era tão simples como o é hoje. Mas acredito que precisamos ao longo dessa construção pensar nas especificidades da educação em museus que, não raro, fica perdida entre as generalidades dos grandes planos. Acho que a importância de um programa está aí...

06/12/2012 às 18:07#523



Ozias Soares

Membro

Todos sabemos de nossa herança autoritária e centralizadora quando pensamos em gestão, planejamento, decisões. Tarefa nada fácil é nos livrar desta tradição! Hierarquização, centralização e coisas do gênero é como a água em que nadamos. Penso que o planejamento das ações educacionais deve responder às demandas postas pela contemporaneidade (e que estão sendo discutidas em outros fóruns aqui no blog). Sobretudo, os profissionais de museus, de diferentes áreas devem participar dessa construção. Bem, acho que em museus menores talvez seja mais fácil organizar um momento de planejamento participativo do que em grandes museus. Penso que, tanto nas unidades menores ou mesmo nas maiores, podemos pensar em metodologias que possam congregiar diferentes idéias para um planejamento educativo nos museus.

11/12/2012 às 11:36#547



Marília Xavier Cury

Membro

Eu estou pensando aqui com os meus botões sobre a participação do público na construção de processos de educação em museus. Assim, crescemos juntos e o museu se modifica, ou seja, se educa com e pelo processo com o público.

11/12/2012 às 18:06#556



Ozias Soares

Membro

Pois é, temos pensado bastante nesta questão ultimamente aqui no Museu. Acho que fizemos um primeiro exercício que poderia ser replicado que foi o OMCC (Observatório de Museus e Centros Culturais), entretanto, sobre outras bases. Havia um foco naquele momento que tratava mais especificamente do

perfil de público e opinião sobre o museu. Talvez agora poderíamos pensar numa estrutura diferente e uma outra metodologia que (1) comece fortalecendo a participação intramuseu (público interno) e (2) a participação de um público frequentador (sobretudo aqueles atendidos por nossos setores educativos) e (3) um público não frequentador – especialmente a partir de questões que nos indique porque não visita, que dificuldades existem, como percebem o museu e que sugestões daria. Acho que neste sentido precisaríamos pensar nos instrumentos e na metodologia.

08/01/2013 às 11:34#684



Rafael Jose Barbi

Membro

Interessante colocação caro Ozias. Neste sentido aqui no Museu, já fazemos de uma forma mais simples, algo que tente trazer ao nosso conhecimento as necessidades da população em relação ao Museu, e isso trouxe questões muito pertinentes, que foram levantadas não só por visitantes da cidade, como também por visitantes vindos da Capital (São Paulo, no caso); a partir dessas observações estamos traçando o planejamento para o ano, sempre com diálogo com essas questões.

10/01/2013 às 16:29#700



Ozias Soares

Membro

Rafael, muito interessante sua proposta! Vamos adotar aqui no Museu da Chácara do Céu (RJ). A propósito, de qual instituição você fala? Bem, a sua proposta resolve a participação da comunidade e visitantes. Qual o instrumento que vocês utilizaram para coletar essas demandas? A resposta foi positiva? Em relação à participação interna (equipe de profissionais do museu), vocês fizeram algo?

10/01/2013 às 16:45#701



Rafael Jose Barbi

Membro

Olá Ozias. A instituição que eu falo é o Museu da Cidade de Salto, localizado no interior de São Paulo. Aqui no Museu realizamos esse levantamento de forma simples, colocamos a disposição dos grupos cadernos para sugerirem e/ou criticarem o que viram aqui. Estamos iniciando também uma página no facebook

com esse intuito, pois há alguns exemplos interessantes de instituições que utilizaram dessa ferramenta, como o Museu de Arte Sacra de São Paulo. Ambas as ações estão sendo positivas, no caso do facebook, essa ação está em fase de testes, mas já houve boa recepção do público. Em relação a equipe do Museu, eles estão em sintonia com essas práticas, tanto que sempre são incentivados a fazer suas observações também, além de incentivar os visitantes a fazerem o mesmo.

10/01/2013 às 16:54#702



Ozias Soares

Membro

Rafael, parabéns pela iniciativa! Estou entendendo que se trata de um caderno simples onde as pessoas podem livremente escreverem seus comentários e sugestões. Veja se entendi: as anotações no caderno são feitas pelos grupos de visitantes da área educativa mas não são feitas pelos visitantes espontâneos? Vocês já fizeram alguma metodologia de retorno desse planejamento para os grupos? Eles sabem que essas idéias foram e de que forma são incorporadas no planejamento do Museu?

10/01/2013 às 17:02#703



Rafael Jose Barbi

Membro

Sim, são feitas apenas pelos grupos, por enquanto, porém em breve estamos estudando abrir isso para todos os visitantes, sim. No momento estamos reunindo essas informações, e já colocamos em pauta a aplicação de algumas. Sobre a questão de retorno das informações para os grupos, confesso que não tinha pensado nisso, ótima sugestão!

05/02/2013 às 13:25#833



cintya

Membro

Olá, Rafael e Ozias.

Também achei muito boa a sugestão do Rafael, pois confere autonomia ao visitante para opinar livremente em relação à sua visita. Os questionários – não

quero aqui dizer que eles também não tenham relevância para coletar dados – não permitem tal “liberdade”. Acredito que a combinação de questionários orientados com cadernos de sugestões seja uma maneira efetiva de participação dos grupos que frequentam os museus, o que tornaria as visitas muito mais significativas para eles.

Um forte abraço!

Cintya Callado

07/02/2013 às 18:29#849



Ozias Soares

Membro

Olá, Cintya, Rafael e demais participantes do Fórum! Acho que os instrumentos citados, as idéias apresentadas são interessantes e já estamos pensando em implementá-las este ano aqui no Museu da Chácara do Céu. Agradeço muito a sugestão do Rafael! A idéia da Cintya é bem legal no sentido de combinar as duas coisas. De outro lado, vocês teriam sugestões de como ampliar a participação interna, da equipe, das diferentes coordenações dentro do museu? Alguém tem alguma experiência realizada de planejamento participativo realizado com a equipe institucional?

15/02/2013 às 17:49#892



JOCENAIDE MARIA ROSSETTO SILVA

Membro

Olá colegas

Parece-me que concordamos que um planejamento participativo, está associado ao dialogo e as demandas apresentadas pelos visitantes de toda e qualquer categoria (grupos, individuais, turistas, etc...), embora, tenham objetivos distintos. Isso nos revela a necessidade de se criar uma metodologia/programa de pesquisa com o publico (interno e externo), dotada de eficiencia para alcançar a meta de atendê-lo em suas expectativas; mas, o problema se amplia quando pensamos nas dificuldades financeiras dos museus do Brasil e nas carências de pessoal, tecnologia, etc.... então, acabamos por pensar pequeno.... muito pequeno, até com certo pessimismo, sobre a questão. Há alguns dias li na revista Musas (IBRAM) N. 04, um artigo de Pierre Nora que dizia das emergente necessidade da conservação da memória, que se apresenta em nosso tempo e, também da multiplicação dos equipamentos culturais, como os museus que vem sendo criados em “quase” todas as partes do mundo... esta afirmativa me leva a refletir um pouco, pois parece-me que

como uma “onda” há uma contra onda, que no refluxo trabalha na direção oposta... muitos desejam os museus, mas não há disponibilidade de recursos no Brasil para se fazer museus qualificados, como merece o setor; então, ficamos pensando em exercitar a criatividade dos educadores ao máximo para que alcancem alguns resultados positivos em suas práticas e alarguem seus saberes e experiências... como educadores “tiramos leite de pedra” ... o que ainda nos incentiva é a potencialidade do ser humano em todos os lugares do mundo, em criar... criar... criar...

• Autor

Posts

- 19/02/2013 às 17:51#936



Ozias Soares

Membro

A proposta sintetizada pela Jocenaide vai numa direção interessante: criar uma metodologia para dialogar com o público interno e externo sobre as diferentes demandas. Penso que devemos privilegiar no PNEM essa estratégia, de modo que os diferentes setores e os educadores de museus se conversem, planejem suas ações, fundamentações e projetos.

Por outro lado, entendo que há uma escassez de recursos (como também um não-direcionamento intencional de recursos para museus e, no nosso caso, para a área educativa!); entretanto, entendo que o planejamento participativo, a conjunção de esforços para pensar a instituição como um ente coletivo e “para” o coletivo deve vir um pouco antes da destinação de recursos! Aliás, é bem possível que haja museus e centros culturais tão “cheios de dinheiro” quanto de verticalizações e tomadas de decisões unilaterais (ou “oligárquicas”!, para melhor definir...). Desse modo, pode ser que se não houver um planejamento participativo, o que vai continuar ocorrendo é a centralização e canalização dos recursos para determinadas áreas estabelecidas nas “prioridades” de alguns.

Mas acho, professora Jocenaide, que podemos ampliar essa discussão nos eixos “Gestão” (Financiamento das ações educativas), “Profissionais de Educação Museal” (financiamento para o educativo do museu) e no fórum sobre Sustentabilidade, coordenado pela colega Girlene Bulhões. (Mas, antes preciso concordar com o “leite de pedra”... pior vai ser quando o leite acabar, né?!)

- 05/03/2013 às 19:38#1055



rosangelacuritiba

Membro

Caros Colegas, estou acompanhando esta discussão e achei muito interessante os pontos aqui levantados. Trabalhei alguns anos na área de planejamento e capacitação e sei o quanto as políticas e os palvórios às vezes podem ser inócuos e vazios. Planejamento participativo é uma palavra bonita mas tenho dúvidas se funciona na prática. Concordo com o Ozias que o público interno do museu precisa ter voz e voto, assim como os visitantes. A adoção de questionários, quanto aos últimos, parece ser uma boa alternativa, também pra sugestões, desde que haja espaço no questionários pra dá-las. Quanto a falta de liberdade, que alguém citou, acredito que pode ser resolvida se o questionário for anônimo e tiver espaço em branco na parte detrás do questionário pra pessoa desenvolver suas ideias. O que me preocupa um pouquinho é a falta de vontade das pessoas em participar. Será que a falta de tempo e a correria podem justificar a apatia geral? Ou seria a falta de democracia, ou democracia zero, tão corrente nos espaços culturais?

02/04/2013 às 23:02#1170



REM RJ

Membro

Adotar o Planejamento Participativo como perspectiva de ações e elaboração conceitual (referência: Danilo Gandin);

Reconhecer o público interno (público invisível) como alvo de ações educativas sob a perspectiva de um Planejamento Participativo;

Definir o conceito de público (deve-se considerar o público interno e externo, aqueles que vão visitar o museu para conhecer seu acervo, aqueles que vão ao museu para utilizar seu espaço, as opções de lazer e entretenimento como teatros, cinemas, bibliotecas, jardins, etc.?)

Fortalecer a concepção de museu como espaço de uma educação sob a perspectiva da construção coletiva de conhecimento.

Propostas elaboradas em reuniões presenciais que contaram com a participação das seguintes instituições:


Centro Cultural Banco do Brasil – Centro Cultural da Justiça Federal – Centro Cultural de Folclores e Cultura Popular – Instituto Moreira Sales – Memorial Getúlio Vargas – Fundação Casa de Rui Barbosa – Museu Casa da Hera – Museu Casa do Pontal – Museu da Chácara do Céu – Museu da Marinha – Museu da República – Museu da Vida – Museu de Arqueologia de Itaipu – Museu do Ingá – Museu do Meio Ambiente – Museu Histórico Nacional – Museu Nacional – Oi Futuro/Museu das Telecomunicações – Núcleo Experimental do MAM – Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

l) Parceria e colaboração – museus como lugares de encontros e formação integral

• Autor

Posts

- 15/03/2013 às 15:29#1083



Ozias Soares
Membro


As palavras, os conceitos, as coisas, possuem uma "filiação". Se associam e ficam "grávidas" de sentidos que a prática social lhes conferem. Duas delas, que provocam alguns debates, são "parceria" e "colaboração". Quais os limites de seu uso? Que possibilidades elas expressam? Quando, onde e por que usá-las (ou não...)?

m) Quais as funções dos museus?

• Autor

Posts

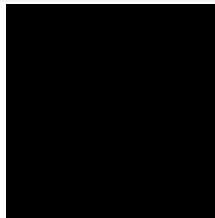
- 15/02/2013 às 18:13#893



JOCENAIDE MARIA ROSSETTO SILVA
Membro

Diante das discussões que pude acompanhar até aqui, acho pertinente pensar um pouco mais... adentrando para o universo da função do museu, à partir de sua localização, por exemplo o caso do museu universitário, portanto localizado em um ambiente especialmente educativo. Qual é o seu papel neste ambiente? ensino, pesquisa e extensão como já se definiu institucionalmente? mas quais pesquisas? Ensino? e extensões? a quem servem? como se desdobram na sociedade? ou então, outro ambiente: um museu numa aldeia indígena, como a de Meruri, no Mato Grosso; ou um museu histórico de uma cidade (pequena ou grande). Assim, acredito que a localidade do museu é um dos muitos elementos que contribuem para a definição de sua função. Outro dado a se considerar é a questão de orçamento para sua gestão e neste bojo as políticas públicas que podem oportunizar ou não o acesso ao orçamento. E se queremos novos museus? a quem interessam novos museus? que funções daremos aos novos museus??? Prá que museu?

15/02/2013 às 18:42#896



Bruno Marinho

Membro

A primeira coisa que me vem a cabeça quando se fala na função de um museu seria de preservar ou salvaguardar algum patrimônio. Agora existe um universo de possibilidades dentro disso. Eu acho que a função de um museu deve ser guiada pela especificidade de seu patrimônio (história, arte, etnografia)... e as necessidades da comunidade que o vista (entretenimento, educação...)

16/02/2013 às 21:59#909



claudiaporto

Membro

Bruno, acho q a preservação é parte essencial da função do museu, mas não só. Um museu que só se dedica a guardar faz a obrigação, mas isso é muito pouco. Claro, podemos pensar que a palavra "preservação" inclui inúmeros significados – inclusive de educação, pois preservar algo ao longo dos séculos passa por manter viva na consciência do povo e dos administradores que essa preservação é importante. O museu atual tem uma vocação de ator no desenvolvimento da sociedade em que ele está inserido. Ele pode atuar para que essa sociedade se torne mais consciente do seu passado, aprimore o pensamento crítico (mas isso passa por não sacralizar acervos nem personagens), cresça economicamente. O museu não é obrigado a trabalhar essa verve social e política – aliás, até hoje, se considerarmos em termos percentuais, poucos conseguiram chegar lá. Mas esse é um caminho importante, que envolve comunicação bem feita, projeto educativo bem feito, pesquisa e expografia bem feitas.

Quando Jocenaide pergunta se queremos mais museus e para quê museus, me lembra que é prática no Brasil criarem-se museus por motivos políticos, sem um orçamento pensado para sua manutenção, sem que ele tenha uma razão de ser naquela comunidade. É um museu vazio de sentido e de verbas que, muitas vezes, só vai corroborar o paradigma do "museu, lugar de velharias", que tanto nos machuca.

19/02/2013 às 13:41#934



Ozias Soares

Membro

Essa discussão me faz pensar no seguinte: há sensíveis alterações no desenho da educação no Brasil, ou seja, a perspectiva da universalização da educação básica é hoje um dado concreto que, todavia, não se vislumbrava há algumas décadas no país; a ampliação do acesso à universidade é um outro dado que deve ser destacado; a criação de universidades virtuais (EAD ou semipresenciais) avança no país. As tecnologias avançam (e até nos atropelam...), conformando as novas gerações. De outro lado, observamos avanços no campo museal com a criação da Política Nacional de Museus e outros instrumentos legais, embora ainda temos 80% dos municípios brasileiros sem museus (<http://www.cultura.gov.br/site/2010/12/13/oito-em-cada-dez-municipios-brasileiros-nao-tem-museu-mostra-estudo/>). Ou seja, precisamos, sim, de mais museus, mas sobretudo, é preciso ter clareza de suas funções. Tenho a impressão que mais do que a localidade ou a tipologia do museu há algo fundamental que define a função social do museu: o seu diálogo com o entorno, com outras instituições sociais que lidam com educação, com práticas culturais, e com o exercício da participação política. Acho que vamos chegar (espero!!!) a um ponto de nos cansarmos dos "museus impermeáveis"!

20/02/2013 às 0:37#938



claudiaporto

Membro

Ozias, concordo, o mais fundamental é que haja clareza das funções e do objetivo do museu. Sem isso, não há como o museu realizar um trabalho eficaz no longo prazo.

Sobre o futuro, acredito que a "evolução" dos museus (se posso usar essa palavra) acabará levando à expressiva diminuição do número de museus fechados sobre si mesmos. Mas acho que essa mudança está se fazendo lentamente demais.

Precisamos insistir nisso e investir nisso, o que passa não apenas pelas políticas públicas, mas também pelo tipo de formação que nossas universidades e instituições de ensino oferecem (em nível técnico, de graduação, de aperfeiçoamento profissional etc.) e pelo esclarecimento da população em geral sobre esse papel "novo" que o museu deseja assumir.

n) Museu: lugar ou espaço de memória?

- **Autor**

Posts

- 15/02/2013 às 17:23#891



JOCENAIDE MARIA ROSSETTO SILVA

Membro

Pierre Nora se reporta a lugares de memórias, mas os teóricos da percepção definem lugares, quando se cria vínculo afetivo. Então? não seria mais apropriado espaços e muitas vezes "não-lugares"? contudo... pela educação/mediação se deseja o museu como lugar! é coisa p/ se pensar...

19/02/2013 às 13:09#932



Ozias Soares

Membro

Do ponto de vista da criação de vínculos afetivos que caracteriza o lugar, ou que dão contornos a identidades, a impressão que temos é que ainda estamos engatinhando nisto em nossos museus. Talvez haja um público que utilize os museus como um "espaço-tempo" de fruição, de lazer... um público "iniciado"... Precisamos, como vem sendo discutido aqui neste fórum em outras postagens, ampliar o acesso aqueles que pouco (ou nada) visitam os museus. Para que seja um "Lugar" é necessário alçar o museu à categoria de pertencimento, de ligação com o bairro, com a cidade, com as demais instituições. Neste sentido, acho temerária a construção de uma memória no isolamento, sem interação com outros agentes. Talvez haja colegas de outras instituições que queira apresentar aqui experiências e propostas de alçar o museu a um lugar de memória...

(obs.: Jocenaide, passa pra gente a referência que você citou, por favor).

Fórum 7: Profissionais de Educação Museal - 11 tópicos / 132 respostas

Coordenadora do GT: Rafaela Gueiros

a) Contribuições do Rio Grande do Sul

• Autor

Posts

- 08/04/2013 às 13:22#1269



Tiago de Campos

Membro

COLABORADORES: Karolyna Silva Cristane

Leida Cantanhêde

Wellington Ricardo Machado da Silva

José Rodrigo Chaves de Souza

Zenilda Cardozo Sartori

Maria Cláudia de Andrade Stocker

Maria Margarita Santi de Kremer

TÓPICO 1

Garantir presença do setor

PROPOSTAS

1. Ter claro nas políticas da Instituição as atribuições do educador
2. Incentivar a profissionalização na área, valorizando competências e qualificações;
3. Orçamento garantido para o setor de forma institucional

TÓPICO 2

Plano conceitual e executivo

PROPOSTAS

1. Participação garantida para o setor nas esferas decisórias.
2. Estabelecer garantias materiais para o setor dentro do Plano Diretor da instituição.
3. Promover estabelecimento de parcerias

TÓPICO 3

Assegurar o papel do educador

PROPOSTAS

4. Clarificar as funções e atribuições do educador
5. Valorizar a função profissional do educador na instituição.
6. Promover estabelecimento de Plano de Carreira profissional

b) Fomento e Valorização para o educativo do museu

• Autor

Posts

- 08/04/2013 às 13:20#1246



elinildo marinho

Membro

É muito comum na área museal encontrarmos um certo distanciamento do museólogo e o educativo de um museu pois para muitos este é o campo de atuação exclusiva do pedagogo ou do arte educador. Acredito que o museólogo deve estar presente em todos os processos que envolve o museu, assim desse modo no educativo não deve ser diferente tendo em vista que uma das funções de um museu é a extensão de um aprendizado, de uma possível formação do olhar com a utilização é claro de conceitos da pedagogia e da arte educação, pois a museologia é um terreno híbrido e interdisciplinar, podemos utilizar diversas ferramentas pedagógicas e abordagens como a triangular entre outras possibilidades que com a interação de outras áreas darão ao museu um incremento fascinante. Considerando o exposto acima seria bastante interessante haver e ou criar-se especificamente linhas de fomento para a continuidade e valorização dos educativos de museus, bem como dos profissionais do educativo, propiciando formações, qualificações constantes e por sua vez regulamentação deste profissional. Penso em uma formação técnica não em museologia, mas em educação para o museu ou mediador cultural. Em se tratando de linhas de fomento penso na criação de editais de premiação ou de fomento para os educativos de museu onde poder-se-ia buscar recursos para melhorar este educativo ou premiar suas ações devido a importância e ação social para o coletivo.

c) Escolas de ensino do 1º. Grau envolvidas na educação museal

• Autor

Posts

- 07/02/2013 às 11:58#841



odinelha targino

Membro

o envolvimento das escolas de ensino do 1º grau é fundamental

para a conscientização e valorização do patrimônio histórico,
artístico e imaterial. se iniciarmos na educação infantil
teremos jovens comprometidos com o patrimônio cultural
como um todo.

14/02/2013 às 11:06#865



Sonia Maria

Membro

Em nosso município sentimos a necessidade de que as escolas tenham iniciativa de trazerem seus alunos ao Museu Histórico Delfim Moreira. Eles só nos visitam quando os convidamos ou por motivo de alguma exposição diferenciada. Não há o hábito de visitas espontâneas. Acreditamos que deveria fazer parte do conteúdo escolar.

14/02/2013 às 12:51#867



Rafaela Lima

Membro

Olá, Odinelha e Sonia!

Compartilho do mesmo sentimento e pensamento que vocês. Concordo que deveria haver uma parceria muito mais estruturada e definida com as Prefeituras, via Secretarias de Educação. Se esse trabalho fosse mais coeso, com certeza teríamos não só mais visitação, mas estas seria muito mais articuladas com o currículo das escolas e interessantes do ponto de vista dos alunos: uma visita que dialoga com a vida deles, com o que estão estudando e que desperte a curiosidade é sempre mais profícua do que aquela feita sob insistência ou por "obrigação" (quando é colocado para uma escola a obrigatoriedade de pelo menos 1 visita por ano a um museu... já vi isso acontecer em alguns lugares).

Mas, trazendo essa discussão para o nosso tema principal (o assunto fórum: profissionais de educação museal), **qual a relação que vocês vêem entre o envolvimento das escolas de 1º grau com a formação do profissional de educação museal e a sua prática profissional? De que maneira isso pode impactar na prática e na formação desse profissional?**

Mais uma vez agradeço a participação de vocês e ficaremos aguardando as respostas para continuarmos nossa conversa que está ótima! 😊



estelagalmarino

Membro

Boa tarde, pessoal! Sou funcionária do Museu Antropológico do Rio Grande do Sul (MARS) e desenvolvo minhas atividades, principalmente, no Setor de Ação Educativa do Museu. Penso que, enquanto espaço não-formal de educação, o museu pode ser um importante aliado das escolas. Por outro lado, as escolas auxiliam na reflexão do papel da instituição museológica neste processo. O MARS tem promovido e apoiado ações educativas em diferentes espaços: escolas, por meio de ações-piloto do Projeto "Museu Antropológico Itinerante"; centros culturais, instituições de memória e outros museus estaduais, a partir da mediação de exposições de curta duração. A multiplicidade do público (escolas da rede privada, da rede pública municipal, estadual) nos traz diferentes reflexões. Quando visitamos uma escola privada, dentro do projeto mencionado, muitas questões foram levantadas pelos alunos. Fomos "bombardeados" com perguntas as quais várias não sabíamos responder sobre a temática em questão (História e Culturas Indígenas, tema obrigatório nos currículos, a partir da lei 11.645/08). Levamos alguns objetos não-tombados do acervo, mas o que suscitou discussões foi, de fato, nossa fala. Também nas exposições observamos diferentes anseios de alunos e professores. Alguns estudantes fazem relações com objetos que já viram em outros locais, muitos tecem comentários engraçados, fazem brincadeiras, outros admiram, interpretam, perguntam sobre o material e alguns poucos ainda nos surpreendem com colocações que esperaríamos, talvez, de um acadêmico, ditas de modo simples, mas muito pertinentes sobre o tema da exposição. Com relação aos professores, observamos que alguns levam os alunos como forma de complemento das atividades tratadas em sala de aula. Outros nem mesmo trataram o assunto, buscam no Museu o aprendizado. E alguns poucos parecem ver no museu este espaço de aprendizado em concomitância com o espaço de fruição. De admiração estética, mas também de apropriação, de ressignificação de conhecimento, de saberes. Deste modo, a contribuição que trago ao pensar na relação do museu com as escolas de Ensino Fundamental e destas com o museu diz respeito à formação dos profissionais de educação em museus frente às demandas da Escola. Creio que, neste sentido, as escolas interferem na construção/formação do educador em museus, já que podem orientar, por exemplo, a médio, longo prazo, a busca por capacitação, conforme o perfil do museu. No meu caso, as experiências que tenho no âmbito do Museu, me impulsionam a buscar uma capacitação mais específica, que relacione minha formação na graduação + Educação + Museologia. Além disso, tendo em vista sua função social, o Museu tem de estar instrumentalizado para organizar e promover, em conjunto com a escola, cursos de formação, capacitação para os professores que relacionem as áreas de atuação da instituição com a Educação.



Rafaela Lima

Membro

Olá, **Estela!** Obrigada pela sua contribuição no debate!

Você trouxe questões que insisto em repetir nos cursos e palestras em que fui a "professora" do grupo: cada visitante, cada grupo agendado, cada pessoa que entra na instituição cultural que trabalhamos traz um repertório pessoal e único, portanto, traz uma maneira diferente de olhar aquela instituição e o que ela oferece. Por isso também, as contribuições que cada um traz são igualmente diferentes e ricas. O papel do educador museal está justamente no aproveitamento e no diálogo que deve promover entre esses repertórios dos visitantes (agendado, espontâneo, individual ou em grupo), o repertório exposto pela instituição (nas exposições, nos discursos dos seus dirigentes, no seu acervo) e no repertório do próprio educador. É a formação diversa e multifacetada do educador que deve conferir-lhe a sensibilidade para perceber os pontos de interseção entre esses repertórios e, a partir daí, promover o diálogo entre eles. Quando esse diálogo e essa troca se efetivam, a experiência da visita torna-se única e reverbera em outros campos da vida do visitante.

Aí eu pergunto: **nossos educadores em museus têm esse perfil e sensibilidade? Eles têm criado essas pontes entre os vários repertórios para enriquecimento da visita e verdadeira fruição daquele conteúdo que estão mediando (trazendo o conceito de mediador para a discussão)?**

O que vejo é que muitas vezes o próprio repertório dos educadores em museus precisa ser trabalhado e enriquecido. Outras vezes eles ainda não têm o *insight* (sensibilidade e percepção), digamos assim, de aproveitar a deixa de um comentário ou dúvida de um visitante para entrar em outros assuntos abordados por aquele conteúdo que ele está mediando numa exposição, em uma oficina, em um curso ou em um evento da instituição.

Então como esse problema/falha na formação dos educadores em museus pode ser corrigido? Na minha opinião os cursos promovidos pelas próprias instituições para a formação de educadores é um caminho viável e até agora profícuo.

Mas não é a minha opinião que deve constar aqui, mas a de vocês. Por isso, espero as respostas de vocês às colocações que fiz, combinado? 😊

21/02/2013 às 18:36#967



Sonia Maria

Membro

O museu como guardador do Patrimônio histórico da humanidade, torna-se importante na formação do profissional da escola de primeiro grau, tornando-o

conhecedor dessa história e internalizando transforma em multiplicador de cultura.

26/02/2013 às 19:19#1009



Rafaela Lima

Membro

Olá, Sônia! Bem vinda ao nosso debate!

Olá, a todos! Aproveito minha "passagem" por aqui para lembrar-lhes que nessa reta final do blog (ele "fechará" para postagens dia 26 de março), **devemos pensar em ações concretas para efetivação das propostas que fizemos até aqui.**

Aproveito, então, para pedir que vocês pontuem aquilo que deve ser destacado nesse tópico como proposta/ação efetiva. **Aguardo as participações de vocês! 😊 Ainda dá tempo de outros participarem: debatam o assunto nos seus locais de trabalho, com colegas, com alunos inclusive (por que não, né? 😊).**

05/03/2013 às 12:56#1045



Sonia Maria

Membro

Objetivando ter um Museu como agente articulador e propulsor de políticas museais de cultura. O Museu histórico Delfim Moreira, pensando em um intercâmbio entre as escolas de 1º grau de nosso Município. Realizará as seguintes atividades concretas para 2013:

- Convidadar as escolas de 1º grau, por ofício para que venham visitar o Museu.
- Manter o Museu com suas portas abertas para visitas expontâneas e agendadas sempre guiadas por uma professora habilitada à orientar e esclarecer todas as perguntas formalizadas.
- Ter suas portas abertas para eventos culturais a serem agendados no decorrer do ano como exposições palestras etc.
- Trazer alunos de escolas de 1º grau do Município para aulas previamente agendadas , tentando assim aguçar a curiosidade e o gosto pela educação museal.
- Enviar correspondências às escolas de 1º grau convidando os alunos a se matricularem para aulas de desenho.

05/03/2013 às 15:35#1048



Fernanda Castro

Membro

realizar parcerias com secretarias municipais de educação, estabelecendo programas de transporte para escolas visitarem museus, ampliando o número de visitas já existentes e garantindo que cada turma das escolas conheça pelo menos um museu durante o ano letivo!

05/03/2013 às 18:28#1052



Rodinella Targino

Membro

olá pessoal! pelo visto todas nós que trabalhamos na gestão de museus ou na área do ensino temos muito em comum: o educar, o instruir, é assim que lutamos para que nossos jovens tenham uma visão melhor de mundo e valorize a memória da coletividade. a educação museal fará esse link. já estou programando a 11ª semana de museus, e será exclusivamente dentro de escolas de ensino fundamental. começaremos pelas escolas públicas e futuramente estenderemos nossas ações em outras instituições. acredito que estaremos dando os primeiros passos em busca de um público qualificado e conhecedor da importância da memória da coletividade.

06/03/2013 às 20:12#1056



Karla Colares

Membro

Olá pessoal, estava lendo aqui os post de vocês e fiquei muito interessada em participar. Segundo os estudos de ANDRADE (2011), nos informou sobre uma lei data de 1905 do então prefeito da cidade de Fortaleza informava que todas as escolas deveria ter uma biblioteca e museu, isso está escrito na Seção II capítulo XII.

O interessante é que o acesso a biblioteca ainda existe, mas, os museus, são raras as escolas que possui um. Não há uma justificativa melhor para que a Educação em Museus seja de tão importante para as escolas de Ensino Fundamental I, como também para os demais níveis de ensino.

07/03/2013 às 20:54#1064



Rafaela Lima

Membro

Muito boas as sugestões! Já foram inclusive acrescentadas ao texto final de propostas. Quando estivermos na última semana de participações no fórum, posto aqui para que todos tenham o resultado final do Fórum Profissionais de Educação Museal.

Continuem participando e incentivando outros a fazeres o mesmo. Acredito que teremos um bom resultado desta iniciativa.

Abraços!

14/03/2013 às 14:27#1073

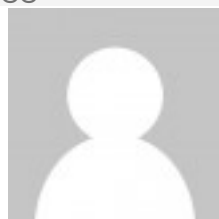


Jundiaí

Membro

Esta reflexão é muito interessante para o momento em que estamos vivenciando aqui no Museu da Energia de Jundiaí, pois atendemos no ano passado muitos alunos com este perfil de 1º grau e o nosso questionamento quanto educadores é será que a nossa comunicação com este público está sendo assertiva, uma vez que a fala deste público é diferente em relação ao de fundamental II, nível técnico e superior, pois por se tratar de um Museu de ciências temos uma gama de assuntos para abordar com os diversos públicos. O questionamento é devemos ter monitores genéricos (abordando todos os assuntos) ou monitores específicos (cada um na sua área de atuação). Cabe também pensar o quanto de informação o monitor genérico terá que transmitir e o número de monitores específicos teremos para abranger todo o espaço museológico, como já é sabido a grande maioria dos museus sofrem com falta de recursos financeiros.

05/04/2013 às 22:11#1233



Janice Santana Cruz

Membro

Parabéns Odinelha e demais participantes, pela iniciativa, pelos questionamentos e propostas interessantes para que se torne ações presentes em nossas escolas. Se faz necessário urgentemente contribuir para o

desenvolvimento , para uma conscientização e valorização do patrimônio cultural e artístico em todos os níveis da Educação, permitindo o fortalecimento das relações. "Quando a escola vai além da sala de aula, os horizontes são maiores".

Abraços!

Janice S. Cruz REM -BA

06/04/2013 às 22:17#1239



odinelha targino

Membro

espero que nossa luta seja constante em busca de uma educação de qualidade para os nossos jovens. que esses jovens se tornem pessoas que saibam lutar pelos seus direitos e saibam cumprir os seus deveres só assim esse país terá pessoas honestas e preocupadas com os seus semelhantes. os museus estão cheios de bons exemplos da nossa história e podem colaborar muito.

• Autor

Posts

- 08/04/2013 às 2:26#1263



Manoella Evora

Membro

Além de ações educativas voltadas diretamente para os estudantes de 1º grau, creio que encontros com professores, cursos de patrimônio cultural entre outras atividades voltadas para os profissionais que trabalham com alunos do 1º grau também podem auxiliar na questão da educação para o patrimônio.

Dessa forma, indiretamente, ou seja, através dos professores, conseguiremos alcançar as crianças destas séries, que crescerão mais conscientes da necessidade da preservação e da importância de nosso patrimônio cultural.

d) Internet como veículo de educação

• Autor

Posts

- 21/01/2013 às 12:08#746



claudiaporto

Membro

É muito comum confundir-se “educação via web” com a tecnologia em si. Na verdade, educar por meio da internet requer uma linguagem específica que fica muito além de entregar a cada aluno seu tablet, ou disponibilizar uma visita guiada em 3D no site do museu ou publicar os tão famosos jogos da memória e desenhos para colorir.

A internet ainda é muito pouco utilizada como meio efetivo de troca entre o museu e seus diversos atores – visitantes, estudantes etc. – mas pode ser um modo a mais a ser utilizado pelos museus. É imperativo, porém, que a web seja vista como meio, e não como fim; e que a razão de haver um programa educativo na internet tenha sido bem fundamentada num plano que reúna museólogos, educadores e especialistas em comunicação digital.

Utilizar a web como ferramenta efetiva de educação é importante, sobretudo, quando atentamos para o fato de que, em uma determinada faixa etária, ela é a linguagem dominante. Usá-la pode ser uma vantagem para o museu, principalmente entre crianças e adolescentes.

Esta é – resumidamente – minha opinião sobre o assunto. Gostaria de ouvir o que pensam os colegas.

24/01/2013 às 17:52#791



claudiaporto

Membro

Exemplos do que digo acima:

- o Museu Van Gogh usa seu site para jogos, mas tb para aumentar a divulgação de uma caça ao tesouro feita pela criança ao longo das salas (reais) do museu – <http://bit.ly/WWVZY7>
- O Museu Emilio Goeldi tem uma “Escola Virtual de Assuntos Amazônicos”, uma área no website institucional onde são disponibilizadas informações e atividades simples, mas muito úteis – <http://www.museu-goeldi.br/eva/>
- A Fundação Planetário (RJ) investiu numa área totalmente voltada para crianças, com tema do mês, notícias ligando temas bem atuais às Ciências, divulgação de atividades para crianças etc.

Há centenas de exemplos, uns melhores, outros, nem tanto. Mas é preciso pensar e fazer mais nessa área no Brasil.

29/01/2013 às 18:50#809



Rafaela Lima

Membro

Olá, Cláudia!

Obrigada pela sua contribuição no nosso blog. Realmente o uso adequado da internet e das ferramentas que ela nos possibilita é imprescindível para que não apenas os museus mas nós mesmos estejamos em sintonia e de acordo com o mundo contemporâneo.

Nós educadores temos que estar ligados nessas possibilidades e devemos procurar usá-las a nosso favor. Por isso agradeço a sua contribuição.

Tenho muitas outras questões a discutir sobre esse assunto, mas acho que ela seria melhor desenvolvida no fórum "[Acessibilidade](#)", pois há dois tópicos aos quais liguei diretamente esse assunto, os tópicos **acessibilidade social e física** e **democratização do acesso**. Acho que o uso adequado da internet nas instituições culturais passam muito por esse aspecto da acessibilidade. Pois muito se fala no público com necessidades especiais (físicas), mas me preocupam também as necessidades cognitivas e sociais... Image: quando não nos é permitido pela condição financeira ir a algum museu, que o site nos possibilite experiências tão ricas quanto a visita física ao espaço do museu. Enfim, é uma sugestão. 😊 Mas óbvio que o bom é debatermos essas questões, por isso, sintam-se também convidadas a contribuir nos tópicos que já temos por aqui, além do fórum Acessibilidade que falei.

Abraço!

29/01/2013 às 21:36#813



claudiaporto

Membro

Olá, Rafaela, sim, acessibilidade é uma questão importante e certamente a internet é um tópico relevante no acesso de pessoas com alguma deficiência ou simplesmente sem possibilidades de chegar ao museu, por uma razão ou por outra. Mas acho que é igualmente importante discutir o pouco (bom) uso do recurso internet pelos museus como instrumento de educação. Entendo que os museus brasileiros têm muito o que fazer na área educativa sem ter que pensar ainda na web, mas ao mesmo tempo a web faz parte da vida de quase todos os

cidadãos urbanos, que a acessam de casa, da escola, das lanhouses. É um veículo que precisa ser incorporado, mas incorporado de forma realmente inovadora e inteligente. Não é preciso muito dinheiro para isso, e sim boa vontade, uma boa equipe pluridisciplinar e vontade de pensar “fora da caixa” (desculpe o chavão...).

No mais, prometo participar dos demais fóruns, sim! Obrigada pelo seu comentário! Um abraço,

07/02/2013 às 0:31#842



Juliane Novo

Membro

Olá, Claudia!

Concordo com você, acho que os museus tem muito a investir em suas páginas, pois hoje se faz necessário muito mais do que um simples local para informações básicas, 'quem somos', 'contato', 'nossas atividades'. Os museus devem expandir seus braços para web criando atividades virtuais interessantes, inovadoras e condizentes com toda diversidade virtual disponível na rede. As pessoas se conectam cada vez mais ao mundo virtual, por causa do acesso fácil a ofertas de atividades lúdicas, interativas e de baixo custo. Aplicativos, redes sociais, blogs, games e softwares interativos são ferramentas que os museus poderiam investir conciliando seus objetivos de divulgação e educação. Essas ferramentas tem mudado o modo de se comunicar, divertir e até pensar, e os museus precisam acompanhar esse ritmo tecnológico para estabelecer mais uma maneira de comunicação com público.

07/02/2013 às 13:42#847



claudiaporto

Membro

Perfeito, Juliane, obrigada por contribuir!

14/02/2013 às 13:05#868



Rafaela Lima

Membro

Olá, Odinelha e Sonia!

Compartilho do mesmo sentimento e pensamento que vocês. Concorde que essas ferramentas têm mudado nossa visão de mundo e a forma como interagimos com ele e com os outros. É nesse sentido mesmo que os museus devem investir para incrementar seus canais de diálogo e troca com o público.

Mas, trazendo essa discussão para o nosso tema, **qual a relação que vocês vêem entre o uso da internet e das ferramentas que ela nos dispõe com a formação do profissional de educação museal e a sua prática profissional? De que maneira isso pode impactar na prática e na formação desse profissional especificamente?** Pensando nisso, imagino que uma das possibilidades seria que o educador em museus tivesse conhecimentos em desenvolvimento de softwares para que trabalhasse especificamente com o intuito de desenvolver ferramentas educativas para os sites dos museus/exposições em que trabalham. Entendi certo?

Mais uma vez agradeço a participação de vocês e ficaremos aguardando as respostas para continuarmos nossa conversa que está ótima!

15/02/2013 às 22:03#903



claudiaporto

Membro

Pessoal, acho que não é necessário o educador em museus ter conhecimento em desenvolvimento de software. O que é essencial é que ele esteja suficientemente familiarizado com a tecnologia que hoje está ao alcance de grande parte dos brasileiros e que tenha a consciência de que precisa trazê-la para o cotidiano da prática da educação museal. E que a formação dele como educador permita que ele mantenha a cabeça aberta para essas novas ferramentas e esses novos hábitos. É mais uma questão de estar a par do que acontece na mídia digital (como leigo), trocar ideias com pessoas dessas áreas, manter a mente aberta e não ter medo de tentar novos caminhos. É menos uma questão de aprender código e mais uma questão de se estar permanentemente "antenado" com os hábitos do público de hoje. O Brasil tem quase 80 milhões de internautas, segundo o Ibope (dez 2012). Não dá para ignorar o assunto.

Para vocês terem uma ideia, vejam o aplicativo que lançou recentemente o Museu de Arte de Cleveland, nos

EUA: <http://claudiaporto.wordpress.com/2013/02/15/museu-lanca-a-app-artlens-o-brasil-precisa-de-ferramentas-assim/>

Emocionante pensar que podemos ter ferramentas assim no Brasil – até melhores! 😊

20/02/2013 às 13:27#945



Rafaela Lima

Membro

Claudia, agora percebi que tinha entendido certo a sua colocação. 😊 Na verdade não é necessário o domínio/conhecimentos sobre desenvolvimento de software, mas sim a **sensibilidade atenta e proativa** dos educadores em museus em relação ao uso de tecnologias/internet em prol da ação educativa nesses espaços, correto?

Gostaria de adiantar para vocês, em primeira mão (portanto, sigilo, ok? ;)), uma ideia (tornando-se projeto) de desenvolvimento de um portal sobre os museus no Rio de Janeiro (estado) com informações sobre cada uma das instituições museológicas de lá e possibilidade de participação do público, uma vez que os visitantes do portal poderão inserir novas informações sobre esses espaços culturais, dar sugestão de percursos culturais no estado e outras intervenções mais. Tudo isso será divulgado pela distribuição de cartão postal promocional (como os da Mica) com *QR Code* que direcionará o portador desse postal ao portal mencionado. Tudo isso é uma ideia que quer se tornar realidade no encontro do ICOM, que acontecerá esse ano no Rio (em agosto), mas que está dependendo de verbas e outras movimentações institucionais.

Esse é um exemplo de uso educativo da internet e das ferramentas que a tecnologia nos disponibiliza que, acredito, está em consonância com o seu comentário, Claudia. Esperemos que a ideia se concretize, pois estou empolgadíssima com esse mundo de possibilidades educativas que se abre com o portal. 😊

o Esta resposta foi modificada 10 anos, 3 meses atrás por  Rafaela Lima.

21/02/2013 às 20:24#971



claudiaporto

Membro

Rafaela, exatamente isso! Gostei muito de saber sobre a ideia em desenvolvimento, espero que se torne realidade. Utilizar o QR Code para ampliar o acesso e a participação do público será ótimo, um passo importante nessa linha de atuação que estamos discutindo. Parabéns aos envolvidos, estou aqui empolgada, também!

24/02/2013 às 0:49#988



Karla Colares

Membro

Olá Cláudia e Rafaela,

gostei muito das contribuições de vocês. Concordo com a Cláudia que o Brasil ainda está engatinhando no aspecto de cultura e visita em museus. Moro em Fortaleza, e sinto falta de museus e de mais propostas em educação museal. O ambiente virtual pode ser uma boa ideia para a implementação de educação museal, o educador pode utilizar esse meio como uma ferramenta que pode transmitir cultura, conhecimento e ainda diversão dentro da instituição escolar.

Os educadores em museu pode e tem um papel muito importante dentro dos ambientes virtuais, só é necessário saber utilizar a Internet como um portal para propagar a educação museal.

Espero ter contribuído para essa discussão!!! Pois estou aprendendo bastante nestes fóruns. Uma boa oportunidade para saber o que está acontecendo no Brasil sobre educação museal.

24/02/2013 às 12:32#990



claudiaporto

Membro

Concordo, Karla. Também estou gostando muito das conversas dos fóruns do PNEM.

Quem sabe o IBRAM poderia manter uma área de fóruns, independente do PNEM, de modo a que os educadores e interessados no assunto possam continuar a trocar ideias? Fica a sugestão.

26/02/2013 às 19:13#1008



Rafaela Lima

Membro

Karla e Claudia, as participações de vocês e dos demais são preciosas para a reverberação e continuação dos debates não apenas sobre educação em museus, mas sobre a Museologia em si.

Como coloquei em outro tópico deste fórum, nessa reta final do blog (ele "fechará" para postagens dia 26 de março), **devemos pensar em ações concretas para efetivação das propostas que fizemos até aqui.**

Aproveito, então, para destacar as propostas trazidas até agora neste tópico e **aguardo outras propostas que ainda não tenham sido contempladas.**

Sensibilidade atenta e proativa dos educadores em museus em relação ao uso de tecnologias/internet em prol da ação educativa nesses espaços:
familiarização suficiente com a tecnologia a ponto de trazê-la para o cotidiano da prática da educação museal;
Estabelecer correlações entre os "hábitos tecnológicos" do público de hoje com as práticas educativas, aproveitando-se das tecnologias em uso para o desenvolvimento de novas ferramentas de educação museal ou incremento das já existentes.

07/04/2013 às 15:22#1245



claudiaporto

Membro

Olá, a todos,

Neste último dia de fórum (o PNEM foi uma experiência muito interessante para mim e, acredito, rica para todos os que dela participaram), posto minhas sugestões de ações para o Programa, como solicitado pelos organizadores. Estou postando as minhas propostas em conjunto, nos mesmos fóruns de que participei aqui no PNEM:

Realizar cursos e palestras com os educadores de museus sobre as possibilidades de comunicação e educação das ferramentas digitais, de modo que as equipes possam conceber programas educativos contemplando, quando possível, recursos do mundo digital.

Criar e manter canais (blogs, fóruns e afins) para incentivar a troca de experiências e a colaboração entre os educadores de museus de todo o país, permitindo que dividam conhecimento e materiais, bem como dar início a ações de pesquisa e atividades em comum, no mundo virtual e no real.

Criar mecanismos e ferramentas online (páginas em redes sociais, minisites de projetos educativos etc.) que incentivem e ampliem a troca de informações e de experiências entre o museu e o público, tais como envio de fotografias antigas de uso de um determinado objeto do museu pela família do visitante, desenvolvimento de novas expressões artísticas a partir de uma técnica de pintura exibida pelo museu etc.

Utilizar os meios digitais e, sobretudo, a internet, nas ações educativas de museus, de modo a formar novos vínculos com o público jovem local e distante, com isso apoiando o próprio museu na formação de novos públicos.

Espero que as sugestões sejam úteis ao grupo e me coloco à disposição para esclarecer alguma dúvida quanto às mesmas.

Abraços,

Cláudia Porto

e) Fortalecimento do educador de museus

• Autor

Posts

• 20/11/2012 às 11:39#259



Pnem

Membro

Assegurar o fortalecimento do papel do(a) educador(a) de museus no que tange ao cumprimento de suas atribuições no âmbito do Programa Educativo-Cultural.

27/11/2012 às 21:02#394



LUIZA MACEDO

Membro

insentivar as universidades, principalmente aquelas que oferecem cursos com formação em licenciatura que apresentem os museus como área de trabalho e espaço pedagógico, para que os jovens conheçam as potencialidades do espaço e da profissão.

28/11/2012 às 11:39#397



LUIZA MACEDO

Membro

#incentivar.

01/12/2012 às 12:25#441



Fernanda Castro

Membro

Iniciar a discussão da regulamentação da profissão dos educadores em museus, discutindo o campo de formação e atribuições dentro das instituições é um passo fundamental!

O PNEM pode criar um GT com este fim e promover um encontro após algum tempo para começar a articular as primeiras ideias deste debate!

01/12/2012 às 19:53#446



jacqueline

Membro

Yo creo que hay sería interesante conocer, en primer lugar, quiénes son las personas que cumplen el de educadores de museos. Me refiero a que en distintos museos (con encuadres institucionales muy diferentes) los educadores tienen un perfil marcadamente diferente. Para pensar en la profesionalización hay que tomar esto como punto de partida; luego pensar en la formación específica que requiere el campo de educación en museos.

03/12/2012 às 17:10#474



LUIZA MACEDO

Membro

eu me pergunto: Porque não há um curso superior que forme esse tipo de profissional em específico?

03/12/2012 às 17:23#477



Ana Maria

Membro

capacitação com encontros e troca de experiências seria muito bom para o enriquecimento das práticas educativas em museus.

04/12/2012 às 14:26#489



Fernanda Castro

Membro

A discussão sobre a formação de educadores em museus em um curso específico de graduação, acredito, não é nova. Porém, seria bem complicado, não? como formar em um mesmo curso um educador de um museu de

geofísica e um educador de um museu de arte? Acredito que a questão da formação deva levar em conta os cursos de graduação já existentes, que as licenciaturas, por exemplo, tratem não apenas da educação escolar, formal (o que já acontece em muitas faculdades de educação), mas que tenhamos garantida formação continuada na área. É um debate a se fazer. Bem difícil eu acho.

07/12/2012 às 2:40#529



Jacqueline

Membro

Mi comentario iba justamente en esa dirección, Fernanda. En mi experiencia, los educadores de museos somos personas con formación y trayectoria muy diversa. Los encuentros con intercambio de experiencia claro que ayudan, pero creo que sobre todo lo que se requiere es la legitimación del campo en el ámbito de las universidades. En todo sentido: en la situación laboral de los educadores de museo (tipo de cargo, posibilidad de hacer de eso una carrera), apertura en el campo de investigación, articulación con el ámbito de la extensión universitaria, y también con la docencia. Cursos de grado y posgrado sobre educación en otros ámbitos (lo digo en forma amplia pensando también en la extensión) y también sobre comunicación de las ciencias son necesarios. Por lo menos en el ámbito que yo conozco mejor pasan estas cosas..

10/12/2012 às 10:10#532



Rafael Jose Barbi

Membro

Concordo com a ideia de investir na formação do profissional, porém, acredito que isso deve partir da graduação, no sentido que seja demonstrado para o discente a possibilidade desse campo, algo que em muitas universidades é mostrado de forma deficiente. No caso da especialização creio que é uma saída extremamente válida, pois já que há especialização de ensino nas diferentes áreas, porque não criar um curso nesse sentido, porém voltado para a educação em museus; claro que nessa perspectiva cada área teria sua formação específica em determinado momento do curso, como por exemplo, cursos voltados para museus de artes, museus de astronomia e por aí vai.

17/12/2012 às 21:00#597



Mara Paulina Arruda

Boa ideia Rafael.

19/12/2012 às 19:18#603



Rafaela Lima

Membro

Olá, pessoal!

Sou Rafaela Gueiros, "moderadora" dos debates dentro do fórum Profissionais de Educação Museal. Muito bom ver que estamos engajados pela melhoria/reconhecimento/qualificação da área e, portanto, dos profissionais que colocam tudo isso em prática. Por isso, agradeço a participação de vocês e as contribuições trazidas até agora.

Lendo o que já foi colocado por vocês gostaria de destacar algumas questões:

Uma vez que nosso fórum é específico sobre Profissionais de Educação Museal, e pensando no tópico fortalecimento do educador de museus, precisamos saber com precisão as atribuições desse trabalhador. Então, **quais são as atribuições de um educador de museus?**

Assim como perguntei em outro tópico, pergunto também aqui: **Qual o perfil profissional desses trabalhadores?**

Qual o âmbito de atuação dele dentro da instituição?

Inicialmente, devemos ter em mente, principalmente, o enunciado que o próprio PNEM propõe: "Assegurar o **fortalecimento** do papel do(a) educador(a) de museus no que tange ao **cumprimento de suas atribuições no âmbito do Programa Educativo-Cultural**".

Agora pensando em outros pontos levantados, chamo a atenção para um dos assuntos mencionados: **formação**. É realmente algo que ainda não existe instituído, pelo menos não pelas academias (entenda-se: Universidades). Como falei em outro tópico, direcionei minha atuação profissional (desde a Universidade) para os museus e para a educação em museus. A formação que consegui, além do dia a dia, da prática diária, veio somente de alguns cursos de extensão promovidos por empresas que lidam e constróem propostas de "mediação cultural" como a *Arteeducação Produções* (SP) e a *Palavra Chave* (DF), para citar algumas que existem hoje no mercado como exemplos. Ainda nesse campo, aqui em Brasília, aconteceu um seminário que foi o primeiro **para** e **sobre** a formação de educadores em museus. Eles tinham 80 vagas disponíveis, ampliaram para 150 por conta da procura (pensamos que esse era um ótimo sinal) e não tivemos mais que 30 participantes efetivamente. É uma situação complicada, mas que precisa ser enfrentada. Mas como? Devemos pensar de maneira prática, pensar em propostas factíveis. Nesse sentido, a proposição de **Luiza** é pertinente e tem a praticidade que mencionei ser necessária. Digo isso porque minha busca pela atuação em museus surgiu por iniciativa própria e não porque meu curso apontou essa possibilidade de

direcionamento, e isso é uma coisa fácil de ser estabelecida nos cursos... basta ser falado. **Mas gostaria de convidá-los a continuarem o debate sobre esse assunto no fórum específico, o de "Formação, Capacitação e Qualificação".** Assim conseguiremos manter o foco no assunto desse tópico. Mas, por favor, continuem contribuindo com essa conversa sobre a formação porque ela é igualmente importante. 😊

Sobre o que **Jacqueline** e **Ana Maria** disseram a respeito da diversidade da área e dos profissionais e a proposição de encontros para troca de experiências. Tendo em vista esses dois aspectos da profissão (encaro como profissão mesmo) de educador em museus, chamo a atenção para a existência das **Redes de Educadores em Museus (REM)**. Essas redes nasceram no Rio de Janeiro com o intuito de integrar esses profissionais advindos de campos heterogêneos para a construção de uma prática coerente e comum de Educação Museal (hoje, se não me engano, já existem em 13 estados brasileiros), sem perder de vista as diferenças institucionais e de perfil dos estados (alguns com foco maior em Patrimônio, outros em Arte, outros em Cultura como um todo). As Redes se articularam em um Encontro Nacional em 2009, ocasião em que foi construída uma Carta de Diretrizes para atuação desses profissionais. Aqui no DF, essa Carta chegou a ser estudada e "adotada" no Centro Cultural da CAIXA, quando um dos integrantes da REMIC-DF estava na Coordenação do Setor Educativo. Mas há muito não ouço falar de mais nada a esse respeito. Talvez seja o caso pensarmos novamente em quais seriam os princípios que norteariam a profissão. Então aproveito para lançar mais essa pergunta: **Quais seriam os princípios norteadores da atuação do educador em museus?**

Vamos nos debruçar sobre essas perguntas, as que cloquei no início e as que permeiam o post como um todo, e tentar pensar nas possibilidades de legitimação e reconhecimento tanto do campo quanto do próprio profissional da Educação Museal como algo e alguém específicos, com requisitos também delineados e atuação definida. O que vocês acham e como vocês se colocam em relação às perguntas que fiz?

Abraços e boas conversas para nós!

21/12/2012 às 17:52#615



Rafaela Lima

Membro

Boa tarde, pessoal!

Conto com a opinião de cada um de vocês para que continuemos conversando a respeito do assunto deste tópico que é **assegurar o fortalecimento do profissional de Educação Museal para o efetivo cumprimento de seu papel na instituição.**

Enquanto isso, assim como falei em outro tópico, também desejo a vocês **BOAS FESTAS!** Que tanto o Natal quanto o ano que chega nos tragam forças renovadas para prosseguirmos buscando a melhoria pessoal, profissional, financeira, afetiva

e todas as outras melhorias, porque, como a própria palavra diz, nos farão melhores do que somos hoje. Forte abraço!!

02/01/2013 às 4:27#633



Camila Alves

Membro

Boa noite,

Sou Camila Alves e sou a atual coordenadora do Núcleo Educativo do MAC-CE em Fortaleza. Como ex-educadora desse mesmo espaço reconheço hoje dificuldades talvez não tão observadas por mim à época.

Também escolhi trabalhar com educação em Museu, pois minha formação em Letras nunca direcionou nenhuma questão próxima a Museus. Por tal razão nunca foi problema ser educadora e saber de minhas atribuições como formadora, da grandiosidade dessa função junto aos mais diferentes públicos do Museu, principalmente, o público escolar, e ainda assim, com tamanha responsabilidade contentar-me a bolsa de estágio.

O que percebo hoje é que a disposição e entusiasmo que tanto exigimos desse profissional muito pouco acompanha sua valorização no próprio local de trabalho.

Acredito que o atual perfil da maioria dos setores educativos do país seja de uma equipe de jovens, o que é bastante proveitoso mas que esbarra, também muitas das vezes, no estágio. Nada tenho contra o estágio, mas que haja, cada vez mais a contratação de educadores dentro do organograma de um setor como é o educativo.

Antes de pensar sobre o que é necessário para formar educadores é importante existir um terreno mais firme para esse profissional, que aqui no meu caso, tem direito a dois anos de estágio e depois dá lugar a um outro novo educador que muitas vezes não tem conhecimento algum sobre museus, muito menos, o museu e sua perspectiva educativa.

Creio que uma especialização na área de educação em museus garantiria, a curtíssimo prazo, solucionar uma das principais problemáticas que encaro; a falta de valorização desse profissional. Outro caminho imprescindível é a Universidade. Não é admissível que os cursos de Licenciatura ainda não tenham percebido o Museu como espaço dinâmico e necessário no processo de aprendizagem dentro do Ensino Básico.

Grandioso ou não, muitos são os caminhos que nos trazem a importância do Museu em nosso cotidiano.

09/01/2013 às 18:21#695



Rafaela Lima

Membro

Oi, Camila!

Espero que o seu final do ano e dos outros participantes deste tópico tenha sido empolgante e instigador, nos provocando a ousarmos mais em 2013 e, assim, realizarmos ainda mais coisas!

Quanto ao nosso debate, muito obrigada pelo seu depoimento, ele foi muito pertinente e nos dará subsídio para continuarmos a conversa.

Como fiz questão de mencionar, o enunciado deste tópico fala precisamente da necessidade de **assegurar ao educador museal seu lugar** mediante seu fortalecimento, para que assim ele **cumpra suas atribuições dentro do seu âmbito específico de atuação**.

Acho que isso ainda não vem sendo cumprido na maioria dos lugares porque esse profissional, o educador museal, ainda não tem claro qual é seu papel, quais são suas atribuições e âmbito de atuação. Digo isso porque muitas atividades dentro dos museus podem ser consideradas educativas/educadoras, mas quais são realmente concernentes ao educativo e, portanto, ao educador museal?

No tempo em que trabalhei como educadora e coordenadora de educativos, esses limites foram dados não pelo campo ou pelas instituições, mas foram sendo construídos. Se hoje há algo já consolidado no mercado para o perfil e atuação desses profissionais, foi porque alguns perceberam que não bastava estar no museu e ter uma sala ou "título" de educativo.

Nesse sentido, para mim fica ainda mais clara a relação entre as discussões dos 4 tópicos deste fórum, tanto que tomo a liberdade de trazer algo que disse em outro lugar, mas que se aplica ao nosso tópico aqui:

Trazendo uma situação (depoimento) pessoal, digo para vocês que para eu me tornado uma educadora museal, precisei entender o que é **educação** e o que é **museu**. Depois foi preciso entender a **relação** existente entre esses dois conceitos. E vejam que até agora eu só falei em conceitos e não em contextos (lugares/espacos). Uma vez que eu tenha isso entendido e internalizado enquanto profissional, posso direcionar minha atuação para o espaço em que quero trabalhar ou que eu já esteja trabalhando. Digo isso porque os museus têm várias tipologias, acervos, público alvo... Eles se diferenciam entre si por meio dessas características, assim como seus profissionais também devem se

diferenciar tendo isso em vista. Este é o "contexto" ao qual me referi e é ele que deve ser usado para aplicação da relação museu-educação/educação-museu. Pensando nisso tudo e no que faz parte da nossa discussão sobre âmbito de atuação e atribuições desses profissionais, **vocês poderiam listar essas atribuições e dizer qual o âmbito de atuação do educador museal?**

Para responder a essa pergunta, tentem partir das perguntas e comentários já feitos aqui neste tópico e naquilo que falei no parágrafo anterior: a base da Educação Museal são os conceitos de educação e de museu e a relação entre eles praticada dentro de um determinado contexto (espaço/lugar). Usem também as experiências pessoais de vocês... busquem identificar qual a prática que já está consolidada na área em relação aos aspectos básicos do nosso debate (âmbito de atuação e atribuições).

Aguardo as postagens!

Convidem os amigos e colegas profissionais da área para o debate. Quanto mais opiniões e pontos de vista melhor!

Abraços!

• Autor

Posts

- 14/01/2013 às 18:20#712



moinhosocial

Membro

Garantir profissionais formados no núcleo do atendimento as escolas. Sem com isso excluir a participação dos estagiários. Há de se ter profissionais formados em nível superior com formação ampla com capacitação na área de educação.

- 15/01/2013 às 10:33#713



Rafaela Lima

Membro

Bom dia, pessoal!

Até agora, extraí algumas proposições para composição do Programa Nacional de Educação Museal (PNEM) do nosso tópico "Fortalecimento do Educador de Museus" que seguem abaixo.

Peço que vocês não só avaliem o que listei, mas também pensem em outros aspectos e proposições ainda não mencionados, mas que têm relação com esse tópico.

Abraços!

Incentivar as universidades que disponham de cursos de Licenciatura nas diversas áreas, cursos de Museologia e cursos de Artes (Teatro, Música, Dança, Visuais) a apresentarem os museus como área de trabalho e espaço pedagógico – museu sob uma perspectiva educativa e educadora.

LEGITIMAÇÃO DO CAMPO NO ÂMBITO DAS UNIVERSIDADES: abertura de um campo específico de pesquisa; articulação com a extensão universitária e com a docência; comunicação científica na área; criação de pós-graduação em Educação Museal; museus e demais instituições culturais como possibilidade de espaços para cumprimento de estágio obrigatório (estágio supervisionado) – articulação institucional UNIVERSIDADES X INSTITUIÇÕES CULTURAIS.

Regulamentação da profissão dos educadores em museus, discutindo o campo de formação e atribuições dentro das instituições.



Conhecer o perfil dos educadores em museus e, a partir disso, propor uma formação específica que a atuação em Educação Museal requer.

Instituir capacitações com encontros e troca de experiências entre as instituições para enriquecimento das práticas de Educação Museal (articulação com as REMs).

Investimento institucional na formação desses profissionais (custeio de cursos de extensão, participação em eventos científicos, criação de grupos de estudo de assuntos circunscritos ao âmbito de atuação e às experiências do setor dentro das instituições).

Criação de cargos no quadro fixo das instituições para o setor educativo (permanência e vinculação do educador como funcionário da instituição) – inclusão no organograma.

Garantir a presença de profissionais formados na equipe pedagógica da instituição, além dos estagiários.

- o Esta resposta foi modificada 10 anos, 5 meses atrás por  Rafaela Lima.
- o Esta resposta foi modificada 10 anos, 5 meses atrás por  Rafaela Lima.

25/01/2013 às 23:20#799



Danielle Schutz

Membro

Bom dia ao grupo. Meu nome é Danielle Schütz, sou professora do curso de Conservação e Restauro de bens culturais, realizado pela Pró-reitoria de Extensão da ULBRA/Canoas no Rio Grande do Sul. Também sou autora do livro MANUAL BÁSICO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO (Editora da Ulbra), e com base na experiência que tenho ao ministrar o curso, percebo que há uma dificuldade significativa entre os profissionais de museologia e também dos arte-educadores com relação às posturas dentro do museu. Isso não é um fato isolado que se reflete apenas nas questões de preservação e correto trato para com as obras de arte dentro desse ambiente, acredito que trata-se de algo um pouco mais complexo com raízes mais profundas que os cursos de licenciatura não têm sanado de modo satisfatório. Percebo essa deficiência no curso de artes visuais, que não possui uma disciplina específica e nem mesmo um plano de aula capaz de dar orientações, mesmo que básicas, aos profissionais tão intimamente ligados ao contexto dos museus. Recentemente ocorreu aqui em Porto Alegre o I Salão Artístico Cultural e Científico, promovido pelo Museu Antropológico, no qual foram discutidos diversos temas, entre eles a educação nos museus e as várias formas de se promover uma melhoria da qualidade do ensino em museus e espaços culturais. Mudar o currículo obrigatório de um curso não é algo tão simples, porém investir na extensão dentro da universidade me parece uma medida eficiente, não apenas para ensinar, mas principalmente, para trocar experiências válidas capazes de trazer soluções mais palpáveis. Baseada nesse enfoque, passei a reformular meu curso de extensão, até então mais focado na conservação e restauração, e passei a dedicar mais horas/aula nas práticas educacionais relacionadas ao tema. Em relação ao enunciado deste fórum, acredito que profissionais de variadas áreas possam contribuir e acrescentar, mas tendo sempre como ponto principal as metodologias aplicáveis pelos educadores. Pensando mais especificamente no âmbito de atuação do educador, penso que um curso ou disciplina destinado a esses profissionais seja capaz de lhes oferecer uma espécie de educação básica, corretas práticas e linguagens comuns aos diferentes ambientes e às diferentes propostas de cada museu, a partir daí haveria uma necessidade de dar enfoque à formação do educador, como uma espécie de especialização dentro do museu, claro que, partindo desse princípio, não se pode deixar de lado o fato de que torna-se primordial o investimento em profissionais ou instituições qualificados para oferecer esse ensino de qualidade, eu não saberia afirmar se as Redes de educadores de museu favorecem algum tipo de qualificação direcionada aos diferentes ambientes, mas vejo essa estratégia como uma solução válida, capaz de proporcionar foco aos educadores. Agradeço a oportunidade de participar do grupo, espero ter contribuído no tópico. Um grande abraço.

29/01/2013 às 18:29#808



Rafaela Lima

Membro

Olá, Danielle, bom vinda ao debate!

Concordo quando você fala da mudança nos currículos dos cursos universitários como uma coisa complicada. Também completo dizendo que isso seria uma ação um tanto desarticulada, vendo possibilidades para cada curso separadamente. Também concordando com você, acho que o caminho mais profícuo seria mesmo o da criação de cursos de extensão, especialização no tema.

Tanto as universidades quanto as próprias instituições culturais podem oferecer esses cursos, direcionando a aplicação para seu contexto específico quando fosse o caso. Realmente há uma linguagem comum aos diferentes ambientes e às diferentes propostas de cada museu, e é justamente essa linguagem que deveria estar presente na formação desses educadores que, de formações heterogêneas, dialogariam nesse ponto em comum.

Também vejo as REMs (Redes de Educadores em Museus) como uma saída para a oferta dessa qualificação direcionada aos diferentes ambientes, mas as Redes estão desinstrumentalizadas. Eu mesma faço parte do Conselho Gestor da REMIC-DF (Rede de Educadores em Museus e Instituições Culturais do DF) e, por não termos suporte orçamentário e/ou institucional, nossas atividades minguaram ao ponto de nas últimas reuniões – faz tempo que não realizamos outras – tivemos um público ínfimo, de 3 a 5 pessoas. E o detalhe é que não vemos as pessoas querendo continuar esse trabalho.

Talvez essas discussões nos ajudem a, articuladamente, propormos soluções capazes de agregar as pessoas e estimulá-las a participarem de maneira efetiva dessas empreitadas que surgiram e devem continuar surgindo, porque o campo não para (o que comprova a necessidade de iniciativas no setor).

Mais uma vez obrigada pela sua participação! Transmita aos seus pares nosso convite para que eles também venham participar conosco dessa construção coletiva.

Abraços!

30/01/2013 às 16:17#816



Isaura Maria Ribeiro Bonavita

Membro

Sou diretora do Educativo do Palácio dos Bandeirantes, minha formação é em Pedagogia o que me ajudou muito a entender a educação não formal dos museus. Tenho pensado muito em relação a falta de formação dos educadores de museu, que em sua maioria são estagiários de áreas afins com a especificidade dos museus. Aqui no palácio temos muita dificuldade no que diz respeito a especificidade do nosso atendimento, pois somos um espaço museal dentro de um espaço público de poder. Os educadores, por não terem formação adequada tem muita dificuldade de entender as multiplas funções deste espaço

e de trabalhar a despeito delas. Falta noções de patrimônio, de museologia, de história, de pedagogia, de psicologia, etc.... Como podemos fazer? Solicitar ao governo federal um curso técnico para a formação de educadores de Museu? ou solicitar uma habilitação em Pedagogia de Educação Museal?

08/02/2013 às 14:17#855



Alcione Resin Ristau

Membro

Bom dia, muito pertinente o comentário da Isaura.

A importância dos estagiários nos museus é extremamente importante, entretanto são acadêmicos em processo de formação, sua estada nos espaços museais e de cultura, são para justamente ampliarem seu repertório, conhecerem as especificidades práticas e educativas ali realizadas, podem acompanhar os educadores... Os educadores de museus devem ser necessariamente profissionais com graduação completa, e que continuem seu processo formativo na pós-graduação em especializações, mestrados e assim por diante, além de participar de cursos, fóruns, debates relativos à área.

14/02/2013 às 12:38#866



Rafaela Lima

Membro

Olá, Isaura, bom vinda ao debate!

Acho que o problema da formação dos educadores foi muito bem colocado pela sua experiência pessoal. Realmente hoje os estagiários não são estagiários na verdadeira acepção da palavra... eles não desempenham o papel de quem está aprendendo e crescendo profissionalmente enquanto não adquirem sua formação mínima (graduação).

Mas no seu caso e também no caso de tantos outros museus, a saída seria a realização de cursos de formação no próprio local. A vantagem é que esse tipo de oferta satisfaz muito mais as necessidades do espaço do que uma graduação com habilitação específica ou coisa do tipo. Se todos os seus estagiários ou funcionários ligados ao educativo fossem da Pedagogia, ainda assim o trabalho seria deficiente em outras áreas. A visão multidisciplinar do ponto de vista da formação desses profissionais é essencial, mas o espaço e a sensibilidade de quem os gere e de quem trabalha com o público neles é que será o fiel da balança dos serviços educativos. Porque naquilo que a formação acadêmica "falhou", o espaço suprirá com a prática (experiência in loco) e com cursos específicos sobre temas, dificuldades e particularidades da própria instituição.

Vocês concordam?

14/02/2013 às 13:10#869



Camila Alves

Membro

Super concordo.

E não querendo levantar problemas, nem chorar pitangas, mas nosso problema, pelo menos aqui em Fortaleza, é o fato de, por mais que ofereçamos cursos específicos sobre educação em museus, que são maravilhosos, nosso grupo de estagiários não permanece mais de dois anos, e todo o esforço deve ser recomeçado e recomeçado e recomeçado. A estratégia que tenho desenvolvido é e oferecer esses cursos com vagas para público interessado, na última vez que fiz isso a resposta me rendeu educadores temporários para uma exposição de grande porte, daí, a garantia de que seriam educadores legais foi a presença e interesse no curso realizado meses antes da exposição.

Existirão sempre saídas, a questão é, porque deixar um trabalho tão valioso de educar para o patrimônio de nosso país em mãos tão frágeis ainda, em pessoas que pouco tem contato com Museus e estão em processo de imersão em seus respectivos cursos de graduação? Enquanto isso, de dois e dois anos, lançamos para o nada vários profissionais com bastante sensibilidade para o trabalho em Museus.

Alternativas, soluções, respostas mesmo, só encontraremos na sistematização desse processo. Abertura das universidades para essa discussão, seja em cursos de extensão, seja em especialização ou mesmo graduação, o fato é que já existe e há muito, um profissional com capacidade de levar adiante as demandas de um setor de educação no Museus do País, o que faremos com tanto potencial?

17/02/2013 às 14:04#913



Lucio Braga

Membro

Acredito que deve-se tomar a relação entre educadores e professores de forma dialógica, uma vez que são sujeitos aprendentes.

É na relação dos professores com a escola e com os museus que essas experiências podem tornar-se significativas. Trata-se de revelar como se dá essa relação, quais atividades tornam vinculadas as ações educativas no museu e na escola, que práticas institucionais favorecem a troca de experiências entre

professores e educadores de museus para amadurecimento do uso educativo que fazem dos museus.

18/02/2013 às 22:27#927



Camila Alves

Membro

uma boa dica sobre essa discussão é o evento proposto pela Universidade Federal do Espírito Santo...

<http://portal.ufes.br/node/3361>

20/02/2013 às 12:48#940



Rafaela Lima

Membro

Bom dia, pessoal!

O que me preocupa é justamente isso, **Camila**: não temos profissionais (na verdadeira acepção da palavra) em educação museal e quando conseguimos formá-los, para onde os mandamos?

Na época em que trabalhei como educadora em museus lá em Recife, primeiro como estagiária e depois como coordenadora, via as mesmas pessoas circularem entre as instituições culturais. Até hoje, conheço as pessoas que estão nos museus de lá como estagiários e como coordenadores desses setores.

Pessoalmente, vi isso acontecer porque realmente não se sabia quem eram as pessoas com formação e perfil adequados para essa função e, uma vez que eram treinados e formados pelos cursos oferecidos nas instituições, passavam a trabalhar quase que em esquema "rotativo": completavam o tempo (2 anos) em um museu e iam pra outro onde também conheciam essa pessoa; completados mais 2 anos, voltava àquela primeira instituição... E depois de formados, passavam pelo processo seletivo para as coordenações. Como eram "figurinhas" conhecidas, de trabalho reconhecidamente bom na área, eram selecionados. Eu mesma fui um desses casos: comecei como estagiária no IAC, fui como voluntária para o Murillo La Greca (atuando ao mesmo tempo como coordenadora e mediadora), depois fui pro MAMAM como coordenadora.

Saí de Recife há 5 anos e conheço praticamente todo mundo que está nas coordenações das instituições culturais de maior vulto de lá... e são justamente

aqueles que eram estagiários na época em que eu era coordenadora. É quase um ciclo.

Se isso é ruim? Não sei... acho que é bom do ponto de vista da formação e do aproveitamento dessa formação. Mas e os novos profissionais que chegam ao mercado? Quando terão oportunidade de terem também essa formação e esse "braço" do campo de trabalho para atuarem?

É uma faca de dois gumes e merece reflexão.

20/02/2013 às 12:53#941



Rafaela Lima

Membro

Lúcio, concordo com você e acho que o fortalecimento tanto do papel do professor como do papel do educador em museus passa justamente pelo que você colocou: entender *"como se dá essa relação, quais atividades tornam vinculadas as ações educativas no museu e na escola, que práticas institucionais favorecem a troca de experiências entre professores e educadores de museus para amadurecimento do uso educativo que fazem dos museus"*. Essa é uma questão de extrema importância.

Na sua opinião, como isso poderia acontecer? **Como poderíamos explicitar a vinculação entre essas duas ações educativas (a da escola e a do museu)?**

Também aproveito para perguntar a você e a todos (estendendo também as perguntas anteriores a todo o grupo do fórum) **quais são essas práticas institucionais que favorecem a troca de experiências entre professores e educadores em museus?**

20/02/2013 às 13:21#944



LUIZA MACEDO

Membro

Pessoal, que rica está está essa discussão!

Então, eu trabalho em um museu de ciência e tecnologia e os desafios que enfrentamos com os educadores é bastante interessante!

Por se tratar de uma instituição com temáticas que variam da química à história, da física à arquitetura, precisamos de mediadores de todas essas áreas, incluindo engenharia, matemática, biologia... Normalmente são profissionais que nunca imaginaram trabalhar em museus e muito menos na área educacional. Eles têm o conteúdo mas não tem a didática e nem a prática de educação não formal.

O nosso grande desafio aqui é apresentar o museu como espaço de formação pessoal e profissional, já que sabemos que grande parte desses profissionais não irá atuar na área de museus por muito tempo, principalmente aqueles da área de engenharia. O resultado que temos obtido é que eles nos dizem terem desenvolvidos habilidades de oratória, na apresentação de projetos profissionais e acadêmicos, sua percepção social, passam a perceber seu lugar na sociedade e seu papel como cidadão.

Além disso, os professores que nos produzem têm elogiado muito, pois temos conseguido trabalhar de forma equilibrada a questão científica a que o museu se propõe devido aos conhecimentos que esses estagiários nos trazem, potencializando as visitas ao máximo.

No entanto, é muito difícil essa situação, pois como todos sabem esse processo de formação demora um tempo considerável e além de a lei de estágio fixar apenas 02 anos de contrato, eles acabam saindo antes do término do mesmo por encontrarem estágios interessantes em sua área de trabalho.

Acho que com essas ações estamos conseguindo atingir cursos e estudantes que não imaginávamos e esperamos, assim, chegar a atingir os respectivos cursos e universidades, mostrando a importância de se trabalhar com instituições culturais e apresentar as potencialidades profissionais das mesmas durante a trajetória acadêmica.

20/02/2013 às 14:35#950



Rafaela Lima

Membro

Oi, Luiza!

Realmente acho que nesse fórum as principais "conclusões" às quais chegamos são:

a indispensabilidade dos cursos de formação de educadores em museus oferecidos pelas próprias instituições, porque sendo assim, eles são bem mais objetivos e direcionados ao perfil de cada uma delas.
e a necessidade de apresentar as instituições culturais e museus como possibilidades do mercado de trabalho de todas as áreas profissionais – ousar dizer.

A duração de 2 anos estabelecida em lei para os estágios não deve ser vista como algo ruim... é justamente isso que garante que mais estudantes passem por essa etapa de formação profissional tão importante (pelo para mim, ela foi essencial). O que é realmente ruim é não termos profissionais (pessoas com formação ao menos de graduação completa), contratados e fixos nas instituições trabalhando junto com esses estagiários. Eles é que dariam esse caráter mais

estável às atividades desenvolvidas nos museus, principalmente às ações educativas, já que não seriam “voláteis” como os estagiários e viveriam a instituição com suas particularidades e cotidiano constantemente.

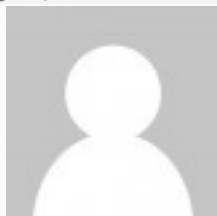
Uma coisa que falei em um outro tópico acaba tendo ligação com o que você comentou da relação entre as várias áreas e conhecimentos que a instituição em que você trabalha abarca. Cada visitante, cada grupo agendado, cada pessoa que entra na instituição cultural que trabalhamos traz um repertório pessoal e único, portanto, traz uma maneira diferente de olhar aquela instituição e o que ela oferece. Por isso também, as contribuições que cada um traz são igualmente diferentes e ricas. **O papel do educador museal está justamente no aproveitamento e no diálogo que deve promover entre esses repertórios dos visitantes (agendado, espontâneo, individual ou em grupo), o repertório exposto pela instituição (nas exposições, nos discursos dos seus dirigentes, no seu acervo) e no repertório do próprio educador.** É a formação diversa e multifacetada do educador que deve conferir-lhe a sensibilidade para perceber os pontos de interseção entre esses repertórios e, a partir daí, promover o diálogo entre eles. Quando esse diálogo e essa troca se efetivam, a experiência da visita torna-se única e reverbera em outros campos da vida do visitante. Aí eu pergunto: **nossos educadores em museus têm esse perfil e sensibilidade? Eles têm criado essas pontes entre os vários repertórios para enriquecimento da visita e verdadeira fruição daquele conteúdo que estão mediando (trazendo o conceito de mediador para a discussão)?**

O que vejo é que muitas vezes o próprio repertório dos educadores em museus precisa ser trabalhado e enriquecido. Outras vezes eles ainda não têm o *insight* (sensibilidade e percepção), digamos assim, de aproveitar a deixa de um comentário ou dúvida de um visitante para entrar em outros assuntos abordados por aquele conteúdo que ele está mediando numa exposição, em uma oficina, em um curso ou em um evento da instituição.

Então como esse problema/falha na formação dos educadores em museus pode ser corrigido? Na minha opinião os cursos promovidos pelas próprias instituições para a formação de educadores é um caminho viável e até agora profícuo.

Mas não é a minha opinião que deve constar aqui, mas a de vocês. Por isso, espero as respostas de vocês, combinado? 😊

21/02/2013 às 14:58#964



Mariana Castro Teixeira

Membro

Olás,

Comecei a trabalhar como educadora em museus agora e estou descobrindo um campo muito atraente. No entanto, dentro da instituição que trabalho as atribuições do setor educativo ainda estão se delineando, através de muitas discussões e conflitos. Por um lado esse fato é muito bom pela oportunidade

que me está sendo oferecida de participar da construção do Plano de Ação Educativa do Museu e imergir neste assunto de uma forma bem intensa. Tenho aprendido muito nestas discussões e ter descoberto o PNEM me localizou de uma forma mais ampla neste movimento de que estou tomando pé agora.

A pergunta da Renata, portanto, é para mim de uma importância muito grande: listar as atribuições do/a educador/a e dizer qual o âmbito de atuação do/a educador/a museal?

Porém, tivemos aqui na instituição que trabalho algumas discussões a respeito da terminologia “educador/a” e “educação” para referir-se ao trabalho de mediação com o público, tanto o escolar como outros. O termo Mediador acabou sendo eleito o mais adequado em detrimento do educador.

Embora ache (super)necessário, não é hora de entrar no mérito da questão conceitual de **educação**. Mas, por acreditar nas novas possibilidades da educação, por acreditar numa nova configuração da sociedade, sinto-me como uma educadora sim, no sentido da troca de saberes, da valorização da experiência, e do afeto com o público na mediação com o museu, não sentindo a necessidade de abrir mão do termo, mas sim de resignificá-lo.

Nesse sentido, embora saiba que são “apenas” diferenças conceituais do que seja educação e de uma questão terminológica que incomoda, fico um pouco confusa sobre minha atuação e sobre a valorização desta atuação no Museu. E aí as perguntas aparentemente simples de Renata me causam mais confusão...Não sei se estou muito equivocada, mas me parece que essa resistencia ao termo gera um certo desprestígio do profissional dentro da instituição.

Desculpe se não estou conseguindo me expressar bem, mas é que realmente são questões muito desarrumadas na minha cabeça. Gostaria de começar com uma dúvida meio boba: os setores educativos são para atender exclusivamente ao público escolar?

Acabo não vendo como escapar à discussão conceitual do que seja educação, o que gera também uma certa insegurança quanto à heterogeneidade da ação educativa em museus. Me fica uma outra dúvida: em qual medida as diferenças entre os tipos de museus interferem nas atribuições dos educadores e no âmbito de atuação dos mesmos?

Mais uma vez desculpa pelo atropelo de pensamentos, mas espero conseguir assentar essas dúvidas aos poucos.

O fórum está me servindo muito para isso...

Mariana

Posts

• 21/02/2013 às 15:37#965



Lucio Braga

Membro

Vejo que as parcerias entre os setores educativos e as escolas na maioria dos casos não acontece de forma satisfatória. Existe uma centralidade de ações museais no tempo da visita, que quase sempre fica a cargo do educador de museus. Os professores sentem-se inibidos diante da exposição dos educadores no momento da visita e acreditam que esses "sabem mais sobre o museu". Os educadores rejeitam a intervenção dos professores no percurso pela exposição.

O ideal é realizar projetos em partilha.

o grande desafio que está posto nos museus para um diálogo profícuo com a escola no sentido de estimular experiências significativas para professores e estudantes, relacionando os tempos de pré-visita, visita e pós-visita e com articulações entre as demandas docentes e os projetos educativos dos museus. Muitos caem na lógica produtiva, ou seja, atender ao maior número de escolas em menos tempo, o que garante maior público e mais recursos. E muitas vezes não conseguem manter um quadro permanente de educadores, e a rotatividade da equipe acaba prejudicando os diálogos que podem ser estabelecidos com professores para além do tempo episódico da visita e também permite, evidentemente, consolidar quadros formativos no próprio museu, com amadurecimento de seu projeto educativo, evitando retrabalho de formação e retorno à estaca zero em termos de preparação para o trabalho de recepção de públicos escolares. Interrogamo-nos se o episódio da visita pode ser potencializado com ações articuladas e vislumbrando espaços de troca de experiência entre educadores no museu e na escola, afirmando a necessidade de adensamento desta relação com superação do modelo de primeira e única visita, sem vínculos e sem negociações para idealização do projeto de visitação.

26/02/2013 às 19:33#1010



Rafaela Lima

Membro

Muito obrigada, **Lucio**, mais uma vez, pelas suas contribuições. As falas de vocês todos têm sido preciosas ao debate... e você foi direto no ponto em que eu queria chegar: nessa reta final do blog (ele "fechará" para postagens dia 26 de março), **devemos pensar em ações concretas para efetivação das propostas que fizemos até aqui.**

Aproveito, então, para destacar as propostas trazidas pelo Lucio e **aguardo outras propostas dos demais participantes**, para além das que já postamos (clique [aqui](#) e veja a postagem com as propostas já sistematizadas):

- Estimular experiências significativas para professores e estudantes, relacionando os momentos antes, durante e depois das visitas;
- Articular interesses e demandas dos professores com os projetos educativos dos museus;
- Consolidar quadros de educadores com formação adequada no museu;
- Potencializar a visita com ações articuladas e espaços de troca de experiência entre educadores no museu e na escola;
- Criar vínculos entre o museu, a escola, os professores e os estudantes por meio de negociação/idealização conjunta (educadores em museus e docentes) do projeto pedagógico/educativo da visita.

Lucio, caso essa "transcrição" tenha trazido prejuízo ao sentido do que você colocou, por favor me corrija, combinado?
Abraço a todos! Aguardo as contribuições!

o Esta resposta foi modificada 10 anos, 3 meses atrás por  [Rafaela Lima](#).

08/03/2013 às 1:54#1065



[Ana Margarida Reis Damaceno](#)

Membro

Os profissionais existem. E de boa qualidade, com boa formação... mas a capacitação e a reciclagem desses profissionais é muito importante...

Pagar melhores salários a estes profissionais e a regulamentação desta profissão também!

19/03/2013 às 12:54#1095



[Rafaela Lima](#)

Membro

Oi, Ana Margarida!

Realmente, o que precisamos é regulamentação, urgente! O campo em si carece de regulamentação, imagine o quanto os educadores em museus (que estão atuando nesse campo carente) também não devem precisar, né?

O PNEM se pretende como um dos caminhos para alcançarmos essa "padronização", normatização da área. Esperamos que os resultados não sejam apenas discurso, mas que se traduzam em práticas e ações efetivas implementadas pelos e para os educadores em museus.

Abraços!

22/03/2013 às 16:47#1107



bpmonteiro

Membro

Não esqueçam que ainda não existe no Brasil, formação acadêmica ou técnica específica para os profissionais que atuam nos Museus, na parte de interação com o público. Atualmente, este papel vem sendo desempenhado por monitores, ou seja, estagiários/ universitários. Nós precisamos sinalizar nas discussões que estamos fazendo esta necessidade urgente. Precisamos formar profissionais capacitados para esta função.

25/03/2013 às 23:39#1119



Jair Sobrinho

Membro

Acredito que a capacitação destes profissionais, é o primeiro passo, o acesso à tais conhecimentos promoverão mudanças significativas nas áreas de atuação.

27/03/2013 às 21:00#1138



Joss Cunha

Membro

Que os profissionais e Estudantes, realmente possam ver perspectiva de profissão e de crescimento dentro desta área

28/03/2013 às 20:27#1156



moinhosocial

Membro

penso que é importante que o acervo faça parte da vida dos/das educadores de museu, pois é comum encontrar em museus educadores alheios aos sentidos e significados dos objetos expostos, antes de fazer sentido para o público visitante é fundamental que o acervo faça sentido para os profissionais do museus, que façam parte de suas próprias vidas.

28/03/2013 às 21:12#1159



Joss Cunha

Membro

Li as postagens anteriores, e com algumas concordo com outras nem tanto, no que diz em relação aos Estagiários acho o meu serviço gratificante e adoro estar preparando essa moçada para o atendimento e para seus desafios futuros, e acho que dois anos é o suficiente com relação a pessoal especializado trabalhando dentro das instituições é uma vergonha como são tratadas estas questões.

Digo que se faz necessário um estudo aprofundado sobre quem são estes profissionais que hoje estão à frente principalmente das Ações Educativas e investir nestes para que tenham uma melhor preparação técnica.

07/04/2013 às 13:47#1243



Mailine Bahia

Membro

Olá Rafaela, como vai?

Ótima sua pergunta, vamos lá.

Pensar um museu sem pensar um Programa Educativo é inviável. Hoje educativos de museus ganham força política e econômica dentro das instituições. Não se aprova projetos na lei sem que nele haja ações educativas.

Portanto, educação em museus não é mais saber o conteúdo e fazer uma visita "guiada" com o público visitante (como acontecia comigo logo que comecei minha carreira nesse setor). O educativo está hoje num outro patamar de discussão e ação. Mas com a velha estrutura de antes: baixos salários, relação de

estágios, pouco espaço físico para as ações, etc. Estão havendo mudanças, isso é claro (vejam esse blog), mas ainda sim vagarosas.

Hoje a área de educação não ocupa e não pode ocupar uma sala específica. Ocupa o museu inteiro. As ações são pensadas expandidas no espaço. Desde formação interna – com o próprio corpo de trabalho da instituição cultural (limpeza, segurança, recepção, administrativo, etc.), à ações com o entorno da instituições, à parcerias efetivas com escolas, universidades, professores, etc. Se pensarmos num centro cultural, o educativo caminha por entre as áreas artísticas.

Enfim, acredito que o Programa Educativo é, além de várias outras coisas, o cartão de visita da instituição.

Espero que tenha contribuído.

f) Perspectiva de futuro profissional

• Autor

Posts

- 27/03/2013 às 21:37#1139



Joss Cunha

Membro

Que os profissionais e Estudantes, realmente possam ver perspectiva de profissão e de crescimento dentro desta área, trabalho Com Ação Educativa em Museu, sou responsável por Um certo número de estudantes/Estagiários e vejo o quanto se faz necessário um plano para que estes venham a ser contratados pelos Museus e instituições Culturais.

03/04/2013 às 19:34#1202



Joss Cunha

Membro

3Será que a cultura tem futuro no Brasil?

04/04/2013 às 11:45#1207



Fernanda Castro

Membro

Olá!

Eu, particularmente, acredito que haja futuro para a cultura, mas não sem luta, não sem disputa. É preciso lutar pra garantir que a cultura continue sendo um direito e não uma mercadoria de consumo, que as atividades culturais não sejam confundidas, propositadamente, com atividades de entretenimento, exclusivamente.

Este programa, e mais que ele, uma política, é um passo importante para isso.

Aqui temos discussões que garantiriam, or exemplo, o que está colocado como preocupação neste tópico.

Temos hoje mais de 3 mil museus no Brasil e nenhuma obrigatoriedade de que neles haja setores educativos. Não há espaço para eles nos organogramas das instituições.

A profissão não é regulamentada.

A formação não é garantida.

Mas tudo isso está apontado na construção do PNEM. E as propostas estão surgindo.

Qual seria a sua?

04/04/2013 às 18:15#1211



Rafaela Lima

Membro

Cheguei aqui pensando em comentar e vi seu comentário, **Fernanda**... Falou e disse, tirou as palavras da minha boca (dedos rsrs)! Acredito que as perspectivas de futuro poderiam ser garantidas já com as mudanças e implementações que estamos sugerindo nos fóruns do blog. Precisamos de **coisas concretas, caminhos, propostas de atitudes a serem tomadas** que garantam essas mudanças que tanto lutamos e sonhamos. Obrigada a ambos pelas contribuições!

07/04/2013 às 13:14#1242



Mailine Bahia

Membro

Infelizmente pouco se faz para uma estruturação efetiva de um Programa Educativo em museus ou centros culturais. Considerando o que Fernanda falou, existe plano de carreira, perspectiva profissional para profissionais que queiram atuar, pesquisar, promover a educação não formal em espaços culturais?

Creio que a relação que o Brasil estabelece com a educação é reflexo do que vem acontecendo com educativos de museus.

g) Igualdade regional

-

• Autor

Posts

- 04/04/2013 às 20:52#1208



caroline

Membro

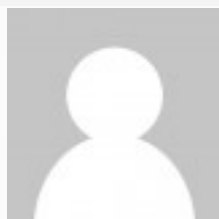
Formular propostas de federalização na carreira de profissionais da educação museal, criando parâmetros nacionais possibilitando a extinção de desigualdade regional, que desvaloriza o exercício feito em sua totalidade.

i) Processo de formação inicial continuada

• Autor

Posts

- 03/04/2013 às 12:29#1195



bernadete

Membro

Implementar diretrizes relativos à política de recursos humanos, intensificando ações voltadas para estruturação do processo de formação inicial e continuada dos profissionais entre as instâncias que prestam esses serviços na criação de cursos emergenciais, destinados aos profissionais não habilitados que atuam nos museus, fortalecendo parcerias nas universidades nesse processo, articulando ensino-pesquisa-extensão, na atuação da formação de agentes e no desenvolvimento na área museal.

j) Setor / área / coordenação / departamento educacional

• Autor

Posts

- 20/11/2012 às 11:37#257



Pnem

Membro

Garantir a presença do setor/área/coordenação/departamento educacional na estrutura organizacional do museu, dotando-o de infraestrutura necessária, para sua implementação e para o desenvolvimento de seus projetos;

27/11/2012 às 14:43#345



LUIZA MACEDO

Membro

Além de garantir a presença do educativo na estrutura organizacional da instituição, garantir a atuação de educadores na implantação das instituições de cultura, sempre que possível, para que possam fazer intervenções e análises a cerca da museografia a ser implementada.

29/11/2012 às 14:33#420



Ozias Soares

Membro

Luiza, penso que o fortalecimento das redes de educadores em museus e "centros culturais" (no sentido geral como específico) é um excelente caminho

para a visibilidade e reconhecimento da atuação dos educadores, bem como das ações em curso em boa parte das nossas instituições.

01/12/2012 às 12:30#442



Fernanda Castro

Membro

Além de garantir que as instituições museais tenham que ter setores educativos/educadores, é fundamental garantir que estes setores tenham a garantia de financiamento em alguma proporção dentro das instituições. Não fiquem sujeitos ou à mercê da caça por parcerias financeiras. Que tenham garantidas as condições materiais de realização de suas atribuições, que devem ser obrigatórias, nos museus.

Museu sem educativo, não!

01/12/2012 às 19:30#445



Jacqueline

Membro

Hola, yo agregaría algo más. No sólo es necesaria la presencia de un sector educativo, sino también su jerarquización. Claro que esto tiene relación con el financiamiento, pero más importante aún es la importancia que se le de al área dentro de la institución.

03/12/2012 às 16:55#471



Ana Maria

Membro

Todos reconhecem a importância do setor/área de educação em museus, porém é necessário que este setor tenha uma certa estrutura para um bom funcionamento. Capacitação de profissionais, financiamento para projetos, pessoal capacitado, espaço físico adequado são alguns dos itens básicos ao bom funcionamento do setor.

03/12/2012 às 17:06#473



LUIZA MACEDO

Membro

Acredito que para viabilizar as ações educativas, além da presença do gestor em reuniões e da existencia do setor como tal, é fundamental o planejamento estratégico da instituição cultural. Esse planejamento traça planos, objetivos e formas de alcançá-los, ordenando as ações e, assim, viabilizando-as.

07/12/2012 às 2:46#530



Jacqueline

Membro

Me parece muy acertado el comentario de Ana María: la estructura que tiene el sector condiciona mucho. La estructura condiciona también la permanencia de las personas en esta actividad. Por lo que yo he visto, es muy frecuente que los educadores de museo tengan una situación muy temporal y que además en muchos lugares, sean estudiantes. Es una situación "de paso". Tener otra estructura daría la opción de una mayor permanencia, que va de la mano de la formación, la acumulación de experiencia, el desarrollo de intereses y el crecimiento profesional.

14/12/2012 às 16:56#576



Fernanda Castro

Membro

O último concurso do Ibram trouxe uma importante vitória para a área de educação em museus, que foi a garantia de uma vaga de educador para cada uma de suas instituições.

Não tenho informações sobre como se consolidaram no quadro estes profissionais, se a evasão de cerca de 70% dos concursados atingiu os setores educativos, porém a de se refletir sobre esta iniciativa de garantir que haja pelo menos um educador em cada museu, reconhecendo seus aspectos positivos e exigindo mais.

Há diferentes museus no Ibram. Alguns muito grandes, outros menores, alguns no interior, outros em grandes capitais. E cada um tem uma demanda educacional distinta.

Cada um necessita de uma certa quantidade também distinta de profissionais e estagiários (o número de estagiários por museu é definido por lei).

Não seria o caso de fazermos uma espécie de pesquisa nos museus para saber qual é a demanda profissional de educadores que cada um tem para poder realizar seus projetos (os que existem e aqueles engavetados por falta de pessoal)?

Aqui no Museu da Chácara do Céu, somos dois, mas nossa necessidade, em que pese que não há uma sala para os educadores, não há espaço educativo, não há espaço para oficinas, etc., ainda assim, nossa necessidade é de mais educadores.

Um só educador caracteriza a existência de um setor educativo nos museus?

19/12/2012 às 21:01#606



Rafaela Lima

Membro

Oi, gente!

Acredito que a maioria já tenha lido ou esteja participando dos outros tópicos, dispensando apresentações. Por isso vou direto ao ponto (rs): esse tópico me parece ser o mais abrangente de todos. Não no sentido de ser vago, mas ele me parece abarcar os outros tópicos de alguma forma.

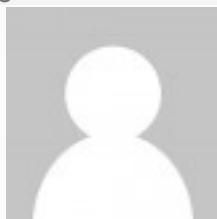
Já na primeira participação a **Luiza** faz uma colocação que a mim é muito cara: participação de educadores desde a criação da instituição, atuação desses profissionais trazendo intervenções, aspectos, características e necessidades próprias da Educação Museal mas que se fazem presentes em toda a estrutura dos museus e instituições culturais. Logo depois outros de vocês corroboram isso fazendo comentários igualmente pertinentes sobre o mesmo tema. Mas chamo a atenção de vocês pra um aspecto colocado no enunciado no qual se baseia este tópico: "*Garantir a presença (...) na **estrutura organizacional** do museu*". Percebam que é **na estrutura organizacional** e não apenas no espaço do museu. **Fernanda** nos lembra da vitória (concordo que foi uma vitória) que foi ter garantida a presença de ao menos um educador em cada museu do Ibram. Mas, assim como ela pergunta, eu também pergunto: **apenas ter esse educador no museu caracteriza a existência de um setor educativo? Se não é isso, então o que caracteriza?** OBS: para quem ainda não viu os outros tópicos eu aviso logo que espero respostas de vocês para essas perguntas (rs). Na minha opinião a resposta é não. E o que realmente caracteriza é: como o próprio enunciado diz, o setor não só deve fazer parte da estrutura organizacional (e, assim, ter orçamento, espaço e pessoal), mas garantir a infraestrutura (física, financeira e de RH) para sua implementação e execução de seus projetos. Destaco que, dizendo isso, fica claro que se espera que esse

setor **desenvolva projetos**. É aí também que devemos chamar a atenção para o fato de que a educação não se restringe à elaboração de propostas de mediação para as exposições, são muito mais que isso... são ações articuladas com as comunidades onde se inserem, são cursos, são desenvolvimento de grupos de estudo, são atividades culturais as mais diversas (relacionadas com datas comemorativas, por exemplo). Pensando nesses tipos de atividades, a gente pode vislumbrar e pensar em quais são as atribuições dos educadores que estariam compondo esse setor e em qual estrutura física seria necessária (espaço, materiais e mobiliário) para efetivamente implementá-lo.

Jacqueline também fala de um outro problema que é a efemeridade e inconstância no corpo de funcionários dos setores educativos. Pela necessidade de um número grande de profissionais, é fato que as verbas não são suficientes para contratação efetiva de pessoal e a saída mais comum são os estagiários. Mas como o próprio nome já diz, eles são estagiários, são pessoas que estão ali para aprender na prática e com a prática o seu papel profissional enquanto educadores de museus. Para isso, é necessário (pelo menos deveria ser) ter alguém realmente profissional, com formação e efetivamente contratado para dar essa assistência aos que são aprendizes. O cenário que temos é que efetivos são apenas os coordenadores desses setores, todo o resto do corpo profissional é composto por estudantes. Isso é bem complicado, pois esse único funcionário (aquele que não é estagiário) terá que dar conta de toda a equipe e terá que desenvolver uma função que vai além da coordenação, ele vai acabar atuando junto com os estagiários em várias situações... e isso não será feito por escolha dele (acho bom que esse trabalho seja conjunto), mas por necessidade que o contexto lhe impõe. Então, já que é uma situação real e frequente em nossos museus, **qual seria a saída possível? Qual o mínimo necessário para que um setor educativo funcione "corretamente", com a infraestrutura necessária (pensando nos três aspectos dessa estrutura: físico, financeiro e de pessoal)?** Convido a todos para responderem a essas perguntas e às perguntas dos outros tópicos do fórum Profissionais de Educação Museal e assim chegarmos a vários denominadores comuns sobre esses assuntos que são de extrema relevância para nossa legitimação enquanto PROFISSIONAIS de Educação Museal. 😊

Abraços e boas conversas pra nós!

20/12/2012 às 14:56#609



Rosângela Oliveira

Membro

O novo profissional da área de educação deve estar atento as redes sociais ou grupo de educadores que se reúnem e formam grupos de estudos, discussões, debates. Ele deve procurar estar sempre bem atualizado. Os museus pagariam para os profissionais, cursos de aperfeiçoamento ou atualização na área de educação?

21/12/2012 às 17:47#614



Rafaela Lima

Membro

Olá, **Rosangela**! Bem vinda ao debate!

Acredito que o custeio da participação de profissionais vinculados ao museu em cursos de aperfeiçoamento ou atualização na área de educação é algo muito bom e não acho que encontre maiores problemas para que aconteça.

Pessoalmente, já vi esse tipo de incentivo, mas nesse caso que conheço, o financiamento só foi concedido após apresentação de um tipo de "projeto" em que se falou sobre o curso, ficou estabelecida uma "contrapartida" por parte dos profissionais para a instituição e também ficou claro como o curso contribuiria para o desempenho das funções dos profissionais que participariam do curso. Foram 3 funcionários contemplados. Houve ainda um relatório ao final do curso (um geral e um de cada funcionário).

Enfim... acho que para um custeio, deve haver o convencimento da instituição do porquê é importante e como isso contribuirá para o desempenho das funções.

Espero ter respondido à sua pergunta e convido você a refletir sobre as questões que coloquei no post anterior e postar sua opinião para que continuemos conversando a respeito do assunto deste tópico que é **garantir a existência de um setor educacional com infraestrutura apropriada e suficiente para seu pleno funcionamento**.

Aliás, espero não apenas a **Rosangela**, mas **todos vocês**, combinado? 😊

Enquanto isso, assim como falei em outro tópico, também desejo a vocês boas festas! Que tanto o Natal quanto o ano que chega nos tragam forças renovadas para prosseguirmos buscando a melhoria pessoal, profissional, financeira, afetiva e todas as outras melhorias, porque, como a própria palavra diz, nos farão melhores do que somos hoje. Forte abraço!!

09/01/2013 às 19:24#697



Rafaela Lima

Membro

Oi, pessoal!

Espero que o final do ano dos participantes deste tópico tenha sido empolgante e instigador, nos provocando a ousarmos mais em 2013 e, assim, realizarmos ainda mais coisas!

Para iniciar 2013, gostaria de relançar as perguntas feitas até agora. Elas estão todas em negrito e fáceis de visualizar. Para saber de onde ou por que elas

surgiram, é só dar uma lida despretenciosa nos posts que fiz, pois eles de certa forma resumem os comentários colocados até agora. Então, vamos a elas?

O enunciado deste tópico fala que devemos “*Garantir a presença (...) na **estrutura organizacional do museu***” e não apenas no seu espaço físico. Mas **se apenas ter esse educador no museu não caracteriza a existência de um setor educativo, então o que caracteriza?**

Para mim, o que caracteriza a existência de um setor educativo é, como o próprio enunciado diz, fazer parte da estrutura organizacional da instituição à qual pertence (e, assim, *ter orçamento, espaço e pessoal*) e *ter infraestrutura (física, financeira e de RH)* para execução de seus projetos. Se assim ele existe, então o **que um setor executivo deve fazer para não só existir, mas se fazer realmente presente?**

Na minha opinião, ele deve *desenvolver projetos*, pensando que a Educação Museal não se restringe à elaboração de propostas de mediação para as exposições, mas são ações articuladas com as comunidades onde se inserem, são cursos, são o desenvolvimento de grupos de estudo, são atividades culturais as mais diversas... A partir dos projeto é possível pensar em quais são as atribuições dos educadores que estariam compondo esse setor e em qual estrutura física seria necessária (espaço, materiais e mobiliário) para efetivamente implementá-lo.

Seria interessante contar com a participação de educadores desde a criação da instituição para que tragam intervenções, aspectos, características e necessidades próprias da Educação Museal que se fazem presentes em toda a estrutura dos museus e instituições culturais. Como isso é muito raro, **quais as saídas possíveis para garantir o funcionamento dos setores educativos?**

Convido a todos para responderem a essas perguntas, assim como aos amigos e colegas profissionais da área para participarem do debate. Quanto mais opiniões e pontos de vista melhor!

Inté!

11/01/2013 às 21:42#708



Moisés Morais

Membro

creio que ter uma pessoa para realizar tal função nao significa que exista um setor, Rafaela esse educador sozinho não garante as ações pertinentes a sua função ele vai acabar fazendo de tudo um pouco dentro da instituição e será um mero colaborador. O que precisamos e intensificar as ações e fortalecer o seguimento educacional que para mim é o alicerce principal dentro de um organograma museológico, o educador é o primeiro contato que os estudantes tem antes de adentrar no museu, e ele que perceber as necessidades dos visitantes e dos estudantes e trabalha diretamente com a equipe de orientação e visitação histórica. Esse profissional e essencial dentro de uma instituição museológica

15/01/2013 às 11:06#716



Rafaela Lima

Membro

Concordo plenamente com você, Moisés. Ter um educador no museu apenas significa que no quadro de funcionários a instituição conta com um educador... e só! Estamos juntos no entendimento de que esse profissional é a "cara" do museu, é ele quem comunica o que o museu é e o que ele tem. Por isso sua importância fundamental, da qual não podemos prescindir no dia a dia de uma instituição.

Para mim, ter um setor, coordenação, departamento, área educacional dentro do museu significa ter um aporte orçamentário, ter um espaço onde esse setor possa se instalar e desenvolver suas ações e atribuições, significa que o coordenador dessa área irá participar das reuniões de planejamento estratégico da instituição, significa que esse setor será devidamente ouvido (ter voz e vez) nas questões concernentes a esse planejamento. Significa, portanto, EXISTIR institucionalmente: compor o quadro fixo de funcionários (não apenas um, mas uma equipe) e desfrutar de todas as implicações advindas disso.

Complicado é, mas não é impossível. Acho que o principal caminho que podemos tomar é o do planejamento e proposição de projetos, fazendo com que esse planejamento/projeto ande e se desenvolva, não se deixando abater nem parar pela falta de financiamento ou de pessoal... não é fazer das tripas coração. Faz-se o que se pode com o que se tem, mas é imprescindível fazer alguma coisa. Digo isso porque muita gente fica estagnada, não faz absolutamente nada se justificando no fato de não ter dinheiro, espaço ou profissionais para o setor. Sei que é possível fazer alguma coisa. O importante é mostrar o que foi feito e o que poderia ser melhorado caso essa coordenação tivesse tudo que lhe falta (dinheiro, espaço, pessoal). É como quem diz: "se fizemos tudo isso com nada, imagine o que faríamos se tivéssemos alguma coisa?"

Vamos que vamos que esse debate fica cada vez melhor com a participação de vocês! 😊

• Autor

Posts

- 14/02/2013 às 18:24#873



rosangelacuritiba

Membro

Recentemente fui informada deste Programa Nacional de Educação Museal, o qual soube por acaso por uma outra colega de um outro museu, embora todos os diretores tenham sido informados. Até aqui gostei bastante das questões levantadas e me identifiquei com muitos dos problemas aqui apontados. Penso que não basta institucionalizar apenas mas também internalizar o setor educativo nos espaços culturais (abraçar a causa). Acaba que, me parece, nestes anos todos no qual eu trabalho em educativos de museus, que o setor e a função são apenas pró-forma, não são valorizados como devem, são entendidos como um mal necessário nos espaços culturais (sempre atrapalhando... afinal trazem um bando de gente estranha, crianças, aborígenes, quicá!!!) e lembrados apenas quando se fala em estatísticas, número de escolas e grupos que frequentam os espaços. No geral, têm acesso as informações referentes às mostras e exposições, no último segundo, do segundo tempo da partida, e depois de tudo pensado e decidido, as informações caem feito pára-quadras na cabeça dos pobres, sempre uma surpresa, sempre correndo atrás do prejuízo!

20/02/2013 às 13:47#947



Rafaela Lima

Membro

Olá, **Rosângela**! Bem vinda ao debate!

Muito boas suas colocações! Concordo plenamente com você. É verdade mesmo, muitos lugares que fazem as seleções de mediadores por exposição, só começam esse processo de seleção quando tudo está pronto e organizado nas exposições. A ideia – e a defesa que faço – é que esses educadores participem de todo o processo, seja esse processo uma exposição, um curso, uma oficina, uma atividade do museu ou um evento. **Toda ação de uma instituição cultural pode e deve ser educativa, por isso mesmo é imprescindível a participação do educador desde sua concepção.** É isso que chamo de **curadoria educativa**. Muitas das bibliografias que li tratam desse tema como se fosse uma mera e descontextualizada seleção de “trabalhinhos” dos alunos de uma turma para uma exposição nos corredores da escola. Insisto que não disso que se trata a curadoria educativa! É, na verdade, um trabalho semelhante ao do curador de arte como o conhecemos: seleção, embasamento teórico, objetivos bem definidos, construção de discurso. **Curadoria é essencialmente construção de discurso.** Se educadores não participam desse processo de construção (seja ele em que atividade for: exposição, oficina, curso, evento), consequentemente esse discurso não contemplará as questões educativas envolvidas e os educadores não internalizarão esse discurso.

Aproveito para falar da questão que você colocou sobre internalização das práticas educativas nos museus. Muitos usam esse setor como “*outdoor*” das instituições: é bonito e politicamente correto ter um setor educativo. Mas se esses educadores são na verdade guias e monitores de um discurso e construção da qual estão alheios e apenas repetem aquilo que lhes foi pedido, sem participação, seu trabalho não será uma mediação desses conteúdos e repertórios envolvidos (dele, do visitante, da instituição e de quem a compõe)... será só um “palavrório” repetido a cada visitante. É triste, mas é verdade.

Nesse sentido, convido você e os demais participantes do fórum a responderem a seguinte pergunta: **quais as ações relacionadas com a formação desse educador podem ser desenvolvidas para que ele e a instituição internalizem sua importância e presença indispensáveis?**

22/02/2013 às 13:54#978



Luana

Membro

Olá Rafaela e todos os colegas presentes, achei bastante interessante o último questionamento levantado. Há alguns meses um novo grupo de educadores foi contratado para o museu que atuo, em duas levas. Fui responsável pelo treinamento do grupo principalmente no diz respeito ao conhecimento teórico necessário para a atuação com o tema específico do nosso museu. Os treinamentos duraram em média 3 meses para cada turma e, após finalizá-los, iniciei um período de reciclagem com os educadores mais antigos.

Como suporte utilizei apresentações em power point, vídeos e discussões no acervo. Contudo, passado algum tempo, uma parte do grupo começou a reproduzir o mesmo discurso e não criou em si a cultura de pesquisa e estudo essencial à prática educativa em museus, muitos se desmotivaram.

Somos uma equipe grande, 14 pessoas, responsáveis não só pela mediação mas também por elaborar atividades educativas e recreativas, elaborar exposições temporárias, elaborar eventos, atender aos visitantes, fazer "ronda" no espaço expositivo, atuar em outras áreas caso haja necessidade como, por exemplo, fazer a supervisão da limpeza e atuar no caixa.

Há uma grande desorganização e desvalorização da real necessidade dos educadores ao meu ver e, realmente tenho a impressão que somos suporte para tudo o que ocorre no museu, os "paus-para-TODAS-as-obras", somos o cartão de visitas da instituição e somos valorizados apenas pelo número de pessoas que atendemos ou quantidade de visitantes que conseguimos trazer ao museu de acordo com os eventos e atividades que planejamos. Diante desse panorama como julgar ou convencer um profissional a atuar como educador, a estudar, pesquisar, se envolver, se capacitar?????

26/02/2013 às 13:18#1000



Mariana Castro Teixeira

Membro

Olá pessoal,

para tentar responder à pergunta **quais as ações relacionadas com a formação desse educador podem ser desenvolvidas para que ele e a instituição internalizem sua importância e presença indispensáveis?**, acho que é preciso que os educadores e a instituição estejam cientes da função social dos museus brasileiros. Embora haja uma diversidade significativa de tipos de museus, é uma instituição que está buscando uma nova forma de atuação na sociedade. Os educadores devem estar a par destas questões e inseridos nestas discussões. Os educadores devem entender a função social do museu ao trazer públicos que historicamente estão excluídos de espaços culturais. Estimular o exercício da cidadania e entender como o museu – independente do seu tipo – pode colaborar para isso.

Devem saber da importância da comunicação museal, na relação sujeito – objeto – mediador; do discurso imagético que o museu está querendo passar. Sensibilização para facilitar a leitura do visitante na exposição. Seria uma formação sensível, voltada para o social, para educação do olhar. E trabalhar junto às escolas nesta empreitada, não esgotar seu trabalho na visita à exposição.

É necessário e imprescindível uma parceria com outras instituições, especialmente a escola. Mas o fato de estarmos falando de um museu e não da sala de aula (onde as mudanças nas perspectivas educacionais são mais lentas e amarradas por laços históricos de autoritarismo), nos dá boas margens para que uma concepção educacional afinada com as novas tendências parágraficas (que acredito estarmos vivendo) sejam pensadas...e é o que está acontecendo aqui, ao meu ver. O museu, por ser relativamente novo no Brasil, não tem essas amarras tão bem atadas como a escola...O problema é que como tudo é muito novo gera uma insegurança...o que não é um problema, na verdade... Quais ações para que isso aconteça? Existência de um Plano de Ação Educativa em todos museus, de um Núcleo de estudos do Setor, estímulo ao aperfeiçoamento através de seminários e participação em eventos, estímulo à pesquisa, parceria de museus com universidades... são alguns palpites.

Acho que a grande dificuldade mesmo é a própria instituição internalizar esse setor. Todos os museus deveriam tentar responder qual a sua função social.

26/02/2013 às 19:02#1005



Rafaela Lima



Membro

Muito obrigada, **Mariana**, pelas suas contribuições. Você foi direto no ponto em que eu queria chegar: nessa reta final do blog (ele "fechará" para postagens dia 26 de março), **devemos pensar em ações concretas para efetivação das propostas que fizemos até aqui.**

Aproveito, então, para destacar as propostas trazidas pela Mariana e **aguardo outras propostas dos demais participantes.**

Existência de um Plano de Ação para os Setores Educativos em todos museus;
Desenvolvimento e atuação de um Núcleo de Estudos neste Setor com foco na Educação Museal;
Estímulo ao aperfeiçoamento/formação permanente do corpo educativo por meio da realização de seminários e participação em eventos;
Estímulo à pesquisa;
Busca e efetivação de parcerias entre os museus e as universidades.

Mariana, caso essa "transcrição" tenha trazido prejuízo ao sentido do que você colocou, por favor me corrija, combinado? 😊
Abraço a todos!

- o Esta resposta foi modificada 10 anos, 3 meses atrás por  [Rafaela Lima](#).
- o Esta resposta foi modificada 10 anos, 3 meses atrás por  [Rafaela Lima](#).

04/03/2013 às 19:32#1029



[Fernando Delatorre](#)

Membro

No estado de Santa Catarina faltam profissionais ligados a area de museologia.

Deve existir um incetivo por parte do Estado em formar novos profissionais e abertura de novos museus.

06/03/2013 às 20:15#1057



[Karla Colares](#)

Membro

Olá Fernando e demais colegas, creio que não seja só em Santa Catarina, mas esse é um problema que encontramos em muitas localidades do Brasil. Esse é um bom meio para dar voz a necessidade da Educação Museal. Vamos nos unir para mudar esse quadro.

Abraços

07/03/2013 às 20:41#1063



Rafaela Lima

Membro

É verdade, pessoal! Pelos comentários aqui nos fóruns do PNEM podemos ver que a necessidade é generalizada.

No sentido de termos mais profissionais formados/capacitados para atuarem em Educação Museal, vocês têm alguma proposta de ação concreta para acrescentarmos à nossa lista? Já adianto que toda ideia é muito bem vinda, estamos construindo nosso conjunto final de propostas.

Abraço!

11/03/2013 às 19:56#1071



rosangelacuritiba

Membro

Concordo com quem disse que é importante haver uma maior aproximação entre escolas e museus. Infelizmente o desmantelamento (desleixo/descaso) e a falta de preocupação em ter um setor educativo atuante e "opinante" é algo meio geral na maioria das organizações, sejam públicas e/ou privadas, à parte que estas últimas têm mais condições pra se organizar, mas a mentalidade de "desvalor" destes setores é comum a todos. Como a maioria das ações para melhorar este contexto parecem que devem vir de fora para dentro (políticas), pensar em propor ações de caráter formativo do educador também é oportuno embora pouco provável que garanta alguma mudança real. Acredito que estes setores deveriam se reportar primeiramente, não à direção do museu (que são muitas vezes de caráter político/partidário, muitas vezes autoritárias, alienantes e que não dão importância alguma à qualquer formação, inclusive a própria), mas à um grupo colegiado composto pelas universidades/faculdades de cursos de arte (artes visuais, escultura, pintura etc...) que são realmente pessoas com muito mais competência para opinar sobre o assunto. Vejam: não se trata de interferência externa, mas de uma fundamental assessoria/consultoria e um guia de respeito e autoridade, com voz e voto. Uma forma dos setores educativos das instituições culturais se fazerem ouvir e respeitar, longe das ingerências tão habituais dos nossos secretários de cultura por aí.

13/03/2013 às 14:10#1072

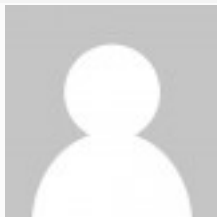


Ana Maria

Membro

Cada museu é diferente em estruturas , disponibilidade de pessoal e recursos financeiros. Penso que seria interessante o IBRAM fazer um levantamento de todos os seus museus para que se constatasse qual a real necessidade de cada um deles para que o setor de educação pudesse funcionar bem.

24/03/2013 às 23:06#1115



Romero Crispim

Membro

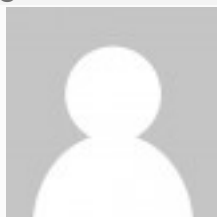
Vejo a colocação da Rosangela Oliveira quando ela diz "o educador do museu deve estar sempre atualizado" muito pertinente para o espaço desse fórum que pretende gerar um documento que garanta a presença do setor educativo nos museus. O documento que estamos construindo deve assegurar a presença de Coordenadores e educadores nos museus bem como suas devidas capacitações. Respeitando claro a realidade de cada instituição.

k) Promover a abrangência de profissionais

• Autor

Posts

- 27/11/2012 às 12:06#333



Mara Paulina Arruda

Membro

Promover a abrangência de Profissionais de educação Museal. Por exemplo: arte-educadores .

29/11/2012 às 14:35#421

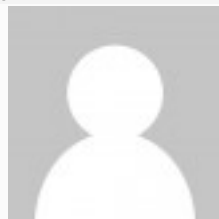


Ozias Soares

Membro

Mara, gostaria de entender melhor o que representa a abrangência a que se refere.

01/12/2012 às 21:57#447



Mara Paulina Arruda

Membro

Oi Ozias Soares! A minha referência à abrangência de profissionais nos museus é no intuito de abrir as possibilidades para os museus. Nós aqui no oeste catarinense temos o CEOM- Centro de Organização e Memória do Oeste Catarinense- este lugar trabalha com a possibilidade museal em que também se façam exposições de Artistas e outros pesquisadores.

Penso que o Museu deve se reinventar afim de trazer para ele mais pessoas.

03/12/2012 às 16:57#472



Ozias Soares

Membro

Obrigado, Mara! Entendo que alguns museus encontrem-se mais abertos que outros. Alguns até recebem exposições visitantes, mas respeitando certos limites institucionais (tipo de coleção, afinidade temática, locais para realização de exposições temporárias, equipe, orçamento etc.). Compreendo que precisamos, então, de um museu mais coerente com a sua função social que, imagino, deva ser um espaço para circulação de idéias, de culturas, de pessoas, de profissionais diversos. Acho que, até este momento, os Centros Culturais tem maior possibilidade do que os museus para fazer esta abrangência, não acha?

03/12/2012 às 21:00#484



Mara Paulina Arruda

Membro

Sim Ozias... agora, os Centros Culturais existem menos do que os Museus, estou certa? Por isso minha proposição que os Museus abram espaços para interações com a Arte-educação. É claro que a história deve ser muito mais contemplada mas é no sentido de visualização do Museu, de trazer as pessoas para o conhecimento do que ali existe. E é, como você diz que o Museu, no meu entendimento, deve proceder: sua função histórico-social.

Outra questão para pensar é o registro indígena existente. Um abraço.

14/12/2012 às 17:00#579



Ozias Soares

Membro

Bem, Mara, essa questão de quantidade de museus e centros culturais difere de cidade pra cidade. Mas eu queria agora entender melhor a questão do registro indígena.

15/12/2012 às 17:32#588



Mara Paulina Arruda

Membro

Ozias, sobre o registro indígena vejo que aqui em Santa Catarina há poucos registros- a materialidade destes- nos museus daqui. Como moro em Chapecó que é divisa com Nonoai,RS, penso que será interessante pensarmos em locais nos museus para o registro da sua arte, artesanato, linguagem entre outros . Em Chapecó, por exemplo, graças ao primeiro juiz da cidade, Antonio Selistre de Campos, temos as urnas funerárias dos primeiros habitantes daqui. De modo mais amplo, obviamente, poderíamos pensar em espaços nos museus para o registro da passagem indígena. E pensarmos que hoje os índios vem conquistando caminhos nas áreas da educação superior e que eles mesmos são capazes de encaminhar esse espaço.

17/12/2012 às 18:28#593



Ozias Soares

Membro

Mara, acho que o IPHAN pode ajudar muito neste processo. Não digo que os Museu não podem estar juntos, mas parece-me que há uma demanda para além do âmbito do Ibram neste caso. De outro lado, penso que os museus podem ser importantes instâncias de visibilidade da questão indígena, das manifestações culturais e da arte presente em diferentes grupos étnicos. Quem sabe não caberia a nós esse papel?

17/12/2012 às 20:59#596



Mara Paulina Arruda

Membro

Sim Ozias. A visibilidade das manifestações indígenas é uma possibilidade que o IPHAN e os Museus podem tratar. Como sou Professora de Artes na Escola Pública e tenho duas Especializações em História vejo que a Escola- na prática!- precisa ter opções para desenvolver com mais propriedade e diversidade o ensino-aprendizagem. Por outro lado é questão humanitária a questão indígena. E as instituições precisam propor e agir em prol dos indígenas. Até por que a cultura tecnológica e midiática já alcançou o mundo reservado deles e, em contra partida eles já vivem -e gostam- de viver como nós que nascemos na área urbana.

18/12/2012 às 21:12#598



Diego Luiz Vivian

Membro

Muito estimulante este debate sobre "questão indígena" e museus, especialmente do ponto de vista do GT Museus e Comunidades, que estou coordenando neste Blog do PNEM. E também do ponto de vista da minha formação acadêmica e do lugar onde atualmente trabalho, o Museu das Missões/Ibram, localizado em São Miguel das Missões, no RS.

Para refletir e agir sobre esta questão da presença/ausência dos povos originários neste contexto museal específico e no âmbito da construção da memória e patrimônio nacionais, considero pertinentes as colocações do professor Dr. Jean Baptista, que produziu, em 2010, o primeiro livro publicado pelo Museu das Missões, após 70 anos de sua criação, em 1940, pelo então presidente Getulio Vargas.

Para ilustrar a contribuição do professor sobre esta questão que envolve museus e comunidades (indígenas, no caso em foco), cito abaixo um trecho inicial de comunicação publicada nos Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011. Embora relativamente extenso, o trecho escolhido parece esclarecedor e, ao mesmo tempo, desafiador:

**“MEMÓRIA NACIONAL E PATRIMÔNIO INDÍGENA: a inserção do protagonismo indígena no Museu das Missões e no Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo a partir de políticas públicas contemporâneas
JEAN BAPTISTA***

Representações sobre a memória histórica compõem-se de escolhas. Em São Miguel das Missões não foi diferente. Na antiga exposição do Museu das Missões, as esculturas (entendidas por sacras) são apresentadas aos visitantes por meio de etiquetas onde se leem nomes de entidades da cristandade e pequenos painéis narrativos sobre a história da Igreja na América. Já no sítio onde estão os remanescentes arquitetônicos da missão de São Miguel, placas

de identificação distribuídas pelos espaços classificam o cenário a partir de recortes de documentos gerados por funcionários de impérios europeus, dotados de uma visão econômica/ utilitarista, contra os missionais travavam a chamada Guerra Guaranítica. A memória escolhida para representar os espaços missionais, como se percebe, foi aquela que estava diretamente vinculada aos agentes ocidentais.

Tanto por transmitir um sentido restritamente cristão a um passado histórico, no caso do Museu, quanto pelo desconforto de se ter rivais de índios descrevendo o cenário, no caso das placas no sítio, o risco que se apresenta é basicamente um: a exclusão do pensamento, da autoria e da interpretação indígena sobre seu próprio patrimônio.

Parte dos intelectuais dedicados àquela história focou os jesuítas e os conhecimentos ocidentais injetados nas sociedades nativas. Muitos autores representaram os nativos como meros executores, convertidos, aculturados ou mestiçados, além de gerarem classificações excludentes como "missões jesuíticas", "acervo jesuítico" ou "barroco jesuítico". Importaram-se conceitos anacrônicos ou exógenos às sociedades indígenas, como "totalitarismo" ou "socialismo". Chegou-se até mesmo a se dizer que quem construiu a igreja de São Miguel foi o padre Gian Battista Primoli, assim como se considerou a saída jesuítica como o fim da história das missões. Não haveria, assim, uma história indígena nas missões, mas, apenas, a história da Igreja sobrepujando as culturas nativas.

Esta não é apenas uma condição do museu e do sítio das missões. Em verdade, retrata uma condição básica dos povos indígenas em distintas instituições onde ainda se está "longe de harmonizar o Brasil Indígena com o Brasil Colonizado". Basicamente, um conjunto de medidas conservadoras ou desprovidas de crítica adequada ainda persistem. Contudo, recentes transformações são percebidas a partir da aplicação de políticas públicas responsáveis pela alteração da prática da pesquisa e ampliação da atuação dos espaços destinados à memória nacional."

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300580851_ARQUIVO_ANPUH2011ENVIADO.pdf

19/12/2012 às 17:47#600



Rafaela Lima

Membro

Olá, Mara e Ozias!

Sou Rafaela Gueiros, "moderadora" dos debates dentro do fórum Profissionais de Educação Museal. Primeiramente agradeço a participação de vocês e as contribuições trazidas ao fórum.

Em segundo lugar, gostaria de colocar algumas questões em relação ao profissional propriamente dito de Educação Museal:

Qual formação queremos?

Qual o perfil profissional desses trabalhadores?

Qual o âmbito de atuação dele?

Em relação às discussões já levantadas, gostaria de falar dos profissionais de arte/educação. Sou dessa área e direcionei minha atuação, desde a faculdade, para a educação em museus. Pelo que vivi até hoje, os museus com os quais me relacionei eram muito mais abertos aos *arte/educadores* e *historiadores*. **Mas será que são somente esses profissionais os mais "adequados" à Educação Museal?**

E sobre o outro assunto levantado, visibilidade e comunicação da cultura indígena nos museus, acho profícuo o apontamento dessas questões no âmbito do blog do PNEM, mas, como o Diego colocou, tem um fórum específico sobre Museus e Comunidades, onde o debate pode tomar mais fôlego e ficar ainda mais contundente no sentido de produzir propostas para a elaboração final do PNEM. Portanto, **Ozias** e **Mara**, sintam-se convidados a colaborarem com o fórum coordenado por Diego, mas também "intimados" (rs) a continuarem debatendo as questões relativas aos profissionais da Educação Museal. Vamos nos debruçar sobre essas perguntas e tentar pensar nas possibilidades de ampliação da atuação e do perfil dos profissionais dessa área. O que vocês acham e como vocês se colocam em relação às perguntas que fiz?

Abraços e boas conversas para nós!

19/12/2012 às 18:46#601



Alcione Resin Ristau

Membro

Olá. Tenho acompanhado as discussões desde a abertura da plataforma. Gostaria de contribuir com as discussões. Quando reflito sobre a proposta do tópico "Promover a abrangência de Profissionais" e levando em conta uma série de questões que envolvem a educação não-formal (que é caso de nossa atuação nos museus), dos diferentes públicos e especificidades de área de cada instituição museológica, considero de extrema relevância a formação de equipes multidisciplinares nos setores educativos, com profissionais de diferentes áreas: História, Artes, Letras, Pedagogia, Biologia.

21/12/2012 às 18:12#616



Rafaela Lima

Membro

Olá, **Alcione!** Bem vinda ao debate!

Concordo plenamente com você. As equipes que lidam com a Educação em Museus **podem e devem** ser multidisciplinares. Aliás, prefiro usar a palavra interdisciplinaridade porque ela pressupõe não apenas o diálogo entre as disciplinas/áreas de conhecimento, mas também a interação e o enriquecimento mútuos. Depois da leitura de um texto ([Quatro proposições sobre memória social](#) – Jô Gondar) passei a fazer distinção entre os termos **MULTI, INTER e TRANSdisciplinaridade**.

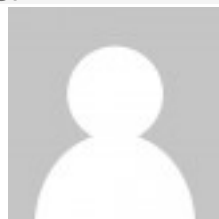
Como dissemos anteriormente, eu e alguns dos colegas que já postaram, o trabalho do educador em museus é caracterizado pela abrangência de conhecimentos e abertura que ele deve ter para perceber e usar os saber diversos e diferentes que aparecem, seja por meio do público ou pela própria exposição/atividade desenvolvida pelo espaço em que ele trabalha. Essa **pré-disposição em relação ao "desconhecido"** é o pressuposto do aprendizado e do diálogo constante com o diferente, com o novo, com o que sua formação não contemplou... mas que não deixa de ser **imprescindível à sua atuação**.

Espero ter instigado ainda mais as discussões e convido você a refletir sobre as questões que coloquei no post anterior para que continuemos conversando a respeito do assunto deste tópico que é **a abrangência de profissionais para atuação na área educacional dos museus e instituições culturais**.

Aliás, espero não apenas a **Alcione**, mas **todos vocês**, combinado?

Enquanto isso, assim como falei em outro tópico, também desejo a vocês **BOAS FESTAS!** Que tanto o Natal quanto o ano que chega nos tragam forças renovadas para prosseguirmos buscando a melhoria pessoal, profissional, financeira, afetiva e todas as outras melhorias, porque, como a própria palavra diz, nos farão melhores do que somos hoje. Forte abraço!!

04/01/2013 às 16:52#637



Alcione Resin Ristau

Membro

Boa tarde e um Feliz 2013.

Rafaela, agradeço seu comentário, muito pertinente. Encontrei um dado que me chamou muito a atenção em 2012. Ao ler a publicação do IBRAM "Museus em Números", me deparei no item que trata dos Recursos Humanos, da quantidade de profissionais com formação em Pedagogia trabalhando nos museus brasileiros. Trabalho como educadora de museus, no Museu de Arte de Joinville – SC e em 2012, recebemos 4 acadêmicas de Pedagogia para realizar estágio de educação não-formal. E elas ficaram encantadas, primeiro porque não sabiam do potencial das ações educativas realizadas pelos museus, foi uma

ótima experiência. As questões norteadoras para a questão da abrangência de profissionais para atuar na educação dos museus são realmente complexas.

09/01/2013 às 18:02#694



Rafaela Lima

Membro

Oi, Alcione!

Espero que o seu final do ano e dos outros participantes deste tópico tenha sido empolgante e instigador, nos provocando a ousarmos mais em 2013 e, assim, realizarmos ainda mais coisas!

Quanto ao nosso debate, muito obrigada pelo seu depoimento, foi exatamente isso o que quis levantar: **quais os profissionais “adequados” para a Educação Museal?** Serão só os arte/educadores ou os historiadores ou os pedagogos? Para respondermos isso, devemos pensar na formação, no perfil e no âmbito de atuação desse profissional.

Pessoalmente, acredito que para eu ter me tornado uma educadora museal, eu precisei entender o que é educação e o que é museu. Depois foi preciso entender a relação existente entre esses dois conceitos. E vejam que até agora eu só falei em conceitos e não em contextos (lugares/espços). Uma vez que eu tenha isso entendido e internalizado enquanto profissional, posso direcionar minha atuação para o espaço em que quero trabalhar ou que eu já esteja trabalhando. Digo isso porque os museus têm várias tipologias, acervos, público alvo... Eles se diferenciam entre si por meio dessas características, assim como seus profissionais também devem se diferenciar tendo isso em vista. Este é o “contexto” ao qual me referi e é ele que deve ser usado para aplicação da relação museu-educação/educação-museu.

Pensando nisso tudo e nas possibilidades de ampliação da atuação e do perfil dos profissionais dessa área, **quais os profissionais já existentes no mercado de trabalho vocês acreditam que estejam preparados para serem educadores museais?**

Para responder a essa pergunta, tentem partir das perguntas e comentários já feitos aqui neste tópico e naquilo que falei no parágrafo anterior: a base da Educação Museal são os conceitos de educação e de museu e a relação entre eles praticada dentro de um determinado contexto (espaço/lugar).

Aguardo as postagens com as reflexões de vocês!

Convidem os amigos e colegas profissionais da área para o debate. Quanto mais opiniões e pontos de vista melhor!

Abraços!

• Autor

Posts

• 15/01/2013 às 11:45#718



Rafaela Lima

Membro

Bom dia, pessoal!

Até agora, extraí algumas proposições do nosso tópico "Promoção da abrangência do campo profissional da Educação Museal" para composição do Programa Nacional de Educação Museal (PNEM) que seguem abaixo.

Peço que vocês não só avaliem o que listei, mas também pensem em outros aspectos e proposições ainda não mencionados, mas que têm relação com esse tópico.

Abraços!

Incentivar as universidades que disponham de cursos de Licenciatura, Museologia e Artes (Teatro, Música, Dança, Visuais) a apresentarem os museus como área de trabalho e espaço pedagógico – museu sob uma perspectiva educativa e educadora.

LEGITIMAÇÃO DO CAMPO NO ÂMBITO DAS UNIVERSIDADES: abertura de um campo específico de pesquisa; articulação com a extensão universitária e com a docência; comunicação científica na área; criação de pós-graduação em Educação Museal; museus e demais instituições culturais como possibilidade de espaços para cumprimento de estágio obrigatório (estágio supervisionado) – articulação institucional UNIVERSIDADES X INSTITUIÇÕES CULTURAIS.

Regulamentação da profissão dos educadores em museus, discutindo o campo de formação e atribuições dentro das instituições.

Conhecer o perfil dos educadores em museus e, a partir disso, propor uma formação específica que a atuação em Educação em Museus requer.

Instituir capacitações com encontros e troca de experiências entre as instituições para enriquecimento das práticas de Educação Museal (articulação com as REMs), promovendo a formação de equipes multi e interdisciplinares.

26/02/2013 às 19:46#1013



Rafaela Lima

Membro

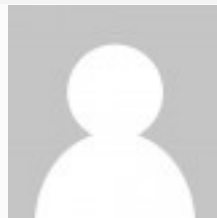
Olá, a todos!

Aproveito minha "passagem" por aqui para lembrar-lhes que nessa reta final do blog (ele "fechará" para postagens dia 26 de março), **devemos pensar em ações concretas para efetivação das propostas que fizemos até aqui.**

Aproveito, então, para pedir que vocês **pontuem aquilo que deve ser destacado nesse tópico como proposta/ação efetiva, para além das que já postamos (clique [aqui](#) e veja a postagem com as propostas já sistematizadas).**

Aguardo as participações de vocês! Ainda dá tempo de outros participarem: debatam o assunto nos seus locais de trabalho, com colegas, com alunos inclusive (por que não, né? 😊).

22/03/2013 às 16:49#1108



bpmonteiro

Membro

Não esqueçam que ainda não existe no Brasil, formação acadêmica ou técnica específica para os profissionais que atuam nos Museus, na parte de interação com o público. Atualmente, este papel vem sendo desempenhado por monitores, ou seja, estagiários/ universitários. Nós precisamos sinalizar nas discussões que estamos fazendo esta necessidade urgente. Precisamos formar profissionais capacitados para esta função.

k) Financiamento para o educativo do museu

-

- **Autor**

Posts

- 20/11/2012 às 11:38#258



Pnem

Membro

Garantir no orçamento da instituição um percentual necessário à estrutura e ao funcionamento do setor/área/coordenação/departamento educacional;

13/12/2012 às 18:46#568



[girlene.bulhoes](#)

Membro

Tá vendo? A garantia de (ou ao menos a busca de) sustentabilidade também garante a destinação de recursos necessários à estruturação e ao funcionamento do educativo!

14/12/2012 às 14:41#569



[Fernanda Castro](#)

Membro

Girlene, não consigo entender como a questão da sustentabilidade pode garantir a destinação de recursos para a área. Seria através de uma "economia" no uso de recursos? Você poderia explicar?

14/12/2012 às 15:27#571



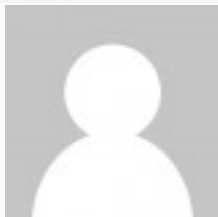
[girlene.bulhoes](#)

Membro

Boa tarde, Fernanda

Me refiro à sustentabilidade econômica que, ao existir, garante a estruturação e o funcionamento de todos os setores do museu, inclusive o Educativo, conforme os planejamentos existentes nos planos museológicos. Se o museu é economicamente sustentável ele possui meios de "sustentar" as suas ações educativas.

14/12/2012 às 16:56#575



[Ozias Soares](#)

Membro

Bem, galera, se essa "sustentabilidade" está atrelada a autonomia financeira (na proposição de orçamentos e em sua execução) nas instituições, será que não estamos distantes dessa idéia? Refiro-me, por exemplo, aos cortes que temos

nas propostas que encaminhamos anualmente: qual o percentual de corte que existe em nossas propostas (nossos PA's)? Que critérios são utilizados? São as ações educativas as mais prejudicadas? Como é que os "educativos" dos muitos museus se "sustentam" ou sustentam as suas ações? Podíamos fazer aqui uma pequena lista do que fazemos para dar conta de nossas atividades, né?

14/12/2012 às 17:36#582



girlene.bulhoes

Membro

Siiimmmmm!!!! Creio que a busca DESTA sustentabilidade que se atrela à "autonomia financeira (na proposição de orçamentos e em sua execução)", e não "daquela" sobre a qual conversamos anteriormente, atrelada ao Capital, é imperativa, ainda que possivelmente utópica, para que consigamos reverter esta atual e desagradável situação, onde é bastante comum que sequer as informações mais básicas, como os critérios de corte em propostas apresentadas, sejam explicitados, como citado por você, Ozias. Quero crer que a construção deste PNEM seja um passo (mesmo que distante) para o alcance deste ideal, para que enfim consigamos sustentar as nossas ações educativas, sem que tenhamos que recorrer às, também citadas por Ozias, listas "do que temos que fazer para dar conta" delas.

17/12/2012 às 17:44#592



Fernanda Castro

Membro

É, Girlene, mais uma vez eu fiz um questionamento, pois acho que a terminologia que usamos é muito importante e pode traduzir o caráter das políticas que traçamos.

A ideia de sustentabilidade econômica, por exemplo, até onde eu a conheço, está ligada a uma "autonomia financeira" que tem-se demonstrado prejudicial às instituições públicas nos últimos anos, pois incentiva o desmonte do patrimônio e serviço público, forçando instituições a complementarem seus orçamentos com a participação em editais, busca de captação de recursos através das leis de incentivo fiscal, essas coisas, que na minha opinião são sinônimo de desmonte do serviço público e transformação de direitos em mercadorias.

O que acho que este programa deva garantir para as instituições públicas (já que as privadas já têm que correr atrás da sua "sustentabilidade" a princípio) é um percentual de alocação de verbas nos PAs para os setores educativos.

Na minha opinião, é o Estado que deve garantir o funcionamento das ações educativas nos museus. Os museus não devem ser reféns do mercado ao planejarem financeiramente suas ações. O que estamos discutindo aqui são políticas públicas e o perfil que queremos que elas tenham.

Seria o caso de inserir as demandas dos setores educativos nas demandas maiores dos museus e da cultura como um todo por mais verbas para o orçamento do MinC, que permita, inclusive, o aumento do número de instituições culturais públicas de forma permanente e não como estamos vendo acontecer com projetos descontinuados e fragmentados, marcas maiores das políticas públicas na atualidade.

17/12/2012 às 20:06#595



[girlene.bulhoes](#)

Membro

Pois é, Fernanda, mais uma vez concordo com as suas colocações por ver nelas traduzido o entendimento que eu mesma tenho a respeito dos lugares de pertencimento e do papel social dos museus.

Já tive oportunidade de explicitar aqui a diferenciação que aprendi a fazer em um curso de especialização em educação ambiental que fiz a uns anos atrás, entre DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL e SUSTENTABILIDADE e, quando me refiro à SUSTENTABILIDADE me refiro diretamente ao empoderamento das instituições, comunidades e sociedades.

Tendo em mente este entendimento, como você mesma ressaltou, estamos discutindo políticas públicas que devem contemplar as diversas naturezas institucionais de museus e, neste sentido, entendo que o termo sustentabilidade está atrelado à autonomia financeira e de gestão que todas as instituições deveriam ter, sejam elas públicas ou privadas, até mesmo para que as atividades educativas elaboradas pelas suas equipes possam ser realizadas.

Acredito que a sustentabilidade econômica das instituições museais públicas deve advir da alocação de recursos dos governos aos quais elas estejam vinculadas, pois se a instituição pertence ao Governo, o Governo deve sustentá-la. Simples assim.

Acredito também que para atingirmos um melhor nível de "sustentabilidade econômica", tanto nas instituições públicas quanto nas privadas, necessitamos de ajustes na legislação que nos permitam, por exemplo, explorar comercialmente, de forma direta, produtos dos museus e usufruir pelo menos um percentual da arrecadação das instituições públicas, sem que esta tenha que ser integralmente devolvida aos cofres da União, como ocorre hoje.

Tenho algumas respostas e muitas perguntas e você me trouxe mais duas:

1- Quando você diz que o Estado deve garantir o funcionamento das ações educativas dos museus, como se daria esta garantia no caso dos museus privados, para além dos já existentes, ainda que insuficientes, editais?

2- Será que deveríamos encontrar outra terminologia para este GT de Sustentabilidade, uma vez que este controverso termo, além da dimensão "ambiental", abarca outras dimensões, inclusive a "econômica", que não devem ser desprezadas uma vez que uma está imbricada na outra (como garantir a sustentabilidade ambiental sem que haja uma sustentabilidade financeira?)?

E, por fim, gostaria de salientar que sinto-me reconfortada em saber que nos Museus Ibram as demandas dos setores educativos estão sempre incluídas nas "demandas maiores" como dito por você, ainda que nem todas as nossas demandas sejam atendidas.

Abraço,

19/12/2012 às 20:07#604



Rafaela Lima

Membro

Oi, pessoal!

Sou Rafaela Gueiros, "moderadora" dos debates dentro do fórum Profissionais de Educação Museal e fico feliz em ver que este tópico levantou um bom e fértil debate a respeito do tema do tópico "Financiamento para o educativo do museu".

Tenho em minha bagagem profissional a criação de um setor educativo em um museu municipal lá em Recife. Primeiro, acho que vocês devem ter uma ideia da história desse museu até o que ele é atualmente. O museu fica em um bairro nobre de Recife (Casa Forte) e estava literalmente abandonado. O diretor, a despeito das reais funções do museu, utilizava o espaço para TODO aquele que quisesse entrar, expor, fazer feirinha, enfim, para tudo! As obras estavam em um precário estado de conservação (salvas por uma equipe que até hoje se empenha para a manutenção do acervo), os espaços expositivos bagunçados e sem proposta alguma... o museu estava aos cacos! Quando da mudança da diretoria, chegaram também novas propostas para a renovação do museu. Essa renovação começou com a criação de atividades "diferentes", ações que trouxeram as pessoas para dentro do museu, como cursos, "performances gastronômicas", edital de curadoria. Algumas salas passaram a abrigar exposições de curta duração e a exposição de longa duração foi reformulada. A princípio, o educativo não existia e as exposições precisavam (na minha opinião e do grupo com o qual trabalhei no início) ser melhor comunicadas... eu e um

grupo acreditávamos que propostas educativas, propostas de mediação cultural responderiam a essa necessidade. Foi construída toda uma proposta de estruturação do Setor Educativo e passamos a construir também propostas de mediação para as exposições que entravam e estavam em cartaz. Esse mesmo grupo (todo trabalhando voluntariamente), a partir das experiências de cada um, montou uma metodologia para nossa atuação, desde a montagem da exposição até à recepção do público e o "pós-visita", com vistas à fidelização desse público. Hoje o museu é bastante visitado (antes dessas mudanças, eram uns 30 visitantes, quando muito, por mês), com várias atividades que lhe dão dinamicidade e fidelizam o público, com Setor Educativo estabelecido com equipe pedagógica (coordenação e estagiários)... isso significa que hoje há uma destinação do orçamento do museu para o pagamento desse pessoal e das atividades desenvolvidas por eles.

Com tudo isso quero lançar uma opinião e pedir que vocês também o PiNEM (rs): toda essa mudança, estruturação e consolidação (inclusive financeira) do museu e do setor educativo só aconteceu por houve planejamento e convencimento das "autoridades" (vamos chamar assim) com os resultados apresentados. Esses resultados só serão obtidos se tivermos muito claras nossas atribuições como educadores em museus e, a partir delas, traçarmos nosso planejamento muito detalhadamente, com o compromisso sério de cumpri-lo. Em outro tópico deste mesmo fórum (*Promover a abrangência de profissionais*) fiz essa pergunta: quais as nossas atribuições como educadores em museus? às vezes me parece que isso ainda está vago para o próprio campo... então para os que destinam as verbas e para as "autoridades" que mencionei, como se certificar de que aquela verba será realmente usada e "bem" usada. Acho que isso se resolve se mostrarmos para essas pessoas como queremos usar (planejamento) e nos reportarmos novamente a ele ao final de cada ano mostrando o que foi realizado com esse dinheiro, o que falta usar e como será usado, e os resultados já obtidos. É um trabalho de convencimento. É o que fazemos quando nos inscrevemos em editais. Acho que devemos nos colocar no lugar de quem financia, de quem paga. Proponho que cada um se imagine como um gestor público que deve decidir se dá ou não dinheiro para uma e outra instituição, sendo elas com os seguintes perfis:

Instituição 1: fez um planejamento/projeto no qual prevê as ações a serem realizadas justificando todas elas, apontando as formas como elas serão avaliadas e os resultados esperados, indicando inclusive que ao final do planejamento/projeto será apresentado relatório final.

Instituição 2: não fez um planejamento/projeto, mas acredita ser importante ter uma equipe educativa para recepção/acolhimento do público, mas esta ainda não tem âmbito de atuação definido, nem projeto estabelecido.

Claro que coloquei alguns problemas e aspectos que deixam claros alguns problemas, mas hoje em dia temos esse tipo de situação. Sabemos que é obrigação do Estado financiar a cultura e não sucateá-la a ponto das instituições serem obrigadas a buscarem financiamento em outros lugares (como em editais); sabemos que os setores educativos são muitas vezes os responsáveis pela dinamização dos espaços culturais e só não fazem mais por falta de dinheiro. Mas também acredito que muito lugares se sustentam apenas no discurso da obrigatoriedade do Estado e não fazem sua parte – organização,

planejamento e visão de futuro... acho que essa "parte" que cabe às instituições é justamente a sustentabilidade citada por **Girlene**, corroborada por **Fernanda** e virse-versa.

Ozias, o que você falou também é muito pertinente, pois no período inicial de estruturação do educativo desse museu em que trabalhei, além de trabalharmos voluntariamente (sem recebermos nada), ainda dávamos as maiores voltas para desenvolvermos atividades em que não precisássemos desembolsar... saíram várias ideias mirabolantes e fantásticas, mas esse não era e nem é o caminho, era e é (porque em muitos lugares essa situação ainda é atual) o "desvio", posso chamar assim.

Mas aí vem a pergunta: **Devemos continuar nos "desvios", dando um jeito ou buscar os caminhos pelos quais seremos levados a sério e por onde receberemos o devido financiamento? E quais seriam esses caminhos?**

Começo respondendo enfatizando que minha resposta é o planejamento. Com planejamento bem feito podemos fazer/consquistar muita coisa (além de respeito).

Girlene, se você quiser levar a questão da sustentabilidade financeira **também** para o fórum de "Sustentabilidade", acho pertinente... não deixando de discutir isso aqui também, pois a relação dos assuntos não apenas cabe, mas também é clara.

Aguardo as respostas de vocês com ansiedade! 😊 Boas conversar para nós!

Abraços para vocês!

19/12/2012 às 20:07#605



Rafaela Lima

Membro

*conversas

19/12/2012 às 22:16#607



girlene.bulhoes

Membro

Rafaela, parabéns pelo seu trabalho!

Sim, é a esta sustentabilidade a que me refiro e que (acredito) requer o planejamento e a prestação de contas do que foi feito com as verbas conseguidas, sejam elas vindas do financiamento público, da venda de produtos ou outras formas possíveis.

Assim como você, Rafaela, acredito que o passo primordial para sermos "sustentáveis" é o planejamento estratégico onde estejam explicitados "os caminhos pelos quais seremos levados a sério e por onde receberemos o devido financiamento".

Além do planejamento, que forçosamente inclui o diagnóstico da situação vivida, considero que a criatividade é fundamental para obtenção de financiamentos que nos façam sustentáveis. Criatividade para encontrar saídas que nos levem para longe dos "desvios", dos "jeitinhos", a partir da realidade de cada instituição, pois cada instituição tem as suas particularidades e contextos que conduzem à diversos caminhos de sustentação.

A partir do seu exemplo mesmo, penso que a cessão onerosa de espaços dos museus para realização de feiras, exposições e outras atividades culturais, **que tenham relação com a missão institucional do museu e critérios éticos claramente definidos**, pode ser um caminho.

Outros dois caminhos que enxergo e que hoje nos são "negados" são a exploração direta das lojinhas e o usufruto da arrecadação das bilheterias dos museus. Para os museus governamentais vejo ainda o retorno dos cartões corporativos como um item importante nesta busca.

Agradeço a sua generosidade, Rafaela, e levarei sim este tópico de discussão para o relatório do GT de Sustentabilidade.

Abraço.

21/12/2012 às 17:05#613



Rafaela Lima

Membro

Muito obrigada pela sua contribuição até agora nas nossas discussões, **Girlene**. Espero continuar contando com elas. 😊

Quanto aos outros, **espero por mais respostas para continuarmos o debate**. Quanto mais opiniões, **melhor!** E se forem diferentes, melhor ainda porque assim teremos distintas perspectivas do mesmo assunto.

Aguardo vocês... enquanto isso: boas festas para cada um de vocês. Que tanto o Natal quanto o ano que chega nos tragam forças renovadas para prosseguirmos buscando a melhoria pessoal, profissional, financeira, afetiva e todas as outras

melhorias, porque como a própria palavra diz, nos farão melhores do que somos hoje. Forte abraço!!

09/01/2013 às 20:13#698



Rafaela Lima

Membro

Oi, pessoal!

Espero que o final do ano dos participantes deste tópico tenha sido empolgante e instigador, nos provocando a ousarmos mais em 2013 e, assim, realizarmos ainda mais coisas!

Para iniciar 2013, gostaria de relançar as perguntas feitas até agora. Elas estão todas em negrito e fáceis de visualizar. Para saber de onde ou por que elas surgiram, é só dar uma lida despretenciosa nos posts que fiz, pois eles de certa forma resumem os comentários colocados até agora. Então, vamos a elas?

Quais os caminhos pelos quais seremos levados a sério e como faremos para receber o devido financiamento?

Começo dizendo que minha resposta é o *planejamento*. Com planejamento bem feito podemos fazer/conquistar muita coisa (além de respeito).

Acredito que toda mudança, estruturação e consolidação (inclusive financeira) de qualquer setor dentro de um museu e dos próprios museus só acontecem quando há um planejamento bem estruturado que convença e que traga confiança dos financiadores, confiança de que o setor/museu irá aplicar bem os recursos e apresentará resultados que redundem em outras boas e profícuas iniciativas. Esses resultados só serão obtidos se tivermos muito claras nossas atribuições como educadores em museus e, a partir delas, traçarmos nosso planejamento muito detalhadamente, com o compromisso sério de cumpri-lo (também não adiantaria planejar e dizer que "não deu certo", vá até o fim, cumpra aquilo com o que você se comprometeu). Só assim os financiadores e gestores poderão se certificar de que aquela verba será realmente usada e "bem" usada. Se mostrarmos para essas pessoas como queremos usar o dinheiro (planejamento) e nos reportarmos novamente a elas ao final de cada ano mostrando o que foi realizado, o que falta usar e como será usado, bem como evidenciar os resultados já obtidos, estaremos fazendo um sólido trabalho de convencimento. É o que fazemos quando nos inscrevemos em editais.

Lanço assim não uma pergunta, mas um pedido: **gostaria que vocês listassem em forma de tópicos quais as atitudes ou caminhos que garantem financiamento/orçamento para seu setor educativo**. Caso você não pertença a um setor educativo, se imagine fazendo parte de um ou sendo um financiador... o que você entende como atitude ou caminho que garanta financiamento para o seu setor ou lhe convença a financiar algum setor educativo?

Convido você a responderem a essas perguntas e os incentivo a chamarem outros amigos e colegas profissionais da área para participarem do debate. Quanto mais opiniões e pontos de vista melhor!

Inté!

15/01/2013 às 11:34#717



Rafaela Lima

Membro

Bom dia, pessoal!

Até agora, extraí algumas proposições do nosso tópico "Financiamentamento do Educador de Museus" para composição do Programa Nacional de Educação Museal (PNEM) que seguem abaixo.

Peço que vocês não só avaliem o que listei, mas também pensem em outros aspectos e proposições ainda não mencionados, mas que têm relação com esse tópico.

Abraços!

Garantir a sustentabilidade econômica da instituição (AUTONOMIA FINANCEIRA) por meio da estruturação do planejamento estratégico orientado pelo Plano Museológico para consequente garantia da destinação de recursos necessários à estruturação e ao funcionamento do educativo.

Participação de coordenador dessa área nas reuniões de planejamento estratégico da instituição para inserção das demandas dos setores educativos nas demandas maiores dos museus – setor educativo deve ter voz e vez nas questões concernentes a esse planejamento.

Permissão para desenvolvimento e exploração comercial de produtos nos museus (inclusive públicos) e usufruto da renda por eles gerada.

Instituir pesquisa diagnóstica para levantamento da demanda orçamentária mínima para sustentação e efetivação das ações e atribuições do setor educativo.

Estabelecimento de um planejamento estratégico para o setor, construído com os educadores e gestores da instituição.

Criação de cargos no quadro fixo das instituições para o setor educativo (permanência e vinculação do educador como funcionário da instituição) – inclusão no organograma.

Elaboração de projetos por parte do setor educativo de maneira a legitimar esse setor dentro da instituição.

Investimento institucional na formação desses profissionais (custeio de cursos de extensão, participação em eventos científicos, criação de grupos de estudo de assuntos circunscritos ao âmbito de atuação e às experiências do setor dentro das instituições).

15/01/2013 às 13:27#719



[girlene.bulhoes](#)

Membro

Bom dia, Rafaela

Além desses tópicos, incluiria a criação de editais de financiamento exclusivos para o setor educativo dos museus.

abraço,

Girlene

• Autor

Posts

• 17/01/2013 às 21:00#739



[Rafaela Lima](#)

Membro

Obrigada, Girlene, pela sua sugestão! Já vou incluir no arquivo.

Abraço!

18/01/2013 às 17:22#741



[Fernanda Castro](#)

Membro

Olá!

Parabenizo todos pela rica discussão.

Meu intuito em escrever, agora que as propostas já estão sistematizadas, e muito bem, pela Rafaela, é me ater às sutilezas.

Primeiro é imprescindível separarmos a discussão sobre as instituições públicas das privadas, uma vez que as fontes de financiamento são muito diversas.

Em segundo lugar, gostaria de ressaltar que tudo que pensamos para as instituições públicas deve sempre visar à autonomia. E por autonomia, não penso apenas em que possamos gastar o fruto de aluguéis de espaço, venda de souvenirs, etc, conforme bem quisermos, mas que os museus não tenham que sobreviver disso. Que tudo que diz respeito à garantia do seu funcionamento venha de fontes públicas. Que essa verba sustentavelmente adquirida seja para o que pudermos fazer a mais. Senão, viramos reféns do mercado, se conseguirmos vender, se conseguirmos alugar, se conseguirmos patrocínio, fazemos as ações e, neste caso, o acesso à cultura deixa de ser um direito e passa a ser mais um serviço/ mercadoria.

18/01/2013 às 17:28#742



Fernanda Castro

Membro

Te respondendo, Girlene, e a todos, depois de muito tempo, sobre os seus questionamentos a seguir, aí vai:

"1- Quando você diz que o Estado deve garantir o funcionamento das ações educativas dos museus, como se daria esta garantia no caso dos museus privados, para além dos já existentes, ainda que insuficientes, editais?"

Acredito que a cultura é um direito. Portanto o Estado deve garantir o acesso de todos a todas as formas de cultura. Isso significa que devem ser criado cada vez mais instituições públicas. Tenho um enorme pesar que exista a possibilidade de grandes instituições culturais, cheias de dinheiro, possam participar de editais e concorrer a gastar dinheiro público enquanto os nossos museus estão, muitas vezes, tombando.

Aquelas instituições culturais que não conseguem se sustentar, acho que deveriam ser então estatizadas. E que funcionem com planejamento e administração participativa, para não perderem o caráter popular ou identitário que porventura tenham.

2- Será que deveríamos encontrar outra terminologia para este GT de Sustentabilidade, uma vez que este controverso termo, além da dimensão "ambiental", abarca outras dimensões, inclusive a "econômica", que não devem ser desprezadas uma vez que uma está imbricada na outra (como garantir a sustentabilidade ambiental sem que haja uma sustentabilidade financeira?)?

Não acho que devamos mudar a terminologia, mas também devemos deixar bastante preciso o que queremos dela. Sustentabilidade financeira? Tudo bem, contanto que isso não seja confundido com um "virem-se para captar recursos", que me parece é o que, de fato, acontece.

29/01/2013 às 19:18#810



Rafaela Lima

Membro

Oi, Fernanda! Que bom ter suas pontuações no nosso debate mais uma vez.

Em relação ao que você colocou no penúltimo post, gostaria de enfatizar que nossas propostas são direcionadas mais especificamente para o setor público de cultura mesmo. Nossa ideia é que isso reverbere nas instituições particulares, isso se nos entendermos (pensando esse "nós" como o PNEM) como parâmetro para o **todo** das instituições que ofereçam serviços educativos. Mas nosso foco são as instituições públicas mesmo.

Em relação ao segundo ponto desse mesmo post, gostaria de deixar claro que mais uma vez concordamos. Essas verbas "extras" (lojinhas, aluguel de espaços, etc) seriam direcionadas para os **extras**. Uma instituição pública, por princípio, deve ser mantida e gerida com verba pública. Seria contraditório querermos algo diferente. Mas, concordando com Girlene, esses extras no orçamento são um impulso a mais para desenvolvimento de algumas iniciativas. E por isso mesmo devemos ter cuidado para que o Estado, enquanto financiador das instituições públicas, não se sinta liberado de sua obrigação enquanto financiador. Nesse sentido, faço minhas as suas palavras: *que tudo que diz respeito a garantia do seu funcionamento venha de fontes públicas*.

Obrigada por mais essa ótima contribuição para nosso debate... vamos construindo esse documento juntos! Só assim será possível alcançarmos um denominador comum para o campo da educação em museus.

Abraço!

26/02/2013 às 19:44#1012



Rafaela Lima

Membro

Olá, a todos!

Aproveito minha “passagem” por aqui para lembrar-lhes que nessa reta final do blog (ele “fechará” para postagens dia 26 de março), **devemos pensar em ações concretas para efetivação das propostas que fizemos até aqui.**

Aproveito, então, para pedir que vocês **pontuem aquilo que deve ser destacado nesse tópico como proposta/ação efetiva, para além das que já postamos (clique [aqui](#) e veja a postagem com as propostas já sistematizadas).**

Aguardo as participações de vocês! Ainda dá tempo de outros participarem: debatam o assunto nos seus locais de trabalho, com colegas, com alunos inclusive (por que não, né?).

Fórum 8: Redes e Parcerias - 8 tópicos / 50 respostas

Coordenadora do GT: Fernanda de Castro

a) Parcerias externas

• Autor

Posts

• 20/11/2012 às 11:45#264



Pnem

Membro

Estabelecer parcerias entre as diversas esferas do poder público e a iniciativa privada, de modo a promover ações educacionais de valorização e sustentabilidade do patrimônio cultural musealizado;

27/11/2012 às 16:23#347



Jorge Ramos

Membro

Acredito que estas parcerias são fundamentais, sobretudo para o fortalecimento e fomento da área educativa em museus e instituições afins tanto públicas quanto privadas e mistas. As parcerias do poder público com organizações da sociedade civil é muito salutar nomeadamente em, ao menos, duas vias: um maior e bem mais fundamentado conhecimento das demandas sociais na área, por parte do poder público, e assim melhor focar e estruturar suas ações; e incentivo à própria organização social setorial com vistas ao contributo para a amenização e/ou resolução de suas problemáticas de forma mais autônoma. Assim, é fundamental que o Programa pontue/sugira os parâmetros e níveis destas parcerias

01/12/2012 às 11:14#434



Fernanda Castro

Membro

Olá, Jorge!

Seja bem vindo e obrigada por participar do debate.

Gostaria de apresentar algumas ideias e dados para seguirmos na discussão.

O que estamos fazendo aqui é pensar um **programa** para a educação em museus.

Podemos definir um programa como uma política que deve responder a situações imediatas e preparar o terreno para a resolução de situações a longo prazo.

Além disso, é imprescindível que combinemos nossas propostas a uma análise profunda da realidade. Façamos isto.

Vamos ver o que os documentos oficiais nos dizem sobre parcerias em museus?

Lá vai:

No ano de 2009, por exemplo, foram gastos no financiamento de ações museais cerca de 119 milhões de reais, dos quais 38% vindos do Estado e 62% provenientes da participação de empresas privadas através da Lei Rouanet, segundo os dados publicados no relatório da Política Nacional de Museus (2003-2010).

Isso nos indica que as parcerias existem, mas é preciso pensar que tipo de ações e las promovem.

É dever do Estado garantir a preservação, o acesso e promoção do patrimônio nacional. Porém vemos que é a iniciativa privada quem vem cumprindo o papel de fomentar isso.

Além disso, se contextualizarmos as políticas culturais (e por conseguinte em Museus) na situação das políticas econômicas gerais, poderemos ver que é uma tendência cada vez maior a diminuição do Estado e participação de empresas na execução de políticas públicas.

A sociedade civil é ampla, inclui tanto organizações autônomas populares como empresas (o que é também um debate teórico contemporâneo).

Dito isso, vem a questão: qual é a parceria que queremos nos museus brasileiros?

Qual é a sociedade civil que queremos definindo e executando as políticas públicas em museus?

A curto prazo, portanto na duração deste programa, o que é prioridade em termos de parcerias em museus?

Qual é o papel das redes de educadores organizadas neste processo?

01/12/2012 às 11:21#435



Fernanda Castro

Membro

Quando pensamos em parcerias, o próprio nos faz logo pensar em relações de troca, que muitas vezes subentendem uma relação comercial.

É desta forma que empresas vêm realizando parcerias com setores da cultura, em larga escala, o que pode levar-nos a pensar que as parcerias com empresas são, quase sempre, a única ou melhor forma de estabelecer parcerias.

Porém, a partir das discussões da Carta de Santiago, que incentivou a atuação de museus com comunidades (entre outras coisas é claro), cada vez mais vemos acontecendo ações em parcerias com instituições sem fins lucrativos (de vários tipos) e mesmo instituições públicas.

Sendo assim, vemos também que a parceria entre museus e escolas públicas tem realizado importantes contribuições para o campo da educação em Museus.

Sendo assim, como devemos pensar a parceria entre instituições públicas no campo?

25/01/2013 às 14:48#796



Fernanda Castro

Membro

Acredito que devemos dar prioridade para parcerias entre instituições públicas, visando não somente a economia de recursos como uma melhor integração entre diferentes áreas do serviço público voltada para formação dos profissionais e para a qualidade dos serviços oferecidos.

Além disso, acredito que a discussão da sustentabilidade deve ser encarada a partir de uma obrigação do Estado em garantir recursos mínimos para a realização das atividades educativas em museus, garantindo, inclusive, sua autonomia administrativa.

Desde modo ressalto que a sustentabilidade do patrimônio cultural musealizado aqui relatada deve dizer respeito ao respeito e preservação do meio ambiente, promovendo modos ecologicamente sustentáveis de uso de recursos, o que nos remete também a questões econômicas como economia no uso de recursos naturais e nos materiais de consumo necessários às práticas educativas.

Porém, em minha opinião, a sustentabilidade não pode ser encarada de modo que os museus, os seus setores educativos, tenham que correr atrás do próprio sustento, realizando ações somente mediante patrocínios, diretos ou indiretos, mediados ou não pela legislação vigente (leis de incentivo, que em minha opinião deveriam ser revistas e reelaboradas).

21/02/2013 às 1:19#962



REM BAHIA

Membro

A sociedade contemporânea tem como um dos seus principais sustentáculos as articulações em redes e/ou parcerias, sobretudo aquelas entre o Estado e a sociedade civil organizada. Estado e sociedade juntos para melhor gerir a dinâmica operacional de suas estruturas macros, sobretudo a partir das políticas públicas setorizadas e articuladas, para o “bem estar social” amplo e irrestrito. Logo, educação e cultura enquanto campos essenciais para um qualitativo desenvolvimento social, não poderiam ser preteridos.

É nesse contexto que se apresenta a importância das parcerias entre o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM/MINC) e alguns segmentos da sociedade civil organizada como as Redes de Educadores em Museus, sobretudo quando da construção de Programas e Políticas Públicas no âmbito da educação museal. Parcerias em momentos como este, e em muitos outros, são essenciais para que, por exemplo, o poder público tome ciência das demandas de cada setor e estas sejam atendidas em suas políticas e programas públicos. Além disso, futuras demandas poderão ser sinalizadas por atores que estão lidando cotidianamente com as questões do referido campo e que, por isso mesmo, poderão apontar caminhos para saná-las ou minimizá-las.

Assim, no sentido de contribuirmos com mais uma frente de trabalho para o fortalecimento do Campo Museal Nacional, especificamente no âmbito socioeducacional, gostaríamos de sugerir para o PNEM formas efetivas da parceria entre o IBRAM e as Redes de Educadores em Museus (REM's):

- Eixo norteador: Apoio efetivo às ações socioeducativas das REM's:
- 1. Incentivo e colaboração para: seminários, oficinas, publicações acadêmicas pertinentes à área;
- 2. Cessão de pessoal, inclusive arcando com os custos de passagens e hospedagens, para participarem de eventos socioeducativos de médio e grande porte;
- 3. Divulgação das Redes de forma virtual e impressa;
- 4. Incentivo ao surgimento de outras REM's em locais onde ainda não existam;

Como contrapartida a este aporte do IBRAM, as REM's contribuem para a divulgação das ações setoriais do Governo, tanto no campo da educação quanto no da cultura – e suas interfaces –, como também colaboram na promoção das articulações entre as esferas governamentais, no que tange à prática de Programas e Projetos educativos e culturais e suas interlocuções. Além disso,

essa parceria IBRAM/REM's (e com outras formas de organização sociocultural) contribui para o fomento da participação da iniciativa privada nos processos socioeducativos museais, haja vista que muitas empresas esperam ver esse respaldo governamental nestas ações para contribuírem efetivamente em seus desenvolvimentos.

Como se vê, é o trabalho em rede fomentando o seu próprio redimensionamento num círculo benéfico para a coletividade a partir do exercício da co-responsabilidade em que um setor não espera o outro, e sim faz sua parte.

Grato,

Rede de Educadores em Museus da Bahia

08/04/2013 às 1:38#1258



REM.SC

Membro

Prezados(as),

A Rede de Educadores em Museus de Santa Catarina (REM/SC), desde a sua criação em 2010, tem realizado ações em parceria com instituições museológicas, espaços culturais e profissionais da Educação e dos Museus. Nossa mais recente atividade – a mesa-redonda “Museu e Educação: diálogos para a construção do Programa Nacional de Educação Museal – PNEM” (11/03) – foi realizada em parceria com o Sistema Estadual de Museus de Santa Catarina (SEM-SC) e apoio de instituições de ensino na divulgação.

A REM/SC, nos encontros realizados desde o ano de 2010, tem refletido sobre a importância da aproximação e do diálogo entre os profissionais de museus e da educação, sendo que, durante o ano de 2012, realizou somente encontros de relatos de experiências de profissionais da educação formal e não formal e dos museus.

Esses encontros foram muito profícuos, pois tivemos a participação de professores falando sobre suas experiências com estudantes, de diferentes níveis de ensino, em visitas aos espaços museais, assim como professores universitários relatando experiências de disciplinas e/ou cursos ministrados

por eles/as que abordam questões teóricas e práticas sobre a educação em museus, assim como pesquisas neste campo específico e educadores de museus apresentando algumas ações educativas desenvolvidas nas instituições em que atuam. Assim, diante de tantas vozes nos encontros da REM/SC, percebemos a importância de os museus serem contemplados nos currículos dos cursos universitários, principalmente nos cursos de licenciatura, pois é o professor/a, na maioria das vezes, quem levará a criança, pela primeira vez, a este espaço cultural, podendo ainda futuramente atuar como educador em museu.

Destacamos, ainda, que esta nossa percepção a partir dos encontros da REM/SC também é apontada por colegas de diferentes regiões do país neste blog do PNEM. Diante do exposto, a REM/SC, ao navegar no blog, percebe que muitas de suas reflexões estão contempladas por meio de propostas dos coordenadores do PNEM e de profissionais da educação e dos museus participantes desta consulta pública, assim como das Redes de Educadores do Rio de Janeiro e da Bahia, no que se refere às questões que dizem respeito especificamente às REMs.

Assim, a título de contribuição, seguem propostas da equipe gestora da REM/SC para o eixo Redes e Parcerias:

-Incentivar, por meio da criação de editais, iniciativas de parcerias entre museus e instituições de ensino superior, principalmente com cursos de licenciatura, que tenham como objetivo a formação e/ou atualização de profissionais da educação formal e não formal sobre as especificidades da educação em museus e destes espaços como lugares de fruição, de diálogo, de troca de saberes sistematizados e não sistematizados e de apropriação e construção de conhecimento.

-Fomentar redes de educadores em museus, por meio de editais que contemplem a realização de palestras, cursos, intercâmbios e publicações em parceria com as instituições de ensino formal públicas e privadas – educação básica e superior –, assim como com instituições de educação não formal.

-Incentivar a constituição de fóruns entre as pastas – áreas da educação e da cultura – para a aproximação, o diálogo, o reconhecimento e a promoção de políticas públicas de ações e parcerias entre os órgãos e instituições nas três esferas dos poderes públicos, a fim de promover a democratização, o acesso e a inclusão sociocultural das instituições educacionais aos museus e ao patrimônio cultural.

Atenciosamente,

Equipe Gestora da REM/SC

<http://www.remesc.blogspot.com>

08/04/2013 às 12:13#1270



Fernanda Castro

Membro

Obrigada à REM SC!!!

b) Redes entre os profissionais do educativo

• Autor

Posts

- 20/11/2012 às 11:44#263



Pnem

Membro

Promover a criação de redes de informação e de interação entre os profissionais das áreas educativas dos museus e entre os museus e a sociedade, a fim de facilitar a pesquisa, o desenvolvimento profissional e democratização de acesso ao conhecimento produzido, a partir de variadas iniciativas, tais como a criação de blogs dos educadores, criação de boletins informativos, a promoção de encontros periódicos de educadores de museus, entre outras;

01/12/2012 às 11:26#436



Fernanda Castro

Membro

As redes de educadores em museus surgiram na última década por uma necessidade dos profissionais da área em debaterem, formularem e incentivarem ações educativas, a formação profissional e políticas públicas na área.

Uma das maiores dificuldades das redes tem sido criarem uma estrutura que permita a continuidade e consolidação de seu trabalho de forma autônoma e crítica.

É preciso pensar formas de garantir a consolidação das redes locais e de uma rede nacional de educadores da área, pensar em como elas podem sustentar-se de forma autônoma, se e como deve dar-se sua institucionalização e como isso contribuiria para sua manutenção.

Sugestões?

14/12/2012 às 17:29#581



Ozias Soares

Membro

Bem, como aqui é um fórum, vou colocando as idéias na medida em que me vem à cabeça... Por uma lado uma rede informal, organizada como um movimento social tem seu mérito por trabalhar, de certo modo, de forma autônoma, imparcial, isenta, com livre circulação de idéias (apesar de que as relações de poder, insisto, estejam presentes...). Por outro lado, conforme já discutimos na REM RJ, temos dificuldades de participação em editais e outras formas de fomento. Todas as redes, por exemplo, podiam elaborar seus regimentos e "estatutos". Isso não configuraria uma institucionalização propriamente, mas daria um caráter mais profissional para as nossas ações.

20/12/2012 às 14:41#608



Rosangela Oliveira

Membro

A maioria dos projetos já estão ligados as novas redes sociais como: facebook, twitter etc. Se não os próprios educadores já se relacionam dentro dessas redes trocando informações básicas sobre projetos educativos . Será que os Museus já estão preparados para entrar nessa rede e desenvolver projetos em parceria com diversas instituições educativas e para este tipo de atividade o educador de museu precisa estar apto e ter conhecimentos de informatica para poder fazer parte deste grupo ?

27/12/2012 às 13:18#627



Fernanda Castro

Membro

Olá, Rosangela!

Obrigada por sua participação.

Quando falamos de redes, nos remetemos às redes em que profissionais se organizam, como a REM (Rede de Educadores em Museus e Centros Culturais – <http://www.rem.org.br>).

É claro que a participação em redes sociais, no mundo virtual é muito importante e muitos museus/ profissionais já estão inseridos neste mundo.

A questão da capacitação dos profissionais para atuarem nestas redes virtuais é um assunto para o GT de Formação, capacitação e qualificação.

Aqui pretendemos discutir a formação e apoio à redes de profissionais. Discutir sua organização, como apoiar seus encontros, possibilitar suas publicações, como estabelecer parcerias entre estas redes e instituições museais para estes fins.

28/12/2012 às 0:23#630



Lucas Cuba Martins

Membro

Prezados,

Tentando me interar melhor do assunto (rsrs), além da REM temos alguma outra rede?

Att;

Lucas Cuba Martins

28/12/2012 às 13:28#631



Fernanda Castro

Membro

Olá, Lucas!

Há outras redes que envolvem outras discussões relacionadas aos museus, como a Redarte, a RAM (Rede de acessibilidade de museus), mas relacionada ao tema da educação, o que temos é a REM, que existe nacionalmente e localmente em alguns estados.

Você pode acessar sites, blogs e redes sociais das REMs, pelo facebook, ou através do site que indiquei acima.

No rio, nosso blog é <http://www.remrij.blogspot.com>

Também acabamos de criar um blog nacional para discutir algumas diretrizes a serem debatidas em um encontro nacional que pretendamos fazer durante o encontro presencial que vai definir o PNEM, ainda sem data definida.

Nele você pode encontrar algumas das discussões que estão sendo feitas pelas REMs nacionalmente e dar sua opinião!

acesse <http://www.rembr.blogspot.com>

Obrigada pela sua participação!

15/01/2013 às 16:38#720



lfmizukami

Membro

Fernanda,

Acho muito interessante esta iniciativa de se discutir redes e parcerias. A área de educação em museus sempre tem se mostrado bem articulada (vide os casos da REM e do CECA-Brasil). Sobre parcerias, fico me perguntando o quanto as redes de educadores de museus em diversos Estados tem se relacionado com os sistemas estaduais (ou mesmo municipais) de museus. Você que está no Rio de Janeiro, poderia dizer se a REM-RJ estabelece parcerias com o SEM-RJ?

Cordialmente,

Luiz

16/01/2013 às 0:36#721



Fernanda Castro

Membro

Olá, Luiz!

Uma das tarefas ainda colocadas para as REMs em todos os estados é a sua consolidação.

Em recente reunião nacional ocorrida no Fórum Nacional de Museus, algumas REMs estaduais narraram ações realizadas em parcerias com secretarias estaduais e municipais de educação e cultura.

Aqui no Rio, sempre que possível a rede atua junto com o Sistema Estadual. com os municípios já há uma maior dificuldade que credito ao recente processo de instalação dos sistemas e a inexistência dele na maioria dos municípios.

Já realizamos atividades de discussão e capacitação em parceria com o SIM-RJ e IBRAM, mas certamente não há uma relação mais institucionalizada dos sistemas com a REM.

Você de onde fala? Como acontece por aí?

02/04/2013 às 23:31#1186



REM RJ

Membro

Criar um portal que dê visibilidade às redes de educadores, divulgando seus eventos, ações e experiências, contendo espaço para um banco de dados referente à educação museal;

Viabilizar fomento por meio de editais de apoio à constituição e desenvolvimentos das REMs e suas ações (publicações, eventos, manutenção);

Promover Capacitação em parceria com as REMs já instituídas;

Estabelecer parcerias entre museus e REMs garantindo gratuidade de entrada em museus e centros culturais para os participantes das redes;

Propostas elaboradas em reuniões presenciais que contaram com a participação das seguintes instituições:

Centro Cultural Banco do Brasil – Centro Cultural da Justiça Federal – Centro Cultural de Folclores e Cultura Popular – Instituto Moreira Sales – Memorial Getúlio Vargas – Fundação Casa de Rui Barbosa – Museu Casa da Hera – Museu Casa do Pontal – Museu da Chácara do Céu – Museu da Marinha – Museu da República – Museu da Vida – Museu de Arqueologia de Itaipu – Museu do Ingá – Museu do Meio Ambiente – Museu Histórico Nacional – Museu Nacional – Oi Futuro/Museu das Telecomunicações – Núcleo Experimental do MAM – Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

05/04/2013 às 18:24#1226



RIMC

Membro

Prezados colegas

Entrei agora no fórum e gostaria de divulgar a RIMC:

A Rede Informal de Museus e Centros Culturais de Belo Horizonte e Região Metropolitana, designada por RIMC, é constituída por instituições que espontânea e voluntariamente se reúnem, representadas por profissionais dos seus setores educativos e outros setores, observando calendário definido conjuntamente.

A RIMC tem desenvolvido estratégias de caráter formador que contribuem para o desenvolvimento de práticas educativas das instituições que a compõem, bem como empreendido atividades de aperfeiçoamento de seus quadros técnicos e de profissionais que desejam atuar no campo da educação em espaços museais. Dentre o conjunto de atividades que têm sido desenvolvidas pela Rede, destacam-se o Seminário "Ações Educativas em Debate" realizado desde 2009 na semana da Primavera de Museus e as reuniões mensais, nas quais são discutidos temas relevantes sobre ações educativas.

Para o ano de 2013, as principais ações propostas são descritas a seguir:

- = Realização da 5ª edição do Seminário "Ações Educativas em Debate", que consiste na organização de um fórum de discussões que reúne os colaboradores dos setores educativos das instituições participantes e o público interessado nas temáticas propostas;
- = Realização do 1º Simpósio Internacional da RIMC;
- = Realização de um Fórum Interno de Formação visando à troca efetiva de experiências entre estagiários, bolsistas de iniciação científica, mediadores e educadores da Rede;
- = Publicação de ações coletivas da Rede e de ações educativas realizadas por seus integrantes;
- = Atualização do folder de divulgação com mapa no qual são apresentadas as instituições que compõem a Rede e as informações mais relevantes sobre cada uma delas;
- = Inserção do projeto para realização do seminário e simpósio junto aos órgãos de fomento à pesquisa e leis de incentivo à cultura com vistas à captação de recursos.

Fazem parte da RIMC as seguintes instituições:

Casa do Baile

Casa Fiat de Cultura

Centro de Arte Popular CEMIG

Centro de Cultura de Belo Horizonte/ Centro de Referência da Moda

Centro de Referência Audiovisual

Centro de Referência em Cartografia Histórica

Diretoria de Políticas Museológicas da Fundação Municipal de Cultura

Instituto Inhotim

Memorial Minas Gerais Vale

Museu de Arte da Pampulha

Museu de Artes e Ofícios

Museu de Ciências Naturais PUC Minas

Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG

Museu do Ouro

Museu dos Brinquedos

Museu Histórico Abílio Barreto

Museu Mineiro

Museu Regional de Caeté
OI Futuro

SESC Palladium

Superintendência de Museus e Artes Visuais

07/04/2013 às 21:34#1252



Manoella Evora

Membro

Tendo em vista que a REM é uma ferramenta bastante importante para tratarmos sobre Educação em museus e para a troca de experiências, sugiro que o que for discutido nas reuniões mensais da REM seja publicado, para que os educadores que não possam participar de todos os encontros tenham acesso ao que foi abordado.

c) Parcerias com instituições de educação profissionalizante

• Autor

Posts

- 06/04/2013 às 1:39#1237



Fernanda Castro

Membro

Seguindo as propostas de parcerias com todos os segmentos da educação, da educação básica ao nível superior, passando pela educação não formal, ficou faltando essa não é gente?

d) Parcerias com instituições de educação básica

• Autor

Posts

- 01/12/2012 às 12:14#439



Fernanda Castro

Membro

Museus e escolas são espaços que podem oferecer ações conjuntas de formação. Muitos são os projetos realizados entre museus e escolas de forma orgânica que devem ter avaliadas as possibilidades de transformarem-se em políticas públicas constantes. Parcerias entre secretarias de educação e cultura e instituições culturais e escolares, podem garantir ou pelo menos ajudar na melhoria da qualidade do ensino.

Não se trata se escolarizar o museu, mas de ampliar as suas possibilidades educativas.

Que tal pensarmos em uma proposta do tipo "Museus e escolas em comunidade", "Museu adote uma escola", algo que promova ações educativas continuadas entre museus e escolas?

14/12/2012 às 16:08#572



Ozias Soares

Membro

Não é de agora a discussão em torno da relação museu e escola; ora se imaginava um museu subordinado à escola e seus métodos, ora um museu colocado como um ente depositário de um saber e objetos acima da escola. Talvez hoje, se pense numa relação de "parceria" ou "colaboração" (embora alguns diferenciem um do outro). De todo modo, parece-me um momento novo e que vai requerer algumas análises, discussões e consensos envolvendo as partes, além de uma boa dose de boa vontade! Fernanda, eu gostei muito das duas propostas! Aliás, com todas as críticas existentes, acho que as escolas poderiam organizar seus "centros de memória" ou algo do tipo e – quem sabe – os museus não poderiam colaborar nesta tarefa a partir de um projeto conjunto?

14/12/2012 às 16:48#574



Fernanda Castro

Membro

É Ozias! Certamente os museus podem ajudar as escolas a realizarem alguns processos que já contam com importantes experiências realizadas, como o caso dos Museus de Escola. Essa é uma parceria que pode gerar muitos e diferentes frutos!

05/02/2013 às 15:06#835



cintya

Membro

Olá, Ozias e Fernanda!

Retomando a discussão da relação museu-escola, acredito que "colaboração", como você mencionou, Ozias, seja o termo mais apropriado. A colaboração entre ambas as instituições promoveria um aprendizado muito mais completo para o aluno que, visitando os museus, teria contato com fontes históricas, com experiências práticas em museus de ciência, com a reflexão sobre obras de arte... Enfim, há muitas possibilidades frutíferas a partir dessa parceria!

Um grande abraço!

18/02/2013 às 19:40#926



Ozias Soares

Membro

Meninas (e meninos também...) Fico pensando se a consequencia de um trabalho mais estruturado, com mais qualidade, com mais clareza de sua atuação por todos os setores e departamentos dos museus, não culminaria no fortalecimento dessas parcerias. "Cá com meus botões": seriam os educadores os proponentes dessas parcerias? Como as direções dos museus poderiam agir neste sentido? O que falta? Por outro lado, os "acertos" entre secretários (de Educação, Cultura etc.) seriam suficientes antes de haver o fortalecimento de projetos, de ações e estratégias, de clareza do trabalho no interior dos museus? Bem, me ajudem...

28/02/2013 às 1:18#1015



Isabela Santos

Membro

Pode sim existir uma parceria com as secretarias, com coordenadores de escolas, mas acredito que a história de cada museu/memorial deve ser inserido pelo professor no conteúdo, quem sabe ser incluída sua história no livro didático do alunado de fundamental I, despertar o interesse do aluno e facilitar acesso ao museu/memorial, acesso a cultura. Dá pra compreender o que quero dizer? Alguém me ajude aí...

28/02/2013 às 17:09#1019



Valeria Chaves

Membro

Prezados(as),

Adorei as discussões, principalmente quando passaram à percepção da necessidade de parcerias. Na minha opinião, complementando a Isabela Santos, faltam parcerias junto às instituições de formação dos professores (Faculdades e Universidades), afinal se o futuro professor tiver a oportunidade de aprender, desenvolver e promover visitas técnicas, então provavelmente ele será um profissional contagiado por esta ideia. Ao contrário, aquele que não teve a oportunidade de vivenciar, planejar e realizar uma visita técnica a um museu com seus colegas de turma, poderá se sentir inibido a promovê-la junto a um grupo de alunos adolescentes (agitados e eternamente insatisfeitos), por exemplo. E se esse professor, tiver vivido a vida toda numa cidade do interior, onde não há museus? Como esperar dele algo que ele não "aprendeu"?

Percebem?

A Educação Museal precisa fazer parte da formação dos cursos de licenciatura, não só como oportunidade para vivenciar a teoria, mas também para experimentar o momento da prática.

Deixo aqui minhas ideias, certa de que serão melhoradas por vocês!

28/02/2013 às 17:56#1020



Isabela Santos

Membro

Concordo com você Valeria Chaves.

Em Arapiraca, onde se localiza o Memorial da Mulher Ceci Cunha(MMCC), do qual faço parte, é tudo muito novo, o próprio MMCC só tem 5 anos de existência, o conceito de Museu/Memorial e as parcerias ainda estão começando, as visitas ainda são acanhadas. "E se esse professor, tiver vivido a vida toda numa cidade do interior, onde não há museus?" tenho certeza que esse é o nosso caso.

Quem tem o conhecimento sobre o assunto aqui, foi buscar fora. Me sinto muito contemplada nestes tópicos.

05/03/2013 às 1:27#1044



Andrea Kenia

Membro

Olá a todos participantes.

Anseio por parcerias que alinhem teoria e prática no universo escolar. Muitos dos alunos de escola pública nunca visitaram um museu, tiveram um olhar diferenciado para a arquitetura, utensílios, documentos e outras fontes históricas. Sempre coloco em meus planejamentos anuais visitas a museus, cidades históricas. Acontece que sem parcerias, o sonho não se concretizam e a correria do dia a dia substitue práticas que certamente marcariam a vida escolar do aluno, transformando as habilidades em experiências reais de grande sentido.

É preciso repensar e promover essas parcerias. Pensar e discutí-las já é o começo do caminho para concretizá-las.

Abraços.

Andrea Kênia- professora 7º ano e EJA.

05/03/2013 às 15:31#1047



Fernanda Castro

Membro

Prezados Articuladores,

Suas contribuições ao debate têm trazido experiências, preocupações e sugestões de prática muito importantes.

Estamos na reta final do PNEM, precisando agora colocar todo nosso debate em propostas de diretrizes, ações e metas.

Do debate entendi que devemos:

promover parcerias com instituições universitárias para incluir na formação profissional de educadores/ professores conhecimentos de teorias, conteúdos e práticas de educação em museus.

promover parcerias com instituições de pesquisa e cultura para realizar levantamentos de dados, análises de ações e projetos, inventários de memória, etc.

introduzir no currículo escolar, em diferentes disciplinas a experiência com o museu e seu diferentes acervos e espaços como parte fundamental da formação escolar. Neste caso, essas experiências deveriam também servir para articular a escola com movimentos, ou grupos que pretendessem criar museus e centros culturais? Poderiam as próprias escolas criarem museus escolares ou centros de memória? Esta formação/ parceria serviria também para isso? As cidades sem museus poderiam estabelecer parcerias com museus de cidades de fora?

realizar parcerias com secretarias de educação para inserir o museu na realidade da formação escolar.

O que mas essas parcerias podem produzir?

Sob quais conceitos principais deveriam ser pensadas?

07/03/2013 às 15:57#1058



Valeria Chaves

Membro

Fernanda,

É tudo isso e mais um pouco! Não podemos esquecer que faltam recursos financeiros à promoção das visitas, nos museus, por exemplo. Muitas vezes, os alunos são provenientes de famílias carentes e há situações em que até o lanche e/ou almoço precisa ser oferecido pela escola. E o ônibus? Há lugares em que existem empresas parceiras que viabilizam o transporte, mas também é preciso pensar nos entraves burocráticos, que exigem seguro para os viajantes (no caso de viagens intermunicipais) e outras coisas assim.

Fugindo um pouco, mas ainda dentro da temática, precisamos estabelecer com os museus parceiros uma apresentação mais atrativa como por exemplo, com roteiros temáticos. e/ou diferentes formas de explorar o espaço e os objetos expostos, de maneira que o professor e os estudantes sintam que precisam voltar outras vezes para conhecer o museu sobre outras perspectivas. Senão, o indivíduo pensa: "visitei uma vez, já conheço, não tem mais nada que esse espaço possa me acrescentar", percebe?

07/03/2013 às 18:47#1060



Fernanda Castro

Membro

Perfeito, Valéria!

sendo assim, incluo para a sistematização:

Promover parcerias com secretarias de transporte, secretarias de educação e turismo, além de instituições públicas e privadas para oferecimento de transporte e lanche para turmas visitantes dos museus, com a finalidade de garantir a visitação de escolas públicas e grupos que têm dificuldades de acesso e permanência no museu.

e:

promoção de ações educativas planejadas em parceria com as instituições/ grupos demandantes, com a finalidade de diversificar as opções de visita/ atividades oferecidas, adaptando-as às necessidades e anseios dos diferentes

grupos, com o fim de ressignificar o olhar destes visitantes sobre os museus e demais instituições culturais, mostrando-os como espaços dinâmicos e de múltiplas possibilidades.

o que vocês acham?

07/03/2013 às 19:34#1061



Gabriel de Paula Santos

Membro

Caros companheiros, que conversa boa.

É minha primeira participação no fórum, gostaria de dividir algumas de minhas experiências.

Trabalho como educador de museus por mais de 5 anos.

A Secretaria da Educação e a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo já vem desenvolvendo uma espécie de parceria dentro desse esquema que se chama "Programa Cultura é Currículo". Dentro do programa está o "Lugares de Aprender: A Escola sai da Escola."

É um projeto muito interessante pois vem ajudando os museus com suas metas de público, e também os estudantes a conhecer alguns espaços culturais.

Vocês já tinham ouvido falar?

Segue link:

<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/programa.aspx>

08/03/2013 às 14:17#1066



Fernanda Castro

Membro

Olá, Gabriel!

Obrigada por trazer sua experiência.

Eu já tinha ouvido falar sim, inclusive me inspirei em São Paulo ao propor a ideia de que Museus, centros culturais e secretarias façam parcerias para que a escola tenha pelo menos um ônibus por turma para visitar estas instituições.

Você poderia explicar mais detalhadamente como é o programa? o que mais ele envolve?

19/03/2013 às 2:14#1091



Diniz

Membro

Olá pessoal,

Também estou chegando agora e este tópico é realmente interessante e importante pq ele demonstra a realidade dos Museus e Instituições Culturais em todo o Brasil.

Antes dos meus comentários, quero saudar todos os participantes do Fórum em especial ao amigo Gabriel de Paula, grata surpresa encontrá-lo por aqui, não sabia da sua atuação e trabalho como Educador. O mundo gira pq é redondo e é incrível as coincidências... espero que vc me ajude nesta minha nova área... Reinvente sua Carreira e busquei me aproximar de algo que pensei há 22 anos atrás.

Bom falando do tópico, penso que um modelo de MUSEU ITINERANTE seria também interessante, pois várias ações para atrair publico aos espaços nem sempre tem dado a resposta positiva. Mantém-se as parcerias com todos os órgãos possíveis, desde Secretarias e Autarquias (Cultura, Música, Esporte e Lazer e, principalmente da Educação), busca-se a aproximação com as escolas (públicas/privadas) e o tópico diz "Parcerias com instituições de educação básica", mas sugiro que as parcerias se estendam ao núcleo universitário.

Convido-os a visitarem meu novo blog: <http://remicsp.blogspot.com.br/> para o Vale do Paraíba

• Autor

Posts

- 19/03/2013 às 11:34#1093



Fernanda Castro

Membro

Olá, Diniz!

Obrigada pela participação!

Esse tópico é exclusivo para o debate sobre a educação básica, pois há outro que dita sobre as parcerias entre instituições de ensino e cultura, que trata das universidades.

Em breve lançaremos a proposta de tópico sobre parcerias com demais instituições.

02/04/2013 às 23:33#1187



REM RJ

Membro

Alterar o nome do tópico para: Fomentar programas e ações colaborativos entre museus e escola visando a formação omnilateral entre todos os sujeitos envolvidos.

05/04/2013 às 21:56#1232



Fernanda

Membro

Olá!

Alguns comentários já tangenciaram a necessidade de ampliar as parcerias com a educação para outros setores. Gostei muito quanto a Valéria incorporou à proposta a necessidade de levar às faculdades e universidades a formação que garanta a qualidade do futuro professor, mas penso que as parcerias com instituições de ensino devem se dar não apenas na educação básica e superior, mas também no ensino médio. Comentei sobre isso hoje à tarde na Reunião Presencial que tivemos no Museu Murilo Mendes em Juiz de Fora. Não raro, muitas ações educativas dos museus são pensadas para o público infantil ou adulto, deixando os jovens de lado. Isso cria uma lacuna e isola potencialmente um grande público. Acredito ser preciso pensar, através de parcerias, uma continuidade que garanta frequência e formação.

06/04/2013 às 1:36#1236



Fernanda Castro

Membro

Olá, Fernanda!

O Ensino Médio está contemplado na proposta de parceria com a Educação Básica, que engloba a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, de acordo com a LDB.

Ficou de fora deste tópico o Ensino Profissionalizante, poderíamos pensar uma proposta de tópico específico, o que acham?

Acredito que sua ideia estaria contemplada!

e) Projetos itinerantes – ampliando ações educativas em museus

• Autor

Posts

- 02/04/2013 às 23:33#1188



REM RJ

Membro

Estimular a criação de projetos itinerantes que viabilizem a circulação de acervos museológicos em instituições escolares, estimulando a pesquisa e o conhecimento dos bastidores dos museus.

- 05/04/2013 às 17:07#1224



EDJANE DE LIMA SOARES

Membro

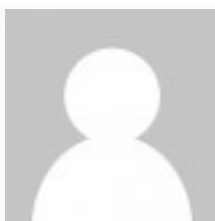
Acredito que estimular a criação de projetos itinerantes é muito importante para aproximar às escolas aos museus.

f) Parcerias com instituições de cultura e pesquisa

• Autor

Posts

- 20/11/2012 às 11:46#265



Pnem

Membro

Firmar acordos de cooperação técnica com universidades, centros culturais e institutos de pesquisa e fomento a cultura, a fim de assegurar o apoio e fortalecimento aos projetos propostos pelos Programas Educativo-culturais dos museus.

01/12/2012 às 12:05#437



Fernanda Castro

Membro

Os setores educativos dos museus são parte importante da dinâmica de pesquisa destas instituições.

A partir deles é possível articular pesquisas de público, formular ações pensando na consolidação de um público futuro, a partir de parcerias e programas com famílias e comunidades, etc.

Estes dados e ações contribuem para traçar um perfil dos usuários, suas expectativas e ajudam no planejamento e avaliação não só da ação educativa que acontece em museus.

Um passo importante na discussão sobre a pesquisa em museus é travar uma luta pelo reconhecimento destes espaços como instituições de pesquisa.

O oferecimento de oportunidades de formação para diferentes públicos, tais como professores, curadores e educadores em museus nas nossas instituições em parceria com universidades e centros de pesquisa é fundamental.

Fundamental também é incentivar que os profissionais da área envolvam-se em pesquisas nas instituições em que trabalham, além de incentivar a formação continuada dos mesmos através de parcerias e acordos com universidades públicas, que tem como objetivo realizar pesquisas que promovam retorno social dentro das discussões da área.

01/12/2012 às 12:07#438



Fernanda Castro

Membro

Que tal listarmos as possibilidades de pesquisa em educação em museus?

03/01/2013 às 13:37#635



Flavio Almeida

Membro

As possibilidades de pesquisas são infinitas, pois cada museu tem seu enfoque diferenciado proporcionando uma grande extensão de possibilidades no que se refere à pesquisa.

No caso do museu em que trabalho (Museu de Arqueologia de Itaipu) temos parcerias com a UERJ/FFP (Faculdade de Formação de Professores), com a Escola Municipal de Niterói Prof. Marcos Waldemar e com o PESET (Parque Estadual da Serra da Tiririca), e através destas parcerias é desenvolvido o nosso Programa de Educação Ambiental com alunos da Escola Municipal.

A partir deste programa educativo, são desenvolvidas pelo Museu pesquisas a respeito das percepções dos alunos sobre meio ambiente, os estagiários e professores da UERJ desenvolvem artigos e outros textos tendo em vista a ação educativa.

Portanto, os museus são sim instituição que produzem conhecimento, e esse conhecimento produzido tanto pelo museu como pelos seus parceiros colabora com o aprimoramento dos projetos educativos.

18/01/2013 às 17:00#740



Fernanda Castro

Membro

Olá, Flávio!

Obrigada pela participação!

Realmente as possibilidades são infinitas.

No seu museu, então, existem pesquisas acerca da Educação Ambiental em diferentes segmentos e níveis da educação e do papel do Museu. Essas pesquisas contribuem não só para a instituição "museu", mas também para o trabalho cotidiano em sala de aula de professores e demais profissionais da educação, para a formação de professores na universidade e ainda para o trabalho de conscientização e educação de uma reserva ambiental nacional. Não é isso?

Já é bastante trabalho! Mas você veria ainda alguma outra possibilidade de pesquisa no seu museu, ou em outros?

26/01/2013 às 16:37#801



pedro.macdowell

Membro

oi fernanda.

as possibilidades de pesquisa em museus são várias, certamente. mais do que isso, a pesquisa é uma das vocações fundamentais dos museus, e deve caminhar sempre junta ao trabalho educativo e cultural que essas instituições desempenham.

acho que um dos grandes potenciais dos museus relacionados à pesquisa é a capacidade (nem sempre atingida) destas instituições dialogarem com diferentes públicos. essa é uma das grandes dificuldades da academia de maneira geral, e os museus podem ser um lugar privilegiado para se pensar formas de aproximar diferentes saberes e linguagens. para isso é fundamental que os setores educativo e de pesquisa dos museus atuem juntos, em todas as etapas. nesse sentido, da especialização cada vez maior dos museus como instituições mediadoras entre diferentes públicos, saberes e linguagens, as pesquisas de público e não-público são muito importantes.

mas, se estamos lutando pelo reconhecimento dos museus como instituições de pesquisa (e se acreditamos na vocação dos museus para o desenvolvimento de pesquisas de excelência), a concepção de pesquisa em museus deve ir além das pesquisas de público. para isso o desenvolvimento de parcerias com instituições já reconhecidas, em especial as universidades, é certamente um caminho. temos muito a aprender com a experiência dessas instituições em pesquisa e formação de educadores e pesquisadores, assim como temos experiências e conhecimentos importantes para compartilhar com elas, além dos nossos acervos.

acho que bons interlocutores nessa discussão podem ser aquelas instituições que atuam simultaneamente como museus e como centros de excelência em pesquisa, como é o caso do museu nacional da quinta da boa vista, do museu paraense emílio goeldi, e de alguns museus universitários, entre outras.

26/01/2013 às 17:11#802



pedro.macdowell

Membro

apenas para dar um panorama geral do que acontece relacionado à pesquisa aqui nos museus do Ibram em Paraty (arte sacra e forte defensor perpétuo), seguindo o relato do Flávio, trago alguns exemplos.

Nós temos uma dificuldade geográfica no estabelecimento de parcerias efetivas com universidades e instituições de pesquisa devido ao isolamento de Paraty com relação aos grandes centros. Além disso, temos encontrado muitas dificuldades para estruturar o setor educativo, devido à evasão dos servidores. No momento não temos nenhum técnico da área atuando aqui.

A pesquisa nas nossas unidades, portanto, está basicamente restrita à atuação dos próprios servidores, e relacionada às suas formações específicas, especialmente nas áreas de história e antropologia. Temos trabalhado aqui, portanto, com pelo menos três frentes distintas de pesquisa (em maior ou menor nível de desenvolvimento, algumas ainda nem foram propriamente implantadas) que podem servir de exemplos para diferentes possibilidades de pesquisa em museus:

1. pesquisas relacionadas ao acervo material dos museus, com objetivos diversos: conservação, qualificação das exposições e das informações prestadas ao público, desenvolvimento de novas exposições, desenvolvimento de atividades e materiais educativos, possível elaboração de materiais para publicação, de natureza acadêmica ou não etc.

2. pesquisas relacionadas aos temas dos museus, desenvolvidas fora do espaço físico das instituições, com objetivos análogos aos enumerados acima, incluindo a formação de um acervo associado ao patrimônio imaterial. Estas, por sua vez, têm se dividido em duas modalidades, às vezes coordenadas como etapas de um mesmo projeto:

- 2.1. pesquisas documentais – de natureza histórica e antropológica – realizadas em acervos e arquivos externos, muitas vezes em outras cidades;

- 2.2. pesquisas de campo realizadas junto às diversas comunidades locais, seguindo diferentes metodologias de acordo com os objetivos específicos;

3. pesquisas de público, que não vêm sendo realizadas de maneira sistemática por aqui.

Todas essas atividades, sem dúvida, poderiam estar sendo muito enriquecidas pela consolidação de parcerias com instituições de pesquisa. Em muitos casos, por outro lado, contamos com o apoio inestimável de outros parceiros para a realização de pesquisas: grupos comunitários, associações, órgãos públicos atuantes no município, entre outros.



Flavio Almeida

Membro

Aqui no MAI, Fernanda, além das pesquisas citadas, há ainda aquelas relacionadas às comunidades tradicionais da região (pescadores e moradores do Morro das Andorinhas), à aldeia guarani que ocupa um trecho da praia de Camboinhas, e ainda será realizada uma pesquisa do não-público, pois estamos ao lado de uma praia com grande circulação e nem 5% dessas pessoas entram no museu.

05/02/2013 às 14:59#834



cintya

Membro

Olá, pessoal!

Muito interessante a iniciativa do teu museu, Flávio, pois alia a pesquisa ao trabalho de conscientização.

Vou registrar aqui um exemplo de parceria entre museus e universidades públicas. Estamos desenvolvendo um projeto no museu em que eu trabalho como educadora (Museu Casa de Benjamin Constant), em parceria com a Faculdade de Educação da UFRJ. Oferecemos um curso sobre a formação da cidade do Rio de Janeiro para os graduandos de Licenciatura em Sociologia, como parte da Prática de Ensino. Ao término do curso, pretendemos produzir um artigo que, dentre outros aspectos, compare as expectativas que os cursistas tinham ao entrar no curso com as que eles tiveram ao longo dele. Acredito que esta iniciativa ajude a exemplificar a infinidade de possibilidades de pesquisas na área de educação museal, como bem pontuou o Flávio, além de oferecer uma alternativa para a formação continuada de futuros professores, como ressaltou a Fernanda.

O que vocês acham?

Um grande abraço,

Cintya Callado.

28/02/2013 às 18:35#1021



Valeria Chaves

Membro

Cintya,

Cheguei a comentar isso num outro fórum, pois na minha opinião é essencial levarmos aos professores o conhecimento mínimo necessário à realização das atividades promovidas no museu durante uma visita. Pois, minha avaliação é a de que a visita nem sempre é planejada, porque os professores não sabem e/ou não foram preparados para isto. Portanto, a parceria deve começar lá nas Faculdades e Universidades, propiciando ao futuro professor um momento de formação relacionada a Educação Museal. Afinal é muito difícil ensinar aquilo que não aprendemos... O que você acha?

05/03/2013 às 15:00#1046



Fernanda Castro

Membro

Olá, Cintya, Valéria e demais!

Acredito que devemos considerar as parcerias com Universidades, que são instituições de pesquisa, como uma importante ferramenta de divulgação da profissão de educação em museus, de suas práticas e metodologias próprias, das possibilidades profissionais e da função social que ocupa na atualidade.

Além disso, essas parcerias, assim como as parcerias com demais instituições de pesquisa e cultura, podem e devem ser espaços de formação profissional.

Concluimos então que a formação é uma das funções das parcerias com estas instituições.

Vimos com as contribuições do Flávio, Pedro que também a pesquisa em si é uma das funções destas parcerias, como por exemplo ocorreu no Observatório de Museus e Centros Culturais, uma parceria entre IPHAN, MAST, Fundação Oswaldo Cruz e Escola Nacional de Ciências Estatísticas.

Minha proposta agora é: vamos tentar sistematizar nosso debate em forma de ações e metas para o PNEM?

Além da formação profissional e da pesquisa, quais outras funções estas parcerias poderiam cumprir?

Sobre a função da formação, elas deveriam integrar-se à extensão universitária para levar seus frutos À população de forma mais direta?

02/04/2013 às 23:30#1185



REM RJ

Membro

Estimular a parceria entre instituições museológicas a fim de potencializar ações educativas;

(incluir universidades privadas na proposta de parcerias para formação continuada)

Propostas elaboradas em reuniões presenciais que contaram com a participação das seguintes instituições:

Centro Cultural Banco do Brasil – Centro Cultural da Justiça Federal – Centro Cultural de Folclores e Cultura Popular – Instituto Moreira Sales – Memorial Getúlio Vargas – Fundação Casa de Rui Barbosa – Museu Casa da Hera – Museu Casa do Pontal – Museu da Chácara do Céu – Museu da Marinha – Museu da República – Museu da Vida – Museu de Arqueologia de Itaipu – Museu do Ingá – Museu do Meio Ambiente – Museu Histórico Nacional – Museu Nacional – Oi Futuro/Museu das Telecomunicações – Núcleo Experimental do MAM – Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

05/04/2013 às 14:45#1221



Vera Regina Zavaglia Malta Campos

Membro

Pela nossa experiência, vemos que a busca por parcerias com universidades, associações e também com os sistemas de Museus que deveriam ter um papel fundamental para essa função. Em nosso Museu, buscamos manter parcerias com as universidades e associações, o que nos traz benefícios no estímulo de estudos científicos no acervo do Museu e consequentemente a divulgação de nosso trabalho. Contudo, sentimos a falta de parcerias entre Museus e Sistemas de Museus em âmbito municipal, estadual e nacional para a troca de experiências e para o desenvolvimento de ações conjuntas, visando o benefício de todos.

g) parcerias com instituições de educação não formal e demais grupos organizados

• Autor

Posts

- 02/04/2013 às 23:34#1189



REM RJ

Membro

Avaliar a possibilidade de ações de formação em parcerias entre museus e instituições de educação não formal e demais grupos organizados transformarem-se em políticas públicas para a área;
Incentivar a parceria entre Secretarias Municipais e Estaduais de Turismo, Assistência Social, Ciência e Tecnologia, Cultura, etc. e museus em prol de uma melhoria da qualidade da formação possibilitada por espaços de educação não formal, ampliando suas possibilidades educativas;
Colaborar com estas instituições para que elas organizem seus "centros de memória" em ações conjuntas com os museus.

Propostas elaboradas em reuniões presenciais que contaram com a participação das seguintes instituições:

Centro Cultural Banco do Brasil – Centro Cultural da Justiça Federal – Centro Cultural de Folclore e Cultura Popular – Instituto Moreira Sales – Memorial Getúlio Vargas – Fundação Casa de Rui Barbosa – Museu Casa da Hera – Museu Casa do Pontal – Museu da Chácara do Céu – Museu da Marinha – Museu da República – Museu da Vida – Museu de Arqueologia de Itaipu – Museu do Ingá – Museu do Meio Ambiente – Museu Histórico Nacional – Museu Nacional – Oi Futuro/Museu das Telecomunicações – Núcleo Experimental do MAM – Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

h) Ações colaborativas entre escolas e museus no contexto da formação de professores

• Autor

Posts

- 26/03/2013 às 19:55#1105



bpmonteiro

Membro

Vários estudos produzidos por pesquisadores e educadores de museus, demonstraram um modelo predominante de utilização dessas instituições, por parte dos professores, que consiste na visita ilustrativa das exposições, e que por sua vez, não configura uma relação de colaboração ou parceria entre as escolas e estas instituições. Este fato sugere que os professores

tradicionalmente formados para atuação no sistema formal de ensino estão diante de novos desafios rumo à construção de relações que ultrapassem os limites da escola. Nesse contexto, demonstramos uma preocupação em buscar elementos que auxiliem na compreensão de como os licenciandos respondem a uma demanda formativa contemporânea, que desloca do papel tradicional do ensino voltado à sala de aula para o ensino a ser construído por meio de ações colaborativas entre escolas, Museus e Centros de Ciência e Tecnologia.

Para iniciar este debate proponho as seguintes questões:

Quais as particularidades da educação escolar e da educação promovida em espaços não formais? Como potencializar as suas funções educativas?

No caso da sua instituição, qual é a contribuição dos professores no conjunto de ações desenvolvidas? Quais as oportunidades de diálogo entre o professor e o setor educativo dos Museus?

Como a questão das parcerias ou ações colaborativas entre espaços formais e não formais podem ser abordadas no âmbito da formação inicial de professores?

02/04/2013 às 19:48#1169



Fernanda Castro

Membro

Olá, Monteiro!

Obrigada por sua participação.

Lendo sua sugestão fiquei com algumas dúvidas.

Que tipo de ações você sugeriria como possíveis parcerias entre museus e escolas para a formação de professores?

No Museu da Chácara do Céu, onde trabalho, realizamos encontros com professores, palestras, temos material impresso específico para este grupo profissional, debatendo justamente as questões aqui levantadas.

Também temos vagas para estágios e recebemos alunos de cursos de licenciatura.

Temos convênios com universidades e escolas técnicas para estágios curriculares.

Também sei que estas ações, entre outras, como cursos, seminários, etc., também ocorrem em diversos museus.

Que outras ações poderiam ser sugeridas?

Seria essa mesmo a ideia deste tópico? Sugerir que ações deste tipo sejam investigadas?

Fórum 9: Sustentabilidade - 9 tópicos / 32 respostas

Girlene Chagas Bulhões

a) Contribuições do Rio Grande do Sul

• Autor

Posts

- 08/04/2013 às 13:21#1264



Tiago de Campos

Membro

COLABORADORES: ANDREIA BECKER, EMANUEL BARRETO, SIMONE DORNELLES, MARCIA SANTOS, JULIO GAUDIOSO, MARCELO CAVALCANTI DA SILVEIRA, JOEL SANTANA, MARCIA ISABEL TEIXEIRA DE VARGAS, DIEGO VIVIAN

TÓPICO 1

Projetos e ações educacionais consonantes com o desenvolvimento sustentável que respeitem as características e as necessidades e interesses das populações locais, garantindo a preservação da diversidade e do patrimônio integral, a difusão da memória sociocultural e o fortalecimento da economia solidária

PROPOSTAS

1. Promover ações de integração e conhecimento mútuo entre a comunidade local e os integrantes das instituições
2. Incentivar a gestão compartilhada através de conselho gestor com poder decisório;
3. Promover a adoção de modificações nas práticas da instituição quanto à aquisição de acervos, gestão de arquivos, aproveitamento de materiais com vistas a atender o constante no tópico.

b) Sustentabilidade no PNEM – sugestões a REM-GO

• Autor

Posts

- 07/02/2013 às 10:52#845



girlene.bulhoes

Membro

Bom dia, colegas

Dia 02, sábado, às 10h, ocorreu no Museu Antropológico da UFG, a discussão do PNEM pela REM-Goiás, a partir dos seus eixos temáticos.

Seguem abaixo os pontos aprovados relativos à Sustentabilidade, para que continuemos a discussão:

- 1- as Redes devem atentar para seu papel na educação para a preservação do patrimônio integrado, evitando olhar apenas para os acervos institucionais, mas contribuindo para relacionar estas coleções com o patrimônio ambiental que está fora.
- 2- Garantir a presença de pessoas do setor educativo em processos de elaboração, montagem e desmontagem de exposição, para pensar não apenas aspectos didáticos das exposições, como o reaproveitamento dos materiais com finalidades educativas.
- 3- Incentivar intercâmbio, permutas, doações (e outras modalidades de parcerias) de materiais educativos que possam ser reaproveitados por outros museus.
- 4- Realçar a necessidade de dotação orçamentária própria para a ação educativa dentro da previsão anual de cada museu.

É isso! Aguardamos as opiniões de [tod@s](#).
Abraços,

Girlene

15/02/2013 às 3:47#876



lucia santana

Membro

gostei bastante do tópico sobre sustentabilidade e penso que temos mesmo que incentivar essa discussão nos museus. Espaços verdes, museólogos verdes, exposições se apropriando dos R (reciclagem reuso, reutilização práticas e estudos na linha de materiais, estudos de gerenciamento de resíduos sólidos, efluentes e gasosos..... e principalmente internalizar a política ambiental na nossa parática

15/02/2013 às 12:04#877



[girlene.bulhoes](#)

Membro

Bom dia, Lucia

Que bom que você gostou deste tópico! A sustentabilidade é condição *sine qua non* para que continuemos vivos e os museus não podem fechar os olhos para esta questão.

Obrigada pelas sugestões.

Abraço,

Girlene

20/02/2013 às 14:06#949



[Diego Luiz Vivian](#)

Membro

Adorei as propostas da REM-GO, pois chamam a atenção para o fato de que a Sustentabilidade é uma "questão" que diz respeito a todos trabalhadores em museus, desde a Direção, Chefias até os demais membros da equipe (técnicos, estagiários, apoio, etc).

Esta "articulação interna" entorno da Sustentabilidade parece ser dos primeiros passos para que o museu consiga assumir suas responsabilidades com o ambiente e com a vida. E esta articulação caminha ao lado do entedimento de que o trabalho em museus não está restrito ao seus acervos institucionais.

Por isto concordo plenamente que é preciso ampliar nossa visão sobre tudo isto e "abrir os olhos", como disse Girlene.

20/02/2013 às 21:28#959



[girlene.bulhoes](#)

Membro

Olá, Diego.

A profª Manuelina Duarte, do curso de Museologia da UFG, foi quem trouxe o termo "patrimônio integrado" para esta discussão. Considero que este termo sintetiza essa necessidade de "abrirmos os nossos olhos" para o mundo "lá fora", a bem da nossa existência no futuro (ou garantia de sustentabilidade, quem sabe?).

Abraço,

Girlene

20/02/2013 às 22:09#961



Diego Luiz Vivian

Membro

Oi, Girlene

já havia visto a expressão "patrimônio integral", e se não estou enganado foi no último livro do Varine, lançado em 2012 na sua versão em português sob o título "Raízes do Futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local".

De todo modo, o sentido parece ser o mesmo que "patrimônio integrado", neste caso da Sustentabilidade.

abs e até mais

21/02/2013 às 14:05#963



girlene.bulhoes

Membro

Sim, Diego. O Varine usa este termo, que foi difundido no meio museal pela Carta de Santiago do Chile (1972), e a par com ele muitos outros, especialmente os "especialistas" em meio ambiente e educação ambiental.

Caso lhe interesse, dá uma olhadinha nestes artigos: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/DMP-204.pdf> e http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-81222012000100003&script=sci_arttext

Abraço,

Girlene

22/02/2013 às 12:45#972



Diego Luiz Vivian

Membro

Girlene, obrigado pelas dicas de leitura, assim como pela "contextualização" mais ampla sobre o surgimento desta noção (patrimônio integral) tão importante para os museus.

abs e até mais

22/02/2013 às 13:39#976



girlene.bulhoes

Membro

Não há de quê, Diego. Estamos construindo juntos esta caminhada.

Abraços.

03/04/2013 às 18:59#1199



Ozias Soares

Membro

Diego e Girlene,

Dentro dessa discussão da sustentabilidade em nossos museus, deve-se, penso, buscar colocá-la sempre dentro de uma perspectiva de totalidade; ou seja, se ela estiver descolada de uma perspectiva mais ampla de transformações nesta sociabilidade em que vivemos – calcada sempre na busca por crescimento econômico a qualquer preço – será, portanto, inócua e funcional ao sistema. Se, por outro lado, estivermos pensando numa dimensão mais ampla, vamos situá-la no campo do patrimônio integral, de responsabilidade ética e de uma visão e projeto de futuro. Não acham?

05/04/2013 às 12:46#1215



girlene.bulhoes

Membro

Sim, Ozias, acho o mesmo que vc. Inclusive costumo usar o termo sustentabilidade apenas quando estão intrínsecas estas condições que vc coloca, relativas à "perspectiva de totalidade". No meu entender, o que foge disso é apropriação indébita do termo, cabendo melhor o uso do tal "desenvolvimento sustentável".

Dá uma olhadinha no último (ou penúltimo) post deste Eixo, pois nele tem uma simples e direta definição de "Sustentabilidade", que considero tradutora destas suas observações,

Obrigada pelas contribuições e Abraço,

Gil

05/04/2013 às 14:43#1220



Diego Luiz Vivian

Membro

Oi, Ozias e Girlene

creio que estamos de acordo com esta perspectiva de "totalidade" que deve nortear pensamentos e ações em torno da Sustentabilidade. Parece-me que o próprio termo sustentabilidade implica necessariamente este tipo de visão abrangente sobre a realidade social e a vida. De todo modo, na dúvida, vale explicitar este entendimento de modo a garantir a clareza dos termos que mobilizamos em nossos discursos e práticas.

Até pra evitar que ocorram "apropriações indébitas" (adorei esta...heheh) deste termo que vem ganhando força nos últimos tempos na retórica de diversos grupos.

abraço e até mais

07/04/2013 às 19:03#1250



girlene.bulhoes

Membro

Tens inteira razão, Diego.

Abraço,

Girlene

c) Até breve

• Autor

Posts

- 07/04/2013 às 18:13#1249



girlene.bulhoes

Membro

Boa tarde, [car@s](#) colegas

Estamos encerrando esta etapa da construção coletiva (adoooro esse termo, uso-o sempre!!!) do PNEM e, desde já, agradecemos cada participação, de cada um de vocês, e [@s](#) convidamos a seguirem conosco, nas próximas etapas deste processo, desejando que as práticas e ações educativas dos nossos museus sejam cada vez mais pautadas nos conceitos básicos da sustentabilidade: ecologicamente corretas, economicamente viáveis, socialmente justas e culturalmente diversas.

Grande abraço e até breve,

Girlene Chagas Bulhões

Técnica Museóloga/Ibram – Diretora dos Museus Ibram em Goiás (Bandeiras, Casa da Princesa/Arte Sacra da Boa Morte)

girlene.bulhoes@museus.gov.br

(62)3371-1087

d) Um exemplo de ação educativa

•

• Autor

Posts

- 25/03/2013 às 15:07#1117



girlene.bulhoes

Membro

Olhem só o que nossos colegas do Ibram Sede fizeram, ano passado: <http://www.youtube.com/watch?v=WiwOTcV6zSM>

e) O que é sustentabilidade

• Autor

Posts

- 25/03/2013 às 15:02#1116



girlene.bulhoes

Membro

Bom dia, colegas

Vasculhando na net, encontrei este

vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=HAtJgPODRs4>

Nele, é dita a frase: "Sustentabilidade, palavra (...) que carrega quatro conceitos ao mesmo tempo: ecologicamente correto, economicamente viável, socialmente justo, culturalmente diverso".

Como aplicá-los em nossas ações educativas museais?

Abraços,

Gil

f) Onde está a sustentabilidade

• Autor

Posts

- 29/11/2012 às 11:34#416



[girlene.bulhoes](#)

Membro

Como está a discussão sobre a sustentabilidade das ações educativas nos Museus? Esta é uma preocupação presente nas instituições museais?

03/12/2012 às 13:43#464



[Fernanda Castro](#)

Membro

Girlene, o que seria a sustentabilidade das ações educativas?

04/12/2012 às 13:11#487



[girlene.bulhoes](#)

Membro

Fernanda, novamente uso as suas palavras: entendo que a sustentabilidade das ações educativas refere-se a pensarmos e desenvolvermos ações (educativas) que contemplem "uma forma de agir que vise a preservação e educação ambiental, o uso inteligente de recursos naturais, humanos e demais recursos necessários às ações cotidianas", tanto no que se refere à forma como realizamos as ações quanto aos conteúdos abordados nestas ações. Diante do (bem-vindo) uso cada vez mais frequente nos museus de recursos tecnológicos informatizados, às vezes me faço uma pergunta até simplória: e se faltar energia?

06/12/2012 às 14:49#513



[Ozias Soares](#)

Membro

Fico observando nas médias e grandes exposições nas capitais brasileiras o volume de recursos e o desperdício percebido ao final das exposições... Mesmo em museus menores, em exposições menores, a *lógica* do "tá pago!" impregna as nossas ações. Curadores, designers, arquitetos, museólogos etc, pensam em maravilhosas expografias! Mas, qual o destino dos banners, dos acrílicos, dos papéis, das vitrines de compensado, dos mdf's e outros materiais, dos plásticos, das lâmpadas (lindas, né?!) e... poderíamos multiplicar os exemplos... Imaginem os

educadores de museus e centros culturais conversando sobre o que acontecerá com todos aqueles materiais quando a exposição sair de cartaz!!!! Acho que como educadores poderíamos começar por aí...

06/12/2012 às 18:25#526



girlene.bulhoes

Membro

Sim, Ozias. Além do desperdício para o meio-ambiente como "um todo", digamos assim, no caso dos museus menores, existem as questões práticas a serem colocadas, como, por exemplo, onde guardar tantos objetos. Uma saída paliativa pode ser o empréstimo de exposições, mas um dia elas voltam e aí?

26/12/2012 às 15:41#625



Juliane Novo

Membro

Pouco se aplica e se discute a questão da sustentabilidade na área museal. Nas instituições que atuo estamos elaborando atividades para um evento especial e pouco foi discutido sobre a reutilização de materiais para futuras exposições ou reaproveitamento de materiais de outras instituições/exposições. Considera-se a estética e a economia desvinculadas da sustentabilidade na compra de materiais, montagem e desmontagem de cenários e no armazenamento desses recursos. Talvez essas questões ambientais em exposições e museus serão consideradas quando existir uma regulamentação específica. Acredito que alguns fatores também contribuem para esse cenário como:

- A falta de profissionais da área ambiental envolvidos na área museal: existem poucas pessoas que possuem formação técnica ou acadêmica na área ambiental que trabalham com/em museus
- A falta de treinamento profissional: não há palestras ou cursos sobre sustentabilidade em museus/exposições.
- Cenário das questões ambientais: é uma área em crescimento que atingiu parcialmente o cotidiano das pessoas e outras áreas profissionais.

Talvez uma ideia para minimizar os impactos e a quantidade de recursos utilizados pelos museus e exposições seria criar um banco de empréstimos e trocas de materiais entre instituições.

26/12/2012 às 19:12#626



girlene.bulhoes

Membro

Obrigada por suas profícuas contribuições, Juliane. Feliz 2013!

14/03/2013 às 19:24#1078



Manoella Evora

Membro

Acredito que a questão ambiental não precisa ser abordada apenas em ações educativas específicas e pontuais.

Podemos ir além, inserindo (sempre que possível) o tema nas ações que usualmente fazemos, ainda que de uma maneira mais discreta, mas de forma recorrente.

g) Ações educacionais e desenvolvimento sustentável

• Autor

Posts

- 20/11/2012 às 11:54#273



Pnem

Membro

Realizar projetos e ações educacionais consonantes com o desenvolvimento sustentável que respeitem as características, necessidades e interesses das populações locais, garantindo a preservação da diversidade e do patrimônio cultural e natural, a difusão da memória sociocultural e o fortalecimento da economia solidária;

27/11/2012 às 14:49#346



girlene.bulhoes

Membro

A pergunta que não quer calar é: COMO realizar as tais ações e projetos educativos de forma que a sustentabilidade, nas suas dimensões social, ambiental, cultural e econômica , esteja garantida?

03/12/2012 às 13:42#463



Fernanda Castro

Membro

A primeira discussão que devemos fazer é: o que é sustentabilidade?

De onde surgiu este termo? A que teorias do pensamento ele está ligado? Será que é possível pensar em um mundo sustentável dentro da realidade política e econômica em que vivemos?

Em muitos casos sustentabilidade é confundida com autonomia financeira, economia de recursos (não planejada) e não é entendida como uma forma de agir que vise a preservação e educação ambiental, o uso inteligente de recursos naturais, humanos e demais recursos necessários às ações cotidianas.

Fico então em dúvida, Girlene! O que seria a sustentabilidade em sua dimensão cultural em museus, por exemplo?

Acredito que o que pode chegar mais próximo de um programa sustentável em museus é a garantia da participação das comunidades locais nas discussões que envolvem questões territoriais, econômicas, ambientais, que mesmo não estando ligadas diretamente aos museus, possam ter nestas instituições um espaço de debate democrático e um suporte para a ação.

04/12/2012 às 12:36#486



girlene.bulhoes

Membro

Bom dia, Fernanda

Concordo com todas as suas colocações. Inclusive e principalmente com a referente à necessidade de discutirmos o que é sustentabilidade e

diferenciarmos este termo da expressão "desenvolvimento sustentável", que eu acredito estar mais diretamente ligada a "autonomia financeira, economia de recursos (não planejada)".

Entendo que o termo "sustentabilidade", ainda que possa ter se tornado uma daquelas palavras que o Aziz Ab'Saber designava como "significantes esvaziados de significado" pela banalização do seu uso, tem mais a haver com "uma forma de agir que vise a preservação e educação ambiental, o uso inteligente de recursos naturais, humanos e demais recursos necessários às ações cotidianas".

Neste sentido, acredito também que a expressão "sustentabilidade cultural", adjetivação que talvez nem precisássemos usar, mas que escolhemos fazê-lo para delimitar espaços, refere-se à garantia de participação das diversas manifestações culturais dos mais variados segmentos sociais nos espaços e políticas museais, para que não aconteça de o museu deixar de ser "um espaço de debate democrático" e se torne um "suporte para a ação" de apenas alguns.

Abraço,

06/12/2012 às 14:37#512



Ozias Soares

Membro

Queridas, penso que quando estamos diante de termos "escorregadios" como um sabão molhado que, todavia, são utilizados tanto pelos "mais críticos" como pelos defensores do Capital, uma questão me vem: estaríamos diante de um pensamento hegemônico ou os grupos "críticos" e "progressistas" estariam se apropriando inadvertidamente de uma idéia sem saber o que representa do ponto de vista ideológico e prático? Concordo com o Boff (2000) quando diz que "sustentabilidade e desenvolvimento capitalista se negam mutuamente". Neste caso, não seria interessante trabalhar com a perspectiva de refletir e agir criticamente na direção de uma outra sociabilidade, de um outro modelo que não exalte o "pré-sal", a ampliação de áreas de cultivo favorecendo o agronegócio, as desapropriações urbanas e no campo que favoreçam grupos econômicos em detrimento de uma memória e identidades historicamente construídas e que são a base do ser social, esfaceladas por este modelo? Vou continuar...

(referência: Boff, Leonardo. Ecocídio e Biocídio. In: SADER, Emir et al. 7 pecados do capital. Rio de Janeiro: Record, 2000).

06/12/2012 às 18:45#528



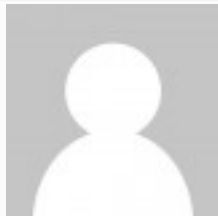
girlene.bulhoes

Membro

Lembro-me de quando fiz uma especialização intitulada "Educação Ambiental para a Sustentabilidade" e uma das discussões era exatamente o uso deste termo (Sustentabilidade) e não da expressão "desenvolvimento sustentável" para que fosse delimitada a diferença conceitual e política básica entre estas duas denominações: a primeira, caminhando na direção desta outra sociabilidade a que vc se refere no comentário anterior, Ozias; a segunda, intimamente ligada e à serviço da lógica do Capital e, portanto, contrária à "libertação" deste modelo predatório, almejada por muitos.

Desde então, presto muita atenção no que o irmão da Adriana Calcanhoto ouve e em todas vezes em que escuto esta palavra SUSTENTABILIDADE. Sempre espero que ela esteja sendo usada dentro desta perspectiva apresentada no curso que fiz, Já quando ouço a outra, ...

20/02/2013 às 13:50#948



maria ignes albuquerque

Membro

Pegando carona na pergunta da Fernanda. – O que seria a sustentabilidade em sua dimensão cultural em museus, por exemplo?

Penso logo na questão do "Meio Ambiente", há um problema que esta dentro do museu – uma questão ambiental – as arquiteturas, espaços expositivos o entorno e a cidade.

O MUSEU ACOLHE?

O MUSEU PRODUZ SENSO DE PERTENCIMENTO?

ELE PODE SER ESPAÇO DE FÓRUM PERMANENTE?

COMO FAZER DO MUSEU UM PONTO DE ENCONTRO /TROCAS /DIÁLOGO COM O MUNDO CONTEMPORÂNEO E SEUS DESAFIOS ?

Uma presença participativa real da sociedade, algo que vai muito além das visitas em massa em caso de megas exposições e mesmo dos espaços interativos (?)

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. Paulo freire

Hélio Oiticica preconizou "O MUSEU É O MUNDO"

Venho desenvolvendo um trabalho relativo a Redução de Resíduos Urbanos em diálogo com a Poética das Apropriações...há muito que fazer..vamos lá .

Sustentabilidade nas relações internas dos museus – setores em diálogo pleno = gestão horizontal /democrática /participativa visando um museu mais saudável portanto sustentável e capacitado para expandir esta prática com a sociedade como um todo.

Espero em breve conhecer vcs e compartilhar este material .

021 82959955

UM GRANDE ABRAÇO

MARIA IGNES ALBUQUERQUE

20/02/2013 às 21:20#958



[girlene.bulhoes](#)

Membro

Olá, Maria Igenes.

Obrigada por suas contribuições.

Acredito que as preocupações com o acolhimento, o pertencimento e a discussão permanente são diretamente ligadas à sustentabilidade na sua dimensão cultural.

Dimensão esta, que considero muito bem traduzida por você nestas palavras: "Uma presença participativa real da sociedade, algo que vai muito além das visitas em massa em caso de megas exposições e mesmo dos espaços interativos (?)".

Penso que um museu "sustentável culturalmente" acolhe as diferentes manifestações culturais dos diversos segmentos sociais, sociedades, culturas, etnias; traduz em seus espaços e exposições o máximo possível dos sentimentos, símbolos e signos de pertencimento de múltiplas culturas; desenvolve ações visando a construção de um saber mais aprofundado e prazeroso, verdadeiramente autônomo e, por isso, democrático.

Enfim, um museu que aceita, abraça, acolhe e revela as diferenças.

Abraços,

Girlene

14/03/2013 às 19:07#1077



Manoella Evora

Membro

Fica uma sugestão: será que não deveríamos tratar as questões de sustentabilidade cultural e ambiental em tópicos diversos?

h) Revista Bons Fluidos – Razão, Sustentabilidade e Mudanças Interiores

• Autor

Posts

• 20/02/2013 às 21:37#960



girlene.bulhoes

Membro

Edição de Janeiro/2013 da Revista Bons Fluidos, "a revista do bem estar", editora Abril, Reportagem "Razão e Sustentabilidade: reflexões sobre o jeito de viver sustentável mostram que o começo de tudo está nas mudanças interiores".

Proponho que enumeremos algumas mudanças interiores que poderíamos fazer no mundo das ações educativas dos museus.

Alguém se habilita?

08/03/2013 às 20:06#1068



Carmen Silvia Machado

Membro

Proponho que os Museus tragam a discussão ambiental para dentro de suas exposições. Por que não explorar os temas abordados nas exposições sob o olhar ambiental? Nós não estamos fora desse meio ambiente, mas emaranhado dentro dele. Porque não abordamos o processo porque passou uma obra de arte até ela se tornar uma obra em exposição. O material utilizado – de onde vem? como foi trabalhado em todas as suas etapas? – por exemplo: uma tinta utilizada em um quadro, é tóxica? porque? qual o perigo a que se expõe quem as utiliza? o que é feito dos frascos vazios? o tema da obra pode ser discutido sob a temática ambiental? Acho que devemos explorar o potencial dos Museus a partir de seus próprios recursos. Uma mudança interior importante é procurar discutir, perguntar, explorar, sugerir, este é um comportamento sustentável e ambientalmente desejável.

i) Discurso ambientalista dá lucro a empresas

• Autor

Posts

- 10/12/2012 às 13:52#534



girlene.bulhoes

Membro

Bom dia a [tod@s](#),

Tá na manchete principal do Ig, logo abaixo do título acima: "Sustentabilidade deixa de ser apenas jogada de marketing e começa a dar dinheiro. No Brasil, grandes empresas investem milhões em produção verde com a certeza de que o retorno virá, e será rápido".

Segue o link para a matéria completa: <http://economia.ig.com.br/empresas/2012-12-10/eles-nao-sao-ambientalistas.html>

Então, retomando aquela nossa discussão: é esta a sustentabilidade na qual acreditamos para os museus do país? É possível ser sustentável desta forma no universo dos museus?

26/01/2013 às 12:34#800



Ozias Soares

Membro

Devemos admitir que não se trata de um tema fácil. Em geral, o próprio governo investe seus trunfos na idéia de "sustentabilidade", não como uma concepção nova no trato com as urgentes questões ambientais e tudo o que deve estar a elas relacionado, mas com a ideia da "redução de custos". Portanto, a noção gerencial (sem desmerecer a sua importância), impregna as nossas ações e concepções. A racionalidade do lucro, do que "eu vou ganhar com isso", invade (quase) todas as esferas da vida. Talvez, Girlene, o ponto central (e, talvez, aí também a razão para pouco diálogo em torno deste tema aqui no nosso Pnem...) é que, na verdade, estamos diante de uma necessidade de uma mudança radical que mude concepções fundamentais, mercadológicas (capitalistas...) enraizadas profundamente. Daí aquela discussão que fizemos em um outro post: "o que fazer com os "restos", os "resíduos", os "descartes", de nossas pomposas exposições temporárias? Acho que podíamos aqui, no Pnem, também conversar com os curadores, com os gestores, né?

26/01/2013 às 20:10#803



girlene.bulhoes

Membro

É isso aí, Ozias. Se os "homens (que) exercem seus podres poderes" se apropriam unilateralmente de uma terminologia que é polissêmica, nós a re-significamos, utilizando-a com o sentido no qual acreditamos, incluindo diversas variáveis que, ao final, estão interligadas. Ou será que acreditamos mesmo que podemos falar sobre implantar coleta seletiva nos espaços museais ou montar exposições e ações educativas sobre o buraco na camada de ozônio ou sobre secas e queimadas, sem atentarmos por exemplo, ao que faremos com os descartes destas ações (como vc bem colocou anteriormente), o que requer que saibamos COMO FAREMOS e QUANTO NOS CUSTARÁ ?

O que sei é que não podemos (ou não devemos) ficar calados e/ou banirmos o uso desta palavra. Ou ainda, a usar apenas no viés do discurso frívolo-ambientalista (não estou dizendo que todo o discurso ambientalista é frívolo!!! Apenas que mesmo o sério, necessário e complexo discurso ambientalista, por vezes é usado apenas como "artigo de perfumaria") que quer reduzir toda a discussão a quantidade de latinhas de refrigerantes que reciclamos ou a quantidade de palestras e oficinas educativas que realizamos nos museus em que trabalhamos.

07/02/2013 às 0:51#843



Juliane Novo

Membro

As poucas postagens no fórum de sustentabilidade podem refletir a quantidade de pessoas na área museológica que considerem questões ambientais em suas ações. Trabalho na área e poucas pessoas que conheço entendem a importância da preservação ambiental no meio de trabalho. Muitas pensam somente na estética, por desconhecer totalmente práticas sustentáveis. Editais e normativas da área cultural poderiam incluir questões ambientais e de sustentabilidade para que essas práticas sejam difundidas entre os profissionais da área.

07/02/2013 às 10:29#844



girlene.bulhoes

Membro

Bom dia, Juliane

Agradeço a sua contribuição e sugestões e, sim, você tem razão. Muitos de nós simplesmente ignoramos a questão da sustentabilidade em nossas práticas museais, inclusive no que diz respeito à mera inclusão deste assunto em nossas ações, até mesmo educativas. Ainda bem que sempre existe o "outro lado da moeda", instituições e profissionais atentos a esta questão. Neste sentido, considero que a participação do IBRAM e seus Museus no recente *Programa Agenda Ambiental na Administração Pública A3P*, implantando pelo MMA, já é uma "luz no fim do túnel".

Em seguida a este, postarei as sugestões do último encontro da REM-GO relativas a Sustentabilidade no PNEM. Dá uma olhadinha...

Abraço,

Girlene